

Raimundo Nonato

HISTÓRIA SOCIAL DA ABOLIÇÃO EM MOSSORÓ



Série “C” – Volume 1653 – Março de 2015

Revisão: José Romero Araújo Cardoso

Homenagem a Luís da Câmara Cascudo,
Francisco Fausto, Vingt-un Rosado, Lauro
da Escóssia e Raimundo Soares de Brito,
os sistematizadores da História de
Mossoró;

A Walter Wanderley, o romeiro do 30 de
Setembro, que parou no meio da
caminhada.

E a Renato Rebouças, “paciência
sertaneja”, fazendo de hieróglifos
datilografia.

A todos, Mossoró agradecida.

CAPÍTULO I

A REGIÃO

Da Ribeira do Apodi

Às terras de Santa Luzia – Diante da Lei do Tempo – é mister que se ouça o autor da Suma Teológica proclamando que *o Tempo é o Momento que passa e a Eternidade é o Tempo que permanece* num dos seus reflexos iluminados, MONTEIRO LOBATO teria afirmado que *a história de um País se faz com Homens e Livros*.

1 – Este Conceito, que se tornou clássico nos domínios literários, de tanto se ter repetido, expõe apenas, o enunciado ideológico de um pensador de elite, de um espírito genial, como o do escritor de Taubaté, sem constituir, no entanto, uma norma doutrinária imperativa, em que se venha colocar o historiador diante da História, a grande mestra da vida.

Isto também, porque, indiscutivelmente, para se fazer a História de uma nação, não há senão como recorrer à sua fonte originária, do argumento, elemento essencial da sua causa, à terra que, adjudicada ao povo e à língua, passará, quando politicamente organizada, a adquirir a estrutura estatal, dentro dos princípios universais e legitimadores do direito, que rege e traça normas para a existência das nacionalidades.

2 – A voz da História – Na realidade, a lição da historiografia já fora definida na palavra do grande mestre OLIVEIRA VIANA, quando testemunhou num depoimento irrecorável:

“A história é, sobretudo, uma lição moral: eis a conclusão a que, a nosso ver, sai de todos os eminentes progressos realizados no foro das ciências sociais. A realidade é a melhor mestra dos costumes, a crítica a melhor bússola da inteligência, por isso, a história exige sobretudo observação direta das fontes primordiais, pintura fiel dos acontecimentos, ao lada disto, a frieza

impassível do crítico, para coordenar, comparar, de modo impessoal, objetivando o sistema dos sentimentos geradores dos atos positivos.”

Ao penetrar nas terras árduas e na matéria ainda virgem das pegadas dos povoadores dos sertões, estes, na sua passagem devastadora e marcada por violências, iam enfincando as estacas dos mourões das porteiras dos currais do gado, plantando a civilização do pastoreio, que crescia rapidamente, sob seu esforço rude e corajoso, abrindo novas estradas para o enriquecimento da Ribeira a que se reservarão, no futuro, melhores dias de prosperidade e de trabalho.

3 – O Escritor do Seridó OSVALDO LAMARTINE – um estudioso dos problemas da paisagem do gado – numa página de forte dimensão sociológica, abordou o assunto, com profunda objetividade, escrevendo:

“A semente do gado trazida do reino para cá, foi, de princípio, mais para acudir a precisão de força do cangote do boi no giro tardo das almanjarras dos engenhos ou no ranger lamuriento das cantadeiras dos carros de boi, carreando cana e lenha, de vez que os trapiches requerem sessenta bois, os quais moem de doze em doze horas revesados (Gandavo). Com o tempo, crescendo a parição, é que se cuidou do aproveitamento do leite, das carnes e dos couros, mesmo porque a terra boa de planta, o massapê fresco e gordo das várzeas, era para situar a cana-de-açúcar. O gado tinha de ser criado longe, retirado, de sertão adentro pelo menos dez léguas arredado dos canaviais – assim mandava a carta régia de 1701.

Tudo faz crer que o gado era de origem peninsular e sua introdução deve ter se processado não de magote – omo querem alguns – mas trazido, pouco a pouco, em cada veleiro que aqui atracava, já abarrotados que vinham de tudo que a colônia consumia, inclusive, de português e de escravo. Naturalmente não orientou as remessas qualquer critério zootécnico, pois em Portugal nem na velha Europa ainda se fazia o boi; viam-nos crescer e multiplicar-se biblicamente o que o sertanejo cedo compreendeu, sentenciando: bicho que mija pra trás é que empurra o dono prá diante...

“Daí no século XVIII aquela alatomia de requerer terras no saartão da terra para acomodar os gados, onde situar os gados, para povoar com seus gados. E é de se imaginar que os cristãos se internaram de terra adentro, rompendo pelos caminhos das águas – subindo os rios ou a areia deles – de vez que naqueles mundos os cursos d’água

apartam nos meses de seca. A marcha, é bem fatível, era empalhada a cada légua: carnes rasgadas pela flecha do caboclo-brabo ou espinhos da sarjadeira, da jurema, do sabiá, da macambira, da quixabeira, do juazeiro, do cardeiro ou do xique-xique – já que as plantas ali se defendem; esbarrada pela furada mais venenosa da jararaca e da cascavel, ou pela secura da água – escassa, ausente ou salobra a ponto de arripunar.

E pisando, o rastro do bicho-homem vinha o casco-fêmea do boi – um touro e três novilhas, diz Nunes Pereira – semente primeira e mais miúda do pastoreio. E parece ter sido assim, em cada logradouro de sesmaria requerida que se alevantaram os currais de madeira de miolo. A terra sem fim se perdia nas paredes do céu, e se mais das vezes a água era escassa, fartura havia de pastagens e mais sadio eram os ares.

E de parição em parição, de ferra em ferra, o gado prosperava e, prosperando, fazia prosperar e se afamar a heráldica do ferro incendiado dos seus donos. Dali algumas fazendas cresceram em arruados, vilas e povoações. Cidades sertanejas hoje de ruas calçadas, sombreadas de algaroba, alumiada por Paulo Afonso, tagarelando em micro-ondas de DDD e algumas até com água encanada – foram, em suas origens, fazendas de gado que cresceram na força do estrume do boi.” (1)

Em razão destes argumentos enraizados em fatos positivos, a simbiose da terra e do homem criou a figura do povoador, que mesmo desaparecido “continua respeitado pela morte”, expoente de uma era cujo potencial das energias criadoras era representado pelo ciclo do curral, do boi e da vaqueirama.

O Norte do Brasil se povoava sacudido pelo sopro aventureiro do espírito do português colonizador, rastejando pelas mesmas pisadas do tropel das boiadas, construindo uma civilização.

A sorte estava lançada.

4 – A Fala de Capistrano de Abreu – “Era a época do couro”.

“De couro era a porta das cabanas, o rude leito aplicado ao chão duro, e, mais tarde, a cama para os partos; de couro todas as cordas, a borracha para carregar água, o mocó ou alforge para levar a comida, a mala para guardar a roupa, a mochila para milhar o cavalo, a peia para prendê-lo em viagem, as bainhas das facas, as broacas e surrões, a

roupa de entrar no mato, os banguês para cortumes ou para apurar sal.
(2)

5 – A Fazenda – Tudo era de gado, do princípio ao fim. Daí as preocupações que surgem de princípio, e que devem ser examinadas, na vivência da Fazenda SANTA LUZIA, do português de Braga, Sargento-mor ANTÔNIO DE SOUZA MACHADO, desde tempo, já enraizado nos rincões, para onde derivam às águas das Ribeiras dos rios Apodi, da Capitania do Rio Grande do Norte, e do Jaguaribe, no Ceará, este que antes de ser estrangulado pela construção do Açude de Orós uma obra ciclópica presenteado, generosamente, às gerações do futuro – era considerado o Maior Rio Seco do Mundo.

Nos registros da crônica local, os primitivos moradores da Ribeira, proprietários e criadores, representantes de poderosas famílias que, mais tarde, teriam em seus descendentes figuras destacadas na vida da comunidade e na função do municipalismo.

“Até meado desse século, afirma um deles, a população da Ribeira de Mossoró fora muito limitada, constando apenas de criadores, vaqueiros, procuradores das respectivas fazendas que, segundo a tradição, os seus proprietários eram todos moradores fora, como bem fossem em Pernambuco, Paraíba, São Bernardo das Russas, Natal, podendo conjecturar-se que talvez houvesse naquele tempo, ali, uma pessoa para cada cem cabeças de gado. Segundo presumimos, em vista de alguns dados que temos, fora depois de 1750 que situaram-se na Ribeira do Mossoró os primitivos membros da família “Camboa”, “Guilherme” e “Ausentes”. Estas três famílias tradicionalmente foram e continuam a ser consideradas como as primeiras que habitaram Mossoró. (2 a).

A vida, a convivência do núcleo comunitário que se aglomerava no rincão adusto, dependia do crescimento da gaderia, que aumentava dia a dia. Com sua prodigiosa capacidade de reprodução, a prosperidade rondava por perto, espalhando alegria entre aqueles homens rudes que trabalhavam sem ódios e sem brigas.

Com a implantação dos currais, a construção da capela e das casas, crescia a demonstração de entusiasmo do grupo que se alojava nas imediações da casa forte do fazendeiro. Nesta se instalavam e moravam alguns dependentes da família, os filhos,

parentes e aderentes. Por lá, às vezes, ficavam, por temporada, amigos, comadres e visitantes.

O dono do solar, o fazendeiro, era uma espécie de figura de patriarca, senhor absoluto de sua vontade e, por isso, respeitado por todos, no meio daqueles sertões obscuros, por vezes, violentos.

Deste modo, a fazenda era um centro de aglutinação de pessoas que se juntavam aos que viviam no mesmo regime de família, constituída de filhos e parentes, agregados, vaqueiros, homens de confiança para qualquer serviço e para quem o direito de respirar valia nada, quando se precisava defender o reduto acolhedor. O quadro representava de modo inteiro o espírito da solidariedade coletiva que não tinha limites, quando, a sobrevivência do grupo perigava e o desprezo pela própria vida podia servir para salvação de outros.

O apego ao clã constituía uma espécie de credo de união do grupo tão diverso. Buliu com um, tocou em todos. Esta solidariedade era um continuísmo atávico, congênito da espécie. (1 a) e (1 b).

Anteriormente, a chegada de Souza Machado, isso por volta de 1754, já a Fazenda Santa Luzia pertencera a Jose de Oliveira Leite, sendo este nomeado sargento-mor da Ribeira do Mossoró, quando existiam naquela redondeza cerca de 50 pessoas. (3).

6 – A Capela – A construção da Capela tornara-se um motivo de ordem superior e, por isso, não tardou o português em erigir na sua Fazenda a Capela de Santa Luzia, com a invocação do nome da Virgem de Siracusa – a que se diz que tem nos olhos a claridade luminosa do primeiro Dia da Criação – na Ribeira de Mossoró, Freguesia de Nossa Senhora da Conceição e de São João Batista das Várzeas do Apodi. Para isso, em 5 de agosto, fora dada a provisão assinada pelo Reverendo Padre Inácio de Araujo Gondim, Vigário Colado da Freguesia de Santo Amaro do Jaboatão, de Pernambuco, então visitador dos sertões do Norte.

Essa Capela, segundo informações de Francisco Fausto, “foi construída de pedra e cal, no citado ano de 1772, e no mesmo lugar onde se acha hoje edificada a matriz de Mossoró, pelo referido sargento-mor, que com ela despendeu a quantia de 590\$770rs”. Em derredor do modesto templo foram sendo construídos rústicos casalejos que, mais tarde, formariam “a quadra da rua”. (4)

A exemplo de outras capelas feitas no sertão, corria em Mossoró a lenda de que a de Santa Luzia foi feita em pagamento de uma promessa da mulher de Souza Machado, Rosa Fernandes.

É tradição corrente e a ela se reporta o cronista local, com palavras de credibilidade, afirmando que:

“antes da Capela de Santa Luzia, existira” uma outra Casa de Oração “no local ainda hoje conhecido por Igreja-Velha, entre os Paredões e as Barrocas, e que dita Capela fora construída pelos padres da Serra do Carmo. Que suas paredes eram de pedra e cal, mas que era coberta de palhas. Era utilizada para sepultamento dos moradores vizinhos. Segundo atesta o referido cronista, por aquele local ainda existem vestígios da antiga edificação.” (5)

As terras de Santa Luzia estendiam-se pela margem direita do rio Mossoró. Em certo ponto da sua quadra de arruamento, abria-se uma lagoa de água potável, que se enchia com as precipitações pluviais, ou quando o rio transbordava, saindo do seu leito. Esta lagoa foi aterrada no ano de 1878.

Aqui, já seria de perguntar: Não é essa a antiga Lagoa de Ipoeira, que se abria em terrenos próximos à atual Igreja do Coração de Jesus, à rua Jerônimo Rosado?

7 – A Expansão do Pastoreio – Num trabalho de pesquisa do mais significativo valor, NESTOR LIMA, educador de forte envergadura intelectual, publicou uma memória sobre a vertente do Apodi, destacando a situação geográfica do vale e do território da Fazenda de Santa Luzia, assinalando, entre outros aspectos, os seguintes:

“As terras que confinam com a “Data do Carmo” foram dadas ao Coronel José do Rego Barros, e passaram ao seu genro Estevam José Barbosa de Moura.

“O consenso geral atribui ao sargento-mor, Antônio de Souza Machado, antigo morador de Russas e da Barra de Mossoró, a quem competia maior porção de terras da Ribeira do Apodi, ser o titular e verdadeiro colonizador da região.

“Pertenciam-lhe três datas: Santa Luzia, compreendendo a Serra Mossoró, Pau do Tapuio e Sítio Bonsucesso, ficando nestes três olhos d’água, uma légua no Canto do Junco, terras do sítio “Góes”, e três léguas da Gamboa Quixaba ao Morro de Tibau.

“Quando para a Ribeira mudou-se com a família, o sargento-mor, Souza Machado, nas eras de 1750, já havia aí, um capitão-mor, José de Oliveira Leite, nomeado pelo capitão-mor de Natal, Pedro de Albuquerque Melo.

“Há também notícia de terem tido fazendas em Santa Luzia, o referido capitão-mor José de Oliveira Leite, comandante da Ribeira do Apodi, em 1754, e seu irmão José Marques Moreira. (D.A. indica fontes Ver. Inst. vol. 4 pág. 35 e Livro 1-N. 304 do Inst. Hist. Natal-RN – (6)

8 – A Figura de Souza Machado –Ele encarnava o espírito de senhor latifundiário poderoso numa época de declínio, ainda assim, imperioso e forte. Mantinha firme aquelas mesmas qualidades de quem sabia dirigir com energia. Daí, por certo, a prosperidade das suas fazendas, onde suas ordens criavam uma verdadeira norma de disciplina e de trabalho. Sua influência estava em toda parte, e nas suas terras sua sombra era sempre vigilante. Separado por grandes distâncias, estava em toda parte. Deste modo, além de Grossos, era proprietário das Fazendas do Canto do Junco, Goes, Tibau e Panela do Amaro. Segundo o cronista, passava grande parte do seu tempo em Mata Fresca, vindo invernar em Santa Luzia, na quadra chuvosa.

Na época da “apartação” separava o gado de corte e mandava as reses para a “ILHA das OFICINAS” para serem abatidas, e feita a carne seca para exportação, rumo as Capitanias do Sul, especialmente Pernambuco. O local era Porto Franco, onde depois veio a ser Estação da Estrada de Ferro de Mossoró. Corre que, por lá ainda resistem vestígios daquelas primeiras charqueadas instaladas no Rio Grande do Norte. Depois, proibidas de funcionarem, ficando a permissão para a Capitania do Ceará. O fato mereceu do escritor Vingt-Un Rosado, quando a ele se reportou, escrevendo: “Dela retirava o velho português

“gado em quantidade para as xarqueadas das Oficinas que exploravam carne-seca para as Capitânicas do Sul. Essa indústria chegou a tomar tão vultosa importância que a Fazenda Real, julgando-se lesada no imposto de \$400 (quatrocentos réis) sobre cada boi abatido, proibiu tal comércio, fazendo exceção apenas do Porto de Aracati, que continuou, livremente, desfrutando os favores de tão rendosa profissão”. Daí, carne-do-ceará. (7)

Ainda sobre o desenvolvimento crescente da pecuária, na Ribeira do Rio Mossoró, vale citar Francisco Fausto, quando afirma que Domingos Francisco, morador nas Russas e proprietário de Fazenda nas “BARROCAS”, à margem esquerda do mesmo rio, tinha tanto gado que chegava a possuir mais de 1.000 bezerras! “Podendo conjecturarmos, diz o A.cit. que talvez houvesse, naquele tempo, ali, uma pessoa para cada 100 cabeças de gado.” Até certo ponto, esta digressão visa analisar a importância dos acontecimentos que se desenrolaram no setor sóciogeográfico da região onde ficava a Fazenda SANTA LUZIA de Mossoró, ponto de partida para um intenso trabalho de colonização da Ribeira, onde, em certos pontos, o boi valia mais do que o homem.

Desde modo, da ocupação da terra, da instalação da fazenda e da construção da Capela, fundamentos da povoação e da cidade colonial que lhe viria suceder na construção de uma sociedade rural baseada em raízes da família monogâmica, conservadora, tradicionalista e religiosa, acobertada de pretensos preconceitos, rica, vaidosa da cor branca e do nome peninsular, que se dizia, de uma gente aventureira que atravessa o mar, em busca de riquezas e do ouro, por vezes, também da morte.

Desse ranço originário, desse pecado dos primeiros tempos, contam-se algumas das raízes fundamentais da sociedade brasileira que, embora suavizada por certas virtualidades dos bafejos cristãos... não deixava de ser, por tantos dos seus procedimentos, individualista, orgulhosa e egoísta.

Com estas dotações negativas, a sociedade brasileira, de estrutura tão oscilante, mergulhava num futuro desconhecido, arrimada na segurança do domínio da terra, em alguns casos, remanescentes do tempo das Cartas das Sesmarias, que lhes permitiam o direito da data e da posse.

Criara-se, com esse estatuto legal, a classe privilegiada dos proprietários, dos latifundiários, dos “Donos da Terra”, que mandavam em vastos territórios, uns que não chegaram nunca a explorar, outros, que nem sequer chegaram a deitar-lhes os olhos na sua imensa vastidão! ⁽⁸⁾

9 – O Contraste dos Fatos – Em 1840, já havia falecido José Barbosa Braga, que muitos anos residira em Santa Luzia, em dias que vinham do século XVIII, chegando aos primeiros quartéis do século XIX. Era um luso emigrado, dotado do mais elevado espírito de solidariedade, mostrando isso, com doação que fez à Capela local de dezesseis e meia dobras de ouro, no valor calculado em 190 mil réis – quantia vultosa na moeda da época – e mais cinco patações brasileiros no valor de oito mil réis.

Esse dinheiro, deixado pelo português José Barbosa Braga, foi rigorosamente lançado em receita do ano de 1840.

10 – Ano Seco e Tráfego Vergonhoso – De conformidade com as anotações de Francisco Fausto “em 1854 foi o município (sic), vítima de uma seca desoladora, que muito danificou a criação, havendo grandes prejuízos”. Ao lado dessa calamidade pública, acrescenta o cronista “uma grande desumanidade se pratica no ano: pessoas destacadas do lugar, reduziram pessoas brancas a escravidão, vendendo-as para o sul do Império. Este comércio constituiu a nódoa mais torpe nesta terra, para vergonha dos que a praticaram”.

BIBLIOGRAFIA

1 – FARIA, Osvaldo Lamartine de – Encouramento e arreios do vaqueiro. Natal, FJA, 1969 & Sertões do Seridó, Brasília, Gráfica do Senado, 1980.

1 a – CÂMARA CASCUDO – Escreveu, em 1956, sobre a casa da fazenda: “Era a

mais simples e desconfortável para as nossas exigências. Para quem vê com os olhos da cidade e não atina com o sentido da tradição ambiental, que é uma espécie, e bem profunda, de conforto no plano da acomodação. Para a latada abria-se uma porta e esta dava para a sala de frente, que aqui no Rio Grande do Norte chamamos de copiá e também numa certa região cearense. Para os Pernambucanos é uma varanda, e isto deu razão a uma conversa pelos jornais com o querido e saudoso José Mariano Filho. Não atinávamos que o mesmo nome possa indicar coisa diversa”.

1 b – - E JUVENAL LAMARTINE – No seu livro “Velhos Costumes do Meu Sertão”, cita uns versos famosos que correm todos os lugares do interior:

“Louvo a casa da morada,
Porta, bate-bate e portal,
Copiá, tijolo, alpendre,
Terreiro, sala e quintal,
Camarinha, telha e ripa,
Cozinha, caibro e beiral”.

2 – Capistrano de Abreu – Capítulos de História Colonial – pág. 127, ano de 1976.

3 – Francisco Fausto de Souza – Mossoró no Século XIX.

4 – Francisco Fausto de Souza – Idem, idem.

5 – Francisco Fausto de Souza – História de Mossoró.

6 – Nestor dos Santos Lima – Três Estudos Mossoroenses.

7 – Vingt-Un Rosado – Mossoró – Pongetti – Rio - 1940.

8 – R. Nonato – Gerações do Meu Tempo.

9 – Francisco Fausto de Souza – História de Mossoró.

10 – Francisco Fausto de Souza – Mossoró no Século XIX.

CAPÍTULO II

O REDUTO DE SANTA LUZIA

As Raízes da Povoação – De princípio, pergunta-se sem qualquer preocupação de criar uma zona de preâmbulo: O que era a POVOAÇÃO?

Na linha de sucessão dos fatos, o avanço da aldeia e do arraial. Nada mais, nada menos do que o núcleo populacional pioneiro, o ponto de partida, o gérmen da CIDADE COLONIAL, de que resta aí na cartografia brasileira, ainda é o melhor testemunho da epopeia da conquista e da história da colonização em que se elaborou toda a alquimia da vida em comunidade, é o melhor documentário vivo em que ainda se podem ler e sentir, nas horas do presente, velhas lições do passado. ⁽¹⁾

1 – As Casas – As casas iam surgindo, espalhadas pelo matagal. A paisagem era deserta e desalentadora, triste, povoada de raras criaturas.

Talvez, por isso, diante de um quadro idêntico, o criador da cidade, mergulhando nas suas origens, dizia: “Quanto mais majestoso o cenário mais cheio de mistérios”. ⁽²⁾

No decurso de 70 anos, isto é, da construção da Capela de Santa Luzia, em 1772, até o ano de 1842, quando a mesma foi

elevada a FREGUESIA, o crescimento urbanístico de Mossoró, se não foi nulo, foi de pequena significação, pouco se tendo feito no plano das edificações do lugarejo, perdido na vastidão dos domínios territoriais, do grande latifundiário que era Souza Machado, um conquistador que tinha fome de terra, pois possuía fazendas de criar gado, por distantes lugares, umas que ele administrava de longe, dirigidas por prepostos de sua confiança, agregados, vaqueiros, curraleiros, gente que tinha no sangue a vitalidade do gado brabo, que se espalhava nos campos, às vezes, sem dono e sem ferro.

As primeiras construções, frágeis e mal-acabadas, sem qualquer preocupação de conforto, e apenas de segurança precária e de defesa, eram habitações rústicas, feitas pelo proprietário, por agregados do serviço e pessoas de outros grupos familiares, de tempo, radicados na Ribeira, entre elas, as que vinham dos núcleos de maior densidade e tradição, como os “Gamboas”, os “Guilhermes” e os “Ausentes”, que constituíam redutos de uns homens importantes, donos do poder econômico que os tornavam figuras salientes da terra, respeitados, uns, até agressivos.

No meio dessas coisas em que se desenvolvia o trabalho daqueles pioneiros rudes que criavam uma civilização no contacto de uma natureza hostil, pergunta-se com velado desalento:

- Depois dos acontecimentos daquele ano de 1772, como viviam os grupamentos humanos, que disputavam um lugar ao sol, para sobreviverem à sombra da fé, que se irradiava da tosca Capela de Santa Luzia de Mossoró?

2 – As Ruas – No começo dos lugares “as ruas é que punham, outrora, a si próprias, os seus nomes”. (3)

Depois, amanheceu um dia novo, que se seguia àquele 5 de agosto de 1772. Ali, era Santa Luzia. O começo de um lugar.

O primeiro passo abria caminho à formação do arraial, com a derrubada indiscriminada do matagal, abrindo um grande claro na frente da Capela. Mas, era só o claro aberto, abandonado, deserto, onde pessoas cruzavam em silêncio que

logo conquistaria um nome sonoro, até bonito de QUADRA DA RUA. E partindo dali, foi arruando, crescendo, ganhando fama. Cedo, virou área de lutas. Até campo de batalha.

O casario foi aumentando, tomando espaço, se alargando, virando ruas. E elas logo tiveram nomes curiosos: Rua do Desterro. E por que Desterro? Rua do Cotovelo. Rua do Triunfo. Rua Domingos da Costa. Este patrono, um comerciante estimado porque dava remédios. Era conhecido como Curandeiro. Um charlatão dos primeiros dias, que se encontra no trabalho de Nestor Lima. (4)

O lugarejo crescia a olhos vistos, ganhava extensão horizontal. O arruado ampliava a distância de suas casas, antes maior parte surgindo no campo em derredor da Capela.

Lá um dia, para quebrar a tranquilidade aldeã, dava-se uma agitação no pequeno arraial, quando as portas se abriram, o povilêu em algazarra se precipitava no meio da quadra para gozar o espetáculo, que era coisa rara.

3 – Vivas à República Metem Gente na Cadeia – O fato estarrecedor mereceu registro na crônica e passou, pela sua originalidade, a integrar capítulo da história local, sempre tão pobre de acontecimentos importantes.

É possível imaginar-se que a impressionante expedição militar dirigida por FREI CANECA, que abandonou OLINDA depois da derrota das Forças Revolucionárias no Recife, tenha, por onde fosse passando, espalhado suas ideias subversivas e procurasse aliciar adeptos para sua causa. Daí, fora de dúvida, o conhecimento da forma de governo que, se vencesse, seria adotado, a ponto de provocar aquela explosão de entusiasmo de uns inconsequentes pioneiros do credo republicano, desencadeada nas ruas de Santa Luzia de Mossoró, em 1824.

No Rio Grande do Norte, os expedicionários de FREI CANECA passaram no PATÚ, em MARTINS e PAU DOS FERROS, penetrando depois na Paraíba, onde a coluna se dissolveu, com a prisão do chefe rebelde.

Isso não implicou que suas ideias ficassem circulando de boca em boca, e fizessem época, chegando à povoação de Santa

Luzia, onde um grupo formado pelas melhores pessoas do lugar, do qual faziam parte o Capitão João Batista de Souza, Antônio Nogueira de Souza, Major Francisco dos Santos Gomes Guará, Capitão Inácio Fernandes de Souza, fez agitação pelas ruas, percorrendo a “quadra”, esbravejando em altos gritos e dando vivas à República!

A represália da autoridade não se fez esperar. Os agitadores foram presos e mandados para Assu. De lá, foram enviados para Natal, onde o Governo os mandou pôr em liberdade, pois não via crime naquela manifestação de ideia política. ⁽⁵⁾

4 – Os Clubes Republicanos – A ideia contagiante divulgada pelos corifeus da Revolução Francesa, que se articulavam, de princípio sigilosamente, só explodiam nos tumultos das ruas depois dos grupos organizados no Rio de Janeiro e em São Paulo.

A campanha republicana que, em parte, tinha pontos de referências com a luta sem quartel desencadeada pelos abolicionistas, pois na sua essência “República era mais um meio do que um objetivo”.

No Rio de Janeiro, na vista da própria Corte, os partidários do credo republicano, que acirravam toda sorte de provocação às suas lideranças, reunidos, decidiram pela fundação do Partido em 3 de novembro de 1870.

E decorrido apenas um mês, isto é, a 3 de dezembro, do citado ano, o CLUBE REPUBLICANO lançava um Manifesto à Nação defendendo suas ideias, e sugerindo a descentralização do Poder da Coroa.

Este Manifesto vinha subscrito por 58 nomes, entre eles pessoas de destaque na vida econômica e social e nas atividades da política partidária.

5 – O Fato Histórico do Itu – Mas, bem examinados os fatos, na verdade, foi em São Paulo que o movimento nasceu e adquiriu estrutura e identidade orgânica – pois lá é que foi fundado o PARTIDO REPUBLICANO PAULISTA – o histórico é fenomenal PRP – na data de 18 de abril de 1873, na

tradicional Cidade do Itu. Destaca-se de Itu, que aí residiu Diogo Feijó, onde aprofundou seus estudos em Filosofia. Sacerdote, notável homem público, político, Ministro da Justiça, Regente do Império.

Foi revolucionário com Rafael Tobias de Aguiar, sendo preso em Sorocaba e deportado. Morreu pobre. Cidadão extraordinário e de probidade. Além do mais era contra o celibato clerical.

A posição geográfica e socioeconômica do ITU justificava a escolha, pois a mesma era uma cidade florescente, com uma população estimada em 10.821 almas, delas, quase metade, ou sejam 4.245, eram escravos e o restante constituída de gente branca.

Na Convenção, para fundar o Partido Republicano, reuniram-se em Itu

133 convencionais, das mais destacadas profissões, como fossem, 10 advogados, 8 médicos, 5 jornalistas, além de pessoas de categoria social e poder econômico. ⁽⁶⁾ “Itu glorifica-se de ser a Pátria do notável brasileiro Diogo Antônio Feijó”. Este dizia, repetindo a voz bairrista do povo de sua terra: “Ituanos por mercê de Deus”. ⁽⁷⁾

Hoje, numa evocação daqueles dias tão distantes, seria o caso de interrogar:

- Mas, que espécie de Revolução era aquela sonhada pelos quiméricos idealistas mossoroenses de 1824?

Mesmo sem resposta, não é possível obscurecer que esses homens rebeldes se anteciparam por muitos anos (quase meio século) ao grande Partido Republicano fundado pelos descendentes dos bandeirantes em 1873.

6 – Os Estrangeiros em Santa Luzia de Mossoró – O primeiro desses homens curiosos, de que há notícias pervagando por essas plagas, foi HENRY KOSTER, um viajante indecifrável, de pouca conversa e muito senso de observação. Chegou na aldeia de Santa Luzia, na manhã de 7 de dezembro de 1810, dizendo, no seu registro, que o lugar possuía de 200 a

300 habitantes. Era edificado num quadrângulo, tendo uma igreja pequena e casas baixas.

“Santa Luzia, afirma o itinerante, que era homem de vasta ilustração, está situada à margem de um rio seco.”

Henry Koster, nas horas em que permaneceu em Santa Luzia, desentendeu-se com o sargento-delegado, que lhe foi pedir os documentos e que ele se negou de os entregar, simplesmente, porque aquela autoridade estava apenas vestida de camisas e de ceroulas.

Há veladas suspeitas de que Henry Koster não era um simples viajante correndo terras desconhecidas, pois sussurraram que ele era um espião, um agente bonapartista, fato que mais tarde deu consistência a essas suspeitas, foi o de que ele teria visitado certas pessoas, que foram mais tarde envolvidas na Revolução de 1817.

Koster fez a cavalo uma viagem de 156 léguas e meia, de Recife a Fortaleza, ida e volta. ⁽⁸⁾

Com um registro que de nada se pode comparar ao de Koster, F. L. TOLLENARE, citado por Vingt-Un Rosado, “disse, entre outras coisas de somenos importância, a respeito de Santa Luzia de Mossoró, em suas NOTAS DOMINICAIS, Santa Luzia tem uma igreja e 300 habitantes”. ⁽⁹⁾

7 – Reforma da Capela – Com o correr do tempo, a Capela de Santa Luzia encontrava-se em inteiro estado de deterioração. Os estragos provocados pelos ventos, pelas chuvas, eram grandes.

E assim, apesar de desde muito reclamadas, só depois de 57 anos da sua construção foi que, aí, por volta de 1829 a 1830, passou por algumas reformas que não podiam mais ser retardadas. Nos serviços, que exigiram muitos gastos, além daqueles valores que se referem aos mestres, aos trabalhadores braçais, só por curiosidade, vale a pena citar quanto custava o material empregado e o preço de um animal:

Assim apontados: um milheiro de tijolos de tijolos custava 6 mil e 400 réis; um alqueire de cal, era comprado por 320 réis e uma vaca leiteira, era vendida por 12 mil réis.

A reforma da Capela foi um desses trabalhos que exigiu muito dinheiro, material, como ferro, pregos e dobradiças, que mandavam vir de Aracati, e outros até do Piauí.

Nos serviços foram empregados escravos e trabalhadores braçais que recebiam 100 a 120 réis, e até 160 réis por dia.

Também mandaram trazer do Assu, o mestre-pedreiro Manuel Fernandes que chegou acompanhado de um escravo e de um oficial de obras.

Os trabalhos se estenderam por 48 dias, sem parar.

O administrador Domingos da Costa, homem muito sério, que veio a dar seu nome a uma das ruas do arraial (naquele tempo já se pensava nas homenagens aos homens que se dedicavam ao lugar), pagou 960 réis de carne, farinha e rapadura para garantir a volta do pedreiro ao Assu e mais 960 réis a Cipriano Gomes, que foi seu companheiro no retorno.

Depois de tudo, de tanta luta e dias sem descanso, a inauguração da Capela reformada, a 25 de dezembro de 1830, com uma grande festa animada por trovejantes descargas de foguetões, cujo pagamento está acrescido de mais de “3 quartas de pólvora para se atirar na passagem da no valor de 960 réis!” Há ainda uma despesa curiosa, cujo registro vale ser de fumo para fuliar as formigas da capela-mor.

8 – Vendas de Terras do Patrimônio – Quando, naquele ano de 1858, a Mesa da Irmandade de Santa Luzia deliberou e ordenou ao seu Procurador, Tomé Leite de Oliveira, a vender terras do patrimônio de Santa Luzia, bem se podia perceber que as coisas, em matéria de dinheiro, andavam pretas.

Ditas terras começavam do Forno de Cal (local também conhecido por Forno do Calheiro de Domingos da Costa) até o lugar denominado Macacos, a fim de que o seu produto fosse empregado na obra da Igreja que se achava paralisada, atrasada por falta de numerário, nos cofres da mesma Irmandade. ⁽¹⁰⁾

Esta citação traz forçosamente ao debate um assunto que nunca foi pacífico nos comentários de Mossoró.

A verdade é que, nas ruas, todo mundo comentava que Santa Luzia possuía um grande patrimônio territorial, doado pela viúva de Souza Machado, dona Rosa Fernandes.

Com a sucessão do tempo, esse patrimônio desapareceu, e Santa Luzia que fora uma Santa rica, não passava agora de uma Santa muito pobre.

De um dia para o outro, uns homens mais sabidos, usando de processos sub-reptícios, tinham se apropriado das terras da Padroeira de Mossoró.

O registro apresentado dá notícia certa da venda de parte dessas terras, cujo dinheiro teria uma aplicação justa, como ficou comprovada na Ata da Irmandade.

Mas, havia numerosos outros donos de terras, no perímetro urbano, nos arredores do povoado, cujo direito de posse era discutível, como cita-se o caso ocorrido, em 1935, quando foi restaurado a Loja Maçônica “24 de Junho”. Ao tempo, com surpresa geral dos seus obreiros, inclusive do mais antigo de todos, Major Romão Filgueira, apareceu o preposto de um milionário, então residente no Rio de Janeiro, credenciando-se para receber da entidade foros atrasados, em bem mais de 50 anos, do terreno ocupado pelo edifício. Afirmava que a propriedade era do Sr. Miguel Faustino do Monte, um grande nome ligado à indústria de Mossoró, e um abolicionista fervoroso dos dias de 1883.

O foro em litígio não ia além de alguns magros “quatro vinténs!”...

9 – Criação da Freguesia de Mossoró – Os tempos iam se passando e deixando as marcas dos acontecimentos que se sucediam na vida do arraial de Santa Luzia, onde Souza Machado construía uma Capela 1772.

A crônica pertinente a esses dias se conserva nas memórias de alguns andejes percorredores dos sertões, uns até importantes homens de letras, que por ali cruzaram em viagens aventurosas e cheias de perigos.

De alguns deles se tem notícias certas, desde o século XIX, através de registros como os de MILLET DE SAINT

ADOLPHE, que faz referências à região, no seu Dicionário Histórico e Geográfico e Descritivo do Império, publicado em 1845, classificando Santa Luzia de povoação, enquanto AIRES DE CASAL, na sua Corografia Brasília, publicada em 1817, chamou Santa Luzia de arraial. ⁽¹¹⁾

Souza Machado faleceu, em idade muito avançada, no ano de 1789, na Fazenda Grossos, Segundo Francisco Fausto, não ficou devidamente apurado se teria sido sepultado na Capela de Mata Fresca ou na de Santa Luzia de Mossoró.

10 – Os Padres Oficiantes – Depois de 1842, ficaram oficiando na Capela de Santa Luzia e em toda a Ribeira do Apodi, Padre Francisco Longino Guilherme de Melo, e, entre outros, Frei Antônio da Conceição – Carmelita da Ordem da Reforma -, que por vários anos foi residente na Fazenda do Carmo, da qual foi Administrador. Esse sacerdote era uma espécie de andarilho, que vivia viajando por todos os recantos, casando e batizando da praia ao interior. Veio a falecer já envelhecido, na dita fazenda do Carmo, vindo a ser sepultado na Capela de Santa Luzia.

Dois séculos depois, nas comemorações do bicentenário da construção da Capela, seu nome foi dado a uma das ruas da Cidade, antigo Beco da Matriz.

11 – A Resolução Número 87 e os Limites da Freguesia – Só muito mais tarde, por força do espírito religioso do seu povo, ocorreu um fato, que põe em relevo a vida da povoação, e a ele se reporta Francisco Fausto, para relatar:

“A Ribeira de Mossoró pertencera a Freguesia da Vila do Regente (Portalegre) isto até 1766, e a datar deste ano até 1842, fez parte da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição e de São João Batista das várzeas do Apodi.

Pela Resolução número 87, de 7 de outubro de 1842, foi desmembrada à Ribeira de Mossoró da Freguesia do Apodi, constituindo ela uma nova Freguesia e elevada à categoria de Matriz, filial Capela de Santa Luzia. O art. 3º da citada Resolução dá à Freguesia de Mossoró os seus limites.”

Nos termos da Resolução nº 87, ficaram estabelecidos:

“Os seus limites principiam da praia de Tibau, no lugar onde confina esta Província com a do Ceará, e daí pelo cimo da Serra Mossoró até o sítio.

“Pau do Tapuio,” inclusive, desde compreendendo o sítio dos Aguilhadas no rio Mossoró, até a Fazenda Chafariz da Freguesia de Campo Grande no rio Upanema e daí pelo rio abaixo por outra parte até sua embocadura no mar.”⁽¹²⁾

Sobre o acontecimento dá seu depoimento o historiador da cidade, ao escrever:

“D. Manuel Mascarenhas assinou, com uma rabisca, seu nome ilustre. Espalhou areia do areeiro em cima da tinta. O Secretário interino, que era Oficial Maior da Secretaria, Manuel Joaquim Pereira do Lago, muito sério, numerou metodicamente, o documento que era a Resolução nº 87.

O Palácio do Governo na Cidade do Natal ficava na subida da Ladeira da Cruz, hoje Junqueira Aires, onde foi a Capitania dos Portos.

“Naquela tarde não houve assinatura mais importante.

“Ceiando às seis horas, quando batiam as “Trindades”, na Matriz, que só tinha uma torre vinte anos depois, Dom Manuel não pensaria que seu nome estaria ligado a uma futura sede episcopal.

“Estava criada a vigésima Freguesia da Província, a décima de século XIX.”⁽¹³⁾

A História, testemunha silenciosa do tempo, documentou o ATO.

Passados 92 anos, a 28 de julho de 1934, o Papa Pio XI criou a DIOCESE DE MOSSORÓ pela bula PRO ACCLESIIARUM OMMINIUN, que era desmembrada da diocese de NATAL, ficando sufragânea da Arquidiocese da Paraíba.

Seu primeiro BISPO foi D. JAIME DE BARROS CÂMARA, depois CARDEAL DO RIO DE JANEIRO. Vinha de Santa Catarina, onde nascera, porém seus troncos genealógicos se enraizavam em terras do Rio Grande do Norte e da Bahia.

12 – A Viagem de Janeiro de 1845 – O Padre Longino mudou-se de Mossoró para o Ceará, Piauí e Maranhão, sobre esta viagem, registra o cronista:

“Foram seus companheiros de jornada, o Padre Leonardo, Raimundo Gomes de Oliveira (irmão do Padre Florêncio Gomes de Oliveira, primeiro Geógrafo da Província, segundo Antônio Campos e Silva), João Braz Freire de Oliveira, Joaquim Soares (Melado), sua mulher, filhos, comboeiros, guarda-costa, Xica, esposa de Henrique, uma filha de Felipe Nery, registra Aoem.”

Francisco Fausto escreveu: “O Padre Leonardo afastou-se do Padre Longino e, subindo as águas do soberbo Parnaíba, foi ter ao Grande Arraial do Buriti, à margem do rio Preto, no Estado de Minas Gerais, onde fixou residência e faleceu em idade avançada”. (14)

13 – No Rumo de Buriti – Conta a tradição e nela se arrimam Vingt-Un Rosado para fazer um curioso registro, ligado ao fato fundamental:

“Ligada a herança daquelas terras (no caso os PATUS e os VASCOS) teria sido a viagem que Carlos Magno fez às Minas Gerais, no cavalo VIRA-MUNDO.

“Extraordinária a viagem deste Carlos Magno da Silveira e do cavalo russo VIRA-MUNDO que foram às Minas Gerais e chegaram a S. Sebastião.” (15)

Só em pensar nessa cavalgada fantástica, fica a gente a pensar que a grande viagem de HENRY KOSTER, do Recife a Fortaleza, indo e vindo, constituiu um modesto capítulo das andanças de um estrangeiro ilustre, que sabia contar histórias e fazer livros.

14 – O Retorno – Em 1872, depois de uma ausência de 27 anos, Padre Longino, completamente cego, velho, alquebrado, voltou a Mossoró, que então já era lugar grande, muito diferente daquele das tropelias da sua mocidade. Teve uma espantosa recepção de parte dos seus conterrâneos. Assim, contava Major Romão Filgueiras e Francisco Fausto registrou em livro, que “mais de 200 cavaleiros foram esperá-lo na Serra Mossoró e o acompanharam até entrar na cidade, onde grande massa popular o esperava, desejosa de ver e de conhecer o famoso Padre Longino. Para a casa do Vigário Antônio Joaquim, onde ficou

hospedado, fizeram verdadeira romaria. O Padre vinha em companhia de uma filha, e estava em situação de miséria. Longino foi localizado no interior do Ceará pelo comerciante de Mossoró, Laurentino Martins da Silveira, que trouxe a notícia. Ali, seus parentes providenciaram os meios para sua viagem de volta.

Apesar de cego, tinha de cor uma Missa de Conceição. Esteve como Capelão da Rua dos Palha e em Areia Branca.

15 – O Reencontro – Conta a tradição que ainda encontrou vivo um dos seus rancorosos inimigos, um dos Butragos, o velho José Ferreira, que avistando-o, perguntou-lhe: -É! Então o senhor cegou?

A que Longino respondeu com seu modo violento:

-É verdade! Ceguei. Ceguei de ver gente ruim...

Retornando, por fim a Mossoró, faleceu nesta cidade, aos 30 de março de 1876. Do assento que mandou fazer e assinou o Vigário Antônio Joaquim Rodrigues. E foi sepultado na Capela de São Sebastião do Cemitério Público.

Com o desaparecimento do Padre Longino, encerrava-se para sempre, um período tumultuário da História de Mossoró.

Dele, resta a sombra de uma memória.

16 – Fim da Jornada – E também como fim de uma era, a missão heroica, por vezes, obscura da povoação esquecida “como o segredo fascínio que exerce sobre as almas e patina do tempo, que são as células humildes do organismo nacional” (16).encerra, aqui, a caminhada histórica de sua existência, cabendo lembrar, em abono dessa contribuição valiosa dos dias do passado, que “a Pátria que nelas se urdiu, não obstante a diversidade da geografia e da economia saiu uma e unida. Mais do que isto: saiu homogênea, não obstante a variedade do tempo em que se fundaram; coesa, embora a diversidade da trama ecológica e os matizes diversos da raças que nelas se consorciaram”. (17)

BIBLIOGRAFIA

1 – Nelson Omega – Cidade Colonial – 1971 -

- 2 – Idem, idem.
- 3 – Vingt-Un Rosado – Ruas de Mossoró – 1949 – Rev. Bando – Natal -
- 4 – Nestor Lima – Três Estudos Mossoroenses – 1982 -
- 5 – Francisco Fausto de Souza – Mossoró no Século XIX – 1979 -
- 6 – Leoncio Basbaum – História Sincera da República – 4ª Edição – São Paulo –1982
- 7 – M. E. de Azevedo Marques – Província de São Paulo – Vol. I – Editora Itatiaia Ltda – Belo Horizonte – 1982 -
- 8 – Henry Koster – Travels In Brazil – By Henry Koster – London – 1816 – CÂMARA CASCUDO – “Fiz uma introdução que é o vol.221 da Coleção Brasileira, São Paulo, 1942, Viagens do Nordeste do Brasil, 595 pp. Com as mesmas ilustrações do original inglês, anotando com paciência sertaneja”.
- 9 – Vingt-Un Rosado – Mossoró – Pongetti – Rio – 1940– Tradução feita pelo Dr. Alfredo de Carvalho, publicada na Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico de Pernambuco.
- 10 – Francisco Fausto de Souza – Documentos da Capela de Santa Luzia – 1979 –
- 11 – Milliet de Saint Adolphe – Dicionário Histórico e Geográfico e Descritivo do Império – 1845 – Paris -
- 12 – Francisco Fausto de Souza – História de Mossoró– 1979 –
- 13 – Luis da Câmara Cascudo – Notas e Documentos para História de Mossoró– 1955 –
- 14 – Francisco Fausto de Souza – História de Mossoró– Padre Longino - 1980 –
- 15 – Vingt-Un Rosado – Um Apodiense nas Minas Gerais – Col. Mossoroense – 1980
- 16 – Nelson Omegna – Cidade Colonial – 1971 –
- 17 – Ídem, idem.

CAPÍTULO III

O PERÍODO DA AUTONOMIA

Antecedentes Históricos do Município e da Vila – A luta pela emancipação política de SANTA LUZIA DE MOSSORÓ,

árdua e demorada, chegou a bom termo com a vitória do Vigário ANTÔNIO JOAQUIM, cearense do Aracati, radicado nessa sua nova terra da qual dirigia os destinos espirituais.

Na verdade foi ele o artífice genial desse empreendimento, um batalhador incansável, cujo nome se projetou nos anais da história mossoroense com a consolidação da sua sonhada autonomia política e administrativa.

Homem extraordinário, cuja tenacidade se sobrepunha à própria transitoriedade dos acontecimentos, do tempo e do meio.

1 – Criação do Partido Conservador – Ao chegar a Mossoró, em 1842, a Capela da Povoação de Santa Luzia fora desmembrada da do Apodi, sendo declarada Freguesia pela Lei Provincial nº 87, de 27 de outubro, tornando-se independente.

A posse do vigário só ocorreu, no entanto, em 1844, sendo o ato assistido pelos Padres Francisco Longino Guilherme de Melo, Leonardo de Freitas Costa, José Antônio Lopes da Silveira e Florêncio Gomes de Oliveira.

O lugar era de precárias condições de desenvolvimento, pobre, com um comércio sem expressão quase nulo, sendo as poucas casas de negócio ou bodegas pertencentes a comerciantes que vinham do Ceará, particularmente, do Aracati. A seu respeito o cronista traça este retrato desalentador:

“A povoação de Santa Luzia consistia em um pequeno quadro de casas de construção péssima e sem arquitetura, a maior parte dessas de taipa em frente da capela um pouco deteriorada.” ⁽¹⁾

Quando o Padre entrou no exercício de seu ministério, em Santa Luzia só existia o Partido conhecido por “Sulista”, que seria depois o Partido Liberal, este que era totalmente influenciado e apoiado pelos políticos do Assu. O fato tem explicação, pois à época residiam em Mossoró muitas pessoas daquele Município, contando com fortes amizades entre famílias locais, como o grupo dos “Camboas” que eram todos liberais, tradicionalmente, pertencentes a grei Sulista.

Ao tomar contato com a situação, o Padre Antônio Joaquim, só com 22 anos, contava com boas relações, tratou de

interferir na política da terra, base para o trabalho que pretendia realizar entre os moradores da povoação, seus paroquianos.

2 – O Vigário Congrega as Forças - Por volta do ano de 1848, quando o Partido Conservador do Império assumiu o poder, em 29 de setembro, com a formação do Gabinete Presidido pelo VISCONDE DE MACAË – um notável estadista – se apercebeu o jovem vigário que era chegada a hora de organizar o núcleo daquela agremiação em Santa Luzia de Mossoró. E ao tomar essa iniciativa, procurou o apoio de alguns fazendeiros e homens de prestígio da Povoação da Ribeira.

A nova agremiação partidária não tergiversou nas suas atividades, tangida por bons ventos, logo se tornou uma força política respeitável no meio local, onde chegaria em pouco tempo a se constituir numa maioria indiscutível.

Com este alicerçamento, passou o grupo a incentivar por todos os meios a campanha da emancipação política do lugar, cuja finalidade se fundamentava na criação do Município e da Vila, que atingiram sua autonomia administrativa, e, consequentemente, alcançando o direito da organização dos seus poderes básicos.

Com a garantia dessa situação de trabalho e de tranquilidade, o Partido Conservador de Mossoró, que tinha na sua chefia o Vigário Antônio Joaquim, consolidava sua posição contando com a solidariedade que lhe emprestavam figuras de projeção como as do Major Francisco Gomes dos Santos Guará e José Damião de Souza Melo, este de nacionalidade lusitana, porém, nacionalizado brasileiro, de alguns anos radicados em Mossoró, com atividades no comércio e nas letras e com bons serviços prestados à coletividade.

3 – Mossoró Luta para Sobreviver – De outro lado, interesses secundários que tinham raízes no curso da história dos primeiros tempos do povoamento, amparados na força de alguns municípios mais antigos, tentavam obstacular a iniciativa dos habitantes de Santa Luzia. E ante essa divergência, até insinuada pelos prepostos da Coroa, que de longe administravam certas regiões, ignorando seus problemas e as reivindicações dos seus

moradores. Mossoró vivia como uma espécie de dependência caudatária desses grupos, que desfrutavam do prestígio do governo para garantirem suas posições asseguradas pela força do Partido Liberal, cujos remanescentes ainda eram poderosos.

Algumas dessas comunidades municipalistas tinham sua história marcada por acontecimentos importantes, verificados no século XVIII, a exemplo da “Serra dos Dormentes”, “Serra da Margarida”, por fim, “Serra de Portalegre”, famosa porque se transformou em quartel de resistência dos Revolucionários de 1817. Ali, o Governo de André de Albuquerque, instalado em Natal, fora reconhecido e proclamado, com formalidades de estilo, havendo ato religioso na Igreja com pregação do Padre “Cordeiro, oficiante, que foi ao púlpito e lá proferiu inflamada oração”, com demonstração de ostensiva rebeldia, quando foi queimada na Praça Pública, a Bandeira de Portugal. ⁽²⁾

Com igual posição de relevo, fala-se do Apodi, que serviu de palco às ocorrências registradas ali, no Córrego da Missões de São João Batista, quando em 1698, os índios PAIACUS foram “oficialmente e coercitivamente” vilados, à margem esquerda da Lagoa do Itaú. Do Apodi, até 1842, Mossoró vivera na dependência da ordem religiosa.

E por fim, refere-se o caso do Assu, o heroico arraial de Nossa Senhora dos Prazeres, que durante mais de 10 anos, foi campo da Guerra dos Janduís, nas Ribeiras do Assu, Mossoró e Apodi, “matando toda coisa viva, e depois queimando e abrasando tudo”, isto em 1685 e se estendeu até os primeiros anos do século XVIII, quando a indiada foi dizimada pelos Terços Paulistas, sob as ordens de Domingos Jorge Velho, um feroz caçador de homens insubmissos, valentes e rebeldes. ⁽³⁾

Ao Município de Assu, antes influente Vila Nova da Princesa, Mossoró estivera dependendo dos órgãos da Justiça até 1861, pois era Distrito Judiciário da sua Comarca. Por outro lado, também pertenceu a Maioridade, que era a 3ª Comarca da Província. Nesse jogo de pressões inconfessáveis, até São Sebastião, também esteve contra as pretensões do Povo de Santa Luzia de Mossoró, em alguns casos.

Estes fatos, que nem bem tinham razão de ser, se tornaram de certo modo responsáveis pelo retardamento da solução de velhos problemas e de aspirações daqueles grupos, que eram vitais para o destino de Mossoró, entre outros, o de maior relevo, aquele que dizia com a criação do Município, cujo retardamento, já não era mais compreensível pelo bom senso, dos homens públicos, zelosos no cumprimento de seus deveres.

Daí por que, diante de tal situação, não havia como fugir ao imperativo da necessidade de se reexaminar a linha e o posicionamento dos grupos políticos que de longo tempo preliavam em Mossoró, onde se sentia o peso do seu prestígio.

4 – Os Sulistas – Os mais antigos deles representavam o Partido Liberal (os LUZIAS), que atendia a voz de comando de IRINEU SOTER CAIO WANDERLEY, comerciante forte, egresso do Assu. Pela sua condição de chefe, tinha em suas mãos todo o poder político para resolver os casos, os problemas que afligiam a povoação. Não contava com opositor ou voz discordante, razão por que fazia e desfazia tudo a seu bel-prazer, com uma simples palavra, que valia por uma ordem, por uma determinação que ninguém ousava discutir.

Mais tarde, com o advento do Partido Conservador (no caso os SAQUAREMAS), tendo à frente o Vigário Antônio Joaquim, praticamente desapareceu o poder de mando dos liberais, que caíram do poder, ficaram debaixo.

Mesmo assim, Irineu Soter Caio não se rendeu, não se entregou e continuou preliando com o mesmo vigor de outros tempos. Tão prestigiado pelos seus amigos, que ainda foi eleito vereador para o triênio 1870/1872, e quando faleceu se encontrava no exercício de JUIZ DE PAZ, isto por volta de 1870.

Dotado de rara energia, era um homem impetuoso, possuindo excepcionais qualidades de chefia e de comando, batalhador, destemeroso, inarredável nos seus compromissos.

Na sucessão da marcha do tempo, e examinando desapaixonadamente o longo domínio do Partido dos Sulistas, verifica-se que dele só valeu para desgastar o seu prestígio “além

demais, nem ao menos serviu para dar à povoação aquela tranquilidade ao funcionamento regular da sua vida social.” (4)

5 – Os Ssquaremas—Em Santa Luzia, os Ssquaremas, depois de construídos em partidos, não tardarem em manifestar a sua força e poder de organização. Seu Chefe, Padre Antônio Joaquim Rodrigues, que exercia o seu comando, logo se identificou inteiramente com os elementos que prestigiaram os trabalhos do núcleo. O sacerdote, apesar de muito moço, possuía um alto tino de direção, logo conquistando a simpatia do povo de sua Freguesia, viera do Ceará, do Aracati, sendo recebido com reservas, pois os paroquianos queriam a continuação do antigo Vigário. Mas essas diferenças desapareceram logo, e ele, teve oportunidade de mostrar que era um grande transformador, um espírito cheio de ideias novas, modificando os rotineiros processos da vida e da comunidade, que cedo se transformou em realidade construtiva.

Entre outros fatos que mostravam sua habilidade, estava o de congregar os elementos dispersos, mas realmente de valor, para consolidar o poder local, tornando-o um bloco forte, constituído dos representantes das tradicionais famílias da Ribeira, que entraram na luta, incentivando a campanha da criação do Município, uma antiga aspiração dos moradores da povoação.

6 – Ganha Terreno a Campanha Autonomista – A ideia da criação do Município de Mossoró, era um anseio dos habitantes da ribeira do rio Mossoró.

Entre seus principais incentivadores destacavam-se o Vigário Antônio Joaquim e o Padre Antônio Freire de Carvalho, que organizaram em Mossoró o núcleo Ssquarema.

Trataram para isso, da organização de um abaixo assinado que seria dirigido à Assembleia Provincial, preiteando a criação da vila, e Município de Mossoró e do Tribunal de Jurados.

E foi assim que, na sessão de 13 de janeiro de 1852, chegou o abaixo assinado dos moradores da Freguesia de Santa Luzia, pedido de elevação da povoação ao predicamento de vila e sede de Município.

Razões bastantes justificavam a pretensão, assim expostas:

1 – existência de mais de dois mil fogos;

2 – população estimada em mais de seis mil almas;

3 – arruamentos bem organizados, de boa perspectiva e não pequeno;

4 – um comércio “bastante opulento”;

5 – terras ótimas para criação;

6 – praias que enviavam peixe seco para lugares em derredor; e

7 – salinas assazmente abundantes que constituem um grande ramo de comércio (e nem quiseram dizer que o holandês andou por estas bandas e ficou extasiado, dizendo: “um sal mais forte que o da Espanha, tão alvo como a neve, e em quantidade que dava para abastecer mil navios, além de outros argumentos poderosos,”

E mais: atentados diversos.

Assinaturas de 350 moradores, sendo 295 de próprio punho e 55 a rogo. Indicava ainda níveis profissionais, como:

“Oficial de carapina”, “oleiro” e “careiro”. Também um “inspetor”, proprietários, criadores e um “lavrador”.

O abaixo assinado foi lido pelo Secretário da Assembleia, bacharel Jerônimo Cabral Raposo da Câmara (um dos três famosos na política da Província: Otaviano Cabral Raposo da Câmara, Jerônimo Cabral Raposo da Câmara (Dr. Lolo) e Leocádio Cabral Raposo da Câmara. ⁽⁵⁾)

O projeto veio ao plenário na sessão de 8 de março de 1852, para a primeira discussão. Aprovado sem emendas. Na segunda sessão, com a mesma aprovação. E na terceira, realizada no dia 11, aprovado, seguindo para a Comissão de Redação Final. O Presidente da Assembleia, o Bacharel Otalino Cabral Raposo da Câmara (outro dos três irmãos famosos), Presidente, Vice-Presidente e 1º e 2º Secretários, assinam o projeto em sua redação final.

O Presidente da Província fez a sanção a 15 de março de 1852.

Mossoró passava à ser o décimo nono município da Província.

Com essa Lei nº 246, nascia o Município de Mossoró.

Aí começa a outra história. (nº 38-Réis, 320 pg de selos).

“Entre os que assinaram o projeto criador do Município está o Bacharel MANUEL ANTÔNIO DE OLIVIERA (avô do Desembargador Pelópidas Fernandes), companheiro de estudos do Padre Antônio Joaquim, nas aulas do professor Francisco Emiliano Pereira, na Povoação do Martins.” ⁽⁶⁾

7 – A Lei nº 246, de 15 de Março de 1852 – Na sucessão inevitável dos acontecimentos, quando já não era mais possível invocar qualquer aspecto de protecionismo ou motivo de protelatório que vinha obstaculando o andamento do projeto de autoria do Deputado, Vigário Antônio Joaquim, era criado o MUNICÍPIO DE MOSSORÓ, desmembrado do Município de Assú.

Este é o seu teor:

RESOLUÇÃO nº 246, de 15 de março de 1852.

Elevando a categoria de Vila e Povoação de Santa Luzia de Mossoró.

José Joaquim da Cunha, Oficial de Ordem da Rosa. Doutor em Matemática, Capitão Honorário do Imperial Corpo de Engenheiros, Lente da Escola Militar, e Presidente da Província do Rio Grande do Norte etc.

Faço saber a todos os seus habitantes que a Assembleia Legislativa Provincial secretou e eu sancionei a Resolução seguinte:

“Art. 1º Fica elevada à categoria de Vila e Povoação de Santa Luzia de Mossoró, com o Título de Vila de Mossoró;

Art. 2º Os limites do Município da Nova Vila, serão os mesmos que tinha a Freguesia de Santa Luzia de Mossoró (a Resolução determina as suas linhas marcantes, neste artigo);

Art. 3º Os habitantes deste Município ficam obrigados a fazer Cadeia e Casa da Câmara no prazo de

oito anos contados da publicação da presente Lei, perdendo os foros de Vila, se não cumprirem esta condição; e

Art. 4º Revogam-se as disposições em contrário.”

Palácio do Governo do Rio Grande do Norte, na Cidade de Natal, 15 de março de 1852, trigésimo da Independência e do Império.

L. S. Dr. José Joaquim da Cunha.

8 – A Primeira Eleição – Por força de dispositivo legal, e tendo em vista o que decorria da criação do Município, procedeu-se em Mossoró a eleição para Vereadores e Juiz de Paz. Nelas figurava o Vigário Antônio Joaquim como representante do Partido Conservador, e do Partido Liberal apresentava-se o Capitão João Batista de Souza.

Os conservadores procederam a votação no interior da Igreja de Santa Luzia, os Liberais, porém, ficaram reunidos numa casa da rua Domingos da Costa. Na marcha dos trabalhos, sem motivo razoável, os Liberais tentaram tomar o Livro da Ata, o que conseguiram. Mas, a reação dos Conservadores foi imediata e brusca, conseguindo retomar o Livro das Atas, que foi levado para a Igreja, onde concluíram os trabalhos da eleição.

(7)

Os Liberais, inconformados com o fracasso, começaram a disparar armas de fogo para o lado da Capela, local em que os Conservadores permaneciam, inarredáveis.

Depois dessas lamentáveis ocorrências, os Conservadores que venceram a eleição, assumiram o poder, e num período de tranquilidade, fizeram um governo de paz, sem ódios, sem vingança.

A velocidade do tempo, que é irreversível, passara como um tufão devastador, sobre uma era de intranquilidade, de perigos, até de crimes.

Na sua marcha niveladora, o tempo fizera sangrar para o rio do esquecimento, o sangue da discórdia, que dominara a terra, anos a fio.

E então, graças a ação pacificadora do pároco da Freguesia, a antiga povoação de Santa Luzia, depois Município-Vila, dava os ares de um pedaço de céu tombado sobre a ribeira do Mossoró, onde todos podiam viver em harmonia, respirar em paz e dormir de olhos fechados.

A primeira CÂMARA MUNICIPAL DE MOSSORÓ, foi instalada a 24 de janeiro de 1853, sendo seus trabalhos presididos pelo Vigário ANTÔNIO FREIRE DE CARVALHO.

BIBLIOGRAFIA

- 1 – Francisco Fausto de Souza – História de Mossoró, 1979.
- 2 – Nonato Mota – Notas sobre a ribeira do Apodi. Ver. Inst. Hist. Geog.
- 3 – Jayme da Nóbrega Santa Rosa – Acari, Pongetti, Rio, 1974.
- 4 – Luiz da Câmara Cascudo – Notas e Documentos para História de Mossoró, 1974.
- 5 – Luiz da Câmara Cascudo – O Livro das Velhas Figuras, 1º vol., 1974.
- 6 – Luiz da Câmara Cascudo – Notas e Documentos para História de Mossoró, 1974.
- 7 – Walter Wanderley – Irineu Sóter Caio Wanderley (1870-1970-1971), Rio.

CAPÍTULO IV

A CIDADE COLONIAL

Primórdios da Predicação Administrativa

- Fiz disto uma Cidade.

Com estas palavras levadas pelo vento do Nordeste, que soprava vindo das bandas do mar, conduzindo nuvens de poeira, o Vigário Antônio Joaquim Rodrigues dava expansão ao seu júbilo, comunicando aos seus amigos e correligionários de Mossoró, quando retornava do Natal, a notícia alvissareira de que fora sancionada pelo Presidente da Província a Lei nº 620,

de 9 de novembro de 1870, elevando a Vila de Mossoró ao predicamento da Cidade.

1 – **Como Nascia a Cidade** – “A fundação de uma cidade é um ato de fé, um mito de magia”, assim declarava um profundo estudioso do sistema urbanístico brasileiro, pois “com a evolução da história, são as fazendas, os engenhos, os currais ou as estâncias que constituíram maiores marcos modificadores da sua vida”. (1) Daí, aquele brado do cura da aldeia:

- Fiz disto uma Cidade!

Era a explosão justa do entusiasmo, na consagração do esforço vitorioso!...

Enfim Mossoró, Cidade!

Levara quase um século de existência para chegar a essa predicação administrativa, enquanto outras mais privilegiadas, as chamadas Cidades Fortalezas, Cidades de Ocupação, com uma meta civilizadora certa, surgiam da Colônia, e foram pela ordem de sua criação.

1 – Salvador – na Bahia, fundada em 1549, por Tomé de Souza;

2 – Rio de Janeiro, fundada por Estácio de Sá, em 1565, depois da expulsão dos Franceses da Ilha de Vellegaignom;

3 – Nossa Senhora das Neves da Paraíba, fundada em 1586, por Martins Leitão e finalmente;

4 – Natal, fundada por Jerônimo de Albuquerque, em 1599, à margem do rio Grande, depois rio Potengi;

5 – São Cristovão, em Sergipe, já é cidade do século XVII.

A cidade primitiva, o núcleo primário da predicação administrativa, foi admissivelmente, o ponto de partida da campanha. O pequeno rústico núcleo populacional deu origem a corografia urbana brasileira.

E pergunta-se: mas, enfim, o que era a cidade?

A cidade era a rua. O conjunto residencial. O grupo do comércio, e a Igreja, por excelência os seus dois elementos estabilizadores.

O Arruado triste, pobre, sem alegrias, onde o povo se deitava cedo e dormia com as galinhas. As horas da noite, eram

marcadas pelo relinchar dos jumentos, e as do amanhecer, pelo amiudar dos galos. Relógio era objeto de luxo, de que nada se falava, muito embora, fosse conhecido, pois Tiradentes possuía seu relógio, que hoje, vive na exposição do Museu da Inconfidência, em Ouro Preto. Não havia ideia de iluminação que não fosse a da lua, o grande candeeiro dos pobres, pendurado no céu...

A cidade era dominada pelo sobroço. Pelo medo, pela aparição das almas do outro mundo. Pelos bichos, assombrações, e pelo pânico espalhado pelo lobisomem.

Nela, no seu recesso, conforme afirma Nelson Omegna, vivia, se encontrava o “Cenário em que se elaborou toda a Alquimia da Comunidade”.

Entre as duas forças, o Poder e o Povo, por vezes, contradição, o Poder Espiritual, representado pela Igreja, pelo Padre, estabelecia o traço de união. Fazia descer a Paz do Senhor.

Diante desse cenário de escasso colorido, imagine-se Mossoró, no dia 9 de novembro de 1870.

2 – Afinidade entre o Rural e o Urbano – O problema apresenta raízes mais profundas, quando examinado o aspecto de integração entre o homem do campo e o morador da rua. Ambos se entendem bem, mesmo separados pela distância em que se situam, pois, na verdade, o fazendeiro, o bicho do mato, só de raro em raro, botava os pés na cidade. Nesta, tudo era diferente da vida que levava o sertão calmo, simples e acolhedor.

Nela, também o que sobressaia era a Casa-Grande, com numerosas janelas, de gradil pesado e cano de jacaré pendente da platimbanda, por onde escorria água das precipitações pluviométricas, rolando pelo telheiro vermelho-escuro. As ruelas se arrumavam tortuosas, formando pequena quadra – A Quadra da Rua na frente da Igreja, com um cruzeiro alto, pesadão, construído nas linhas do estilo barroco, para onde, à noite corriam as beatas, acendendo velas, rezando terço, cantando ladainhas.

Numa ponta da rua, na casa da esquina, ficava o nicho, também lugar de orações e de namoros, de encontros furtivos de trocas de olhares que acertavam compromissos no espaço silencioso da noite. Muitos casamentos nasciam do enredo desses olhares significativos. No nicho, dormiam “os santos seculares, nos retábulos dourados rendados na madeira”, desenhados a ouro por caprichosas mãos de anônimo artista. Eram os entalhadores. Os imaginários. Os fixadores dos perfis dos santificados. Os encarnadores.

A cidade colonial, assegurava ainda aquele escritor: “é um fenômeno natural da ecologia do continente”.

A fixação urbana era um contraste com a fixação rural, com a fazenda. A fazenda era a oposição da cidade.

O fazendeiro só vinha à rua nas 4 festas do ano. Por negócio ou por doença. Para casamento ou para enterro. Vinha fazer compras. Vinha votar. Para procissão do padroeiro. Pagar impostos ou servir de testemunha.

A cidade era a “Quadra da Rua”. O Comércio. O Cartório. A Igreja. Quase que a vida de rua não possuía qualquer atrativo. Ao contrário, da fazenda, onde a vida era intensa, e não havia tempo a perder. A primeira era o horizonte limitado. A segunda o campo aberto. A amplidão da natureza.

Essa característica veio aos dias de hoje, pois ainda agora, na década de 30, viajando o sertão, o escritor Câmara Cascudo, demora em Luís Gomes e na conversa com uma das figuras tradicionais da terra, o Cel. Antônio Gonçalves, pergunta-lhe:

- Mas, onde é que o senhor mora?

Ao que responde o interpelado com maior naturalidade:

- Eu tenho casa na Rua, mas assisto na Fazenda...

Do que se conclui:

A fazenda era um estado de espírito.

A cidade é sempre aberta. Ao contrário da fazenda, quase sempre fechada. A primeira é expansão. A segunda, o isolamento. Em resumo: a cidade é dispersiva, desordenada, indisciplinada, caótica.

A fazenda é o imenso horizonte do trabalho e da liberdade da ação, da aspereza da natureza, do contacto com as forças telúricas que se atiram e se harmonizam produzindo energia, suor e riqueza.

A fazenda representa o espírito unitário da solidariedade.

As raízes da nacionalidade emergem de lá.

3 – Os Grupos e as Castas – A sociedade colonial é a que se agrupava nessa cidade onde a família, na opinião de Nelson Omegna, tantas vezes citado neste trabalho, “era sua estrutura fundamental”, e “a casa, o gemem da vida”, foi admiravelmente descrita por Tristão de Ataíde – o pensador tomista – dando-a como resultante do encontro do Poder e do Povo. Usando de sua própria expressão: “um descendo e o outro subindo”.

Aquele, chegando ao velho mundo, território civilizado, porém abalado, e fundamento desgastado no princípio das instituições originárias pelas invasões, pelas guerras e lutas religiosas, que aluíram suas tradições milenares, atravessando mares e penetrando continentes desconhecidos, que chamavam de ilhas, atraídos pelo espírito da aventura, batidos pelos ventos da casualidade, mas certamente, tangidos pelas determinações da intencionalidade.

Este, subindo do chão. Do interior ou do litoral da terra desconhecida. Suando para sobreviver. Lutando contra tudo, contra os elementos, a natureza, contra as próprias adversidades do destino.

O primeiro estabilizava o Poder representado no Símbolo da Coroa e na presença dos Governadores e das Milícias. Era o princípio latente da autoridade que se fazia sentir por seus agentes, homens dominadores, rudes, por vezes, violentos.

O segundo, bem mais modesto, talvez mais numeroso, se encontrava figurado por três tipos humanos que definiam a curva geográfica da Terra Descoberta, fantasiada na Carta Histórica do Escrivão da Armada. E eram o Colono, o Vereador, o Escravo.

Colono era o homem branco, nobre, aventureiro ou criminoso, que se espalhava pelo território e foi o principal

fornecedor do povoamento, estacionado em pontos diferentes da Terra de Santa Cruz e de que se tem notícia dos 2 primeiros: Diogo Alvares Correia, na Bahia – o lendário Caramuru – e João Ramalho, em Piratininga – o discutido bacharel de Cananéia – ambos casados com índias. Caramuru, pensando-se fosse náufrago das primeiras expedições, pois quando Martim Afonso passou pela Bahia, com destino a São Vicente, perguntou-lhe a quanto tempo vivia em Vila Velha, e ele teria respondido: talvez a uns 30 anos! Isto se dava em 1831.

De João Ramalho, supõe-se até que estivesse chegado a essas bandas, antes mesmo da expedição descobridora. Tudo conjectura.

O terceiro, Duarte Coelho, em Pernambuco. Por sinal o único donatário que desenvolveu sua Capitania, graças sobretudo, ao concurso, do braço forte do seu cunhado, Jerônimo de Albuquerque, português de tradicional família peninsular, que chegando à colônia, contraiu matrimônio com a índia Maria do Espírito Santo Arcoverde – filha do cacique de igual nome. Desse casamento houve trinta e tantos filhos e muitos outros que ele ainda arranjou, nas aventuras...

O colono foi excelência o sertanejo, o abridor de estradas e caminhos, pelos campos, pelos matos, onde foi fazendo ranchos, levantando paliçadas, enfincando estacas nos currais de gado, plantando roçados de cereais, de mandioca e de algodão, aproveitando os vales úmidos e enterrando os gomos de cana, que se transformariam nos canaviais, redutos fundamentais dos engenhos de rapadura e dos banguês, lutando, matando, morrendo, muitas vezes, uns preando índios, outros sonhando com pepitas de ouro.

E enquanto extenuado parava à beira de um riacho, à margem da lagoa, à sombra do pé de juazeiro, que se erguia junto ao olho d'água salvador, aí levantavam casas, fazia arruado, construía a Capela, a imagem de sua fé, como o fizeram, num exemplo visual, aqui, o português Braga, Antônio Souza Machado, o fundador de Santa Luzia de Mossoró.

O Vereador era o tipo clássico, o arcabouço do legislador. E o tipo, mais esclarecido nos conhecimentos das letras. Sua atividade é toda urbana. A esse obscuro letrado, deve a cidade os primeiros fundamentos de sua organização social. Ele foi o orientador dos atos públicos, dos feitos que se ligavam à administração. Também foi o Vereador que deu início ao artesanato, as aberturas profissionais, daí surgindo o negociante, o sapateiro, o ferreiro. Os lugares mais modestos rendem homenagens simplórias a esses pioneiros das atividades profissionais, e por isso, aqui e ali, há uma rua do Ferreiro. O beco do Sapateiro ou o largo do Boticário. Foi esse Vereador de que se fala, hoje, tão pouco, que lançou a ideia das sementeiras administrativas profissionais.

O terceiro, o Escravo, era o tipo característico do homem utilizado no trabalho braçal, no trabalho rude, suado. O escrevo anônimo, no eito, produzia a riqueza da fazenda, o esplendor da Casa-Grande. E a escrava, na senzala, era a fábrica passiva de meninos de pais ignorados, que vinham aumentar o capital humano de novas crias.

Esta dimensão do sistema social diversificando padrão de classes entre as pessoas, as ricas, que constituíam uma nobreza do ato, e os pobres, casta inferior, rotineiro, tradicionalista, coletado no campo da Sociologia, entre os grupos primários da família, atendia, à disposições, influências e preconceitos crassos que ainda assim integravam os elementos estruturais da comunidade.

Deles, já examinados numa linha de cumprimentos de deveres administrativos e normas jurídicas, as cidades contavam com os vizinhos, os moradores, os aldeões e os forasteiros.

O vizinho era assim chamado aquele que tinha uma casa no povoado, pagava suas obrigações e votava nos pleitos para escolha dos dirigentes. Fazia parte dessas prerrogativas pagar o foro ou ter carta de proprietário da terra ocupada pelo imóvel, às vezes uma simples tapera. Mas era proprietário, devia pagar as taxas.

O morador era aquele que embora mais modesto, residindo no perímetro urbano, não possuía nenhuma das prerrogativas que eram dadas ao vizinho. Não tinha nada de sua posse. Um pobre diabo.

O Aldeão era simplesmente o que morava na povoação, sem gozar de outro qualquer direito. Também esquecido e abandonado.

O forasteiro era a pessoa sem vinculação de família no lugar, por onde passava em negócio ou fazendo visitas, que chegava e saía. Espécie de aventureiro, de judeu errante, adventício. Arrivista. Cavador da vida, sem discutir meios.

4 -Criação da Comarca de Mossoró – Pela lei nº 499, de 23 de maio de 1861, foi criada a Comarca de Mossoró.

Nos termos da lei, ficava a mesma constituída de Mossoró e de Campo Grande. Mais tarde, em 1863, Campo Grande passou a fazer parte da Comarca do Assú.

Era assim Mossoró a sexta Comarca a ser criada na Província.

Sua criação decorreu de proposta de Lei apresentada na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Norte, na sessão de 2 de maio de 1861. Seu autor foi o Deputado-Suplente, Bacharel José Maria de Albuquerque Melo, que pertencia ao Partido Liberal.

O primeiro Juiz de Direito de Mossoró foi o Dr. João Querino Rodrigues da Silva, que deu a mesma por instalada, a 23 de abril de 1863. O referido magistrado faleceu em Mossoró a 15 de outubro de 1870, quando já estava transferido para a Comarca de Penedo, em Alagoas.

Quem primeiro exerceu a Promotoria Pública da Comarca foi o Dr. Manuel José Fernandes, que permaneceu até o ano de 1867.

Mossoró passou a Comarca de segunda entrância em 1872.

5 –Aprendiz de Fato Histórico – No decorrer do tempo, a crônica ia acumulando os registros dos acontecimentos que se

desenrolavam na florescente Vila de Santa Luzia, já com os quadros de sua administração planificados, e em marcha para realização de algumas obras públicas que pudessem modificar a vida dos seus habitantes, de tantos tempos esquecidos dos benefícios oficiais, mesmo os mais modestos.

Assim, o período situado entre a criação da Vila – 1852 – e sua elevação à predicação de cidade – 1870 – sucessivos acontecimentos tiveram lugar na sua área, uns até de importância indiscutível na vida e nas atividades de Mossoró.

Dos mais importantes desses fatos, é possível fazer um relacionamento, que não é útil.

6 – Não se fez a Festa da Padroeira – Por motivo que foi explicado como razoável, no ano de 1860, não se realizou em Mossoró, a tradicional Festa da Padroeira – Santa Luzia.

Naquele ano, a Irmandade de Santa Luzia, em reunião realizada em 8 de abril, a Mesa da mesma resolveu que não se festejasse a Padroeira, enquanto não se desse por terminado o serviço da reforma da Igreja Matriz, que continuava em obras. Dita determinação ficou registrada na reunião da Irmandade, realizada em 21 de dezembro de 1861.

Ainda ocorreu fato semelhante, no ano de 1865, pois consta de um livro de Atas da Irmandade, estando ali declarado que se deixava de ser feita a Festa da Padroeira, devido ao estado da Igreja, que ainda se achava em obras e que o dinheiro fosse aplicado na mesma.

Os trabalhos, no entanto, só foram concluídos de 1866 para 1867.

Pois não é que, depois disto, passado nada menos de 75 anos, v.g., em 1935, também não se realizou a festa da Santa Padroeira de Mossoró, constante de um novenário, de leilão e de Procissão no dia 13 de dezembro, por determinação do Senhor Pároco.

Neste ano, nem foi a Irmandade quem deu a palavra de decisão. A ordem ou a determinação, que nem foi discutida, partiu do Padre Luís Mota, Vigário da Catedral. A razão

apontada era o estado de intranquilidade pública, reinante no Estado, particular, em Mossoró, por causa da intentona comunista deflagrada em Natal – a REVOLTA VERMELHA – como a chamou o escritor Hélio Silva, que tomou conta do governo e instalou ali a miniatura de um soviét, criando órgão administrativos e fazendo circular um jornal “A Liberdade,” hoje peça rara de arquivo de bibliófilos.

Os adversários do Vigário não lhe pouparam a pele, dizendo alguns:

- Mas, já se viu que coisa! Agora, não tendo mais a quem perseguir, o Padre mete Santa Luzia na Política!. Quanto mais se precisava de reza, ele manda fechar a Igreja. E ainda tem quem fale de uns ateus de meia-cara que andam por aí.

7 – **Manifestação Patriótica** – Em 7 de abril de 1865, a Câmara Municipal de Mossoró, por uma manifestação unânime, oficia ao Presidente da Província, Bel. Olinto José Meira “felicitando-o pelo bom êxito das tropas brasileiras nos ataques de Paissandu e Montevideu, obtendo o resultado desejado e favorável do modo mais satisfatório”. Um belo gesto que nem sempre tem tido imitadores.

Durante o período da Guerra do Paraguai, todas as famílias viviam espavoridas, quando passava no lugar, como um fantasma, a figura terrível do Alferes Rolim, pegando voluntários, que para maior segurança eram amarrados a pau e a corda.

Nestes dias de intranquilidades, o Vigário Antônio Joaquim falava na Igreja, e do púlpito, pedia que cada família fizesse o sacrifício de mandar um filho para o campo da luta, na defesa da Pátria.

Seu apelo alcançou repercussão. O Padre foi atendido e começaram a aparecer voluntários de verdade.

Segundo depoimento de Adauto Câmara, a Província do Rio Grande do Norte chegou a mandar 2.197 combatentes, dos quais 500 morreram na luta. (2)

8 – Presidente da Província em Mossoró – A história registra ao certo que, até 1886, seis chefes do Governo Provincial estiveram em Mossoró.

1º - em 1860, foi o Presidente José Bento Cunha Figueiredo Junior;

2º - em 10 de agosto de 1861, foi a vez do Conselheiro Pedro Leão Veloso.

Chegou em Mossoró, vindo de São Sebastião, onde pernovernara com os membros da sua comitiva. Manuel Antônio Ferreira Nobre (que mais tarde seria o primeiro historiador da província) era seu ajudante de ordens, que se fixou nas construções modernas alguma coisa possui que honra a cidade. “Seu Secretário, Otilio Alves de Oliveira, contou em suas notas que Mossoró possuía 120 prédios, e um comércio bastante agitado. Elogiou, o vigário, as moças gentis e as modinhas ao violão;

3º - em 1869, no segundo semestre do ano, foi o Bacharel Pedro Barros Cavalcanti de Albuquerque, que visitou a cidade;

4º - nos primeiros meses de 1872, chegou a Mossoró, o Bacharel Delfim Augusto Cavalcanti de Albuquerque e

5º - no ano de 1879, encontrava-se em Mossoró o Presidente Rodrigo Lobato Machado. Esse presidente praticou um ato curioso e arbitrário. O ano era o terceiro dos horrores da seca dos dois sete. A cidade estava cheia de gente que morria de fome e da peste. Também da nudez. No meio dessa humanidade sofredora, vivia lá uma pobre mulher com um punhado de filhas moças. Pois mesmo batidas por todas as infortunas, essas pobres criaturas gostavam de cantar. O povo as chamavam de “as cantadeiras”. Dando nó em pingo d’água, chorando e rogando, as pobres mulheres arranjam umas passagens para viajar para o Sul. Mas, na hora da partida, surgiu o embaraço: não pagaram o aluguel do rancho e o dono requereu o embargo dos cacarecos das retirantes. Quando o Presidente Lobato soube disso cuspiu no cabo do facão

e mandou o delegado com força aramada, tomar os bregueços, mandando embarcar tudo. O cronista registra: “a lei não prevaleceu e ficou nisso”.⁽³⁾

6º - último Presidente, José Moreira Alves da Silva. Já era 1886, fora portanto, do meridiano desse livro.⁽⁴⁾

Raimundo Soares de Brito – Estudos de História do Oeste Potiguar – Col. Mos. vol. XCIV, 1979.

TODO O REBANHO ERA CATÓLICO – Em 17 de setembro de 1886, a Câmara Municipal de Mossoró respondia a um expediente, com pedido de informação do Presidente da Província, querendo saber do estado religioso de pessoas residentes na vila, informando:

“Neste município não existe, felizmente, pessoa que professe outra religião que não seja a do Estado”.
Informação concisa, porém, clara.

Certamente o trabalho do Vigário Antônio Joaquim Rodrigues respondia por este estado de tranquilidade dos seus paroquianos.

Tão vidente era sua ação apostolar que, alguns anos mais tarde, o vigário pedia licença para construir um cemitério de pedra e cal, com a única finalidade de servir de jazigo aos restos mortais das pessoas católicas e de qualquer crença religiosa, o que deu motivo a uma reclamação de Câmara Cascudo: frase bonita e de alta finalidade.

9 – O Ano da Cólera – Como uma das mais terríveis calamidades, o cólera morbus, em 1856, uma peste devastadora, se abateu sobre as populações já infectadas por tantos sofrimentos, arrasando os lugares por onde passava. Em Mossoró, a mortalidade foi terrível, onde sem recursos médicos ou tratamento adequado, morreram, dentro de poucos dias, 75 pessoas.

O Dr. Luís Carlos Lins Wanderley, como médico de uma comissão para atender aos doentes, cujo número crescia, “esteve em Mossoró, a fim de ajudar o Dr. Henrique Câmara, sendo hóspede da viúva de Irineu Soter Caio Wanderley, Ana Hermelinda dos Santos Goará Wanderley. Foi intensa sua

atividade para livrar a cidade de maior propagação do surto epidêmico. Fez então uma promessa: se Mossoró não fosse atingida ainda mais pela calamidade, mandaria rezar uma missa no patamar da Igreja de Santa Luzia para ser assistida por todos os mossoroenses. E assim aconteceu. A praça se encheu de povo e o vigário Antônio Joaquim oficiou o santo sacrifício da missa. O Dr. Luís Carlos, na ocasião, fez uma brilhante oração agradecendo a Deus por ter livrado Mossoró de maior número de mortos”.⁽⁵⁾

10 – A Câmara Municipal Multa Infratores – Nas atas das reuniões da Câmara Municipal, consta que a mesma aplicou multa de quatro mil réis, em Luís Batista de Medeiros, porque toldou a água do POÇO DAS PEDRAS⁽⁶⁾ jogando rolos de paus. Em igual época, isto é, em 1869, também multou, além de outro, em seis mil réis, a João Timóteo de Lima, por ter este exposto a venda de uma rês fora do açougue.

O caso dá no que pensar: Quem dera, que a saúde pública de hoje fosse tão vigilante e se mirasse nesse exemplo dos velhos tempos.

11 – A Cidade de Mossoró – Há uma profunda ressonância deste fato histórico, com a paisagem pictórica dos versos do verso admirável de BAUDELAIRE, quando escreveu, pensando em outras latitudes:

“Um país encantado numa região querida.

Enfim, não foram perdidos os esforços...

“A cidade vai repetir aqui o seu histórico papel de civilizadora, porque a cidade tem as suas fórmulas universais para elaborar o seu destino político e a consciência cívica dos seus cidadãos”⁽⁷⁾

Mossoró SOL escreveu o Poeta Cosme Lemos num poema que é a própria explosão de sua genialidade.

Mossoró CIDADE, representa a voz do século, proclamando os destinos de “um povo, que pode ser convocado para qualquer cruzada em que se exige sacrifício.”⁽⁸⁾

A Lei nº 620, de 9 de novembro de 1870, despertou este estado de espírito e essa consciência de uma geração, que abre caminhos para o futuro.

É o seguinte, o teor deste estatuto jurídico:

SILVINOELVIDIO CARNEIRO DA CUNHA, Bacharel, formado em Ciências Jurídicas e Sociais, Cavaleiro da Imperial Ordem de Rosa, Presidente da Província do Rio Grande do Norte, por S.M., o Imperador, a Quem Deus Guarde, etc.

FAÇO saber a todos os seus habitantes que a Assembleia Legislativa Provincial decretou e eu sancionei a lei seguinte:

Artigo único. Fica elevada à categoria de Cidade a Vila de Mossoró, com a mesma denominação, revogadas as disposições em contrário. Mando, portanto, a todas as autoridades, a quem o conhecimento e execução da referida lei pertencer, que a cumprirão e façam cumprir tão inteiramente como nele se contém. O Secretário da Província o faça imprimir e publicar.

Palácio do Governo do Rio Grande do Norte, aos 9 dias do mês de novembro de 1870, quadragésimo nono da Independência e do Império. (L. S) Silvino Elvídio Carneiro da Cunha.

Lei pela qual V. Ex^a manda executar a resolução da Assembleia Legislativa Provincial elevando à categoria de Cidade a Vila de Mossoró com a mesma denominação como acima se declara.

Para V. Ex^a ver.

Manuel Pereira de Azevedo, a faz.

Selada e publicada nesta Secretaria do Governo aos 9 dias de novembro de 1870.

O Oficial-Maior

Servindo de Secretário

Antônio Pereira da Câmara

Registrada no livro de leis e resoluções provinciais. Secretaria do Governo do Rio Grande do Norte, 11 de novembro de 1870.

O Chefe da Seção

Francisco Gomes da Rocha Fagundes

A partir desta data, desta Lei, abria-se para Mossoró um horizonte novo, iluminando uma Cidade de Homens Livre, “tão livres como o farfalhar da brisa que perpassa no leque dos seus carnaubais verdejantes”.

BIBLIOGRAFIA

- 1 - Nelson Omegna – A Cidade Colonial, 1971.
- 2 - Adauto da Câmara – O Rio Grande do Norte na Guerra do Paraguay, Natal, 1951.
- 3 – Francisco Fausto de Souza – História de Mossoró, 1979.
- 4 – Raimundo Soares de Brito – Estudos de História do Oeste Potiguar, 1980.
- 5 – Walter Wanderley – Família Wanderley, 1974.
- 6 – Raimundo Nonato – Poço das Pedras, 1974.
- 7 – Nelson Omegna – A Cidade Colonial, 1974.
- 8 – Idem, idem.

CAPÍTULO V

O FATOR GEOGRÁFICO DESPERTA INTERESSE MERCANTIL EM MOSSORÓ

A Importância da Linha das Comunicações – Nos tempos mais remotos, o comércio – fator ponderável do intercâmbio entre os povos – reduzido de suas proporções, entre os grupamentos humanos secundários, era implantado nas localidades sertanejas, como centro de abastecimento das populações, e sua atividade decorria, principalmente, das vias de comunicação, dos caminhos, das estradas.

1 – As Rotas Primitivas – Os primeiros caminhos não passavam de veredas, rotineiros, picos, que eram abertos pelos colonizadores, que rasgavam os sertões desconhecidos, atravessando matas e caatingas fechadas, na esquisita aventura com que se embrenhavam pelas florestas, varando serras e vadeando rios, lutando contra os índios, os donos da terra matando bichos, brincando com os perigos, marcando o chão que iam pisando com os tacões das suas botas, tomando conta de uma região inteira onde uma palavra, um obscuro domínio possessório, firmado pela lei da força e da violência.

Nessa caminhada dos homens bárbaros, vencendo as feras como se feras fossem, iam desbravando a região, abrindo veredas, que seriam mais tarde – as estradas das boiadas – as estradas dos comboeiros, estabelecendo uma linha de relacionamento entre os grupos humanos espalhados na ribeira, à cata de aventura e negócios, de lutas, que apavoraram o rincão.

Por estes caminhos abertos pela mão do desmatador aventureiro, que ligavam as zonas litorâneas aos mais distantes núcleos do povoamento espalhados no sertão, se embrenhavam os mascates com suas cargas de mercadorias conduzidas até pequenos arruados, onde se estabeleciam com negócios que lhes rendiam bom lucro. Ali, com a chegada de outros vendedores, não tardou em nascer a feira, o mais primitivo centro de ajuntamento, onde se reuniam fazendeiros, criadores, vaqueiros e feirantes que procediam de pontos os mais afastados, para tomarem parte naquele encontro, que ainda propiciava oportunidade de assistirem à missa, no dia de domingo.

2 – Os Caminhos do Rio e das Águas – Mas, não era só por terra que se faziam as comunicações, pois também o acidente geográfico, que era o rio, abria portas a outro sistema de comunicações: o das águas.

O rio sempre foi um agente de solidariedade e de aproximação, ao contrário do mar, - a mais perfeita imagem do anonimato – onde mergulharam todas as coisas e se despejam as águas de todos os rios da terra. O rio é o fator de fixação. O mar, de submersão.

Pelas águas dos rios, na quadra das invernadas foram estabelecidas as primeiras navegações fluviais, e embarcações de pequeno porte, tipo botes, canoas e pirogas, cruzavam o seu curso, favorecendo o intercâmbio, entre grupos populacionais separados por consideráveis distâncias.

3 – O Marco de Partida – O comércio de Mossoró, nascido desse relacionamento de interesses, também encontrou nas comunicações fluviais, um grande incentivo, para sua expansão, que cedo se evidenciou, nas viagens pelos rios.

Conta a tradição, firmada em boas fontes, que a navegação do rio Mossoró, se iniciou desde os primeiros tempos do povoamento da ribeira. A respeito, até uma lenda se formou, sobre a pretensa viagem de Alonso de Hojeda que chegara a subir o rio, indo até as imediações da lagoa do Apodi. Esta fantasia da imaginação foi aposentada pelo historiador Luís da Câmara Cascudo.

Mas, sobe-se, com viso de verdade, que pelo fim do século XVIII, o fundador de Mossoró, Sargento-mor, Antônio de Souza Machado, possuía uma frotilha de canoas, que subiam o rio. O fato está registrado, conforme assegura Francisco Fausto, na obra do Dr. Mateus Barbadão, admitindo-se por outro lado, que outros proprietários pudessem possuir pequenos barcos, utilizando não só nas pescarias da lagoa, como em viagens que ligavam a embocadura do rio com alguns lugares do interior.

E segundo essas mesmas fontes, no começo do século XIX, pequenos barcos, lanchas e canoas, começaram a navegar

pelas águas remansosas do Mossoró, “subindo rio acima até a ilha de Dentro, na casa do Alferes Alexandre de Souza Nogueira”.⁽¹⁾

Tomando ainda por base as seguras informações do velho cronista local é possível afirmar com viso de verdade que:

“O primeiro vapor que entrou no rio Mossoró fora o da Companhia Pernambucana, o qual subiu rio acima até a “RONCADEIRA” encontrando fundura suficiente para navegar e só voltar daí por desânimo do Comandante e ignorância do prático sobre a profundidade do rio.”

“Hoje, vapores do calado da Companhia Pernambucana, como o Japurá, e outros, têm ido até a JUREMA tomar sal.”⁽²⁾

- Primitiva Povoação de Santa Luzia de Mossoró, Vila, depois Cidade de Mossoró. Cap. Da História de Mossoró.

4 – Negociantes e Mercadores – A crônica dos pequenos lugares interioranos é por demais escassa, no que diz respeito aos registros das ocorrências comerciais mantidas como atividades dos povoadores.

Daí, ao que parece, o comércio de Mossoró deva ser interpretado como um impulso de autoformação. Segundo a tradição, o melhor que se sabe sobre o desenvolvimento dos negócios mercantis, naquela área, foi resultante da infiltração de elementos de fora, de uma gente estranha, que ali chegando, enfincava os pés no chão, trabalhava e ia se deixando ficar, dando conta da sua presença.

Eram esses tipos, em sua maior parte, forasteiros, mascates, arrivistas, que vinham de terras estranhas, correndo atrás da sorte, da fortuna que Deus daria, pois era bom pai, até para os maus, numa luta desadorada, tal qual a dos seus patrícios na península, de pouco que iam ganhando, iam além botando algumas moedas nas bruacas, dinheiro suarento e sujo, nem sempre conseguindo com menor fomento de honestidade. Mas, foram eles, os mascates, que espalharam pelos sertões, o incentivo dos negócios, em que muitos poderiam arrumar fortuna, riqueza, patrimônio.

5 – Os Pontos de Negócios –Esses modestos pontos, barracos, birosacas, depois, vendas, “os quartos”, as bodegas, enfim, as lojas, atendiam as necessidades dos moradores da aldeia, vendendo gêneros, utilidades de consumo imediato, como sal, café, gás (querosene), fósforo, aguardente, e ferramentas dos roçados e do campo, a exemplo de enxada, terçados, foices, machados, facões, tudo vindo da praça do Recife, em cargas de oito arrobas, conduzidas no lombo dos burros, em longas viagens cheias de imprevistos, tais que os que partiam para elas, agregados e peões, “se despediam da família e dos amigos, pois era mito arriscada a travessia”.

O comerciante desempenhava uma atividade solidária com outros moradores do povoado. No contato dos negócios, todos se conheciam pelos nomes, sabiam das idades, das condições de cada um, exercendo, mobilizando-se na atividade de compra e venda e de escambo. Só muito mais tarde chegaria a era da botica, criando-se a figura do boticário, sempre um prestativo doutor improvisado.

As transações deles, essas, eram de arrancar os olhos da cara, pois muito de origem lusa, traziam no sangue a ganância do saque comum no território de além-mar, onde alguns negócios não passavam de legítimos atos de pirataria legalizada, quando inescrupulosos mercadores arrancavam lucros de 200% e 300%, dos pobres compradores.

Na vida da Colônia para assegurar esses privilégios dos gananciosos vendilhões, para manter sua fidelidade à Coroa, eram-lhes concedidos pelo método de “doar terras”, em troca de que reclamavam serviços, não só de produção, de justiça, de polícia e de guerra, como do físico. E tudo ficava compensado.

Esses territórios tinham extensão considerável.

Basta dizer que o patriota João Fernandes Vieira, tinha 16 engenhos em Pernambuco, e vasta área por outras Capitanias, como no Rio Grande do Norte, onde na região de Touros, onde possuíam uma data de mais de 12 léguas de frente por outras tantas de fundo. ⁽³⁾

Muitas vezes, a tradição costuma apontar coisas certas. Daí, não padecer dúvida de que os primeiros comerciantes da povoação de Santa Luzia de Mossoró, foram Domingos da Costa, Manuel Rodrigues, Francisco Gomes dos Santos Guará e José Baltazar Sabóia.

Por isso, classificados como legítimos pioneiros da atividade comercial no rústico aldeamento fundado pelo português Souza Machado.

6 – O Motim das Mulheres – O ano de 1875 tornou-se famoso e passou à História pela explosão de um movimento de rebeldia que se consumaram em alguns redutos da Província, como se deu em Goianinha, Canguaretama e Arês.

Delas, notadamente, o que ocorreu em Mossoró, teve característica especial, porque de um protesto pacífico, se transformou num tumulto popular, onde grupos de mulheres que tinham sido, ao que se diz insinuadas por terceiros, saíram das casas e percorreram as ruas armadas de facões e de porretes, desafiando as autoridades, e invadindo a secretaria da Junta de Alistamento Militar, de onde carregaram livros e papéis do Serviço, que dilaceraram e queimaram. Por pouco a cidade não ficou transformada numa praça de guerra, pois os soldados procurando manter a ordem, ampliaram a área do conflito.

Esse acontecimento insurrecional decorreu de fato ligado à queda do Gabinete de 7 de março de 1871, que deixava o poder a 23 de março de 1875.

À época, quem foi convocado para organizar o novo Gabinete foi o Duque de Caxias, que apresentou os nomes escolhidos a 25 de junho daquele ano.

Do ministério anterior, presidido por Rio Branco, ficou uma bomba de explosão retardada, que era o Decreto nº 5.881, de 28 de fevereiro de 1875.

Dito estatuto regulamentava o serviço do recrutamento de voluntários para as forças armadas, no caso, o exército e a marinha.

O Governo mandou de logo, executar o Decreto, e daí se esboçaram reações de grupos inconformados, como se deu no

caso de Mossoró, onde mulheres da sociedade e humildes evas suburbanas, se engolfaram de entusiasmo e promoveram aquele distúrbio popular correndo pelas ruas, aos gritos, dando pauladas, desfechando cacetadas, numa espécie de Guerra Incompreensível, e exemplo a de um Cartago, nordestina, exarcebada e violenta.

7 – A Rebelião das Mulheres Mobiliza a Câmara Municipal – Acontecimento que preocupou a opinião pública, a repercussão do Motim das Mulheres alcançou o poder público.

Na sessão da Câmara Municipal de 29 de setembro de 1874, foi votado o Ato de Postura adicional, que determinava:

Art. 1º É absolutamente proibido no quadro das ruas da cidade e seus subúrbios, o criminoso uso de revólveres, pistolas, garruchas, clavinotes, bacamartes, granadeiras, facões, facas de ponta, canivete-punhal, punhais, bengala-punhal, bem como todas as demais armas, reconhecidamente perfurantes.

Mas, à parte deste arsenal de belicosidade, na sessão de 31 de agosto, o Presidente Arcanjo declarou que ia levar ao conhecimento do Presidente da Província o fato que se deu ontem, nesta cidade, com relação ao arrebitamento e inutilização, por grande grupo de mulheres, dos papéis e livros em que se fazia o alistamento em face da nova lei, para recrutamento e sorteio dos indivíduos para o serviço do exército e da armada.

O registro esclareceu que “oficiou-se ao mesmo excelentíssimo Presidente da Província, participando-lhe o fato de haverem ontem, Mulheres em número de 300, assaltado a secretaria da Junta que está nesta Paróquia, procedendo-se o alistamento do sorteio, tomando, rasgaram os livros da dita junta”.

E por último, na sessão de 13 de dezembro de 1874, comunicava o Presidente que havia sido endereçado ao Presidente da Província, na data de 31 de agosto, ofício comunicando o fato de haverem mulheres rasgado livros e

demais papéis concernentes aos trabalhos da junta encarregada de fazer o alistamento para o exército e armada”. (4)

Estes registros confirmam de modo positivo o depoimento de ROMÃO FILGUEIRA.

O Motim das Mulheres de Mossoró contava mesmo com 300 subversivas.

8 -Figurava na Frente do Bando das Rebeldes uma Loura de Olhos Azuis – O Historiador Vingt-Un Rosado fixou um depoimento de Romão Filgueira, ao tempo, ainda testemunha viva do acontecimento, que constitui documento de alto valor memorialístico, sabendo-se como se sabe, que o depoente era o homem biblioteca de Mossoró, que disse:

“Ana Floriano, tipo de mulher forte, olhos azuis, cabelos louros, estatura além do comum para o seu sexo, encabeçava o movimento. No dia marcado, estavam umas trezentas mulheres reunidas em Mossoró, porque as próprias Evas dos arrabaldes haviam aderido ao motim. O cortejo rebelde partiu da atual rua João Urbano indo até à hoje Praça Vigário Antônio Joaquim. Aí, foram rasgados os editais pregados nas portas da Igreja e despedaçados vários livros. Da praça, Antônio Joaquim, dirigiram-se as amotinadas à praça da Liberdade, passando pela rua 30 de setembro. Naquele logradouro público, achava-se disposto um corpo de polícia, ali posto com o fim de dominar a sedição. Aos gritos de Avança, logo ficaram confundidos, no tumulto da luta, soldados e mulheres. Como era natural, foram várias as feridas, tendo a interferência de pessoas gradas da localidade evitado mais funestas consequências.” (5)

A D. ANA DE TAL, a quem maliciosamente se refere o Juiz de Direito da Comarca, no seu expediente de 4 de setembro de 1875, dirigido ao Presidente da Província, era pessoa de identidade firmada, como ele próprio afirma: Ana Floriana, mãe do jornalista e panfletário JEREMIAS DA ROCHA NOGUEIRA, Diretor proprietário do Jornal O Mossoroense, avô do jornalista LAURO DA ESCÓZIA.

Ao tempo, Romão Filgueira era um jovem impetuoso, rapaz de boa família, exaltado, que devia se encontrar no meio da rebelião, agarrado no cós da saia de sua mãe, Dona Maria Filgueira, esposa do Capitão Antônio Filgueira Secundes, figura de prestígio do Município. O jovem Romão Filgueira corria pela casa dos 16 anos fogoso e turbulento.

9 - Cocão – O Pecador Remido do Inferno – Mossoró é uma terra cheia de prodígios e de revelações impressionantes dos seus grupos humanos, todos formados de homens galvanizados do trabalho que produz suor, riquezas e valores.

O lugar, desde os seus primórdios, apresenta na sua crônica, registros de certos fatos curiosos, uns de natureza sociológica, que enriquecem a sua história e valorizam a tenacidade de sua gente, marcada pelo ineditismo e pela audácia, que são traços fundamentais do seu personalismo inconfundível.

Integra-se nos limites deste enunciado, o fato ocorrido por volta de 1867, que tem como figura central o tipo Álvaro Moreira, que não deixou outras memórias de maior avaliação, do que a configurada neste registro.

Na Vila de Santa Luzia, Álvaro Moreira, era por todo mundo chamado de Cocão, e tinha residência, de longo tempo, naquele meio, onde tinha seus amigos, e certamente alguns certos ponto de animada versão.

Segundo a lei da morte, lá um dia, viu-se preparado para a longa caminhada do outro mundo. Adoeceu, e como era de obrigação do descargo de consciência, foi o vigário Antônio Joaquim, para ouvir Cocão em confissão, o que na verdade, não se deu, pois Cocão tendo um inimigo negou-se de lhe pedir perdão. E morrendo sem confissão, o vigário não permitiu que seu corpo fosse sepultado dentro da Igreja, como acontecia com os que residiam.

E diante disso, o corpo do pecador foi enterrado, num matagal que se estendia por detrás da Igreja.

O esquecimento do tempo deitou uma pá de cal sobre o caso.

Mas, passados anos, em 1878, procedeu-se uma reforma na Igreja, que foi consideravelmente aumentada, estendendo-se a construção pelos terrenos do antigo matagal vizinho.

E sem que ninguém pudesse pensar no que estava acontecendo, a cova do pecador Cocão – de Álvaro Moreira, ignorado e esquecido de todos, ficou debaixo do Altar-mor, onde estava entronizada a Imagem da Padroeira Santa Luzia.

O historiador não se faz de imaginoso e pinta o quadro com as cores da realidade:

“Quem fora sepultado fora do ádito santo, no refúgio dos réprobos, ficou no lugar de honra do templo, na sede vida das cerimônias religiosas.”

O caso daria motivo a qualquer incrédulo perguntar:

- Teria porventura, o piedoso vigário de Mossoró sussurrado ao pecador Cocão, naquela hora extrema, lembrando-lhe naquela passagem admirável dos evangelhos, que diz:

- “JESUS veio ao mundo para nos remir”

10 – A Seca dos Dois Sete, Uma Calamidade – Ao lado da história política administrativa, não é possível fugir da realidade, distancial.

O comentário dos fatos de uma espécie de geopolítica dos elementos.

A situação geográfica sempre emprestou a Mossoró um privilégio de porta aberta aos roteiros dos sertões.

Durante as quadras bonançosas, aqui acorriam os negociantes dos núcleos de populações marginais e do interior à procura dos seus mercados e das duas casas de negócios.

Vem daí, o renome do seu comércio, mantido pela mobilidade do regime dos comboios, que cruzavam as estradas, para os rumos mais distantes.

No anos de seca, porém, a cidade se transformava em verdadeira Meca dos Retirantes. ⁽⁶⁾

A descrição de alguns desses acontecimentos ainda hoje arranca palavra de comoção e de dor.

A calamidade de 77, por exemplo, representa um desses períodos horrorosos da vida sertaneja:

A seu respeito não se pode fazer literatura, pois suas cenas constituem capítulos novos, na geografia da fome da gente nordestina.

11 – O Sociólogo das Secas – O Desembargador Felipe Guerra (26) pioneiro nos estudos desse ramo da sociologia rural, pinta o quadro nestes termos:

“Este ano de 77 jamais apagar-se-á da memória dos sertanejos, pela sua grande seca, que foi considerada pior que a de 45.

Em abril, geral descrença de inverno; estava tudo na maior consternação e calamidade com a seca, que vai devorando gado e gente.

Para Mossoró e outros pontos do litoral retiram-se as famílias acoissadas pela seca, todas andrajosas, famintas e na maior miséria, vão perecendo pelas estradas, Mossoró, para estes sertões, foi o ponto principal para onde fugiam todos.

Existiam em Mossoró, no fim de dezembro, cerca de 25 mil pessoas, cuja ocupação única era terem fome, e morrerem de miséria ou de peste: a tudo expunham-se para receber um litro de farinha.

Dessa população advéncia rara era a pessoa que vestia uma camisa sã, ou vestido sem remendos; muitos que antes eram possuidores de média abastança, estavam agora ali esmolando de porta em porta, por haverem atingido o máximo da miséria; e vão caindo mortos em seus casebres improvisados, ou pelas ruas e calçadas, donde são levados para o cemitério, para a vala comum por homens pagos para o transporte, e que com o cadáver atado a uma vara sobre o ombro de dois carregadores, seguem a cantarolar, no desempenho da lúgubre missão.

O descarregamento de costumes, o desprezo pelos sofrimentos, a improbidade, o avanço da lasciva, batem-se vantajosamente contra os sentimentos contrários que tentam refreá-los.

A mortalidade nos últimos meses no ano é espantosa, por toda parte; em Mossoró o obituário acusa uma diária de 30 a 40 pessoas. ⁽⁷⁾

Esta, a palavra do historiador.

A observação do sociólogo das secas.

12 – Amizades Enraizadas na Terra – Em Mossoró, de outra época mais recente, havia dois curiosos conversadores sem palavras: Felipe Guerra, o Juiz de Direito e Jerônimo Rosado, o farmacêutico. Os dois eram os mais legítimos paladinos da luta contra as secas e a favor de água para Mossoró. Na vivência desses problemas, que lhes consumiu as energias, os dois, como sonâmbulos que se encontravam à luz do dia, ficavam, horas a fio, se balançando nas preguiçosas, estiradas à sombra do alpendre da Casa-Grande, calados, olhando para as telhas, entregues a um **silêncio de ouro**, nos problemas do municipalismo, nas suas dificuldades, umas seculares, outras insolúveis, para muitos, porém, viáveis para eles. Viviam com esse mundo imenso de preocupações, felizes, atravessado na garganta.

Às vezes, quando o farmacêutico chegava mais tarde, a esposa vinha e perguntava:

- Demorou mais, Rosado? Houve alguma coisa?

- Não.

- Estava conversando com Tô Felipe respondia, de pronto o dono da farmácia que viveu quarenta anos numa servidão jubilosa, pensando em Mossoró. ⁽⁸⁾

13 – A Confirmação da Palavra Histórica – Segundo atesta Francisco Fausto de Souza, o inverno do ano de 1876, foi tanto ou quanto fraco. Já era o prenúncio da grande seca, que se iniciaria em 1877. No meado deste ano, Mossoró, já abria suas portas e recolhia milhares de esfarrapados, que se abrigavam à sombra das árvores, que procuravam, no dizer do cronista, escapar da morte, que já parecia uma companheira inseparável e má.

Essa avalanche humana crescia, e o número dos retirantes se avoluma, assustadoramente. “Estes tinham por único ideal, tudo fazer, inclusive da prostituição. Milhares de donzelas foram desvirginadas por indivíduos sem escrúpulos, sem humanidade, que se aproveitando da miséria, facilmente as seduziam por uma migalha qualquer.

O índice de mortandade chegou ao auge.

A seca de 77 a 79 foi a mais horrorosa de que há notícia na história de todo o século passado. ⁽⁹⁾

De um lado, em importante depoimento sobre a catástrofe daqueles anos terríveis, Vingt-Un Rosado dá um depoimento impressionante do rebanho dos equinos só escaparam em Mossoró 4 animais, pertencentes: um, a Manuel Januário, da Picada; um, a velha Cocota, dos Guilhermes de Melo, no Camurupim, outro a Manuel Xavier, e o último, a Florêncio Cortes”.

Por quase nada, não se extinguiu a espécie.

O quadro doloroso da seca encontrou ressonância na palavra do escritor Luiz da Câmara Cascudo, quando escreveu:

“E Mossoró foi a cidade acolhedora dos indigentes de 1877-80.

Não apenas 40.000 mas 70.000 abrigaram-se na proteção da terra generosa. As epidemias dizimaram, de janeiro de 1878 a outubro de 1879, 35 mil vidas.” ⁽¹⁰⁾

E o Presidente da Câmara Municipal, em expediente dirigido ao Presidente da Província exclamava angustiado:

- São tão tristes e lamentáveis as circunstâncias em que se acha a população indigente desta cidade, superior a 40.000 (quarenta mil) emigrantes de diversas províncias, aqui aportados quase por um milagre, que, famintos e afetados de inchação das extremidades inferiores, que esta Câmara faltaria ao seu dever se deixasse de, por sua vez, levar a presença de V. Ex^a este deplorável estado de coisas.

Na verdade, um verdadeiro estado de calamidade pública.

“Atas da Câmara Municipal de Mossoró.”

14 – Retorno ao Tempo dos Primeiros Sinais do Morse

– Mas, num retrocesso pelas fronteiras da memória, que incide, por qualquer motivo, num registro histórico, alguns anos antes desse ciclo tormentoso das longas estiagens, o negociante alemão, WILLIAM DREFEN, estava requerendo à Câmara Municipal de Mossoró, licença para abrir uma casa comercial, nessa cidade.

Certamente vem daí a alusão da carta de Romão Filgueira em que ele declara:

“Efetivamente era grande o movimento, nesta praça, em 1869, 70 e 71.”

Para considerar essa situação do “seu alentado comércio”, ainda nesse ano de 1879, no dia 21 de agosto, Mossoró era alcançada pela posteação de ferro com que se ligava pelos fios do telégrafo e pelos sinais de “Morse”, à Cidade de Natal, com o extraordinário sistema de comunicações, que viria quebrar a monotonia da vida rotineira do lugar.

Com ele, vinha também um considerável impulso para o progresso da cidade.

As distâncias encurtavam suas dimensões. ⁽¹¹⁾

A civilização ficava mais próxima.

E Mossoró, entrava, verdadeiramente, numa era revolucionária.

No curso da história é possível apontar um fato que dá ideia da importância desse serviço.

Por volta do ano de 1886, o Presidente da Província JOSÉ MOREIRA ALVES DA SILVA, se encontrava fazendo uma visita a Mossoró, acompanhado de ilustre comitiva. Pois no meio da festa de recepção, foi surpreendido por um telegrama que o chamava a Capital onde alguma coisa de anormal se passava que reclamava sua presença.

José Moreira Alves da Silva, calmo, despediu-se dos presentes e partiu numa disparada, matando cavalos, enquanto no meio da multidão estarrecida, frustrada com o fim da festa, levantava-se a pergunta:

– Que notícia alarmante teria trazido para o Presidente aquele telegrama?

BIBLIOGRAFIA

- 1 – Francisco Fausto de Souza – Mossoró no século XIX, História de Mossoró – 1980.
- 2 – Ídem, idem.
- 3 – Horácio de Almeida – Estudos sobre o Nordeste.
- 4 - Atas da Câmara Municipal – 1874.
- 5 – Vingt-Un Rosado – Coleção Mossoroense.
- 6 - Francisco Fausto de Souza – História de Mossoró – 1980.
- 7 – Felipe Guerra – Seca contra as Secas, 1976.
- 8 - Luís da Câmara Cascudo – Jerônimo Rosado, Uma Ação Brasileira na Província – 1861-1930.
- 9 – Ídem, idem.
- 10 - Luís da Câmara Cascudo – Documentos para História de Mossoró.
- 11 – Augusto Tavares de Lira – Chorografia do Rio Grande do Norte.

Data da década que vai de 1879 a 1880 o estabelecimento das primeiras linhas telegráficas no Rio Grande do Norte, onde existem, de presente, as seguintes estações: Mossoró – 21 de agosto de 1879 (págs. 111 e 112).

CAPÍTULO VI

A EXPANSÃO COMERCIAL DO SÉCULO XIX

O Ciclo Áureo do Negociante Estrangeiro – Examinada, nesse período, a extraordinária projeção do emigrado europeu, descobre-se que este se situa num lugar de particular relevo no campo do desenvolvimento econômico, político e social de Mossoró, estudado nos quadrantes do século XIX.

Nesse fase histórica de profundas transformações ideológicas, é possível observar-se uma total mudança na vida dos grupamentos humanos, tanto nos costumes dos seus moradores a que eram submetidos de surpresas, na alternativa dos seus hábitos tradicionais, mas, sobretudo, nos rumos da sua rotineira economia, poucos ainda se apercebendo das razões daquelas modificações que se processavam, abruptamente, no ritmo da sua vida.

1 – A Pecuária já não Produzia mais Riquezas – Descrentes do resultado da luta das fazendas, com o gado sem resistir ao rigor de prolongadas estiagens e onde os rebanhos decresciam de número e de valor, o famoso ciclo da pecuária que remanesce dos dias do século XVIII, já não tinha possibilidades de se renovar com a mesma progressão miraculosa, de continuar e de se repetir como fator de ordem econômica, predominante sobre a agricultura na produção da riqueza rural.

Assim, diante de uns tempos novos, as preocupações de todos estavam voltadas para a atividade mercantil, bem mais rendosa e de menor investimento para o jogo da especulação solta, das transações, da troca da mercadoria pelo dinheiro em circulação, pela moeda sonante, atraindo para isso, o velho trabalhador dos sítios, das fazendas, que lutava sozinho e desajudado, tantos anos, contra uma natureza madrastra e contra seus elementos, também tantas vezes agressivos e provocadores.

E como força estranha, para alargamento dos negócios que nasciam modestamente, surgira no pequeno meio, a infiltração poderosa de um sangue novo e forte, ambicioso, cheio de entusiasmo e de capacidade de trabalho de um homem esquisito, extraordinário e voluntarioso: o Estrangeiro.

2 – Gente Nova Chegada de Outras Terras – Lá das bandas do Velho Mundo, desgastado das lutas e da incompreensão humana, chegara, um dia o desconhecido aventureiro.

Sua fala, sua língua, poucos entendiam. Era o comerciante estrangeiro, que vinha possuído de ideias sadias, de uma mentalidade renovada, que procurava paz, numa terra desconhecida do Novo Mundo, projetando iniciativas e criando estímulos para o trabalho.

O estado de espírito dos locais era de estupefação e de surpresa, ante aquela invasão. E daí, a pergunta que pairava no ar, sem encontrar resposta:

- Mas, que espécie de gente era essa?

- Que estranhos homens eram esses, que deixavam suas terras banhadas pelos lustros da civilização e de cultura, e velejavam como seres errantes para um lugarejo sem projeção no mapa-mundi, que possuía apenas um nome sonoro, porém desconhecendo o conforto de qualquer serviço de utilidade que proporcionasse o mínimo de bem-estar a um indivíduo de modesta posição social?

Seriam, porventura, simples aventureiros? Homens que o destino cego atirava ao desconhecido? Exploradores da ignorância dos incautos?

Curiosos à procura de motivos que já não encontravam em outras terras? Ou seriam simplesmente cavadores de riquezas, daqueles que as lendas tinham espalhado por outros Continentes, sobre o País Fabuloso do Eldorado?

Talvez, não fossem somente isto, pois muitos deles, senão todos, deviam ter seus motivos superiores, suas razões sentimentais, seus casos, suas incompatibilidades humanas e espirituais.

Certamente, alguns deles deviam ser vítimas da ortodoxia religiosa, então girando no mundo da intolerância. Outros, de perseguições de Inquisição, e tantos, da violência da política sempre usando dos mesmos métodos, em qualquer parte do planeta.

E desse modo, sem que pudessem sobreviver a essa desigualdade de tratamento a que eram submetidos, deixavam suas terras, casas, famílias, cemitérios e recordações mais queridas, e abriam os braços para as Terras prodigiosas do Novo-Mundo, esperando encontrar nelas um lugar ao sol para um estágio tranquilizador do afeto e da amizade. Por isso, a vinda dos estrangeiros.

E qual o motivo fez de Mossoró essa espécie de Terra da Promissão, onde tantos emigrantes viriam parar, uns para o resto da vida?

A explicação poderia perder-se no giro dos enigmas, sem resposta alguma, salvo o caso de Ulrich Graf cujos precedentes são conhecidos.

Para os demais, também há explicação, na linha da razoabilidade.

Os estrangeiros saíram da Europa com destino marcado. Tudo leva a crer que se dirigiam para Recife, uma cidade de alto comércio, onde dominava um espírito de cosmopolitismo generalizado, que repercutia lá fora, pelos seus lances de lutas armadas, de atos de rebeldia, de revoluções e de arcabuzamentos dos vencidos, mas uma terra admirável, onde o homem tinha ensejo de ser livre e o direito de morrer pela liberdade.

Nesse meio, os emigrantes europeus fizeram contatos com negociantes, com firmas e argentários de toda espécie.

E nesse intercâmbio de negócios e de cultura, descobriam o nome de Mossoró, uma Praça para muito deles, até então ignorada, porém um forte centro de atividades mercantis.

Estava aberto o caminho para um grande ciclo migratório dos negociantes estrangeiros para Mossoró, onde a colônia era uma força poderosa.

3 – Casa Graf – Este foi o caso do suíço JOÃO ULRICH GRAF, um empresário suíço, rico e cheio de ideias progressistas, que aportou em Mossoró para instalar uma poderosa firma comercial, de importação e exportação de produtos regionais. Sua vinda para esta cidade não foi obra do

acaso. De princípio, vinha ele com intenção de instalar sua firma, na cidade de Macaíba, favorecida por certas circunstâncias, até por uma espécie de clima de Capital, que estão desfrutava. Mas, um intenso trabalho desenvolvido pelo Vigário Antônio Joaquim, Deputado A. Provincial bastara para convencer o Graf de que realmente Mossoró possuía todas as condições reclamadas para desenvolvimento dos seus negócios, tais como o volume das mercadorias que teria de adquirir, como um rio ligando-a ao mar, numa distância de pouco mais de 30 quilômetros. Demais, contando ainda com a sua especial situação geográfica, com linhas de comunicações para o interior, servida por velhos caminhos e estradas das boiadas, ensejavam-lhe outras oportunidades para concentração de um vasto comércio regional, quase todo ainda entregue ao giro de pequenas especulações. O fator geográfico seria assim, por demais propiciatório. E por isso, não foram vãos, os argumentos do pároco de Mossoró.

O suíço veio verificar a realidade e se convenceu da verdade. Diga-se para esclarecer que, essa preferência por Mossoró, não foi coisa fácil de decidir, pois o Presidente da Província Dr. Jerônimo Cabral Raposo da Câmara, por motivos óbvios, tinha lá suas razões preferenciais, para que a escolha recaísse mesmo sobre Macaíba. O suíço, além de comerciante era um homem prático.

- Mossoró não era uma expectativa. Era uma realidade.

Daí, surgiu a famosa CASA GRAF, fundada em Mossoró, em 1868, com instalações próprias em prédios construídos em um grande terreno comprado a Souza Nogueira pela elevada importância de 500\$000 (quinhentos mil réis), ao tempo, soma fabulosa, sabendo-se que o orçamento votado pela Câmara Municipal para o ano de 1867, não passava de 251\$000 (duzentos e cinquenta e um mil réis). (¹)

Ainda um argumento de relevo, em abono da conduta do Vigário Antônio Joaquim e do seu interesse pelos problemas de Mossoró, é o que refere que os suíços eram de religião protestante, irreconciliáveis com os católicos. Nada disso in

fluiu para o bom entendimento entre o industrial progressista e o sacerdote zeloso do seu credo, mas, amante da sua terra. Bela lição dos ensinamentos do Cristo.

A ação do vigário foi tão decisiva que, chegou a conseguir do Governo da Província a votação de uma lei que isentou a CASA GRAF & CIA do pagamento dos Impostos Provinciais, durante três anos.

O trabalho de Ulrich Graf foi tão impressionante, que projetou o nome de Mossoró em terras do Velho Mundo.

O suíço, um empresário cheio de grandes ideias, além das atividades ligadas ao setor de comercialização, se propunha a maiores empreendimentos, tendo apresentado à Assembleia Legislativa Provincial, em data de 22 de junho de 1865, um memorial pleiteando os privilégios para construção de uma Estrada de ferro de penetração, partindo de Mossoró e a terminar nos limites da província, a pouca distância das Serras de Portalegre, Martins e Luís Gomes.

Concluindo por afirmar:

“Uma estrada de ferro reanimava tudo e talvez por sua gerência inteligente e livre a indústria, ainda tão pouco conhecida neste País, tomaria um impulso sem dúvida considerável.”

A concessão foi concedida, mas por falta de execução dos trabalhos, caducou.

Também foi JOHAN ULRICH GRAF o idealizador de um núcleo pioneiro de agricolização rural, ponto de partida e célula histórica da atual Escola Superior de Agricultura de Mossoró – ESAM – ideia que se veio a concretizar passado mais de um século pelo esforço e iniciativa de uma política de criatividade e de Patriotismo desenvolvida pelo Senador Dix-Huit Rosado, seu patrono.

Na época do GRAF, nem toas essas coisas se realizaram como ele sonhara, tendo o empresário empreendido uma viagem ao Pará, onde tinha casas iguais sob sua direção. “Ali chegada, afirma Romão Filgueira, a visão soberba das florestas e os acordes harmoniosos das volatas do Yapuru o extasiaram, enquanto chamava-o a fatalidade, seguindo rio acima, onde

muito se internou, sendo vítima da sua Audácia Fortuna morto pelas febres reinantes ou do curare de flechas do índio traiçoeiro, terminando assim seu beneficente sonho, ao que se pensa, ficando talvez insepulto naquelas plagas do Inferno-Verde”. (2)

Tal era a importância dos negócios desenvolvidos pela Casa Graf, que o nome de Mossoró transpôs as fronteiras, e ficou sendo conhecido em outros pontos do antigo continente.

Do vulto das suas transações se pode ter ideia pelo fato de Ulrich Graf contratar embarcações com armadores de portos europeus para transportar mercadorias para Mossoró, como se vê deste registro:

“em abril de 1867, aporta no Sítio das Areias Brancas, a Barca Inglesa “CALDERBANK”, consignada à firma GRAF, de Johan Ulrich Graf, da Vila de Mossoró”. (3)

4 – William Dreffren, o Comerciante Germânico – A presença do alemão William Dreffren em Santa Luzia é pioneira entre os estrangeiros que desenvolveram atividades comerciais em Mossoró, com uma importante firma instalada nesta Vila, no ano de 1872, quando dava entrada na Câmara Municipal, um requerimento de licença para manter portas abertas dos seus estabelecimentos para venda de mercadorias nacionais e estrangeiras.

O germânico era um tipo expansivo, curioso, vermelhaço, suarento como um barril de cerveja de Hamburgo.

Encontrava-se, assim, em Mossoró, desde alguns anos da chegada de Ulrich Graf, favorecido por uma singular estrela comercial.

William Dreffren era homem de bom lastro cultural e possuidor de largo relacionamento e contatos sociais, pois além da atividade mercantil era, fora dos negócios, um cavalheiro de fino trato, sempre fazendo amigos, aos quais dispensava atenções e palavras amáveis.

O grupo era constituído por dois irmãos, William e Germano. Este, de sua parte, era um artista de altos predicados,

musicista, que tocava harpa e promovia reuniões, em que deleitava os seus ouvintes, que ficavam extasiados, ouvindo – executar no instrumento famoso – as mais belas sinfonias, valsas danubianas, canções dos guerreiros teutões, trechos de operetas famosas, conforme testemunho do moço Romão Filgueira, seu frequentador habitual. ⁽⁴⁾

A figura desse comerciante de invulgar personalidade, logo dominou os habitantes da Vila de Santa Luzia, proporcionando-lhes casos de verdadeira originalidade, como foi o da apresentação das primeiras pedras de gelo, chegada a Mossoró, trazidas de bordo dos navios, que demandavam de portos europeus conduzindo mercadorias que seriam transbordadas do Sítio da Areias Brancas, para aquele longínquo lugarejo, onde rebrilhavam, à margem do seu rio, as mais ofuscantes montanhas de sal, tão alvo como a neve, dissera dele, um representante da Companhia das Índias Ocidentais, vindo do Recife, há tantos anos.

Até mesmo o ponto da Casa Comercial de William Dreffren, apesar das deformações, que em sucessivos anos, vem alterando o plano urbanístico de Mossoró, ainda hoje, é possível localizar com certeza, graças ao poder memorialístico de Romão Filgueira, que indicava o local da sua instalação, um grande armazém fronteiriço, da atual Praça da Redenção (ao tempo Praça da Liberdade), fazendo esquina com o antigo Beco-Pau-Não-Cessa, começo da Rua Almino Afonso.

No local indicado, ficava em dia deste século a casa de residência do comerciante Antônio 12 Anos, figura popular da cidade, mais tarde emigrando para São Paulo, onde viveu longos anos com numerosa família, que encaminhou para a vida, por força de um trabalho honesto.

Em publicação desta década, o jornal O Mossoroense, na sua coluna “há cem anos”, divulgava:

“Ao comércio em geral – Tenho a honra de levar ao conhecimento do honrado corpo comercial desta cidade e de todos agricultores e comerciantes desta e das Províncias limítrofes que acabo de estabelecer nesta cidade sob a

firma de meu próprio nome - William Dreffren, uma casa de compra de algodão, couros e finalmente de todo e qualquer gênero e produtos do País, que possam afluir a este mercado, pelo que peço a todos os negociantes desta praça e agricultores e comerciantes do interior se dignem honrar-me com a sua confiança.

A longa e constante prática que tenho adquirido nos principais mercados do norte do Brasil, da Inglaterra e da Alemanha, e os amplos meios de que felizmente dispondo, me permitem garantir a todos, aquelas vantagens, que me devem assegurar apreço e estima.

Temos pois a liberdade de oferecer a todos os meuspréstimos, assim para negócios comerciais e de comissão, como para qualquer outra transação mercantil.” Mossoró, Praça da Liberdade, novembro de 1872. - William Dreffren. ⁽⁵⁾

5 – Já se Anunciava no Jornal – Pois não é que em Mossoró dos velhos tempos, quando as ruas eram iluminadas pela lua, quando se bebia água de cacimba e se dormia com os toques das Ave-Marias, chegou um dia, o recesso do engolfamento da civilização ultramontana, quando se vieram instalar, na modesta Vila de Santa Luzia, nada menos de três firmas francesas importantes, onde se vendia um completo sortimento de fazendas inglesas, francesas, suíças e alemãs.

E diga-se que eram mesmo importantes, pois uma delas se apresentava pelo jornal O Mossoroense, com vasta propaganda, dizendo

“Anúncio: H. Léger, negociante, importador da praça de Pernambuco, avisa ao respeitável público, com especialidade aos Srs. Sertanejos que acaba de abrir nesta cidade um estabelecimento de secos e molhados sob a firma de Léger & Cia., onde muito bem se pode servir as pessoas que se quiserem prevenir de fazenda e molhados, garantindo-lhes não só um preço inteiramente razoável como também sinceridade.

Aonde se vende barato em Mossoró? No armazém francês, Largo da Liberdade. Defronte à casa do Sr. Nogueira.

No armazém francês encontrará o respeitável público um completo sortimento de fazendas inglesas, francesas, suíças e alemãs, assim como grande sortimento de molhados que serão vendidos a dinheiro por preços nunca vistos nesta cidade. Os proprietários deste estabelecimento desejam ter uma freguesia certa a fim de venderem muito embora sujeitem-se a lucrar muito pouco, e firmes neste propósito esperam que os srs. do centro não deixarão de vir a este estabelecimento prevenirem-se do que precisarem. – Léger & Cia.”

6 – O Armazém da Francês H. Léger em Mossoró –

Pela sua extrema capacidade de mobilização, versatilidade de espírito, a linhagem do nível social do gaulês e expansão da sua influência cultural sobre os demais grupos migratórios em êxodo para o Brasil, o elemento francês cedo revelou seu predomínio sobre as outras correntes, e na cidade brasileira passou a exercer certas normas de comércio, no meio da sociedade tradicionalista, por vezes impenetrável, da sociedade tradicionalista do meio-dia do século XIX.

Sua presença de contagiante entusiasmo ditava certos capítulos relacionados com o meio social, por sua maleabilidade, sendo um poderoso sustentáculo do comércio, que incentivava com sua invulgar capacidade de trabalho e de organização.

Há casos típicos de cidades importantes, para só falar do Rio de Janeiro – a CORTE – onde se localizava a Rua do OUVIDOR, sendo ali o ambiente caracteristicamente parisiense.

Em todo o seu curso, nesta artéria movimentadíssima, só se pensava em francês, só se ouvia solecismo, pois tudo ali era gaulês, casas de moda, atelier de costuras, armarinhos de souvenir, salões de beleza, cabeleireiros, perfumarias, lojas de artigos musicais, bijuterias de luxo, rendas, jóias, tecidos de refinado gosto, livrarias, bares, cafés tradicionais, como O

PAPAGAIO (este na Rua Gonçalves Dias), bem como a COLOMBO, os nomes das casas de negócios, desfiles de elegância feminina e dos janotas de monóculo e de bengala, tudo respirava um clima de exagerado francesismo. ⁽⁶⁾

Este destaque dado às três grandes firmas, empresas de maior porte e vulto de transações, no caso Ulrich Graf (suíço), William Dreffren (alemão), e H. Léger (francês), não isola a importância dos vários grupos de estrangeiros radicados no comércio de Mossoró, como se vê dos requerimentos dirigidos à Câmara Municipal como pedido para manter portas abertas das casas comerciais de: Léger & Cia. (francesa), Henry Adms & Cia. (francesa), Teles Finizola (italiana), Frederico Antônio de Carvalho (luso), Gustavo dos Prazeres Brayner (francesa), Graf & Cia. (suíça), sucessora de John Ulrich, Guyanes & Cia. (suíça), Estrangeiro Alemão – Jose Damião de Souza Melo (português) e Conrado Mayer (suíço), antigo empregado da Casa Graf, “o qual ganhando em pouco tempo, uma fortuna nesse giro de negócios, fez patrimônio superior a 400 contos de réis. E foi assim que Mayer como prova de fogo e com muito dinheiro, no mesmo local continuou nas compras de algodão, levando o comércio enfraquecido por prolongadas secas, tomou força e vigor chegando Mossoró ao apogeu da grandeza comercial”. ⁽⁷⁾. Em 1871, moravam em Mossoró, 18 estrangeiros – Vingt-Un Rosado – “Andanças Pela História de Mossoró” – Col. Mos. Vol. XLIV.

Mais tarde Conrado Mayer, mudando-se para Areia Branca, morreu em estado de mais completa pobreza.

7 – A Casa do Barão de Ibiapaba – Francisco Fausto de Souza dá atestado de que o período de 1868 a 1877, foi muito útil ao comércio de Mossoró, com o negociante comprador de mercadorias do País, com especialidade a pele de cabra e de carneiros. ⁽⁸⁾

Fato que merece registro especial, é o que fala do capital nacional que penetrava em Mossoró, quando se instala em Mossoró uma grande Casa Comercial com serviço de

representação bancária, a Casa Mossoró & Cia. De propriedade de JOAQUIM DA CUNHA FREIRE, que fez um grande movimento na Praça.

Foi seu primeiro gerente João Cordeiro, “que aqui se distinguiu pelos conhecimentos comerciais e cavalheirismo, deixando grandes recordações do seu trato”.⁽⁶⁾

Nesse meio tempo que decorreu de 1860 a 1870, é de trabalho intenso, autorização de planos da cidade que se alargava conquistando os bairros próximos, que se iam arruando, progressivamente.

É a cidade da exportação, fornecedora de todo o Oeste e mesmo grande parte do Centro e do Agreste. Sua projeção avançava pelo interior de três Províncias nordestinas.

O volume de sua transação podia ser avaliado pelo número de suas firmas, sendo significativo acentuar-se que mesmo na fase da grande seca dos dois setes, suas casas de vendas alcançavam os seguintes números: em 1877 eram em número de 70, e em 1878/79, se encontravam registradas, 53 e 68 casas, em cada ano, tantas as que requeriam licença para manter portas abertas de casas de comércio.

E depois de passada a crise, avolumaram-se as fortunas pessoais. Mossoró recebe curiosidades de terras longínquas, bebidas, louças, ferragens, fazendas, jóias trazidas pelos comerciantes que estabeleciam intercâmbio.

Era a fase decisiva para o desenvolvimento econômico do Município.

Para esse surto expansionista muito concorreu a casa Mossoró & Cia., do Barão de Ibiapaba, instalada em Mossoró, em 16 de novembro de 1868, com elemento humano e capital vindos do Ceará. Do primeiro, é de se pôr em relevo, o nome de João Cordeiro, ardoroso abolicionista.

8 – Os Sobrados na Arquitetura da Cidade – A situação privilegiada e a boa condição econômica do comerciante de Mossoró, podiam ser avaliadas pelas arquiteturas do conjunto residencial de suas casas de bom estilo, grandes mansões que remanesciam da era colonial, com largas fachadas, onde se

abriam portas e janelas, com platibandas salientes, de onde pendiam, agressivamente, os famosos canos de jacaré, que davam vazão às águas pluviais roladas dos telhados, durante os temporais, sempre acompanhados de fortes trovoadas, não raro de alguns raios fulminantes.

Vem, talvez, desse tempo, a prática tão comum em Mossoró, do “banho de chuva”, aproveitando aqueles jorros violentos que se despejavam pelas bocas cheias de dentes dos jacarés de zinco agressivos, porém, inofensivos.

Do meio do ajuntamento, sem qualquer simetria das moradias, com casas sempre conjugadas, presas umas às outras, parede-e-meia, sem qualquer área interna de ventilação e iluminação, mas dispendo sempre pela parte de fundo, de amplos quintais, murados ou fechados com faxinas, com fruteiras e chiqueiros para criação de animais domésticos; sobressaíam em algumas ruas, os pesados sobradões, pertencentes às pessoas ricas, que serviam de residências, no segundo pavimento, e de casas de comércio, instalada no primeiro, confortavelmente.

Destes edifícios, uns seculares, merecem referência, o sobrado de Joaquim Nogueira, na Praça da LIBERDADE, ainda resistindo para sobreviver, desafiando, a ferro e a a fogo, as picaretas de um progresso deletério. Este foi o primeiro prédio dessa categoria, construído em Mossoró, seguindo a vitória comercial do seu proprietário, chegado a Mossoró, vindo do Aracati, em 1845.

O segundo, em via de idade, era de Henrique Clementino Lopes Galvão, onde se hospedava o Cangaceiro Jesuíno Brilhante, nas suas incursões pacíficas, a Mossoró. Este sobradão, em caminho de ser demolido, pertence à família do jornalista Martins de Vasconcelos, e daqui, deste livro, que vai ficar nos registros históricos de Mossoró, convoca-se a boa vontade do industrial Francisco Vasconcelos, para repô-lo nas suas condições primitivas. Dali, fugiu seu velho progenitor, numa madrugada, das perseguições feitas aos cafeístas, taxados de comunistas, para encontrar sombra e água fresca, no sítio

Ôlho d'Água, do bravo sertanejo Chico Sérgio, em Catolé do Rocha, na PB, o local é a Rua 30 de Setembro, 158. O apelo fica no ar.

Do português, egresso do Recife, é o sobrado de Antônio Miranda, na antiga Rua do Graf, hoje Dr. Almeida Castro, onde residiu a sua vida toda, fazendo benefícios à Cidade, que tornou sua terra.

Ainda nesta rua, se encontrava o sobrado de Hemetério Cunegundes de Oliveira Leite, ali instalada uma fábrica de cigarros, a Tabacaria Leite & Irmãos. E em frente, na mesma rua, o sobrado de residência desse progressista industrial, cujo nome já relembrei em livro.

Na Praça Barão de Ibiapaba, do lado esquerdo da Rua Dr. Almeida Castro, existia um pequeno sobrado, que alcançou a segunda metade deste século. Não foi possível identificar o nome do seu proprietário ou construtor, mas sabe-se, por segura informação de Romão Filgueira que nele funcionou o RECREIO FAMILIAR, sociedade organizada pelo português Manuel Gomes de Oliveira e Silva, ocorrência registrada lá pelo ano de 1873. ⁽⁹⁾

Ainda nesta praça, que mais tarde passou a se chamar de Chico Tertuliano, no lado oposto, e situado na esquina da rua, ficava um velho sobrado, onde foi instalada a maçonaria. No local, foi construído o prédio onde se instalou a firma Miguel Faustino do Monte & Cia.

Delmiro Rocha, da Paraíba, possuía um sobrado na Praça do Mercado, atual Praça da Independência. Aí, teve seu estabelecimento comercial, o caraubense Aderaldo Zózimo, um homem de muitos conhecimentos.

Na Praça da Matriz, hoje Vigário Antônio Joaquim, ficava no começo da Rua do Comércio, um pequeno sobrado, onde Antônio Miranda e Alcebiades Aristóteles Wanderley, tiveram uma fábrica de cigarros, denominada “Nova Esperança”. Nesse ponto, no pavimento térreo, esteve por muitos anos, funcionando a tipografia do jornal O Nordeste, de propriedade do jornalista Martins de Vasconcelos. Foi completamente remodelado, onde

funcionam os serviços da Sociedade União de Artistas, que é proprietária do imóvel.

Na Rua Coronel Gurgel, ficava um outro pequeno sobrado, onde morou o Dr. Paulo Leitão Loureiro de Albuquerque – o poeta da Abolição – fixado num livro de Walter Wanderley. Este sobrado, foi por muitos anos a oficina e redação do Correio do Povo, do jornalista José Octávio Pereira Lima.

Do lado do nascente da cidade, duas edificações que nunca podem ser esquecidas: o Prédio da Loja Maçônica “24 de Junho”, entidade “onde nasceu a Abolição”, e o sobrado da cadeia velha, construído na quadra das secas de 77, onde funcionava a Câmara Municipal de Mossoró, e se realizou a memorável, histórica Sessão de 30 de setembro de 1883.

Hoje, aí se encontra instalado, depois de completamente remodelado, sem se lhe desfigurarem as linhas e o contorno primitivo o MUSEU HISTÓRICO MUNICIPAL DE MOSSORÓ.

E dos casarões memoráveis da cidade, cito, apenas, a mansão do Coronel Antônio Filgueira Secundes, aquele mesmo que teve sua esposa envolvida no Motim das Mulheres, em 1875.

Nesta casa da Rua Almeida Castro a Abolição teve instalado seu quartel general, sua fortaleza de combates. Está inteiramente reformada.

9 – A Burocracia – Pois aí, ensaiava seus primeiros passos, no meio dessa revolução comercial. Tanto assim que no modesto serviço público dava sinal de sua irritante presença até no uso de tinta que se empregava na escrita. Assim, os atestados passados pela Câmara Municipal, em 1875, eram devolvidos pela Tesouraria da Fazenda, porque estavam escritos com tinta roxa!

De sua vez, a própria Câmara Municipal não ficava por menos, a tal ponto também rigoroso que, quando o aferidor e advogado João da Costa Andrade requereu informações para pleitear os vencimentos atrasados e como o fizesse numa folha engordurada, obteve, a 12 de outubro de 1878, o despacho saneador: Requeira em papel limpo. ⁽¹⁰⁾

Não respeitam, sequer a data do descobrimento da América!

Daí, pensar-se que, o Brasil, País do Futuro – na imagem de um estrangeiro de alta cultura – Stefan Zweig – tanto tem sido entravado na sua marcha pelo espírito malsinado dessa velha praga que tanto tem deteriorado o serviço público, impunemente.

10 – A Cidade Grande – Mossoró se expandia. Adquiria ares novos que lhe modificavam o meio ambiente.

A fisionomia barroca da Cidade Colonial se transformava num agitado centro de atividades humanas de onde se projetava o trabalho de certos tipos de homens vigorosos, que construíam uma poderosa civilização, plantada na caatinga.

Um grande mural desse cenário, onde corria uma verdadeira máquina do progresso, foi delineado pictoricamente, pelo etnógrafo – historiador LUÍS DA CÂMARA CASCUDO, numa página em que fixa o potencial criador da CIDADE DO 30 DE SETEMBRO, revendo-a através do espelho mágico do passado:

...”A Cidade já robusta, ambiciosa, fremia de esforço incessante, numa concentração de trabalho ininterrupto, do sonho estimulador, de planejamento constante, vértice de ângulo dos comboios intermináveis, trazendo e levando tudo. Para ela desciam os retirantes dos oeste, os paraibanos fronteiriços, os cearenses vizinhos. Era um núcleo de atividade comum às três Províncias, não hóspedes mas companheiras na tarefa da sobrevivência. Os grandes mossoroenses iniciais, plantadores da Cidade, vieram de outros municípios ou foram cearenses como Almeida Castro e o vigário Antônio Joaquim, ou paraibanos como Jerônimo Rosado. Assim, os comerciantes fundadores do poderio financeiro, os criadores da economia, eram na maioria, mossoroenses profissionais. Conterrâneos pela escolha do domicílio. Nenhum se sentia estranho, intruso, inoportuno, naquela

colmeia de eterno sussurro, nacionalizando todas as abelhas colaborantes. Mas a Cidade de Mossoró possuía atributos urbanos, tradição de bandas de música, exibição teatral, descaroadores mecânicos de algodão, escolas noturnas, Maçonaria, a arrancada abolicionista de 1883, as boticas sortidas, as “novidades” em fazendas, perfumes vulgares, jóias baratas, o funcionamento do Telégrafo, a próxima Areia Branca, via Porto de Santo Antônio, uma porta aberta para o Atlântico.

Era o núcleo populacional que dava ao sertanejo a impressão atordoante da Cidade Grande! A grandeza explicava-se pela sonora movimentação comercial, repercutindo longe, como longínquo anúncio de festa. As estradas enchiam-se de tropeiros de gente evadida à subalternidade das vilas adormecidas, andando a pé, semanas, alimentada pela esperança, na pista do Mossoró. Os tangerino, veteranos de ida-e-vinda, derramavam a fama dos assombros vistos e regabofes saboreados na “cidade sem-fim”. Muitos rapazes lhe deviam a iniciação do paladar e do sexo, a cerveja, o pão, a “muié dama”, a facilidade dos contatos com as mulheres solteiras, “as solteiras, termo que nos sertões tem o pior dos significados, desenvoltas e despejadas, soltas na grandice sem freio”, na observação de Euclides da Cunha.

Mandava-se trocar dinheiro no Mossoró. Ou solicitava-se que o pagamento fosse feito em moedas divisionárias. Os portadores de confiança traziam os sacos de moedas de prata e níquel, duzentos réis, cruzados, patações, numa espantosa demonstração de riqueza inacabável. Os maços de cédulas não davam essa impressão de fartura, semelhante à visão dos montões reluzentes contados aos punhados, enchendo-se a mão sequiosa. Vinha do Mossoró, aquele dilúvio conquistador. Não apenas eram fregueses os norte-rio-grandesenses do oeste e do Seridó mas o mundo das ribeiras do Piancó e do rio do Peixe, na Paraíba, o alto sertão pernambucano, o

povo fraterno ao longo do Jaguaribe. Mossoró antecipara Campina Grande e herdara a clientela do Aracati. ⁽¹¹⁾

Nesse imenso e efervescente laboratório de ideias liberais, onde viviam homens que defendiam os princípios da Revolução Francesa, corporificados na trilogia Igualdade, Fraternidade e Liberdade, nasceram, pelo menos três grandes instituições que representavam o pensamento revolucionário da Abolição em Mossoró:

1 – O jornal O Mossoroense, de Jeremias da Rocha Nogueira, em 1872;

2 – A Fundação da Loja Maçônica “24 de Junho”, em 1873;

3 – A Fundação da Libertadora Mossoroense, em 1883.

11– A Bandeira das Ideias Liberais – As ideias liberais do século, encontraram nos homens de Mossoró, nas suas entidades e no ambiente da sua sociedade conservadora, sem ser reacionária, o campo por excelência para divulgação do seu proselitismo doutrinário, filosófico-político.

Hoje é assunto fora de dúvida ou de discussão, a influência do elemento adventício, num contínuo ciclo migratório, que se plasmou o caráter do seu cosmopolitismo e a predominância de certas raízes etnográficas que impulsionaram os filhos da terra para a grande arrancada da abolição.

Desse fenômeno de miscigenação já observado pelo sociólogo GILBERTO FREYRE, em profundos estudos sobre a formação do tipo brasileiro, resultou no caso mossoroense, a tendência da mentalidade para um aspecto de autonomismo de idéias, independência de pensamento, de defesa da liberdade, como suprema conquista do espírito. ⁽¹²⁾

Mossoró era assim luma terra livre com predestinação para uma empresa grandiosa, e sob ujo céu, se podiam abrigar todos os homens de boa vontade. E assim todos podiam ter um lugar no seu convívio, sem que suas idéias, credos religiosos ou manifestações filosóficas constituíssem distinção para separá-los ou fronteiras para desuni-los, vivendo todos como viviam,

numa terra livre, sem preconceitos, sem incompreensões e sem ódios. ⁽¹²⁾

Fatos e acontecimentos que marcam uma época na vida de Mossoró, uma cidade que tinha um encontro marcado com a História e em que o Tempo seria o seu fiador.

12 - Reencontro das Memórias tem História – Quando JOÃO CORDEIRO em 1868, instalou a Casa Mossoró & Cia, do BARÃO DE IBIAPABA – Joaquim de Cunha Freire, o largo onde ficavam seus armazéns chamava-se de Pedro II.

Quando mais tarde veio a ter o nome daquele titular ao Império, foi numa fase posterior aos acontecimentos de 30 de Setembro, assim passando a chamar-se por proposta de Romualdo Lopes Galvão, apresentada e aprovada pela Câmara Municipal.

A certo tempo, o logradouro fora denominado de XICO TERTULIANO, porque aí, esse comerciante fizera funcionar seu estabelecimento comercial, que era uma grande casa exportadora.

Mas, esse encontro com Xico Tertuliano dá motivo a outra história.

- “XICO TERTULIANO (e aqui passo a palavra ao Dr. Vingt-Un Rosado), que era Francisco Tertuliano de Albuquerque, um dos grandes da história comercial de Mossoró e fundador da firma que depois se denominou Tertuliano Fernandes & Cia, foi responsável pela vinda para Mossoró de RAIMUNDO FERNANDES, atendendo ao pedido do Dr. Hemetério Raposo de Melo. Começava a história de uma das mais ilustres famílias de nossa cidade, a Família Fernandes, a qual pertenceram homens da altitude de Vicente Fernandes, Francisco Xavier, Ezequiel Fernandes, Antônio Martins Fernandes, Hemetério Fernandes de Queiroz, Alcides Dias Fernandes, Xavier Fernandes e outros.”

BIBLIOGRAFIA

01 – Vingt-Un Rosado – Mossoró – 1940.

- 02 – Romão Filgueira – Trab. Cit. – Carta de Câmara Cascudo, 1940.
- 03 – Luís da Câmara Cascudo – Docs. p/História de Mossoró, 1955.
- 04 – Romão Filgueira – Trab. Citado, 1940.
- 05 – R. Nonato – Gerações de Meu Tempo, 1977.
- 06 – Manoel Joaquim de Macêdo – Memórias da Rua do Ouvidor.
- 07 – Francisco Fausto de Souza – História de Mossoró, 1979.
- 08 – R. Nonato – Ruas, Caminhos da Saudade, UFC, 1973.
- 09 – Luís da Câmara Cascudo – Ob. Cit.
- 10 – Idem – Jerônimo Rosado – (Uma Ação Brasileira na Província). (1861-1930), 1967.
- 11- Gilberto Freyre – Casa Grande & Senzala, (4ª Edição).
- 12 – Francisco Romão Filgueira – Carta de Câmara Cascudo publicada na Acta Diurna – República, Natal, 27-6-1946.

CAPÍTULO VII

O JORNAL, UMA TRINCHEIRA DA LIBERDADE

O Mossoroense Estava nas Ruas – Um jornal do povo, sentinela da liberdade e porta-voz das inquietações da coletividade, das multidões tumultuadas, dirigido por um idealista, um panfletário atrevido e violento, uma figura do admirável jornalista desfilando nos limites da província, portador das ideias liberais que engolfavam o século, JEREMIAS DA ROCHA NOGUEIRA – O Marat das Ruas de Mossoró – sai pelas ruas como uma gritante novidade, no dia 17 de outubro de 1873.

Era o começo de uma era, que se consagrava com o aparecimento da imprensa.

Uma data sem igual, na vida de uma cidade.

1 – Os Companheiros de Luta – Andam juntos com Jeremias da Rocha Nogueira, nessa empreitada, nessa tarefa da divulgação do pensamento livre, JOSE DAMIÃO DE SOUZA MELO, um homem de decisões violentas, fulgurante inteligência e coragem de um herói guerreiro dos tempos pré-históricos, e mais RICARDO VIEIRA DO COUTO, o poder moderador colocado entre aquelas duas bombas de explosão retardada.

O período de Jeremias da Rocha Nogueira – O Mossoroense – era um jornal para ser lido. Órgão combativo, corajoso e agressivo, antijesuíta e carbonário.

Sua voz que comandava as reações se levantava no meio do população e do plenário das altas classes da Vila, de costumes morigerados. Ali, encontrava partidários no meio de uma gente que nunca tivera ideia, que jamais imaginava ler um jornal feito na terra, correndo de casa em casa, passando de mão em mão. Era um veículo noticioso transformado em agente das comunicações e de defesa dos direitos humanos.

2 – Jeremias da Rocha Nogueira – O seu Diretor era um homem impulsivo, sempre pronto para enfrentar uma situação adversa que se criava envolvendo sua pessoa, sem medir consequências e sem avaliar a extensão do perigo.

Homem de boas letras, militando na justiça, rábula temível pelas suas incursões no campo jurídico, com larga atividade no meio forense, advogado da Câmara Municipal, cargo que renunciou com um ofício de acalorada violência, defensor dos réus pobres, de quem não recebia nada, como coroamento de todos esses atos de irreversível independência, um dia teve a ousadia de servir de advogado de JESUINO BRILHANTE, um sertanejo audaz, espécie de maquis das caatingas, a quem negaram o direito de viver em paz, transformando-o no cangaceiro, um homem fora da Lei. ⁽¹⁾

Numa de suas passagens pela cidade, o Juiz, Dr. Manuel Hemetério Raposo de Melo, saiu de casa, de chambre, ordenando ao delegado que efetuasse a sua prisão, pois se encontrava homisiado no sobrado de Clementino Lopes Galvão, hoje, de propriedade da família Vasconcelos, à rua 30 de Setembro.

A força pública sitiou o chefe do bando da Casa de Pedra, no curral da matança, por detrás do muro do prédio da cadeia, atual Museu Histórico Municipal. Ali, se deu o tiroteio. Dizem que Jesuíno disparava sua arma para o ar, fazendo brincadeira mas, seu irmão Lucas, foi ferido.

“A ferrenha oposição de Jeremias da Rocha Nogueira contra os conservadores, confundia-se com o seu combate à igreja. Não há como separar uma da outra”.

“Muita lenha na fogueira deve ter colocado, de outubro de 1872 a dezembro de 1875, a linguagem desairada de Jeremias, na luta contra os conservadores, na luta contra a igreja Católica, uns e outros, aqui liderados pelo Vigário Antônio Joaquim Rodrigues.” ⁽²⁾

Os estrangeiros – Os homens de negócios – que não tomavam parte na contenda, das portas das suas casas de negócios, olhavam de longe, lendo e comentando o jornal com sofreguidão, e achavam graça da briga dos brasileiros, em tudo igual, às que tinham presenciado nas suas terras.

E deviam pensar: o homem não muda, é sempre o mesmo em qualquer latitude.

Dêem-lhe liberdade, e ele pensa... Seguidamente, explode.

3 – O Manifesto de Jeremias da Rocha Nogueira – No seu manifesto ao público, Jeremias da Rocha Nogueira profligava e protestava perante o mundo, contra o atentado inaudito que sofrera a imprensa – O Mossoroense – perpetrado na pessoa do cidadão brasileiro José Damião de Souza Melo, meu companheiro de redação e de Frederico Antônio de Carvalho, Agente consular de S. M. Fedelíssima, desta cidade!

Diante dos fatos dessa natureza, e da irretratabilidade do tempo, a interrogação abre um espaço:

- Que poderosa razão de estado tinha esse irrequieto homem-do-povo, JEREMIAS DA ROCHA NOGUEIRA, a criar e fazer circular em Mossoró, a 17 de outubro de 1872, um jornal de feição liberal, dedicado à defesa dos interesses do Município, da PROVÍNCIA, da NAÇÃO e da HUMANIDADE em geral?

Poder-se-ia responder a interpelação dizendo que Jeremias da Rocha Nogueira contava com a sua bravura cívica, do mesmo modo que Caxias respondera ao interlocutor que lhe perguntara com quem contava para invadir o Paraguai, dizendo: Com a coragem dos brasileiros!

Na veemência da sua linguagem o Manifesto não tinha termos de contemporização para com seus opositores, aos quais aplicava os adjetivos mais deprimentes.

Mais tarde esta obra prima do desaforo estilizado “foi reproduzido pelo seu descendente, jornalista Lauro da Escóssia, no seu trabalho “A Trilha Pioneira”.

O documento, no seu teor, põe a nu, a terrível empreitada preparada, satanicamente, para empastelar o O Mossoroense e assassinar o pensador José Damião de Souza Melo, marcado pelo ódio dos fariseus, que não lhe perdoavam a independência e suas atitudes varonis...

Contra esses estirões de uma nova espécie, Jeremias da Rocha Nogueira reproduzia um verbete escrito com letras de fogo:

- “Livre a imprensa, incomoda estes bandidos, como ao ladrão noturno, a sentinela, causa-lhe medo a imprensa!”

Ao ver-se o desespero brutal e sanguinário daquela súcia de celerados, dir-se-ia um bando de salteadores acometendo de surpresa a casa de um cidadão pacífico, disposto a lhe pedir a bolsa ou a vida!

Estamos em plena anarquia; não há segurança de vida, de honra e de propriedade além da que se contém nos limites da própria defesa.

Ó minha desgraçada pátria, estes monstros não são teus filhos!

Mas, a imprensa não morre, porque não morre a Liberdade!”

O panegírico de Jeremias da Rocha Nogueira, encerrou-o com um admirável poder de síntese o Jornalista Lauro da Escócia, com um punhado de palavras joeiradas de reconhecimento pelo seu valor:

“Com uma gloriosa peregrinação de apenas 33 anos de vida, Jeremias o pai da imprensa mossoroense deixou de existir a 29 de junho de 1881.” ⁽³⁾

4 – Ricardo Vieira do Couto – Era outro integrante leal e decidido da família que fazia o periódico de Jeremias da Rocha Nogueira. Era uma presença constante e animadora lá por dentro da oficina de “O Mossoroense”, onde aquele punhado de homens desenvolvia uma impressionante atividade fabricando um jornal, com que esforço e sacrifício, sabe Deus!

Homem de temperamento moderado, calmo, sereno e firme nas opiniões, Ricardo Vieira do Couto era um Aferidor das Forças daqueles dois terríveis esgrimistas da palavra impiedosa, dura: Jeremias e José Damião, as energias que dinamizavam a pequena empresa, mantida com entusiasmo daquele grupo, cujas energias se manifestavam como um verdadeiro milagre.

Ao contrário dos dois,- o depoimento é de Lauro Escóssia – “era o satírico Chico das Candeias, este com seus acurados trabalhos de humorismo e aquele também vibrante quão

doutrinador jornalista, que em⁴ estava a Jeremias da Rocha a colaboração das suas penas amestradas”.

Com o desaparecimento do O Mossoroense – ainda depondo L. E.: “Não ficou de tudo esquecida a imprensa. Da mesma tipografia onde também trabalhos avulsos eram confeccionados, surgiu o Recreio Familiar, em 1876. Obra talvez, de João Rodrigues Pará, um dos pioneiros da arte tipográfica em Mossoró”.

E conclui Lauro da Escóssia, com uma revelação sentimental:

“Guardo comigo como um relicário da família e um legado de preciosidades da formação da minha terra, a coleção dos seus inúmeros exemplares, onde seus trabalhos borbulham de eloquência e vibração”. (4)

A História do Jornal surgido em Mossoró em 1872, continua no nome e na tradição da Família ESCÓSSIA.

Apostilha:

RICARDO VIEIRA DO COUTO

O Mossoroense, em sua primeira fase, nasceu a 17 de outubro de 1872.

Fundaram-no Jeremias da Rocha Nogueira, José Damião de Souza Melo e Ricardo Vieira do Couto, baiano que veio ajudar um mossoroense e um português naquela tarefa admirável.

Filho de Severiano Nassário do Couto e Ana Josefa do Couto, nasceu na Cidade do Salvador, em 1828. Consorciou-se e, 29 de setembro de 1883, com Teresa Delmira de Jesus, papajerimum de Touros, nascida em 1850, filha de Francisco Garcia Pereira do Lago e Isabel Lima de Araujo. No quadriênio 1877-1880, encontramo-lo como suplente de Vereador.

Vemo-lo, como abolicionista, na arrancada de 1883. Sócio da Libertadora Mossoroense.

Na sessão memorável do dia 30 de Setembro, Joaquim Bezerra da Costa Mendes solicitou ao Administrador da Mesa de Rendas, Ricardo Vieira do Couto que declarasse se ainda havia escravos no município de Mossoró.

O administrador levantou-se e disse que certificava à vista dos livros de matrícula que todos os negros da terra de Souza Machado eram livres.

Ricardo Vieira do Couto faleceu em 1885.

O Mossoroense, de 28-1-1904, considerava-o o “filósofo, pensador e observador profundo dos homens e das coisas”.

(O Mossoroense, 13-

9-1947)

5 – Frederico Antônio de Carvalho – De nacionalidade portuguesa. Nasceu em Aveiros, a 3 de outubro de 1837.

Emigrado para o Brasil, localizou-se em Mossoró, onde exerceu larga atividade no comércio, estabelecido na cidade, com casa de secos e molhados. Com ampla visão do ramo dos negócios, também manteve um estabelecimento em Areia Branca.

Foi Vice-Cônsul de Portugal em Mossoró. Nas relações sociais, foi Venerável da Loja Maçônica “24 de Junho”, por duas vezes e figura destacada posição no movimento abolicionista de 1883.

A respeito dessas atividades fazem menção especial os professores Vingt-Un Rosado e Américo Rosado no livro – “ALGUNS SUSÍDIOS À SAGA QUASE CENTENÁRIA DA ABOLIÇÃO MOSSOROENSE”.

E contam que na famosa festa realizada na maçonaria, a 25 de dezembro de 1882, em homenagem a Romualdo Lopes Galvão e à sua jovem esposa Amélia Galvão, que regressavam a Mossoró, vindos de Fortaleza, onde se tinham consorciado, tudo era contentamento.

Na ocasião foram libertados escravos e “o Venerável da Loja Maçônica “24 de Junho”, Frederico Antônio de Carvalho, também Agente Consular de Portugal, devassando os íntimos pensamentos que tinham no coração de todos os convivas, propôs que: pelo regozijo de que estavam possuídos e pelas atenções devidas ao festejado par e em comemoração desse dia, lembrava a ideia de fundar-se uma “Sociedade Libertadora”.

O dia ficou logo escolhido: seria 6 de janeiro.

E por que tentar obscurecer a verdade, com argumentos sub-reptícios, insinuando que a abolição não nasceu na Maçonaria?

A pessoa de Frederico Antônio de Carvalho, por pouco não foi vítima do inominável atentado que fora organizado para eliminar a vida de homens de destaque em Mossoró. Assim, foi que, segundo depoimento de L. E., um grupo de facínoras armados de punhais, de pistolas, capitaneados pelo Deputado Rafael Arcanjo da Fonseca, invadiu a casa onde residia José Damião de Souza Melo e Frederico Antônio de Carvalho tinha seu estabelecimento comercial, sendo que neste ponto estava instalado a Agência Consular de Portugal, representada por este último cidadão.

Frederico Antônio de Carvalho faleceu a 20 de junho de 1900.

6 – João Cordeiro – O cearense nascido em 1842, num lugar da antiga Província do Ceará, na sua atual divisão administrativa denominada de Santana do Acaraú, não passou pela vida como um ilustre desconhecido.

Era um espírito iluminado, grande liberal e foi um a espécie de meteoro que circulou no céu de Mossoró, iluminando a cidade com os lampejos do seu entusiasmo pela causa da abolição, por vezes, utópico, mas na verdade, seu ideal, sua razão de ser.

Tipo talhado para as grandes ações. Surgindo para clima das lutas, das rebeliões, João Cordeiro trouxe do berço a herança do patriotismo que sagrou tantos bravos filhos da terra “dos verdes mares”.

Remanescente da velha escola do liberalismo econômico da Revolução Francesa, que se espalhara pelo mundo, como uma Nova Ordem, depois da convocação dos Estados Gerais, na França, em 1789, era um sonhador da igualdade, uma força inarredável contra a injustiça do estado social da sua época, dividido entre senhores e escravos.

Pelo espírito de combatividade, João Cordeiro antecipou-se, vanguardando os grandes movimentos das ideias que se deflagraram no País, conduzidas por fortes lideranças populares, como José do Patrocínio e Luís Gama, ou por figuras das hierarquias das Casas Grandes, a exemplo de Joaquim Nabuco, egresso dos Engenhos, que deixaram memórias como a de Massangana, que se transformou em bela página literária.

Assim, antes que os acontecimentos explodissem nos motins das ruas, João Cordeiro foi por três vezes revolucionário: socialista, partidário da abolição e republicano.

No decorrer do ano de 1868, aceitou o convite do Barão de Ibiapaba - João da Cunha Freire -, com quem já trabalhara desde 1860, e do irmão daquele titular do Império, o Visconde de CAUIPE, titulado pelo Rei de Portugal, Severino Ribeiro da Cunha, para gerir, em Mossoró, uma asa compradora de algodão e outras produções da zona.

Deste modo, em julho daquele ano, João Cordeiro, instalava a Casa Mossoró & Cia., no importante centro comercial do Rio Grande do Norte.

Contam os cronistas seus biógrafos que ele, ali, João Cordeiro, aprendeu a ser abolicionista. Outros acrescentam que o impulsivo cearense se tornou republicano no meio daquela gente, tão vibrante quanto ele na defesa dos princípios da liberdade.

De qualquer modo, com as ideias que lhe eram inatas e em o temperamento que possuía, findou sendo as duas coisas.

Diante de suas pregações a favor de libertação da raça escrava, quer no seu estabelecimento, quer no meio da rua, o Município tornou-se logo um foco de perigosos republicanos, despertando a atenção das autoridades, a tal ponto provocadoras, que numa dessas discussões com o delegado Joaquim José Seves, entrou em luta corporal com o mesmo, que o prendeu. Numa violenta reação, e ajudado por seu irmão Francisco Cordeiro, deu voz de prisão ao delegado de polícia em nome da opinião pública conduzindo-o para a cadeia, onde entregou-o a 4

praças do serviço, que ficaram apavorados com o acontecido, incapazes de tomar qualquer decisão.

Desaforando-se do agravo recebido, o delegado não perdeu tempo e oficiou ao Chefe de Polícia de Natal, dando conta das ocorrências e pedindo reforço, pois João Cordeiro tinha proclamado a República de Mossoró.

Ao par dos fatos, a autoridade superior fez seguir para lá, comandada por um Capitão do Exército, uma força de 40 praças.

João Cordeiro que de tudo sabia, foi ao encontro do destacamento em Areia Branca, reconhecendo no capitão comandante um velho amigo, a quem narrou a verdadeira situação, motivo do alarme do delegado arbitrário.

Depois de averiguar os fatos, no local, o oficial remeteu um circunstanciado relatório ao Chefe de Polícia, que trouxe como consequência a demissão de Joaquim José Severo, do cargo, a bem do serviço público.

Mas, João Cordeiro iria muito longe, na vida pública:

Governador, Senador da República, Deputado a Câmara Federal pelo seu Estado, florianista exaltado, vermelho, tipo de jacobino das ruas. Preso entre outros, com Pinheiro Machado, Tomaz Cavalcanti, Alcindo Guanabara e Barbosa Lima (sem que valessem as imunidades), como cúmplices do atentado contra Prudente de Moraes, o Presidente da República, no momento do desembarque da força que retornavam de Canudos, depois da derrota dos jagunços do Conselheiro.

Enfim, consagração de uma vida, num retrato humano, sentimental.

Aos 87 anos, quase cego, João Cordeiro ainda trabalhava como caixeiro da Casa Boris Fréres, em Fortaleza.

Valeria o exemplo perante a História?

7 – José Damião de Souza Melo – De nacionalidade portuguesa. Nascido em Aveiros ⁽⁵⁾

Homem de alto saber humanístico e de boa cultura geral com formação de seminário.

Poeta. Jornalista. Sacerdote e apóstata.

Atormentado por problemas de ordem sentimental, viveu dias tumultuados, sem encontrar tranquilidade na Península, emigrou para terras do Novo Mundo, a procura de paz para o espírito inconformado e rebelde.

Aportou ao Brasil, no ano de 1862. Naturalizado brasileiro em 1868.

Percorreu lugares sem conta (Mossoró, Acari, Jardim do Seridó, Fortaleza e Manaus), exercendo atividades as mais diversas e deixando por onde passava a marca registrada do “seu espírito combativo e vibrante”.

Jornalista dos mais brilhantes, sempre esteve empenhado nas campanhas das grandes ideias da fraternização humana.

Poeta de alta sensibilidade e expressiva inspiração, José Damião de Souza Melo era um romântico de lira da liberdade.

Em Mossoró, que fez uma espécie de sua verdadeira terra, onde viveu por longos anos, desenvolvendo intensa atividade no comércio, sempre esteve voltado para a causa da extinção do elemento escravo.

Grande exemplo de um estrangeiro-brasileiro de ideias novas e de espírito avançado, que deixou seu nome incluído na galeria dos abolicionistas mossoroenses, em cuja campanha foi um militante de primeira linha.

A ele se reporta Vingt-Un Rosado, escrevendo:

“Secundou com Ricardo Vieira do Couto os esforços de Jeremias da Rocha Nogueira, na fundação do primeiro jornal de Mossoró”.

Na apreciação dos fatos, o grande dos arquivos da abolição apresenta depoimento de rigorosa exatidão histórica sobre o valoroso José Damião de Souza Melo, assim apresentado, num trabalho de parceria realizado em Fortaleza, nos dias de Uma Semana Santa, com a professora América Fernandes Rosado, ora transcrito, pela sua rica originalidade:

JOSÉ DAMIÃO DE SOUZA MELO E SUA POESIA A SERVIÇO DA ABOLIÇÃO NO CEARÁ E EM MOSSORÓ.

A Poesia da Abolição

“J. Souza Melo, da imprensa Abolicionista do Ceará, era o José Damião de Souza Melo, da história de Mossoró.

Homem de inteligência e sensibilidade, colocou a sua Poesia a serviço da nobre Causa da Abolição, no Ceará e em Mossoró”.

A 25 de março de 1883, saúda Icó e Baturité, no dia que ele chama da “Ressurreição”.

A 22 de abril, ei-lo, novamente, poetando na inauguração do Clube Abolicionista Norte-Riograndense.

A 24 de maio, homenageia a “metrópole da abolição”, que era Fortaleza.

Aos 6 de julho, volta-se para o jangadeiro cearense.

Na edição de 30 de setembro, que o Libertador dedicou a Mossoró, José Damião de Souza Melo publica “Ao Acarape do Rio Grande do Norte”. É uma poesia que Francisco Fausto de Souza transmitiu de memória a Luís da Câmara Cascudo, mas de modo incompleto.

Almino Afonso declamou-a, depois do seu discurso, e ela foi distribuída aos que estiveram presentes à festa do dia 30.

Há cerca de 60 anos, divulgou-a, no seu texto completo, O Mossoroense. Pela raridade do exemplar do jornal de Jeremias da Rocha Nogueira, ela vai reproduzida no documento.” (6)

8 – O Homem Diante do Tempo – Para palavra final sobre José Damião de Souza Melo, reservei, na catalogação destes depoimentos, o registro do ex-ministro de um governo de exceção, João Batista Galvão, por sinal, o único do Brasil, constituído em Natal, de uma simulacro de soviet, a quem Hélio Silva chamou de Revolta Vermelha que durou apenas três dias.

Debelada a intentona, derrotado, preso e foragido, garimpeiro no norte, acusado de contrabandear ouro, amigo da hora no assaí do Interventor Magalhães Barata, do Pará, depois de tantos altos e baixo, o destroçado idealista de 1935 reencontrou-se com a realidade, que nem sempre é tão amarga,

e pesquisou, percorreu os arquivos e escreveu livros de memórias, afirmando:

“Dona Sinhá professava a religião presbiteriana. Filha do poeta e abolicionista José Damião de Souza Melo, que fora Padre em Portugal, e por motivo ignorado, tirou a batina, queimou-a e veio para o Brasil, surgindo como comerciante em Mossoró.” (Registro de Romualdo Galvão).

“Dona Sinhá, prossegue o cronista, está sepultada em túmulo próprio, no cemitério de Mossoró, próximo ao do meu irmão Antônio Fontes Galvão, que tem um globo terrestre em miniatura, na sua parte mais alta e próximo o de Idalino Oliveira. É lamentável que Mossoró em suas homenagens prestadas em cada 30 de setembro, jamais tenha se lembrado de prestar uma visita ao túmulo de Dona Sinhá.” (7)

Tudo de acordo com os autos, escritor João Batista Galvão, (hoje, desaparecido), porém, com um reparo, feito em tempo.

No ano de 1892, o Prefeito de Mossoró, Alcides Fernandes da Silva, aceitou a sugestão do historiador Vingt-Un Rosado, e mandou restaurar aquele monumento, colocando placa alusiva ao ato, realizado com significativa manifestação de apreço a tão ilustre figura com palavras da referida autoridade e do Escritor Raimundo Nonato.

Na sua vida, sempre em contínua peregrinação, José Damião de Souza Melo mudou-se para o Amazonas, ocupando naquele Estado, o cargo de Escrivão do Superior Tribunal de Justiça.

José Damião de Souza Melo faleceu em Manaus, em 29 de fevereiro de 1905.

9 – Conrado Mayer – De nacionalidade suíça. Fizeram parte do primeiro grupo que viera para o Brasil com João Ulrich Graf, mais tarde chegado a Mossoró para instalar uma grande casa de exportação de produtos da região, entre outros, algodão,

pena de erna, borracha de maniçoba e peles, vendendo mercadorias importadas da Europa.

Esse grupo de estrangeiros aportou ao Brasil, por volta do ano de 1865, e não ficou parado, realizando negócios de grandes vultos.

Conrado Mayer, sucessor de Ulrich Graf, foi um comerciante empreendedor, de grande visão. À frente da nova firma, desenvolveu, consideravelmente as operações mercantis, ganhando uma fortuna apreciável. Foi ele talvez, o único estrangeiro que resistiu ao impacto destruidor das grandes secas, restabelecendo, com o seu trabalho o crédito do comércio local, abalado por tantas crises.

Foi um dos membros fundadores da Loja Maçônica “24 de Junho”, fazendo parte do quadro de sócios da Libertadora Mossoroense.

“Rico, generoso e abolicionista convicto, mãos largas para os pobres, é uma fisionomia que se recorda com admiração e carinho”.⁽⁸⁾

Seu perfil de alegoria, traçou-o, Vingt-Un Rosado, numa página antológica, escrevendo:

“Conrado MAYER, filho de Conrado Mayer e Ana Mayer, nasceu em 1844, em ALSTATLEY, Cantão de São Galo, Suíça.

Veio para Mossoró em 1866, em companhia de João Ulrich Graf, Henrique Burly, Rodolfo Fuysul, segundo Romão Filgueira. Na seca de 1877, foi um dos poucos estrangeiros que resistiu e ficou em Mossoró. Sei que em 1880, abriu uma casa comercial. Em 1883, a 29 de setembro, consorciou-se com Maria Gomes da Conceição, todos pernambucanos de Goiana. Mayer foi um estrangeiro que se adaptou rapidamente em nossa terra. Os velhos mossoroenses ainda falam da sua honestidade e das suas belas qualidades de coração de que era possuidor. Empolgou-se pela campanha da abolição. Seu nome se encontrava entre os da Libertadora Mossoroense. No famoso episódio de Estevam e Merência, escravos fugidos de

Piancó, e que o Senhor e o Capitão do Mato vieram no seu encalço, “o suíco mossoroense teria dito que se dinheiro valesse, os negros não voltariam mais à escravidão.”⁽⁹⁾

Das esquesitices do Mayer, conta-se a história de um Mirante que mandou construir em terreno do fundo da sua loja, que era uma alta torre, para onde ele subia e ficava olhando a linha do horizonte que se perdia para as bandas do mar.

Seria saudades da sua terra distante?

Conrado Mayer que foi um grande rico, morreu em Areia Branca. Na mais extrema pobreza, talvez, por volta do ano de 1895.

10 – Antônio Filgueiras Secundes – Um nome em que se reflete o espírito de uma geração, como um esplêndido lutador, que viveu para servir a Mossoró.

Este capítulo de uma História que fala de Mossoró, analisando os acontecimentos do movimento abolicionista, agitados pelo jornal de Jeremias da Rocha Nogueira, e seus companheiros de ideal, não podia ter um nome ausente.

Por isso, fica feita a convocação de um mossoroense da melhor felpa, um tipo genuíno da linhagem dos Camboas, Antônio Filgueiras Secundes, era uma figura ímpar na vida da cidade, onde foi uma espécie de primus inter-pares, desempenhando função eletiva, contratante de obras e serviços do Município, um cidadão que tinha um lugar certo, onde se fizesse necessária uma presença para defender os interesses públicos.

Lauro Escóssia, em livro de estudos dos Camboas, aponta-o como “rebento genealógico com origens no Alferes Manuel Nogueira de Luená com uma larga folha de serviços prestados à sua terra”. E acrescenta no seu livro:

“Antônio Filgueiras Secundes, Capitão Filgueira, vulto proeminente da comunidade mossoroense, proprietário, intendente municipal nas legislaturas de 1859/60 e 1869/1873, elemento dos mais atuantes no movimento abolicionista de 1883, de assinalado destaque pelo seu alto espírito filantrópico,

quando saía pelo comércio angariando fundos para alforria de escravos, senhor de inúmeros cativos, todos libertados de livre vontade dias antes do histórico 30 de setembro de 1883.”⁽¹⁰⁾

Guiada por figuras deste porte, da estatura moral de Antônio Filgueiras Secundes na expectativa desses fatos, e com sua predestinação histórica de terra pioneira das arrancadas libertadoras, Mossoró não tardou em filiar-se ao grande movimento, que se propunha realizar a extinção do regime do braço escravo, no solo brasileiro. E meio a essa gente animosa e forte, aparecem os primeiros adeptos e os condutores de um movimento cujo futuro e responsabilidades eram de consequências, inteiramente, imprevisíveis.

11 - A Casa Histórica – A casa de Antônio Filgueiras Secundes está intimamente ligada à História da abolição. Hospedou várias vezes o jornalista Elias Antônio Ferreira Souto, que ali traçou tantos planos para a campanha da abolição. O sótão serviu de dormitório a vários abolicionista. Muitas reuniões se realizaram na velha casa sempre dirigidas por Almino Alves Afonso, contando com a presença de Elias Souto, Joaquim Bezerra da Costa Mendes, Romualdo Lopes Galvão e muitos outros. Algumas dessas reuniões tomaram caráter confidencial pela responsabilidade dos assuntos tratados. E quando em 1883, o povo festejava, numa só alegria, num só entusiasmo a libertação, à porta da casa assistiram aos festejos Elias Souto, Almino Afonso, Romualdo Lopes Galvão, Francisco Romão Filgueira e muitos outros além de pessoas de destaque. “O Libertador”, jornal Cearense, que publicou extensa reportagem sobre a festa da abolição, refere-se à passagem pela casa de Romão Filgueira dos que tomavam parte na marcha flambeaux, no memorável dia 30 de setembro.

Este grupo de intelectuais, de jornalistas, poetas e livres pensadores, homens de todos os matizes políticos, religiosos e filosofias as mais diversas, nas suas divergências e nas suas concordâncias, situaram num plano de decisão o problema da Abolição dos Escravos em Mossoró, que caminhava a largos passos para sua vitória definitiva.

A propósito, conta-se que, nos Dias do Terror que varria a França, quando Luís XVI, encarcerado no Templo, esperava a convocação para o cepo da guilhotina, passando um dia, na frente de uma estante e vendo os livros de João Jacques ROUSSEAU, teria dito: este homem acabou com a França!

Pois, na verdade do tempo, ainda que em situação oposta do pensamento de Luiz – o Capeta -, um analista da História Regional que examinasse detidamente, o problema do abolicionismo Mossoroense, não teria dúvida em afirmar: estes homens construíram um capítulo novo da História da Civilização de Mossoró.

BIBLIOGRAFIA

01 – Jaime Hipólito Dantas – A imprensa de Mossoró – Ver. Oeste – 1958.

02 – Lauro da Escóssia – O Centenário de O Mossoroense – 1972.

03 - Lauro da Escóssia – Revista “Ontem e Hoje” – 1942.

04 - Lauro da Escóssia – Revista “Ontem e Hoje” – 1942.

05 – Raimundo Soares de Brito – Estudos de Histórias do Oeste Potiguar – 1979.

06 – Vingt-Un Rosado e América Fernandes Rosado – Subsídio para a Saga quase Centenária da Abolição de Mossoró – 1977.

07 – João Batista Galvão – Subsídios para História da Abolição do Cativo no Rio Grande do Norte – Col. Mossoroense – Vol.CCXI – 1982.

08 – Câmara Cascudo – Notas e Documentos para História de Mossoró – 1975.

09 – Vingt-Um Rosado – Mossoró – 1940.

10 – Lauro da Escóssia – Dez Gerações da Família Cambôa.

CAPÍTULO VIII

A MAÇONARIA ASSENTA CABEÇA-DE-PONTE EM MOSSORÓ

A Criação da Loja “24 de Junho” – Resultou do trabalho dos maçons de Natal. Cedo, esta Oficina transformou-se num ativo centro de reunião dos pedreiros-livres da cidade, um grupo de homens independentes e idealista que combatiam a intolerância e o obscurantismo.

1 –As Sociedades Secretas – A época se encontravam organizados à sombra de uma sociedade secreta, de fins humanitários, com atividades políticas, semelhantes a tantas outras que existiam no Brasil, em particular, em Pernambuco, como as “ACADEMIAS PARAÍSO E SUASSUNA” e o famoso “AERÓPAGO DE ITAMBÉ”, onde se elaboravam os planos da Revoluções de 1817 e 1824, entre eles, as figuras extraordinárias do Padre MIGUELINHO e Frei Caneca, dois admiráveis patriotas sacrificados pelo ódio dos sanguinários agentes da Coroa Portuguesa. O primeiro, autor da PROCLAMAÇÃO AO POVO PERNAMBUCANO que principiava com estas palavras em tom de profecia:

“Habitantes de Pernambuco... A Província Divina, que pelos seus inescrutáveis desígnios”...

“O movimento de 1817, no dizer de Câmara Cascudo, “foi a mais romântica das Revoluções brasileiras”...

O “Aerópago de Itambé era uma sociedade secreta – maçônica no seu espírito, se não pelo mito que lhe tem sido posterior...” ⁽¹⁾

“As associações secretas e as lojas maçônicas, onde se planejavam revoluções estavam cheias de Padre” ⁽²⁾

“No nordeste a Revolução de 1817 podia ser chamada dos clérigos.”

2 – Os Antecedentes e o Argumento Histórico – A Loja “24 de Junho” a exemplo de suas congêneres, tinha fins humanitários, com uma filosofia que se fundamentava no princípio da defesa de liberdade e de livre manifestação de pensamento, com elevadas conquistas do primado do espírito.

Por suas origens, era filiada aos Altos Poderes Maçônicos do País, no caso, O GRANDE ORIENTE DO BRASIL, a quem devia obediência, entidade a que se filiavam as figuras mais representativas da vida pública nacional, do Governo e da própria política do Império, representada pelos Liberais e pelos Conservadores.

A Loja de Mossoró nascia, assim com uma tradição no comércio de que eram portadores certos grupos de livres pensadores, que tinham trânsito no comércio e em outros setores da vida da cidade, como se deduz das publicações que apareciam no “O MOSSOROENSE”, um jornal independente, onde as opiniões do seu diretor, Jeremias da Rocha Nogueira, deixavam transparecer, claramente, suas tendências para o rumo da franca maçonaria, com revelações que identificavam seus pontos de vista doutrinários.

3 - A Presença da Maçonaria nos Acontecimentos Políticos da Capitania

A história não omite os fatos, afirmando que:

“muito antes de 6 de março, dia em que rebentou a Revolução e foi proclamada a República em Pernambuco, no Rio Grande do Norte, havia maçons em número tão avultado, que realizavam sessões, procurando pontos afastados de Natal, de preferência os sítios de “Belém”, em São José de Mipibu, e “Estivas”, em Goianinha, frequentadas, mais duas vezes, pelos IIRM: da vizinha Capitania.”⁽³⁾

A Maçonaria tem deste modo, presença nos acontecimentos, alargando-se pela área do interior.

“Em Portalegre, debalde, tentaram alguns pedreiros-livres, manter um governo provisório, eleito entre eles que oferecesse um amparo aos correligionários da metrópole.” (4)

E antes disso, nas ocorrências da História sua ação é evidente e manifesta, como se vê:

4 – No Anfiteatro da História – Em 1807, JUNOT, o arrasador dos tronos, que conquistara Portugal, à frente de seis mil homens de tropas francesas, já extenuadas de fadigas, obrigando a Corte a fugir e procurar abrigo no Brasil, o General de NAPOLÃO BONAPARTE mandou abrir os calabouços da inquisição. Hipólito seguiu para a Inglaterra, onde foi redigir o Correio Brasiliense e Vieira Couto, por acordo, como seu amigo, deixou-se ficar em Lisboa, a fim de combinar com os franceses sobre o melhor meio de libertar a sua pátria do jugo português.

Quando Vieira Couto se apresentou ao General, este fez-lhe o mais favorável acolhimento. “Sr. Vieira Couto, já o conhecia. Sei que o seu irmão é maçom, e também maçom é o Imperador do meu País”.

Mas, antes disso, no Brasil, o primeiro movimento que esboçara o pensamento de fazer a Independência da Colônia do poder lusitano, a Inconfidência Mineira, e evidentemente o centro da ideia franco-maçônico, conforme registra o historiador AUGUSTO DE OLIVEIRA JÚNIOR, no seu depoimento.

5 – Tiradentes, Maçon Pioneiro - “Tiradentes, iniciado na Maçonaria tomava parte nas reuniões desta, no Rio de Janeiro, pregava sua doutrina onde quer que estivesse.”

E o escritor Gustavo Barroso, que não se filiava ao pensamento dos maçons, fazendo história, não nega sua honestidade de historiador, escrevendo:

“Os movimentos de Minas, em 1789, do Rio de Janeiro, em 1794, e da Bahia, em 1789, reconhece o Grão-Mestre, Mário Bhering, foram tratados no seio das associações secretas e obedeceram à mesma orientação brasileira.” (5)

Felício dos Santos, na História do Distrito Diamantino registra:

“A Inconfidência de Minas tinha sido dirigida pela Maçonaria. Tiradentes e quase todos os outros conjurados eram pedreiros-livres.”

“Vinhão o jovem Maciel de países livres, onde adquiriu instrução, e onde foi iniciado nos mistérios da Maçonaria”, na afirmação do historiador da maçonaria Tenório de Albuquerque.

(⁶)

“Tiradentes iniciou o Padre José da Silva Rolim em todos os segredos.

“Não há dúvida, era a Loja Maçônica fundado por Tiradentes, no TIJUCO, e na qual foi iniciado o Padre ROLIM.”

(⁷)

6 – O Príncipe D. Pedro Eleito Venerável – De igual proteção, de não menor relevo, foi o papel de maçonaria, no Rio de Janeiro, quando se tramava o movimento da Independência do Brasil, onde o próprio D. Pedro I foi recebido na Loja Comércio e Artes, por sinal, ainda hoje existente, proposto pelo Grão-Mestre José Bonifácio, no dia 13 de julho de 1822. Decorridos apenas 20 dias desse ato, o Príncipe é apresentado e eleito Grão-Mestre da Loja, no dia 20 de agosto de 1822. Essa eleição resultou num golpe político desfechado contra José Bonifácio.

Esses fatos davam conta da sublevação preparada contra a Coroa, de tal modo explosivo nos seus sentimentos nativista, que num desassombrado discurso pronunciado no GRANDE ORIENTE, no dia 20 de agosto de 1822, GONÇALVES LEDO proclamou a Independência do Brasil, acontecimento registrado por Assis Cintra no livro À MARGEM DA HISTÓRIA DO BRASIL.

Certo estava assim, Gonçalves Ledo de que – “A liberdade é o único valor imperecível da História.”

O poder das entidades maçônicas era evidente, de tal modo que a imprensa disso tirava conclusões que não eram apressadas,

como se vê desta nota de um dos mais conceituados jornais da metrópole:

“As Lojas Maçônicas vão pesar com toda a sua força decisiva na questão religiosa, que eclode de 1873 a 1875.”

– Do Jornal do Comercio – Rio de Janeiro.

7 – A Questão Religiosa Repercute em Mossoró – O período histórico da Maçonaria no Rio Grande do Norte, remonta à primeira atividade da Loja SIGILO NATALENSE, que em 1838, já pensava em funcionar como CAP. ⁽⁸⁾

O trabalho silencioso dos obreiros natalenses alcançava Mossoró, onde havia maçons e com eles estabelecia entendimentos.

A questão religiosa provocada por Frei Vidal, Bispo de Olinda e D. Antônio de Macedo Costa, Bispo de Belém do Pará, deu ensejo a criação da oficina, cujos trabalhos tinham seus antecedentes de preparação.

Tudo decorreu da atitude daqueles dois Bispos que tentaram retirar da maçonaria o clero e das Irmandades, os maçons, o que não conseguiram totalmente, resultando o processo e a prisão de ambos por desobediência às leis civis, a que estavam sujeitos. Data deste tempo a instalação da Oficina no Or.: De Mossoró, em 1873. ⁽⁹⁾

Registra o historiador da cidade a importância do acontecimento, da criação, em 1873, em Mossoró, da Loja Maçônica “24 de Junho”, que foi instalada num sobrado velho, onde depois de remodelado, seria o escritório comercial da firma M.F. do Monte & Cia., da qual era sócio comanditário Miguel Faustino do Monte, um comerciante empreendedor cujo capital sempre esteve ao serviço do desenvolvimento da cidade.

Ao tempo, a Maçonaria era uma instituição considerada inimiga da Igreja, e daí a repulsa de parte dos católicos e dos párocos que sempre se manifestaram em combate irreconciliável à instituição. O fanatismo de uns católicos atingia às raias do absurdo, de tal modo, que um morador do lugar, das vizinhanças da Loja, ficou uma noite inteira de tocaia, de bacamarte em punho, esperando que o imaginário bode preto saísse do prédio,

para ele mata-lo com certo tiro. Perdeu o tempo, o coitado, pois não viu o caprino amedrontador.

A luta estava aberta.

E o rancor até que tinha sua razão de ser.

Pois vinha do tempo de CLEMENTE XII, a primeira condenação, à Maçonaria, a sociedade e às reuniões dos maçons e seus adeptos, isto a 24 de abril de 1738.

Outros chefes da Igreja continuaram essa orientação discriminatória que separava cada vez mais, a harmonia e o espírito de paz entre os homens.

8 – “A Voz” – Publicação Maçônica de Natal – Registrava que uma Comissão do Governo Provisório viria a Mossoró, dirigida pelo maçom José Rodrigues Lins, efetivo do QQ:. Da Loja 21 DE MARÇO, em companhia de outros, fundar e instalar, a Loja “24 DE JUNHO”, no ano de 1873.

Fato curioso: na relação dos fundadores não figurava o nome de José Rodrigues Lins, enquanto lá estão os dos outros organizadores, que foram: 1 – Jose Gomes Ferreira; 2 – Rafael Arango da Fonseca; 3 – José Damião de Souza Melo; 4 – José Paulino de Castro Medeiros; 5 – Conrado Mayer; 6 – Arlindo Alves de Paiva; 7 – José Inácio Pereira Lago; 8 – Abel Ageleu Dantas; 9 – Joaquim Fernandes Dias e 10 – João Severiano de Souza.

A Loja foi regularizada a 8 de abril do ano de 1874, em sessão dirigida pelos maçons José Ferreira Gomes, Presidente e Rafael Arango da Fonseca e José Damião de Souza Melo, elegeu suas LL:. Efetivas, trabalhando sem interrupção até 17 de março de 1889, adormecendo para funcionar novamente com regularidade de 29 de abril de 1890, até 14 de março de 1907, quando definitivamente abateu COL:.⁽¹⁰⁾

9 – A Projeção de Mossoró – E as suas condições específicas motivaram a escolha da cidade para instalação de uma Oficina dos pedreiros-livres, assentando ali uma cabeça-de-ponte, das atividades maçônicas no interior da Província.

Seu comércio, sua atividade cultural, mantendo jornal, biblioteca, escolas e clube social, além da sua evidente força na

política do grupo dos Conservadores, justificavam incontestável direito dessa preferência.

A Prioridade de escolha tinha assim, absoluta razão de ser.

10 – A Loja Simbólica de Mossoró e suas Atividades –

No roteiro dos seus trabalhos, a Loja Maçônica “24 de Junho”, entre outras figuras de relevo na vida cultural e política do Rio Grande do Norte, iniciou no se QQ:. Henrique Castriciano de Souza, José da Câmara Lisboa e Aarão Peregrino da Rocha Fagundes.

Depois, requereu e alcançou autorização para funcionar em CAP:. que foi instalado a 13 de outubro de 1899 e regularizado a 14 de julho do ano imediato. A data da carta do CAP:.é a de 1º de dezembro daquele ano. Está assinada pelos POD:. IIR:. GGR:. 33:. Quintinho Bocaiuva, GR:. COM:. Da ORD:. E Dr. Henrique Valadares, GR:. SEC:. GER:. Da SUB:. Loja:. E da ORD:.

E na sequência das suas atividades, a “24 de Junho” elegeu, então, as LL:. Do Cap:. Arth:. Francisco Romão Filgueira 30:., 1º e 2º VVg:. Alfredo de Souza Melo 30:. e Jerônimo Rosado, 30:. CAV:. Da ELOQ:. Dr. Francisco Pinheiro da Almeida Castro, 33:. GR:. SEC:.

A última sessão do Cap:. tem a data de 4 de abril de 1906, estando o BAL:. Com as assinaturas dos mesmos ARTH:. e 1º e 2º GR:. VIG:. João da Escóssia Nogueira, CAV:. da ELOQ:. int. Manuel Cyrilo dos Santos 33:. e GR:. Sec:. Jerônimo Rosado, 33:.

A essa altura, como se assistisse à uma sessão da Loja e percebendo por um sexto sentido da indução, que o malhete do Venerável, numa pancada surda ia anunciar o encerramento-dos-trabalhos-antes-da-meia-noite, abro uma pausa na diagramação desses fatos para ouvir debaixo desse templo, a palavra do Historiador da Maçonaria no Brasil, o professor A. Tenório de Albuquerque, afirmando:

11 – A Liberdade dos Escravos em Mossoró

O Magnífico Trabalho da Loja “24 de Junho” - “A ideia da abolição da escravatura vingou em Mossoró. Os mossoroenses abraçaram-na com entusiasmo, e especialmente a Loja Maçônica “24 de Junho” que naquela época (1881), estava em pleno florescimento...”, “E assim ainda em 1882 eram alforriados os primeiros escravos, pela verba “fundo de emancipação” e por donativos de particulares, membros da Sociedade Maçônica “24 de Junho”. (Luís da Câmara Cascudo – Notas e Documentos para a História de Mossoró.) ⁽¹¹⁾

“Há grave injustiça a reparar-se na História da Libertação dos Escravos no Brasil. É uma omissão imperdoável com referência ao Município de Mossoró, do Rio Grande do Norte.

Em nenhuma das nossas Histórias do Brasil, vimos a menor referência à atitude admirável de solidariedade humana de Fraternidade, demonstrada pelo Município de Mossoró no tocante ao drama dos negros no Brasil. Nem Gustavo Barroso nem Pedro Calmon. Mestres incomparáveis, que tanto esmiuçaram a nossa História, perquirindo-lhes os episódios, não aludiram os que fizeram os mossoroenses em prol dos escravos.

A emancipação dos escravos em Mossoró mais de 5 anos antes da Lei Áurea foi mais um expressivo triunfo da Maçonaria, mais uma demonstração dos seus elevados sentimentos de Fraternidade, de acordo com o preceito de Jesus Cristo: “Amai-vos uns aos outros”.

A Maçonaria foi a grande incentivadora do glorioso movimento Libertador, em Mossoró. É de justiça salientar ainda o papel dos mais importantes desempenhado na campanha abolicionista pelo cearense Joaquim Bezerra da Costa Mendes, idealista apaixonado, que foi ao extremo de sacrificar os seus próprios interesses, tanto assim que faliu a sua casa comercial, em prol da abolição da escravatura.

A Atuação da Loja “24 de Junho”

Por iniciativa da Loja “24 de Junho”, fundada em 1873, (1) criou-se a Sociedade Libertadora Mossoroense, em 6 de janeiro de 1883. A sua primeira diretoria ficou constituída: Joaquim Bezerra da Costa Mendes, Presidente; Romualdo Lopes Galvão, Vice-dito; Dr. Paulo Leitão Loureiro de Albuquerque,

Orador; Frederico Antônio de Carvalho, 1º-Secretário; Asterio de Souza Pinto, 2º-dito; Manoel Benício de Melo, Tesoureiro; Manoel Cyrilo dos Santos, Procurador; Capitão Antônio Filgueira Secundes, Luís Carlos da Costa, Miguel Faustino do Monte, Joaquim de Oliveira Torres, Aristides Alcebiades Wanderley, Antônio Fernandes Júnior e Alexandre Soares do Couto, diretores. Como se vê, predominavam na diretoria os elementos da Maçonaria.

“Campanha abolicionista” – A campanha que se processava em todo o País em prol da abolição da escravatura negra, encontrou Mossoró de braços abertos e foi em sessões memoráveis discutido tão empolgante assunto. Havia, é certo, elementos maçons escravagistas que estorvavam a campanha. Estes tiveram de enfrentar discussões acaloradas principalmente pelo grande maçom Frederico Antônio de Carvalho, que impunha o malhete de Venerável da “24 de Junho”, de 1879 a 7 de agosto de 1886, e de 1889 a 1891. Dirigindo com superioridade nossa Loja, naquela época agitada, enfrentou uma surda campanha difamatória capitaneada por escravocratas insuflados pelo clericalismo inimigo da Liberdade em todas as épocas. Frederico Antônio de Carvalho, português, digno do nome de Afonso Henrique e Egas Moniz, foi neste Município a alavanca propulsora do movimento libertador que culminou em 30 de setembro de 1883, ficando o Município de Mossoró, com a segunda comuna do Brasil que concedia alforria a seus escravos. Foi dentro deste Templo sagrado que ressoaram as vozes dos grandes filantrópicos que batalharam pela liberdade de uma raça cativa e que era a mancha negra que enodoava a nacionalidade. E para que os profanos tímidos não arrefecessem o fogo do seu entusiasmo pela causa magnífica, a Loja “VINTE E QUATRO DE JUNHO” tudo fazia em segredo e longe de vistas profanas, com o objetivo único de fazer livres os negros que gemiam sob o guante da escravidão.

O Sr. José Octávio Pereira Lima, ilustre orador da Loja Maçônica “24 de Junho” (Mossoró), em carta com que nos

honrou assim se referiu ao grande maçom Frederico Antônio de Carvalho:

“Como o irmão poderá constatar no “Histórico” da nossa Oficina, coube a Frederico Antônio de Carvalho presidir os nossos trabalhos de 1879 a 1886 e 1889 a 1890^a, “Enfrentou insidiosa Campanha difamatória capitaneada por escravocratas insuflados pelo clericalismo inimigo da liberdade” Estou providenciando os retratos tanto de Frederico Antônio de Carvalho como de Almino Álvares Afonso, que trouxe a Mossoró com o seu verbo inflamado, as ideias de libertação da raça negra. Iniciou-se aqui, mas mudou-se para o Ceará, onde esteve a frente de todos os movimentos de libertação.” (12)

12 – A Loja Maçônica “24 de Junho” – Foi restaurada no ano de 1935, quando o País caminhava para uma situação política em que um poder de exceção viria estabelecer toda sorte de restrições à livre manifestação do pensamento.

Com o seus retorno às atividades, foram iniciados os primeiros maçons da nova era que passavam a integrar seu QQ: sendo eles: EDGARD MEDEROS, JORGE FREIRE e RAIMUNDO NONATO.

Dos dois primeiros, resta a sombra da saudade!

BIBLIOGRAFIA

01 – Oliveira Lima – Notas á História da Revolução de Pernambuco de 1817 – pág. 73.

02 – Ulisses Brandão – a Confederação do Equador – pág.86.

03 - Josué Silva, João Estevam e Emydio Fagundes – A maçonaria no Rio Grande do Norte – 1917 – Off. Grap. D’A República – Natal - 1924.

04 - Ídem, Ídem.

05 – Gustavo Barroso – História Secretas do Brasil – vol. 1 – pág. 206.

06 – Felício dos Santos – Memórias do Distrito Diamantino de Serro Frio – 2^a ed. “INAL”.

07 – A. Tenório de Albuquerque – que citou Noberto de Souza, em História da Grandeza da Maçonaria no Brasil.

08 – Autores e ob. Cit.

09 – Autores e ob. Cit.

10 - Josué Silva, João Estevam e Emydio Fagundes – História da maçonaria no Rio Grande do Norte.

11 – A. Tenório de Albuquerque – História da Grandeza da Maçonaria no Brasil.

12 – José Otávio – Jornalista – Correspondência ao Historiador A. Tenório de Albuquerque.

CAPÍTULO IX

A BATALHA DA ABOLIÇÃO NO CEARÁ

A Luta Pela Liberdade dos Escravos – Naquele tempo, a heroica Província do Ceará estava transformada num vulcão. Por toda parte, explodia no mais vivo entusiasmo envolvida numa campanha cívica, como vivera, tantas vezes, meses e anos, incendiada pelo raios inclementes do sol nordestino, que queimava a terra nas longas estiagens, destruindo as plantações, secando os açudes, acabando com os rebanhos e matando a gente de sede e de fome.

Enfrentando as flagelações que apareciam como um castigo do céu, as multidões saíam das casas, das escolas, das igrejas e dos quartéis e empolgadas pela voz dos abolicionistas, esqueciam suas próprias desgraças e faziam da praça pública um campo de batalha, como em outros tempos da gloriosa França, a FRONDA tomara conta de Paris, numa verdadeira guerra civil e

se matavam os grupos dos que pertenciam ao partido da Coroa, lançados contra os partidários do Parlamento.

1 – Presença do Marechal Negro – Àquela altura dos acontecimentos, quando a situação do Ceará preocupava a Capital do Império, dando motivo aos comentários mais contraditórios da imprensa, JOSÉ DO PATROCÍNIO, que era uma figura nacional das lutas da abolição, cognominado o Marechal Negro, viajava pela segunda vez às plagas alencarinas.

Parece que, para essa viagem, a escolha do Pacote de nome Ceará, não fora obra do acaso, senão premeditação intencional e coincidente com o nome da Província no navio em que embarcara o representante da raça escravizada, para aquela viagem triunfal.

Recebido com viva vibração do povo, conta-se que ao desembarcar, sua primeira palavra foi dirigida ao Dragão do Mar, Francisco José do Nascimento, que juntamente com outro barcaceiro, José Napoleão, tinham fechado o porto do Ceará ao embarque de escravos, perguntando-lhe:

“Então companheiro, o Porto está mesmo bloqueado?”

E dias seguidos, misturado na fúria das multidões das ruas, vibrando com elas e aclamado por onde passava, em verdadeiro delírio, ele batizaria um dia, a Província tradicional com a legenda, que atravessaria os séculos, chamando-a de TERRA DA LUZ, no meio da apoteose consagradora da voz do povo, que é a voz de Deus!

Durante três meses, ficou confraternizado com a gente cearense, fazendo discursos arrebatadores, na companhia de ALMINO AFONSO, o norte-rio-grandense de voz tonitruante. Os dois abalaram o chão de Fortaleza, no mais extraordinário dos movimentos populares registrados na sua história.

Já então, a campanha estendia sua ação aos lugares do interior, levantando a opinião pública e agitando o espírito do povo para o Grande Dia da Emancipação da raça sofredora e renegada.

É curioso registrar que esse acontecimento tivesse como palco o território de uma das Províncias mais assoladas pelas

secas – O Ceará – de onde partiu o explosivo movimento das forças abolicionistas, que tinha repercussão por distantes pontos do Império.

O caso tinha as cores de verdadeiro ineditismo, tendo-se em conta as condições físicas e econômicas que cercavam a região, a que se reportava TRISTÃO DE ALENCAR ARARIPE, sem esconder seu pessimismo, registrava:

“O Ceará, na realidade, ainda era em 1880, um empório do comércio nordestino de escravos, reunidos em suas praias, tanto das províncias vizinhas, quanto aqueles do seu próprio interior para deportação para o sul.” ⁽¹⁾

Pouco importa examinar razões de ordem interna, para deslustrar o admirável trabalho dos abolicionistas cearenses, a exemplo do apontado.

2 – Repercussão do Ato Público do Acarape em Mossoró – Trabalho corajoso e cheio de rasgos de impulsiva violência, que não tardou em se concretizar em realidade, no Dia 1º de Janeiro de 1883, quando um lugarejo de que pouco se falava, um recanto do mundo cearense, esquecido de Deus e dos homens, realizou um Ato Público, declarando livres todos os seus escravos, em número de 116!, passando a receber o galardão de “Berço das Auroras” e primeiras faíscas do Heroísmo atirado aos ventos do Futuro. ⁽²⁾

E como tudo quanto acontecia em Mossoró, em termos de abolição tinha o sopro do comando dos libertadores cearenses, a notícia do acontecimento desencadeado no ACARAPE teve profunda repercussão entre os abolicionistas mossoroenses.

3 – Jovem Senhora, Mensageira da Abolição – Empolgados com o relato dos acontecimentos sucedidos na CIDADE LIVRE DO ACARAPE, que traçaria seu destino entrando na História como terra pioneira onde a abolição tinha transformado escravos em homens livres, Mossoró engalanou-se para uma grande festa, e em dias do mês de dezembro de 1882, recebia o casal Romualdo Lopes Galvão e sua jovem esposa, Amélia Dantas de Souza Melo – Dona Sinhá Galvão –

que se tinham consorciado na Capital do Ceará, a 5 de dezembro de 1882.

Havia um motivo superior já de todos conhecidos: a esposa comerciante era uma mensageira da abolição, pois conduzia uma “prancha” da Maçonaria do Ceará endereçada à Loja “24 de Junho” concitando sem perda de tempo, seus amigos e parentes para levarem a efeito a grande batalha em favor da libertação da raça negra. Dessa mensagem D. Sinhá Galvão era uma espécie de Anjo da Paz.

“Uma auréola de luz, diz João Batista Galvão: baixou no céu qual verdadeiro esplendor na consciência democrática do povo mossoroense.”⁽³⁾

No curso das manifestações promovidas pelos amigos de Romualdo Lopes Galvão, a Loja Maçônica “24 de Junho”, realizou uma sessão solene dedicada ao casal, que retornava a Mossoró, sendo no decorrer da solenidade alforriadas as escravas Herculana, pertencente à viúva de Irineu Soter Caio Wanderley, antigo chefe de grei dos Liberais, e Luzia, de propriedade da firma comercial Cavalcanti & Irmãos.

Na hora em que as cartas de alforria eram entregues aos libertos, Dona Amélia Galvão, levantou-se da cadeira, dirigindo-se às ex-escravas, as quais beijou, dizendo-lhe: “D. Fulana, a senhora, de hoje em diante, é tão livre como eu”.⁽⁴⁾

Cena comovente que arrancou palmas e lágrimas da numerosa assistência!

Talvez sem pensar no gesto que fazia, D. Sinhá ingressava na história, como a primeira mulher de Mossoró que praticava um ato de tão elevada significação social, humana e cristã.

4 – Sonho de Uma Noite de Verão – “Romualdo e Amélia viajaram pelo vapor “Pirapama”, que atingiu a Barra de Mossoró no dia 24 de dezembro. Traziam duas criadas e no mesmo vapor viajava Ricardo Vieira do Couto (O Libertador, 22-12-1882). No mesmo dia, 50 cavalheiros foram recepcionar o “ditoso par” no Porto de Santo Antônio. No dia seguinte, 25 de dezembro, o casal é homenageado com um baile no salão da maçonaria. A festa “em que se abriram em risos de candura e

amor todas as belas flores de Mossoró”, transformou-se num acontecimento que marcou o início da Campanha Abolicionista em Mossoró.

Foi libertada a escrava Herculana, da viúva do português José Maria Vieira França, por iniciativa de Joaquim Bezerra da Costa Mendes. (*)

O venerável da Loja Maçônica “24 de Junho”, Frederico Antônio de Carvalho, também “Agente Consular de Portugal”, devassando o íntimo pensamento que tinham no coração todos os convivas, propôs: que pelo regozijo de que estavam possuídos e pelas atenções devidas ao festejado par, e em comemoração desse dia lembrava a idéia de fundar-se uma “Sociedade Libertadora”. A festa terminou ao alvorecer do dia 26, mas a data para a instalação da “Sociedade Libertadora Mossoroense” já estava escolhida: 6 de janeiro.

Entre 26 de dezembro e 6 de janeiro houve um outro baile na casa de Romualdo. (5)

5 – “O Libertador” de Fortaleza Abre Colunas Sobre Mossoró – Registrando em seu número de 13 de janeiro, uma longa reportagem, que se reproduz, integralmente, como documento de alto valor histórico:

“Mossoró, 7 de
janeiro de 1883.

No dia 24 de dezembro último chegavam no vapor “Pirapama”, à barra de Mossoró, penhorados pelos mais urbano tratamento a bordo dispensado pelo seu distinto comandante e seu digno imediato, o nosso prezado amigo o Sr. Romualdo L. Galvão e sua inestimável e interessante esposa a Ex^a Sr^a D. Amélia de Souza Melo. Seguiram na mesma tarde para o porto desta cidade, onde desembarcaram às 5 horas e ½ da tarde. Aí os aguardavam mais de 50 cavalheiros, cada um mais pressuroso e solícito em abraçar e felicitar a feliz chegada deste ditoso par. Não podiam deixar de ser cordiais e sinceras as ovações que receberam. – Não eram hóspedes desconhecidos. Aquele era o moço laborioso ativo e honrado, de acrisolada

honradez, uma digna posição, gozando, nesta e em outras praças, bem merecido crédito e a estima dos que o conhecem. Aquela era a menina, viva e encantadora, festejado e querida de nossa sociedade que, há a6 anos, foi completar sua educação longe de nós e que, hoje, volta rica de graças e de invejáveis dotes d'alma, adquiridos na distinta sociedade cearense, em cujo seio fora-lhe infiltrado n'alma o santo e puro germe da virtude que caracteriza e orna a respeitável esposa cearense. Depois de uma pequena demora no porto, desfilou essa caravana até a cidade, onde o festejado par encontrou em sua residência, abraços e afagos do grande número de famílias que os aguardavam. No dia 25 fora-lhe oferecido, no salão da “24 de Junho”, um esplêndido baile, onde se abriram em risos de candura e amor todas as belas flores em Mossoró. Reinou a mais grata cordialidade. Na animação e no entusiasmo do prazer, lembraram-se os sócios da “24 de Junho” de dar uma prova, ao ir: e sua inestimável consorte, do apareço em que essa sociedade os tinha. Cotizaram-se entre si e obtiveram a carta de liberdade da escrava Herculana, pertencente à viúva Wanderley. A carta foi entregue à graciosa esposa do nosso amigo, que a entregou solenemente à feliz redimida, animando-a com palavras de ternura e conselhos de amor. Concluiu a sua doce missão, abraçando-a e beijando-a. Isso o fez (disse ela) porque tem a convicção de que o beijo da convidada na fronte negra da infeliz não manchava seus lábios. – Foi esse o beijo, o selo sublime que firmou a liberdade. Não parou nisso. Nova e maior devia ser a manifestação de tanto júbilo e foi! O venerável da Loja “24 de Junho”, o Sr. Frederico Antônio de Carvalho, agente consular de Portugal, devassando o íntimo pensamento que tinham no coração todos os convivas, propôs: que pelo regozijo de que estavam possuídos e pelas atenções devidas ao festejado par, e em comemoração desse dia lembrava a idéia de fundar-se uma “Sociedade Libertadora”. Em

seguida a essa ideia que foi abraçada e calorosamente aplaudida por todos os presentes, o Sr. Joaquim Bezerra da Costa Mendes, distinto cearense e negociante neste lugar, por si e seus amigos também presentes, libertaram uma escrava ao honrado negociante português, o Sr. José Maria Vieira França, que estava na festa, seguindo-se, na entrega da carta, as mesmas ovações e as mesmas cenas de ternura e fraternidade.

E assim essa festa toda do coração findou-se ao alvorecer do dia seguinte, ficando todos certos de comparecer no dia 6 de janeiro para marcar-se o dia da instalação da Sociedade Libertadora Mossoroense.

Esse dia foi também escolhido pelo Sr. R. L. Galvão para manifestar o seu agradecimento aos amigos, que tanto se esmeraram em suas grandiosas demonstrações.

Houve um baile em sua casa, onde fez as honras a sua interessante esposa que a todos deixou maravilhados pela sua graça e amabilidade.

No dia 6 não foi mais a festa do amor, das flores, da harmonia e da valsa, foi a festa do dever e do sentimento – a festa d'alma.”⁽⁶⁾

- Do livro de Vingt-Un Rosado e América Rosado: Alguns Subsídios à SAGA Quase Centenária – Ano da Abolição em Mossoró. Col. Mossoroense – Col. 53 – ano da ESAM.

(*) – A outra escrava Luzia pertencia à firma CAVALCANTI & IRMÃOS.

BIBLIOGRAFIA

01 – TRISTÃO DE ALENCAR ARARIPE – Ceará – Discurso Histórico na Grande Festa da Sociedade Cearense Abolicionista, no Rio de Janeiro – Fortaleza – 1884. Este cearense foi um homem de alta cultura, parlamentar, jornalista, tendo escrito numerosos romances, sendo um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, com Machado de Assis. Ao lado de José do Patrocínio batalhou pela extinção da escravatura.

02 – João Batista Galvão – Subsídios para a História da Abolição no Rio Grande do Norte – 1982.

03 – Ídem – Ídem.

04 – Lauro da Escóssia – Recordando uma data – ONTEM e HOJE – Revista 1941 Mossoró.

05 – Vingt-Un Rosado e América Rosado – ob. Cit.

06 – Ídem – Ídem.

CAPÍTULO X

OS ABOLICIONISTAS ORGANIZAM NOVAS FRENTES

A Campanha dos Libertadores – Era intensa e não dava trégua aos seus opositores, por vezes desleais nos métodos adotados na campanha.

A resistência dos abolicionistas era vigorosa, muito embora, no âmbito nacional, contassem com a adversidade da posição que defendiam, pois era forte a investida dos donos do poder escravagista, que davam sustentáculo a Política do Império.

Não era segredo para ninguém que o Imperador D. Pedro II tinha declarados sentimentos abolicionistas, mas sem manifestá-los em ação, pois, o seu poder era mantido pela força da economia cafeeira de São Paulo, e em parte, pelos engenhos de açúcar do Nordeste, em particular de Pernambuco.

Daí, na discussão do problema da abolição, serem ríspidas as razões do grupo dominante, por vezes, violentas, de parte a parte.

1 – Na Fase Mais Acesa da Luta – Na veemência das suas palavras de condenação ao regime escravocrata, Joaquim Nabuco, o aristocrata, homem de outra paisagem hierárquica e familiar, expressava-se numa filosofia nova, no combate ao estado de segregação em que viviam os escravos nas senzalas, e profligava:

“...A escravidão, afirmava então, significa muito mais do que a relação entre o senhor e sua propriedade,

porque era a soma do poderio, a influência, o capital, a clientela dos senhores todos; o feudalismo estabelecendo-se no interior, a dependência em que o comércio, a Religião, o Parlamento, a Coroa, o Estado, enfim, se achavam perante, o poder agregado a minoria autocrática, em cuja senzala milhares de grupos, humanos vivem embrutecidos e moralmente mutilados pelo próprio regime a que estão sujeitos.” (1)

2 – No Choque Desse Atrito Ideológico – Figuras importantes estavam do lado dos senhores de escravos, a exemplo de José de Alencar, e do monarquista Costa Ribeiro, que num desabafo demagógico, manifestando-se contra a Lei do Ventre Livre, chamada por eles, Lei de Herodes, esbravejava, dando vasa a um bairrismo sectário:

- “São Paulo prefere a República à Abolição.”

Nesses debates, uns doutrinários, outros de especulação de interesse inconfessáveis, conta-se que, nesse clima de exacerbação em que predominava o floreio da retórica.

- “O mais brilhante e inflexível discurso proferido durante o debate, talvez tenha sido o do Senador Francisco Salles Torres Homem, um veterano político radical, que em 1871, representava o Rio Grande do Norte (Estado que nunca viu, senão nas cartas geográficas), (+) ele próprio, provavelmente, descendente de escravos, colocou a captura e a sujeição de um preto da África, no mesmo pé de injustiça que a escravidão de um infante brasileiro.

Neste último caso, o senhor guardava sua propriedade, no porto da própria vida.

Isto era a pirataria exercida a roda dos berços.

Longe de findar-se o direito natural, é, pelo contrário, a sua violação mais monstruosa.” (2)

O depoimento do Conservador Araújo Lima, é irrefutável:

“Oposta à religião, à moral, à civilização, ao direito, a escravidão está morta em princípio.” (3)

3 – Nessa Dimensão – Bastante turva da vida nacional, surge bafejada pela solidariedade popular, a LIBERTADORA

MOSSOROENSE, instituição que representava um vasto ancoradouro das liberdades humanas, aonde podiam tremular as bandeiras livres de todos os povos, de todas as confissões e credos religiosos, congregando no seu seio as figuras mais importantes da cidade: os seus comerciantes, políticos, jornalistas e poetas, professores, representantes da justiça local, sem discutir pensamento ou seita lá estavam reunidos, católicos, presbiterianos, agnósticos, maçons e anticlericais, pessoas gradas e tipos da plebe, enfim, o homem do povo atormentado pelas angústias do século, que tentava sobreviver, encontrando um lugar ao sol.

4 – Num Clima Assim de Agitação - As ideias circulavam espanejadas pelos ventos da discórdia ou da incompreensão, era instalada a SOCIEDADE LIBERTADORA MOSSOROENSE, entre festas e explosões de entusiasmo coletivos, no dia 6 de janeiro de 1883.

O acontecimento vinha marcar um DIA NOVO no Calendário Cívico da CIDADE DE MOSSORÓ.

(+) As palavras em grifo são nossas.

A GEOGRAFIA SENTIMENTAL DE MOSSORÓ E FORTALEZA Duas cidades diferentes: um idealismo só.

5 – Clube Abolicionista Norte-Rio-Grandense em Fortaleza – Papa-gerimuns residentes em Fortaleza fundaram o Clube Abolicionista Norte-Rio-grandense, a 22 de abril de 1883, nos salões do Hotel do Norte, para auxiliar a Abolição da Escravatura no Brasil e, especialmente, no Rio Grande do Norte e Ceará.

Eis como o “Libertador” de 20 de abril anuncia a sua próxima instalação.

RIO GRANDE DO NORTE – Temos prazer em abrir espaço ao apelo da colônia rio-grandense-do-norte, residente nesta capital, que nos pede a publicação do seguinte:

“Os rio-grandenses do norte, abaixo-assinados, confiando na abnegação e patriotismo de seus concidadãos, residentes nesta, seus subúrbios, vilas e

idades vizinhas, em nome da terra pátria, os convidam a todos a comparecerem no domingo vindouro, 22 do corrente, a 1 hora da tarde, nos salões do Grande Hotel do Norte, para o fim de fundar-se uma Sociedade Libertadora Rio-Grandense-do-norte, no intuito de auxiliar, por todos os meios possíveis, a abolição da escravatura no Brasil, especialmente naquela e nesta província.

Convidam-se todos e ninguém sem distinção, senão o que provar que o merece por atos de patriotismo. Brancos, pretos, ricos e pobres, fidalgos e artistas, se por acaso aí alguns há dessas espécies, todos são convocados em nome dessa Província, da sua terra natal, para vir inscrever seu nome no livro de ouro, da glória e da imortalidade. Artistas, moços do comércio, jangadeiros rio-grandenses, vós todos que sois exilados, vinde todos! Vós tendes abraçado a grande causa do Povo Herói do Norte, a grande causa do Povo Cearense, por glória vossa e honraria dele! Vinde também por honra desse povo e por glória de vossa terra, deixar vosso nome esquecido no cadastro iluminado e glorioso da Emancipação total do Povo Cearense, como humilde homenagem do povo irmão do Rio Grande do Norte. Fortaleza, 19 de abril de 1883.

Antônio
Alves
Brasil

J.

Fernandes

Bacharel Almino
Àlvares Afonso.”

BIBLIOGRAFIA

- 01 –Joaquim Nabuco – O Abolicionismo – Londres - 1883.

- 02 -Araújo Lima – Discussão da Reforma do Estado Servil, no Senado – Citado no Livro Brasil Gerou a Escravidão no Império – ano 1975 – Rio.
- 03 – Francisco Salles Torres Homem – Discussão da Reforma do Estado Servil, no Senado, ibid. 11, 282-297. Citado pelo escritor da Universidade de Illinois; Robert Conrad no livro Os Últimos Anos da Escravidão no Brasil – “MEC” – 1975 - Rio.

CAPÍTULO XI

A ATA DA INSTALAÇÃO DA SOCIEDADE LIBERTADORA MOSSOROENSE.

“Publicou-a “Libertador” de 18 e 19 de janeiro de 1883.

Vai transcrita, pela primeira vez, pelo seu alto significado histórico.”

1 – Ata da Instalação da Sociedade Libertadora Mossoroense – Aos seis dias do mês de janeiro do ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo, de mil oitocentos e oitenta e três, nesta cidade de Mossoró e casa das sessões da Câmara Municipal, aí presentes os sócios instaladores da sobredita sociedade abaixo inscrita, sob a presidência interina de ROMUALDO LOPES GALVÃO, fez ver quais os fins da sociedade, e, que tendo submetido à confecção dos estatutos que devem reger a mesma ao consórcio Ricardo Vieira do Couto, os quais oportunamente serão apresentados à apreciação dos sócios para serem discutidos e aprovados. Em seguida tratou a assembleia geral de proceder à eleição dos membros que deverão compor a Diretoria da mesma sociedade, principiando-se pelo respectivo Presidente, o que submetido à consideração dos membros presentes foram unânimes em que fosse Presidente o consórcio Joaquim Bezerra da Costa Mendes, da mesma forma foram eleitos os seguintes:

Vice-Presidente: Romualdo Lopes Galvão

Orador: Dr. Paulo Leitão Loureiro de Albuquerque

1º Secretário: Frederico Antônio de Carvalho

2º Dito: Astério de Souza Pinto

Tesoureiro: Manoel Benício Guilherme de Melo

Procurador: Manoel Cyrilo dos Santos

Diretores: Capitão Antônio Filgueira Secundes, Luiz Carlos da Costa, Miguel Faustino do Monte, Joaquim de Oliveira Torres, Aristóteles Alcebíades Wanderley, Antônio Fernandes Júnior e Alexandre Soares do Couto.

Eleita por esta forma a Diretoria, tomou assento nos respectivos lugares, declarando o seu Presidente instalada a “Sociedade Libertadora Mossoroense”.

Em seguida o Presidente concedeu a palavra aos oradores que quisessem dela fazer uso, inscrevendo-se os seguintes Senhores:

Dr. Paulo Leitão Loureiro de Albuquerque, Luiz Carlos da Costa, Genipo Allido Genuíno de Miranda, Miguel Faustino do Monte e Frederico Antônio de Carvalho, os quais proferiram discursos análogos ao ato, tocando algumas peças, nos intervalos, a filarmônica. Em seguida pediu a palavra o consórcio Francisco Gurgel de Oliveira, declarou solenemente, na presença da assembleia geral que, para testemunhar o regozijo que lhe despertara a inauguração da Sociedade Libertadora Mossoroense e os sentimentos livres e humanitários de que se achava possuído naquele momento, considerava, daquela data em diante, livre a sua escrava Tereza, mulata de 32 anos, entregando, nesta ocasião, ao Presidente a carta de liberdade, a qual era do teor seguinte: “Por este título, por mim assinado em regozijo e comemoração da instalação da Sociedade Libertadora, que hoje se inaugura nesta cidade, dou plena liberdade à minha escrava Tereza, mulata de 32 anos de idade, satisfazendo assim os deveres que me impõem os verdadeiros princípios da humanidade e os preceitos da caridosa sociedade a que tenho a honra de inscrever-me como sócio instalador.

Cidade de Mossoró, 6 de janeiro de 1883. Francisco Gurgel de Oliveira.”

Em seguida à leitura da presente carta, leu o Secretário um ofício deixado nas mãos do mesmo Gurgel de Oliveira, de José Lopes Albino, negociante em Pernambuco, no qual oferecia a quantia de cinqüenta mil réis para auxiliar a libertação dos escravos, que ela tão justa e denodadamente tomou em si o caridoso empenho de conseguir; levado pelos mesmos sentimentos humanitários e caritativos, declarou o consórcio Romualdo Lopes Galvão que dava plena liberdade a sua escrava Luzia, parda, de 45 anos de idade, matriculada neste município a 20 de junho de 1872. Em seguida o 1º Secretário, Frederico Antônio de Carvalho, pediu a palavra e propôs para sócios beneméritos, pelo rasgo de filantropia e caridade aos sócios: Francisco Gurgel de Oliveira, Romualdo Lopes Galvão e ao cidadão José Lopes Albino, aqueles pela liberdade de suas escravas e este pela generosa oferta da quantia de cinquenta mil

réis, cujos atos considerava de grande valor; o que foi aprovado unanimemente. À vista do que o mesmo Presidente declarou encerrado o ato da instalação e ordenou que se inscrevessem na presente ata os sócios instaladores, assim como se expedissem os Diplomas aos sócios beneméritos mencionados na presente ata. Do que tudo para constar mandou lavrar esta em que assinam com a Diretoria e mais sócios instaladores. Eu, Frederico Antônio de Carvalho, 1º Secretário, a escrevi:

Presidente: Joaquim Bezerra da Costa Mendes

Vice-Presidente: Romualdo Lopes Galvão

Orador: Dr. Paulo Leitão Loureiro de Albuquerque

1º Secretário: Frederico Antônio de Carvalho

2º Dito: Astério de Souza Pinto

Tesoureiro: Manoel Benício Guilherme de Melo

Procurador: Manoel Cyrilo dos Santos

2 – Diretores

Capitão Antônio F. Secundes

Luiz Carlos da Costa

Miguel Faustino do Monte

Joaquim de Oliveira Torres

Aristóteles A. Wanderley

Antônio Fernandes Júnior

Alexandre Soares do Couto

Sócios instaladores:

Francisco Gurgel de Oliveira

Antônio P. de Albuquerque

Antônio Ferreira Borges

Manoel Artur C. de Azevedo

Idalino Alves de Oliveira

Francisco Alves de Oliveira

Conrado Mayer

Ricardo Vieira do Couto

Vigário Antônio J. Rodrigues

João dos Reis Guilherme Filho

Alexandre dos Reis
Pedro Celestino B. Tinoco
João Filgueiras
José Gabriel
Alexandre de Souza Nogueira
Manso Valente Cavalcanti
Durval Fiuza
Francisco Romão Filgueiras
José Gomes Cerqueira
João Jardelino Mendes
Genipo Allido G. de Miranda
Augêncio Virgílio de Miranda
Henrique C. Lopes Galvão
Francisco Nogueira da Costa
Sílvio Policiano de Miranda
José Paulino C. de Oliveira
José Carlos de Noronha
Francisco Nonato Cavalcante
Manoel Francisco de Oliveira
Bento Borges
Pedro Virgolino Freire
João Damasceno
Francisco Amâncio
Francisco da Costa Santos
Antônio Chaves de Oliveira
Francisco Gomes Pichoso
Libânio da Costa Pinheiro
Moisés N. de Freitas Costa
Raimundo N. de Freitas Costa
Plautilo Rufino P. Bandeira
Laurentino Caranha
Luiz Justino Gondim
Galdino Leite de Oliveira
Francisco Manoel
Manoel Pereira Junior
Manoel Maria Vieira França

Francisco A. M. de Miranda
João Molonguinho

3 – A Diretoria da Sociedade Libertadora Mossoroense

– É-nos possível, agora, reconstituir, de maneira correta e completa, a Diretoria da “Libertadora”:

Presidente: Joaquim Bezerra da Costa Mendes
Vice-Presidente: Romualdo Lopes Galvão
Orador: Paulo Leitão Loureiro de Albuquerque
1º Secretário: Frederico Antônio de Carvalho
2º Dito: Astério de Souza Pinto
Tesoureiro: Manoel Benício Guilherme de Melo
Procurador: Manoel Cyrilo dos Santos
Diretores: Capitão Antônio Filgueira Secundes
Luiz Carlos da Costa
Miguel Faustino do Monte
Joaquim de Oliveira Torres
Aristóteles Alcebíades Wanderley
Antônio Fernandes Júnior
Alexandre Soares do Couto

4 – O Rol dos Abolicionistas – Ei-lo, baseado na ata de instalação da “Libertadora”, e em ordem alfabética:

Antônio Chaves de Oliveira
Antônio Fernandes Júnior
Antônio Ferreira Borges
Antônio Filgueira Secundes
Antônio Joaquim Rodrigues
Antônio Pompílio de Albuquerque
Alexandre Soares do Couto
Alexandre de Souza Nogueira
Alexandre dos Reis
Aristóteles Alcebíades Wanderley
Astério de Souza Pinto
Augêncio Virgílio de Miranda

Bento Borges
Conrado Mayer
Durval Fiuza
Francisco Alves de Oliveira
Francisco Amâncio
Francisco Antônio Martins de Miranda
Francisco da Costa Santos
Francisco Gomes Pichoso
Francisco Gurgel de Oliveira
Francisco Manuel
Francisco Nogueira da Costa
Francisco Nonato Cavalante
Francisco Romão Filgueira
Frederico Antônio de Carvalho
Galdino Leite de Oliveira
Genipo Álido Genuíno de Miranda
Henrique Clementino Lopes Galvão
Idalino Alves de Oliveira
João Damasceno de Oliveira
João Filgueira
João Jardelino Mendes
João Molonguinho
Joaquim Bezerra da Costa Mendes
Joaquim de Oliveira Torres
José Carlos de Noronha
José Gabriel
José Gomes Cerqueira Carvalho
José Lopes Albino
José Paulino Campos de Oliveira
Laurentino Caranha
Libânio da Costa Pinheiro
Luiz Carlos da Costa
Luiz Justino Gondim
Manuel Artur C. de Azevedo
Manuel Benício Guilherme de Melo
Manuel Cyrilo dos Santos

Manuel Francisco de Oliveira
Manuel Maria Vieira de França
Manuel Pereira Júnior
Manso Valente Cavalcante
Miguel Faustino do Monte
Moisés N. de Freitas Costa
Paulo Leitão Loureiro de Albuquerque
Pedro Celestino Barbosa Tinoco
Pedro Virgolino Freire
Plautilo Rufino Pinto Bandeira
Raimundo N. de Freitas Costa
Romualdo Lopes Galvão
Sílvio Policiano de Miranda

Esta poderia ser a Lista Oficial dos Abolicionistas de Mossoró.

Sessenta e um Abolicionistas.

Mas não podemos deixar de acrescentar os nomes de:

Aderaldo Zózimo de Freitas
Francisco Fausto de Souza
João Severiano de Souza
Lindolfo Montenegro
Odilon Abdolino Pinto Bandeira
Ricardo Vieira do Couto

Salvador Bráulio de Albuquerque Montenegro, por haverem sido citados pelo historiador maior de Mossoró, Francisco Fausto de Souza, em trabalho transcrito por Luís da Câmara Cascudo, no seu “Notas e Documentos para a História de Mossoró”.

A Ata do dia 30 de setembro é fonte histórica insuspeita para adicionarmos, também, os nome de:

Alcebíades Dracon de Albuquerque Lima
Alfredo de Souza Melo
Almino Álvares Afonso

Francisco Pinheiro de Almeida Castro

José Damião de Souza Melo

Maurício Olegário do Rego Farias

D. Amélia de Souza Galvão projeta-se como uma doce herína da Abolição de Mossoró. A reportagem do “Libertador” de 13 de janeiro de 1883, transcrita neste livro, e, ainda, o trabalho de João Galvão justificam este registro.

A quinta reportagem de Almino Afonso, publicada no “Libertador” a 29 de outubro de 1883, nos sugere a inclusão de mais um nome, Joaquim Nogueira da Costa.

Rafael Mossoroense da Glória era o Presidente do Clube dos Spartacus.

Eusébio Beltrão era proprietário de uma barcaça que transportou muitos escravos libertados para Mossoró.

5 – Da Sociedade Interservil – Fundada por Almino Afonso em Areia Branca, a 10 de outubro de 1883, faziam parte:

André Cursino de Medeiros

Antônio Bento dos Santos

Antônio do Vale Loureiro

Carlos Francisco de Mendonça

Firmino do Vale Loureiro

Francisco Pio de Mendonça

Geraldo Guilherme de Melo

Jeremias Gomes Galvão Guará

João Félix do Vale

João Francisco de Borges

João Francisco de Mendonça

João Henrique do Rego

José Antônio Freire de Carvalho

José Gomes da Costa

José Francisco de Mendonça

Lauriano Ângelo da Silva

Manuel Francisco Duarte

Manuel Tomaz Pereira

Raimundo Gomes Galvão

Raimundo Nonato Cavalcante

Até prova em contrário, foram noventa e oito os Abolicionistas de Mossoró.

Há alguns nomes da Ata da Instalação da “Libertadora”, como os de:

Francisco Gomes Pichoso

João Molonquinho, que devem estar truncados.

6 – Os Sócios Beneméritos da “Libertadora” – Eram três e foram propostos por Frederico Antônio de Carvalho, na sessão de 6 de janeiro:

Francisco Gurgel de Oliveira

José Lopes Albino

Romualdo Lopes Galvão

7 – Onde Foi Instalada a “Libertadora” –No baile oferecido a Romualdo e D. Amélia, no dia 25 de dezembro de 1882, plantada pelo venerável Frederico Antônio de Carvalho, nascia a “Sociedade Libertadora Mossoroense”.

A sua instalação verificou-se no dia 6 de janeiro de 1883, na “Casa das Sessões da Câmara Municipal”. (*) (**)

A reunião foi dirigida, em caráter interino, pelo abolicionista Romualdo Lopes Galvão.

O presidente, Joaquim Bezerra da Costa Mendes, e os demais diretores foram escolhidos pela unanimidade dos presentes.

A Câmara Municipal de Mossoró funcionava, naquele tempo, no edifício da Cadeia Pública, no mesmo em que seria proclamada, a 30 de setembro de 1883, a Abolição dos Escravos de Mossoró. ⁽¹⁾

(*) – Na Conferência TRADIÇÕES E GLÓRIA DE MOSSORÓ pronunciada no 50º da Abolição em Mossoró, NESTOR LIMA diz que a Libertadora foi instalada: “Onde é atualmente a Casa Sebastião Gurgel”.

(**) – BIANOR FERNANDES, na conferência pronunciada na Associação de Normalistas afirma: “A sede da Libertadora era num prédio situado no local em que se acha hoje o

estabelecimento dos Senhores S. Gurgel & Cia. Na Praça que tinha o nome da data, mudado depois para Rodolfo Fernandes”.

B I B L I O G R A F I A

01 – Vingt-Un Rosado – América Rosado – Alguns Subsídios à Saga Quase Centenária da Abolição Mossoroense – Coleção Mossoroense – Vol.53. – Resultado de uma pesquisa feita, em fevereiro de 77, pelos autores, na Biblioteca Pública de Fortaleza e no Instituto do Ceará, a que se mostram agradecidos pela acolhida.

CAPÍTULO XII

A ESCRAVIDÃO TINHA SEUS DIAS CONTADOS

O Ocaso Tenebroso dos Herdeiros de Caim – No caso, os “exploradores da raça negra” agonizavam nos estertores da sua hora final e os senhores de escravos de Mossoró na sua última batalha.

Na Cidade Heróica, a humanidade respirava livre, como se despertasse de um pesadelo secular!

Naquele dia de 6 de janeiro, quando foi instalada a “SOCIEDADE LIBERTADORA MOSSOROENSE”, num ATO SOLENE em que se definiu a sua estrutura e se delineou o seu programa de trabalho, estava chegando o fim da escravidão em Mossoró, lançada a sorte dos “negreiros”, sem que nem se precisasse, para isso, fazer a invocação das Legiões de Cesar, numa pressuposta travessia de um novo Rubicon.

1 – Com Aquele Ato de Positiva Independência – o povo mossoroense deitava a última pá de cal sobre o nefando comércio da carne humana, consumando, então, o prelúdio do seu colapso. O resto, que estava por vir, não tardaria muito, para ouvir-se o som da marcha fúnebre tocada sobre a cinza daqueles vendilhões do templo!

Naquela data alvissareira, desencadeava-se a luta dos libertadores contra a reação esboçada pelos senhores de escravos, que nos vários pontos da Nação tentavam provocar desordens e perturbar a segurança pública, ora no Parlamento, através da palavra dos seus representantes na esfera governamental, ora violentando o papel da imprensa, amordaçada pelo vil metal, para manter um estado servil da exploração de pessoas escravizadas pela força do dinheiro de uma agente desumana, que tratava aqueles infelizes como bestas, simplesmente, como animais irracionais.

E “tal qual sucedera em 1871, os políticos e os fazendeiros procuravam institucionalizar sua resistência através da formação de associações agrícolas, tanto nas cidades, quanto nas comunidades rurais” entidades fantasmas com o fim de burlarem a ação dos abolicionistas, que não se deixavam cair no logro.

2 – A Luta Estava Deflagrada – Correndo desenfreada pelas ruas, incendiária, dirigida pelas melhores figuras de Mossoró, todos unidos, na frente de batalha, que era irreversível.

Alguns desses homens, verdadeiros heróis, levantaram multidões enfurecidas que se bateram pela vitória de uma causa humanitária e cheia de espírito de altruísmo, vão ter seus nomes apontados às novas gerações, como exemplos que engrandeceram a História de uma Terra, desde que já pertenciam à História Geral, como verdadeiros varões de Plutarco.

Os nomes deles, faz favor?

3 – Romualdo Lopes Galvão – Grande comerciante, sertanejo de boa fibra, vinha das águas de Augusto Severo, ao tempo, ainda Campo Grande, na sua primitiva denominação histórica.

Foi Presidente da Câmara Municipal de Mossoró, nessa função recebeu o Presidente da Província, Moreira Alves, naquela oportunidade.

Nasceu a 7 de fevereiro de 1853.

Coronel Comandante da Guarda Nacional, Presidente da Câmara Municipal de Mossoró e de Natal, Deputado Estadual em duas Legislaturas. Diretor do Banco de Natal, hoje, Banco do Estado do Rio Grande do Norte S/A.

“Patriota e abolicionista indormido”. “Diz R. Nonato ao se referir à sua atividade em Mossoró: “foi um dos mais ativos elementos da Cruzada de 1883. Um dos mais vitoriosos rebentos da Loja Maçônica “24 de Junho”, que se dissera centro de iniciativa do movimento libertador.” (1)

4 – Seu Sobrinho Historiador – João Batista Galvão pesquisou o seu arquivo, onde levantou peças importantes, como afirma numa biografia escrita sobre o mesmo, na qual relembra os estatutos da Libertadora Mossoroense, cuja redação foi de autoria do imortal Dr. Almino Afonso. Aliás, acentua nesse seu trabalho, “o escritor Raimundo Nonato da Silva, estampou, com minha autorização, no seu artigo denominado “Depoimento à margem do 30 de Setembro”, publicado na Revista Bando, de setembro de 1949” o seguinte:

“Código da Liberdade – Artigo único sem parágrafos –
Todos os meios são lícitos a fim de que Mossoró liberte
seus escravos” (ii)

Romualdo Lopes Galvão faleceu em Natal, a 1º de agosto de 1927.

5 – Joaquim Bezerra da Costa Mendes - Foi o Presidente da “Sociedade Libertadora Mossoroense”. Numa qualidade, presidiu a memorável sessão de 30 de setembro de 1883, quando declarou numa frase que lhe deu um lugar na História:

“Mossoró está livre

Aqui não há mais escravos”!

Era natural do Ceará, de Boa Viagem.

Homem de extraordinárias qualidades e de resistência. Vibrante. Estóico. Desassombrado. Era um soberbo idealista. Um espírito forte e combativo. Dominado pelo entusiasmo que incendiava os abolicionistas, era, entre eles, um dos mais decididos e afoitos. Um dos mais destacados combatentes pela vitória da causa da abolição, por cujo êxito sacrificou tranquilamente a saúde e haveres. Foi um decidido coordenador do movimento, que impulsionava com energia e coragem.

De poucas letras, mas o seu ardor supria as deficiências de uma maior expansão intelectual.

Sua condição de homem simples, até humilde, não afasta o mérito das suas qualidades de lutador.

Até que é comum encontrar-se nos movimentos históricos, o destaque que se dá àqueles que pareciam modestos.

6 – Assim na Inconfidência Mineira – Entre tantos nomes ilustres de militares, magistrados, advogados, poetas, contratantes de mineração, sacerdotes e figuras outras, o escolhido para desempenhar a missão mais difícil, que era a da divulgação das idéias da independência e sua articulação com outros centros, a que estaria reservada a própria morte, foi o simples Alferes Joaquim José da Silva Xavier, o TIRADENTES.

E na hora do julgamento final, o juiz afirmava com evidente espírito de subserviência:

“Tiradentes não é pessoa que tem há figura, nem valimento, nem riqueza” (iii)

Hoje, Tiradentes é o Patrono Cívico da Nacionalidade!...

E esse Juiz, o que é?

7 – Exemplo Mais Próximo – Aqui dos limites de casa, apresentaria a figura extraordinária de Francisco Isódio de Souza, um homem de cor negra, guarda-livros, egresso do leite escravo, porém, um cidadão de qualidades cívicas e predicados morais elogiáveis.

Pela decisão unânime dos seus pares, foi escolhido presidente da Intendência Municipal de Mossoró. Fez um governo de boas realizações, por todos elogiado. Baixou um decreto considerando o Dia 30 de Setembro de Festa Cívica. Daí, o feriado de 30 de setembro. E criou o emblema da cidade.

Mas, Francisco Isódio – “Seu Isódio” – era um homem compenetrado dos seus deveres. E por isso, lá um dia, por questão de somenos importância, topou de frente o Governador do Estado, Dr. Ferreira Chaves, um homem forte e de prestígio na esfera partidária, onde sua palavra era uma lei, que não se discutia.

E ao responder a um telegrama, pouco atencioso do Governador, Francisco Isódio que era um homem de briga, não

mediu as consequências, deu-lhe resposta à altura, concluindo, com esta catilinária:

“Oxalá! Saiba V. Ex^a tão bem cumprir os seus deveres como sei cumprir os meus”!

Daí, diante dos fatos como estes, a escolha de Bezerra Mendes foi simplesmente um ato de Justiça, honrando seu merecimento de grande abolicionista.

A propósito do seu nível cultural, abro espaço neste capítulo da História para transcrição de uma carta de sua lavra, que é um autêntico retrato da sua fibra, e das suas qualidades personalíssimas, neste teor:

8 – Uma Carta de Joaquim Bezerra da Costa Mendes a João Ramos – No arquivo do Clube do Cupim, guardado no Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico de Pernambuco, localizei esta carta nos idos de 1937.

Agora, graças à gentileza de José Antônio Gonçalves Melo Neto, consegui a cópia do seu texto integral.

Joaquim Crispiano Neto ajudou-nos a decifrar a caligrafia do Presidente Joaquim Bezerra da Costa Mendes.

Eis a carta:

“Mossoró, 28 de maio de 1884

Caro amigo J.

Ramos

Recife

Fui mimoseado com suas apreciáveis linhas que tenho a pressa em responder-lhe.

Perfeita saúde com sua excelentíssima família, é o que muito tenho a desejar-lhe.

Vou lutando com os infames e nojentos negreiros não só do interior como daqui!!! Ainda que nesta terra não tenha mais escravos!

Não é você só que é amiassado tenho cido, e respondo que cigure o tiro porque do contrário eu fasso negro virar homem que forma exército e então é orroroso

porque perderei o escrúpulo e direi ao negro, na frente dele, que faça do senhor um cavalo!

Deus não permita que seja preciso chegar a este ponto por que não recuarei por certo.

Sofro, aqui, uma guerra desabrida por esta questão começando dos infames negreiros que desejava-me toda sorte de infortúnio, contudo distribui seus pressos correntes e cartões com alguns amigos os quais estão com suas relações aí fundadas que bem difícil é obter-se alguém além disso ter crédito para sacar mesmo sem fundo e outras transações que se lhes aferisse vantagem: é quando, meu amigo, gente daqui deixar de ter negócio em uma casa, para ter outra de preferência por motivo desta idéia santa. Acho impossível porque os conheço bem...

Não me deu seu retrato, aqui muito gosto terei em possuí-lo. Remeta os 31 tais a Libânio da Costa Pinheiro. Na barra que os encaminha para terra de Deus! Faço a ideia com quanto sacrifício você tem acarretado, porque eu tenho chegado ao impossível, porque 86 que possuía esta terra (salvo um pequeno número de senhores) eu fiz rugir e mugir contando que se deu realizou-se depois do Ceará livre só tem Mossoró: que só eu e Deus sabe quanto me tem custado este efeito. Temos por cá quem queira guardar respeito à lei negreira e com este protesto passa sem maior dispêndio e odiosidade.

Sou pobre e, portanto, pequenino. Não tenho razão a merecer qualquer coisa que cheire a progresso, ainda mesmo na profissão que uso, porém sempre tive em vista duas coisas que me deu o berço, e creio que só a sepultura tira, é a 1ª trabalhar quanto posso, o segundo, sustentar este trabalho com um nome que não me faça baixar a fronte, isto pois me tem custado tão caro que se o amigo me conhecesse de mais tempo podia apreciar, tenho tido muita caipora que quase a 10 anos que sofro de beri-beri, e isto me tem feito um dispêndio que tem sempre

prejudicado meus interesses, contudo, vou marchando sem ofender aos interesses daqueles que confiam em minha humilde firma: compro aí em diversas casas, e com nenhuma tenho o negócio que preciso para melhor mover meus negócios de compra de gêneros nacionais que suporta esta cidade, por essa posição quero, pois, dizer ao meu amigo que se lhi convém ter nos livros da respeitável casa, qui vi cinteressado meu nome; pelas as seguintes transações.

Tendo algodão pra comprar aqui será remitido exclusivamente a sua casa; pelo que me levará desse comércio do 1% quando em ocasião lhi convir fazer compra tem dinheiro a prêmio pelo prazo e que costumão-se para compras, ou para entrega ahi, não recindirei de um aumento maior que 5.000\$000, são limitados meus negócios desde que não me estendo com vendas fiadas para o interior, porém é preciso que para fazer um pequeno movimento possa comprar a dinheiro ou 30 dias como tenho feito nos tempos de safra. Sua resposta cirvirá de governo...Si aqui tenho pessoas qui mi conhecem ahi com quem tenho tido negoc¹³⁷egócioseará onde estive de 80 a 83.

Até pode pedir-me nomes para lhe apontar os que lhe agradam informar-me. Adeus sou seu amigo.

Joaquim Bezerra da Costa Mendes”

9 – Dr. Paulo Leitão Loureiro de Albuquerque – Do Estado de Pernambuco, onde nasceu na Cidade do Recife, na Rua da União, “quando o relógio do tempo” assinalava: 11 de julho de 1844.

Humanista. Grande poeta. Mavioso vate de infinitas saudades. Cantor harmonioso e sereno das mortas ilusões d’almas. Metrificador irrepreensível das líricas estrofes dos seus poemas. Foi uma força decisiva na Campanha pela libertação dos escravos, Impenitente enamorado das Liberdades. Liberal de todas as horas... Nasceu na terra de Nabuco, bacharelou-se em

Ciências Jurídicas e Sociais pela tradicional Escola de Direito do Recife. Veio para Mossoró, em 1879, aqui viveu até 27 de novembro de 1902, “quando desapareceu no meio da gente que o adorava e queria pelas suas qualidades de bondade e de inteligência”.

Foi figura de projeção da Loja Maçônica “24 de Junho”.

No seu proselitismo abolicionista Paulo Leitão doutrinava:

“A escravidão é um crime deles – Divindade, e esse crime em que foram autores os nossos avoengos, e nós os cúmplices esse crime torpe e infamante dera lugar ao medonho processo que, complicando o próprio legislador, quando em seu código de um lado, comina penas severas àqueles que reduz à escravidão pessoa livre, e de outro lado, legaliza o poder senhorial, fulminando o escravo que se rebeldia, nos leva à barra do mais implacável tribunal.” (iii^a)

Entre os seus pensamentos filosóficos que Walter Wanderley codificou no seu livro, Paulo de Albuquerque – o poeta da abolição, destaco este pela veemência das suas palavras:

“Eia! Libertadores! Um só instante de demora pode fazer com que sucumbam de fome e de liberdade os filhos queridos, que a Pátria quer salvar! Deixemos as flores do festim, e corramos ao justo apelo dos que precisam de nossos socorros; tomemos suas mãos suplicantes; e formemos um baluarte, onde não penetre a arrogância e a tirania.”

10 – Walter Wanderley, o Conceito Concreto – Encerro este depoimento sobre Dr. Paulo Leitão Loureiro de Albuquerque, ouvindo ainda uma vez a palavra de Walter Wanderley, que escreve:

- “Juiz, professor, poeta, abolicionista, pai de família muito compreensivo e extremoso, servido por uma cultura humanística admirável, no seu tempo, o Dr. Paulo Leitão Loureiro de Albuquerque atingiu, como poucos no Brasil, aquilo que Ramiz Galvão chama “a

mais sublime das imortalidades, que é a imortalidade do bem.” (iv)

11 – Nas Alternativas – Dessa batalha de consciência livre contra a tirania, a palavra dos gladiadores da abolição era uma espécie de espadim a duelar, sempre pronto para atacar e vigilante a defender, esquecendo a própria vida, para salvar a honra, apareciam figuras da estrutura moral do Dr. Francisco Pinheiro de Almeida Castro, uma das vozes de comando dentro da “24 de Junho”, pois na vida de Mossoró.

12 - Havia Também o Dr. Castro – Valendo uma permanência beneficente e polimática, médico, orador, amigo forte, cirurgião que a necessidade improvisava, devoto dos magistrats, formulando sempre, mesmo quando seus futuros colegas se haviam rendido às seduções cômodas dos remédios de frascos. Corria a fama curativa de suas receitas. Era forte, possante, simpático, impecavelmente vestido, amando a dança, o discurso, o “cognac”. Mossoró oferecia festas particulares brilhantes, sessões literárias com declamação eufórica, vaquejadas de espanto, domingos nos arredores e mesmo, para a tentação dos comboeiros austeros e dos apatites vadios, vivia a flora indispensada e venenosa das mulheres de sexo solto, como dizia Raul Bopp, com bailes atraentes e brigões, de cachaça e viola inesgotáveis. As sanfonas, foles, realejos, vieram posteriormente. Tivera um jornal em 1872, MOSSOROENSE, de Jeremias da Rocha Nogueira. As famílias viajavam em carro de bois, entre a sombra dos toldos e a maciez das esteiras. Era uma cidade do sertão, ardente e tropical, sentada em cima do calcário, cheirando a maresia pelo Nordeste que espalhava perfumes do mar. Jerônimo Rosado chegara num momento tumultuoso, a instalação do governo republicano no Município. Havia de morrer, quarenta anos depois, durante outra coincidência histórica, a revolução de 1930. Em 1890 os quadros partidários eram fechados e resistentes. Não havia em Mossoró, realmente, um republicano “histórico” e sim sentimental, “herança da família”, o Doutor Castro. Não houve improvisão

administrativa sob pretexto de aplicação doutrinária e sim uma sucessão local de valores pessoais. Depois, o volante voltou às mãos tradicionais dos “influentes” que a República não anulara. Em 1930 vimos semelhantemente os “revolucionários” sendo sucessivamente apagados pelos sopros dos mesmos “companheiros de ideal”. Para sobrevivência, aliaram-se aos anteriores elementos, “provocadores” da Revolução. Todos os novos dirigentes do Estado fariam curso experimental na convivência dos velhos políticos. Nenhum revolucionário de 1930, na plenitude representativa da ondulante e sonora “doutrina”, alcançou governar o Rio Grande do Norte. O primeiro governador “constitucional” Rafael Fernandes Gurjão, era um político de Mossoró, sucessor de Almeida Castro na Câmara de Deputados. Esse 1890 vai reunir Jerônimo Rosado ao Doutor Castro, que o fizera deixar Catolé do Rocha e fixar-se em Mossoró. Seu Jerônimo foi o menos político dos homens. Apenas, como ele dizia, acompanhava Almeida Castro, sem inquirir justificações maiores da atitude. Morreu oito anos depois do velho amigo, acompanhando-o mentalmente. O que realmente lhe interessava era Mossoró. Os homens eram acidentes sobre a terra de seus filhos”. (V)

13 – Francisco Romão Filgueira – Este era tradição viva, todo o passado da cidade de Mossoró. O mais velho de todos, era até pouco tempo.

O remanescente dos pequenos casos, pois para ele Mossoró não tinha fronteiras nem áreas de separação.

Assistiu às calamidades das secas de 77/79, com todos os seus quadros horrorosos, quando o lugar era apenas um esboço de cidade.

Durante a campanha da abolição, nos momentos acesos e da luta, ele se encontrava em toda a parte. Jovem, vibrante, cheio de entusiasmo, afrontando corajosamente os reacionários que combatiam ao lado da grande causa da solidariedade da confraternização das criaturas, sem preconceito e sem problema de cor.

Fez parte de numerosas associações da sua terra e em todas deixou o traço marcante da sua personalidade, de seu espírito combativo e do seu idealismo. Foi nome de destaque nos QQ:. da LOJ:. Maçônica “24 de Junho” e figura de projeção da grande arrancada de 30 de Setembro de 1883, apesar de ainda muito jovem. Faleceu em Mossoró, a 9 de setembro de 1958, com 98 anos de idade.

14 – A Posição dos Combatentes – Em favor da ideia fazia obra de proselitismo em todas as camadas sociais do Império. O sentido da desigualdade e da angústia do drama dos escravos, facilmente explorado, levantava pensadores, políticos, tribunos, homens da imprensa e vozes poderosas nos domínios da nobreza e da economia, como a de Joaquim Nabuco, que rompiam com tradições seculares e vinham tomar partido nas hostes da causa abolicionista. Moço ardoroso, dominado pelo liberalismo dos princípios que se ventilavam das sessões da “Loja 24 de Junho” e desfrutando do prestígio de tradicional e importante família, que vinha dos troncos dos “Camboas”, surge a figura de Romão Filgueira, propagando a ideia com entusiasmo de sua juventude impressionante e arrojada.

Tantos anos depois ali naquela casa nº 220, da Rua Almeida Castro, ângulo com a Praça da Redenção, revivi com o velho abolicionista em conversa e relatos, recordações e fatos daquela época e da cidade, de que ele ainda era a melhor fonte de tradição oral, o mais fiel retratista.

15 – Alexandre Soares do Couto – Abolicionista de ideias e de coração. Tinha a dignidade dos bolsos vazios (*). Era, porém, rico, riquíssimo de nobreza de caráter e de magnanimidade de ação. Trabalhou sem cessar e sem desfalecimento pela causa da abolição. Deu aos seus contemporâneos e companheiros de cruzada o mais nobre exemplo de abnegação e de civismo. Foi Secretário do Clube dos Spartacus, de que era Presidente um seu ex-escravo, o negro Rafael Mossoroense da Glória. Este fato, por si só, define um homem. E diz quais os tributos morais com que se apresentou para os embates cívicos de redenção dos escravos em sua terra.

Conta-se que no dia 30 de setembro, depois da sessão no Paço Municipal, Alexandre Soares do Couto ofereceu, em sua casa, um banquete a todos que tinham sido libertados. Sentou-se na cabeceira da mesa RAFAEL MOSSOROENSE DA GLÓRIA que fora peça da sua escravaria. O almoço, aos ex-escravos, foi servido pela sua própria esposa e pelas suas filhas. Inegavelmente, um belo exemplo de fraternidade e de amor ao próximo.

Alexandre Soares do Couto era natural de Mossoró, pertencente a tradicional família do Município, dos Camboas, sendo seus descendentes João Capistrano do Couto, sogro do jornalista Jorge Freire de Andrade, e o outro jornalista Dorian Jorge Freire, seu bisneto.

16 – Miguel Faustino do Monte – Cearense, lá das bandas da Serra da Meruoca. Vinha de Sobral, para lutar, para vencer. E lutou e venceu. Nascido a 11 de agosto de 1858, desde jovem radicado em Mossoró, onde cedo, constituiu família e conseguiu galgar posição de destaque como chefe de uma poderosa organização comercial, M. F. do Monte & Cia., firma que como tantas outras, marcou a era de ouro do comércio de Mossoró, numa época que deixou tradição e renome, e um passado dos mais ricos de experiências de trabalho.

Como abolicionista que foi, um fato somente serve para demonstrar o seu entusiasmo e a sua participação no heroico feito: “O pacto de honra que firmara com Romualdo Lopes Galvão de lançar mãos das últimas parcelas de suas economias, se para tanto, fosse necessário, ao movimento a que estavam comprometidos”.

Diz a tradição que eles tinham ajustado os ponteiros dos relógios, para arrebentarem a Praça de Mossoró com prejuízo total para o seu comércio.

O que felizmente não chegou a ser preciso fazer.

Foi católico praticante e de convicção inarredável, um grande benfeitor para a formação do patrimônio da Diocese e um dos que mais se bateu pela sua criação. Além da doação valiosa que fez, construiu às suas expensas, o majestoso templo do Sagrado Coração de Jesus.

Em “Terra e Gente de Mossoró”, pág.43, o seu autor afirma a seu respeito:

“Assinalados serviços deve a cidade de Mossoró a Miguel Faustino do Monte, um nome que projetou o seu comércio para engrandecimento da sua riqueza, finaliza R. Nonato.”

No Rio de Janeiro, no Bairro da Tijuca, na Igreja de São Sebastião, dos Frades Capuchinhos, há um rico altar com 3 imagens em tamanho natural: São Roque, São Miguel, São Braz e os dizeres: Homenagem da Família MONTE – Rio de Janeiro, 7 de maio de 1933.

Miguel Faustino do Monte morreu no Rio de Janeiro, onde residia, a 10 de novembro de 1952. (VI)

17 – Padre Antônio Joaquim Rodrigues e a Abolição – Cearense. Do Aracati, onde nasceu a 5 de novembro de 1820. Filho do português Antônio Joaquim Rodrigues e de D. Vicência Ferreira da Mota, de origem norte-rio-grandense.

Vigário colado da Freguesia de Mossoró, de 1844 a 1894. Quando foi nomeado ainda não havia terminado o curso, no Seminário de Olinda. No dia da sua posse, houve certa reação dos paroquianos, que queriam a permanência do Vigário, seu antecessor.

Homem de rápidas atitude, vendo a desordem que reinava no lugarejo, então entregue ao mando do grupo dos Sulistas, tratou de organizar o Partido Conservador, de que assumiu a chefia. Tornando-se um político de evidência e reconhecido prestígio. Foi Deputado Provincial em sete legislaturas consecutivas.

Cavaleiro da Imperial Ordem da Cruz.

À frente dos Conservadores, esteve em Mossoró até 1878, quando doente e envelhecido, passou o comando da Grei ao Coronel Francisco Gurgel de Oliveira, que conduziu o barco com sabedoria, para o bom destino.

O Padre Antônio Joaquim foi figura de destaque e de maior relevo, durante a época em que viveu em Mossoró.

Deve-se a sua iniciativa progressista, a vinda para Mossoró de negociantes estrangeiros, dirigidos por João Ulrich Graf, o suíço.

Faleceu em Mossoró, a 9 de setembro de 1894. Seu corpo, a seu pedido, foi sepultado na porta central da entrada da Igreja de Santa Luzia.

18 – A Atitude do Vigário de Mossoró – Em face dos acontecimentos abolicionistas, se não foi de indiferença foi de total silêncio.

Na verdade, não tomou parte ativa na campanha, nos seus dias de maior vibração.

As razões, de todo o mundo conhecidas, estavam do seu lado. Manteve, no mais agitado da luta, um comportamento coerente, sereno, irreversível.

Até mais do que coerente, sua posição representava a disciplina da doutrina da Igreja Católica, então definida, em documentos do Vaticano.

A luta aberta entre as duas instituições – a Igreja e a Maçonaria, - não lhe dava ensejo para tergiversação, para fugir ao cumprimento do seu voto sacerdotal.

Sabe-se que a Maçonaria desde 1738, vinha sob o interdito da Igreja colocada sob o rigor da Lei Canônica.

19 - Havia Determinações Categóricas – Emanadas do Poder Superior, que não lhe cumpria discutir, senão executar.

A atitude do Vigário foi, assim, de absoluta coerência.

Nem é possível imaginar, ao menos, estabelecer plano de comparação entre seu procedimento e o do Vigário Bartolomeu Fagundes de Natal. Este era um espírito tumultuário, maçom em atividades, venerável da Loja “21 de Março”, frequentando seus trabalhos e dirigindo suas atividades, - diga-se corajosamente -, mantendo regime doméstico familiar, com mulher e filhos.

Ao contrário disso, o Padre Antônio Joaquim era um homem puro.

O vento do pecado jamais cruzou pelo recinto de seu humilde presbitério.

Pobre, quase humilde. Não possuía bens.

20 – A Palavra de D. Jaime – Sua consagração foi feita pelo Bispo D. Jaime de Barros Câmara, quando numa solenidade do 30 de setembro, afirmou na Praça Pública, do Patamar da Igreja de Santa Luzia, que:

- “O Vigário Antônio Joaquim Rodrigues tinha no coração os mais puros e mais nobres sentimentos abolicionistas”...

Confirmando, assim, o Príncipe da Igreja, aquelas palavras de Francisco Fausto – um dos donos da verdade da História de Mossoró – quando assegurou ter o Vigário Antônio Joaquim aplaudido a abolição total dos escravos do Município, tomando parte ativa nas festas!

21 – O Que Era Defeso aos Maçons – Francisco Fausto registra os fatos, sem omitir circunstâncias:

“Os Bispos de diversas Dioceses do Brasil dirigiram aos párocos cartas pastorais proibindo-lhes, entre outras coisas, casarem maçons e consentir que fossem padrinhos de crianças, o que foi sempre observado pelo Vigário Antônio Joaquim. Pondo em execução essas ordens do Bispo da sua Diocese, o Padre Antônio Joaquim provocou os ânimos dos maçons da “24 de junho”, que em Mossoró abriram luta pela imprensa representada pelo “Mossoroense”, àquela época, já em artigos e discursos publicados.

“Devido a essa proibição, em 1882, o maçom José Paulino Campos de Oliveira, por ocasião de achar-se o Padre celebrando a missa conventual, declarou em voz alta e inteligível, perante todos que estavam presentes, que recebia em casamento por sua legítima mulher, dona Filomena Nepomucena, fazendo ela também igual declaração que recebia aquele, por seu legítimo marido. Consultado o Bispo da Diocese sobre o assunto, este considerou-os legitimamente casados.” (VII)

Aliás, casamentos assim realizados contra a intervenção do Pároco celebrante deixaram tradição por muitos lugares de tradição católica.

Típico é o caso de Clara Joaquina de Almeida Castro, a irmã querida do Padre Miguelino, que esteve presa, implicada

na Revolução de 1817. Depois, casada com o sobrinho Tenente-Coronel Inácio Pinto de Almeida Castro.

Ao sair da prisão, encontrou embaraços por parte da Igreja, para realização do casamento.

Durante uma missa a que assistiam, fizeram declaração pública de que estavam casados. E foram receber a bênção no Ceará.

E prossegue o escritor, apresentando outros dados:

“Também nesse mesmo ano casou-se em Mossoró, catolicamente, segundo as Leis do Império, o maçom Frederico Antônio de Carvalho, com D. Maria Leopoldina de Carvalho”.

“Continuando a recusar o Padre Antônio Joaquim a casar os maçons, em Mossoró, sem que primeiro estes se confessassem, abjurando a crença, os Pedreiros Livres, em 1883, casaram-se perante o Ministro da Religião Evangélica – De Lacey Wardlaw, que era norte-americano”. (VIII)

22 – O Padre Antônio Joaquim – O Abolicionista – “E porque a esse tempo, havia o hábito de se vender gente livre como escravo. O Padre Antônio Joaquim, que presenciou esse estado de cousa, fez-se político conservador, e, tomando as rédeas do poder local, mudou inteiramente a situação. Despido de ambições, e sem prepotências absurdas, pôs termo a esse tráfico triste, e deu foros de civilização à sua freguesia”. (IX)

“Apoiou, embora já velho, o movimento abolicionista que se levantou em Mossoró, em 1883, aplaudindo a libertação total dos escravos do Município e tomando parte ativa nas festas”.

Ora, isto é Francisco Fausto quem afirma, uma palavra que merece crédito.

Aliás, essa demonstração de solidariedade à causa da libertação dos cativos, o Padre Antônio Joaquim havia dado prova. Há muitos anos passados, como assegura o mesmo historiador, contando:

23 – Pessoas Livres Vendidas Como Escravos – “Um grupo de liberais, na sua maioria composto de pessoas de outros lugares, cometia tropelias e crimes dentro da povoação.

“Dentre as vítimas citamos as seguintes: Isabel e suas quatro filhas, Cândida, Josefa, Maria e Faustina, livres de nascimento, que foram por estes grupos escravizadas, em 1845, e remetidas para Natal, a fim de serem vendidas, o que não se realizou por haver o fato chegado ao conhecimento das autoridades superiores da Província, que as restituíram a liberdade, punindo os criminosos.

“Pedro Rosa foi vendido em Natal, como cativo, por Antônio Francisco Fraga, depois do qual foi resgatado.

Para isso muito se interessou o Padre Antônio Joaquim, enviando documentos para Natal e Francisco da Rosa do Monte, tio de Pedro – o suposto cativo – com quem voltou para Mossoró”.

Os registros apontam vários outros casos dessa natureza, pondo em relevo a bondade com que o pároco prestava auxílio aos infelizes escravos.

24 – O Tempo Passa, as Memórias Ficam – O Vigário Antônio Joaquim Rodrigues, chefe local do Partido Conservador, indicou o Padre Antônio Freire de Carvalho para concorrer à eleição da primeira Câmara Municipal de Mossoró, cuja instalação se verificou a 24 de janeiro de 1853.

No prolongamento da Monarquia, até a República, só uma atitude nova foi criada, resultante da Revolução de 1930, que modificou a organização política do País. Até, em 1937, na vigência de um regime constitucional, um sacerdote assume de novo a chefia do Poder Público de Mossoró com a eleição realizada em 16-3-1937, tomando posse de Prefeito Constitucional, o Padre Luiz Ferreira Mota, a 7 de setembro de 1937.

Eram decorridos, nessa data, 84 anos da posse do Vigário Antônio Freire de Carvalho.

Depois, o Estado Novo chegou. E só ficou 10 anos!...Longos...Sofridos...

E como dizem que Deus é brasileiro, lá se foi ele, sem deixar saudades e o País do Futuro voltou a ter uma Constituição.

DIX-SEPT ROSADO é eleito Prefeito Constitucional de Mossoró. Eleição realizada em 21 de março de 1948, tomando posse no dia 31 do mesmo mês e ano.

Já então, tinham-se passado 95 anos da investidura do Padre Antônio Freire de Carvalho no mesmo cargo.

Em eleição procedida em 3 de outubro de 1950, DIX-SEPT ROSADO foi eleito Governador do Estado do Rio Grande do Norte, assumindo o cargo a 31 de janeiro de 1951.

Falece no desastre de um avião da “LAP”, numa manhã de 12 de julho, acidentado no Rio do Sal, em Aracaju (SE), apenas com seis meses de governo. Não houve sobreviventes.

Com a morte de DIX-SEPT ROSADO, o Estado do Rio Grande do Norte parou mais de 20 anos na marcha do seu progresso.

25 – D. Amélia Dantas de Souza Galvão – D. Sinhá Galvão – “A mais extraordinária figura feminina de Mossoró, com atividades políticas, sociais e humanitárias do século XIX.

Esposado abolicionista Romualdo Lopes Galvão, o batalhador da Campanha da Abolição dos Escravos.

Comerciante. Político, Presidente da Câmara Municipal. Figura de relevo nas atividades da vida maçônica da cidade.

D. Sinhá Galvão, contagiou-se pelo idealismo do seu marido, de quem se tornou uma cooperadora dedicada e cheia de entusiasmo pela vitória da causa que empolgava as multidões da cidade.

Ela foi a idealizadora do Estandarte da Sociedade Libertadora Mossoroense, que carinhosamente desenhou e confeccionou com esmero, sobressaindo-se as inscrições principais, todas bordadas a contas douradas, numa caprichosa demonstração de devotamento e de arte pela causa a que emprestou o concurso do seu amor e do seu espírito de mulher cristã”. (X)

26 – Dona Sinhá Galvão – Escreveu seu biógrafo, convida suas amigas, entre elas as das famílias Soares do Couto, Dr. Paulo Leitão e outras, saindo às casas dos senhores possuidores de escravos, concitando-os a alforriarem seus

cativos, chegando ao ponto de quando não podiam receber adesões para o movimento, em virtude da escravidão ser garantida por Lei de se ajoelharem, beijando os pés dos potentados, indiferentes aos sofrimentos dos prisioneiros das senzalas, rogando a liberdade imediata dos escravos que possuíam.

“A única casa em Mossoró que não recebeu a Comissão das Libertadoras, composta de senhoras e senhoritas da melhor sociedade, foi a do inglês Alexandre O’Grady, porque sua esposa, escravocrata, não consentiu”. (XI)

Ainda são do referido biógrafo esses registros:

“Em consequência da luta incessante que D. Sinhá (esposa de Romualdo) desenvolveu, adquiriu uma gripe, e não se tratando convenientemente, veio a falecer em 1889, mais ou menos, de uma tuberculose pulmonar, com menos de 25 anos”. (XII)

“Emília Galvão (irmã mais velha de Romualdo) contou-nos por diversas vezes que, tinha ido ao Acari, com D. Sinhá, quando esta se encontrava doente do mal que a levou à sepultura...Partiam de Mossoró, em liteira, em companhia de Pedro Ventura (conhecido por Pedro Manso) e viajavam à Cidade de Acari, no Seridó, a fim dela se encontrar com sua avó materna, de nome D. Tetê Dantas, que, caducando, havia guardado para a neta querida, canjica com mais de 15 dias de feita.”

27 – Estes Nomes Valorosos – Postos em destaque na Galeria dos Abolicionistas de Mossoró, em número de 98, dão ideia das poderosas forças que se reuniam no campo da Libertadora Mossoroense, para desfechar o golpe de misericórdia nos escravocratas.

E a exemplo do que se passava em Fortaleza, quando nos dias mais agitados da campanha ficara transformada numa cidade incendiária, cujas chamas reduziram a cinza os derradeiros redutos do escravagismo, assim também, Mossoró, imitando a heroica irmã, fazia das suas ruas uma fogueira, para clarear o horizonte de uma era nova de tranqüilidade e de paz, no dia em que no seu território não houvesse mais escravos.

B I B L I O G R A F I A

- 01 – Raimundo Nonato – Gerações do Meu Tempo – imp. Univ. Natal – 1975.
- 02 – João Batista Galvão – Subsídios Para História da Abolição no Rio Grande do Norte – Col. Mossoroense – 1982.
- 03 – Luiz Wanderley Torres – Tiradentes – A Áspera Estrada Para a Liberdade – São Paulo – 1965.
- 04 – Walter Wanderley – Paulo de Albuquerque – O Poeta da Abolição – Pongetti – 1969.
- 05 – Ídem – ídem.
- 06 – Luís da Câmara Cascudo – Jerônimo Rosado – Uma Ação brasileira na Província – Rio – Pongetti – 1967.
- 07 – Raimundo Soares de Brito – Estudos de História do Oeste Potiguar – Mossoró – 1979.
- 08 – Francisco Fausto de Souza – História de Mossoró – 1979.
- 09 – Ob. E Aut. Cit.
- 10 – João Batista Galvão – Livro citado.
- 11 – Ídem – ídem.

CAPÍTULO XIII

MARCHA BATIDA DOS ABOLICIONISTAS

Os Primeiros Arrebóis da Vitória já podiam ser percebidos no horizonte.

A razão era evidente, dado que, depois do advento da Libertadora, o céu se desanuviara e Mossoró virou uma cidade em polvorosa, onde se respirava uma atmosfera de luta cívica e de exaltação popular.

1 – Essas Coisas se Sucedião depois daquela, quando o movimento abolicionista entrava num estado de total ebulição.

Daí, muito mais do que uma campanha cívica desenvolvida nos limites da propaganda, o que estava prestes a acontecer era uma revolução, que começava a tumultuar as ruas da cidade.

À sua frente se encontrava a voz dos seus arautos, que divulgavam um credo novo para uma vida nova. E com eles levantavam-se multidões, que dantes pareciam indiferentes, e rugiam, agora, unidas na arrancada final da batalha da redenção dos cativos. Com isso, prometiam eles um regime de harmonia entre os homens livres e iguais perante a Lei, o Direito e a Justiça. Para chegarem até lá, os libertadores teriam de submeter os senhores de escravos a uma verdadeira prova de fogo, afirmando que a cor não separaria mais os homens e que o desaparecimento do estado servil daria a todos condições igualitárias para ocupar um lugar na sociedade, trabalhando livremente, no respeito aos atributos da criatura humana que nascera livre e livre deveria morrer.

2 – Atitudes Nobres e Gestos Generosos eram os que se faziam na cidade, com a prática de atos realmente impressionantes.

De um lado, cidadão da mais elevada compostura e posição política e social, como o Coronel Antônio Filgueira Secundes, saía pelas ruas, passando nas casas de comércio,

angariando fundos para a alforria de escravos. Era uma manifestação de sua solidariedade, pois possuindo vários cativos, a todos fizera libertos, dando-lhes cartas de alforria, para alegria de sua numerosa família, constituída de ardentes abolicionistas, inclusive os de sua casa, que servia de centro de reuniões dos grupos que faziam a campanha pela redenção dos africanos.

De outra parte, era de ver-se pessoa de alto porte social e econômico, a exemplo da esposa do Presidente da Câmara Municipal que com outras senhoras da sociedade percorriam as casas dos proprietários de escravos apelando para que alforriassem, voluntariamente, os seus cativos.

Chegavam umas a se ajoelharem aos pés dos escravagistas, quando não eram atendidas.

De outro lado, homens corajosos, como Odilon Abdolino Pinto Bandeira, enfrentavam as ameaças de morte, desafiando os potentados que, recalcitrantes e odiosos, se negavam a cooperar com a campanha como se criaturas que, de humano só tinham a forma e o nome. O resto neles era só sentimento de renegados.

3 – A Solidariedade e a Vibração dos Moços – no meio desse entusiasmo que se espalhava por todos os recantos, anote-se a presença da mocidade vibrante e valorosa, representada pela figura de Francisco Romão Filgueira, um jovem combatente que divulgava pelas ruas as ideias abolicionistas, fato que dava motivo aos mais contraditórios comentários, levando-se em conta que ela era pessoa importante, descendente de um cidadão que gozava de prestígio na política, com poder econômico, ninguém se atreveria, de bom senso, a molestar o filho do Coronel Antônio Secundes, também, de sua parte, um dos adeptos declarados do abolicionismo.

Além de tudo, Romão Filgueira andava sempre acobertado pela sombra de um valente guarda-costas – Israel Balisa -, um cabra da Serra do Martins, que nunca teve medo de careta, e cuja arma, um cacete de miolo de jucá, nunca discutiu questões com palavras. Quando a coisa engrossava, o pau roncava.

Do que se vê, a campanha de Mossoró era um trabalho de todo o mundo, dos dirigentes da Libertadora Mossoroense, da Maçonaria, dos homens mais importantes do comércio local, unidos na luta para a extinção da escravatura.

A reação dos opositores era apenas o estertor dos derrotados.

4 – O Depoimento da Posteridade é uma página impressionante e de comovedora consagração ao espírito de solidariedade daqueles vultos heroicos. Sobre estes fatos escreveu o ilustre mossoroense, Coronel Alípio Bandeira:

5 – “Quantas Vezes Vi, entre orgulhoso e apavorado, meu querido pai (Odilon Abdolino Pinto Bandeira) ameaçado de morte por esses matutos que se julgavam espoliados quando ele, em companhia de outros, lhe tomavam, sorrateiramente, ou à força, a pobre e triste propriedade humana! Havia nessa época reuniões com discursos em prol da Abolição, e Mossoró sempre foi uma cidade privilegiada em talentos oratórios e poéticos, entre os quais figurava ainda meu pai e o mais velho advogado, Manuel Pinto, o Dr. Paulo Leitão Loureiro de Albuquerque e Jeremias da Rocha, que fez especialmente vida de escritor e de jornalista.” (I)

O escritor Vingt-Un Rosado assegura:

“A festa mossoroense da democracia e da inteligência tem sido enriquecida na sua interpretação histórica, sociológica e até geográfica ou da sua exaltação patriótica pelas contribuições valiosas de Almino Afonso, José Damião, Paulo de Albuquerque, Martins de Vasconcelos, Alípio Bandeira, Padre Manuel de Almeida Barreto, Biano Fernandes, Américo Costa, Mário Negócio, Otávio Pereira, Jorge Freire, Manoel Rodrigues de Melo, Francisco Fausto de Souza, Câmara Cascudo, Nestor Lima, João Batista Galvão, Walter Wanderley e Raimundo Nonato da Silva.” (II)

6 – O Escritor M. Rodrigues de Melo ao tempo Presidente da Academia Norte-rio-grandense de Letras, em conferência proferida sobre a data, revelou:

“Em princípio da influência do fator geográfico no “30 de Setembro” falou para chegar a outros conceitos de grande relevância sobre o movimento como um emérito sociólogo que é, “estudando os fatores determinantes de certas civilizações que levam muito em conta, enquanto outros, procuraram exagerar, a influência que o “meio” exerce sobre o homem.”

É o que se vê, em Mossoró, abrangendo todas as figuras. Os que iam chegando, empolgados pelo civismo de seus filhos, iam aderindo à causa, tornando-se os mais ferrenhos abolicionistas. E houve realmente o equilíbrio preconizado pelo escritor macauense, notadamente quando ele diz: - “Para que os povos prosperem e se desenvolvam, é mister que haja, em primeiro lugar, o equilíbrio necessário entre essas duas constantes: meio físico e meio social; isto é, entre o homem que é por excelência o elemento propulsor, dinâmico, ativo, e a terra que é por assim dizer o elemento passivo, estático, exigindo a ação civilizadora daquele para completar a sua finalidade”. E, depois de desenvolver o seu raciocínio sob tema tão palpitante, arremata: - “Por aí se vê que a importância do fator geográfico na libertação dos escravos em Mossoró não poderá de maneira alguma ser negada já pelos motivos atrás mencionados, já pelos que se vão a seguir”. (III)

Por sinal que foi Rodrigues de Melo o primeiro dos estudiosos do 30 de Setembro, que levantou do esquecimento, nesta conferência, o nome de D. Amélia Dantas de Souza Mello, a mulher abolicionista de Mossoró.

7 – O Depoimento de Nestor Lima –

“O Dr. Nestor Lima, na conferência que pronunciou em Mossoró, levado pelo Governador Rafael Fernandes e pelo secretário-geral, Doutor Aldo Fernandes, em 1936,

referindo-se ao início da campanha abolicionista, teve estas palavras:

“A Campanha absorvia todos os bons espíritos, aos representantes da justiça local, ao Dr. Alcebíades Drácon de Albuquerque Lima, Juiz de Direito, ao Dr. Paulo Leitão Loureiro de Albuquerque, Juiz Municipal, que deveriam pairar em esfera mais alta e isenta das paixões, o movimento aflorou de tal forma que o primeiro, em sessão Libertadora, propôs que se riscasse da Comarca o “triste epíteto de escravos”, o que foi entusiasticamente aceito e realizado, não só para o reduzido número de escravos restantes do município, como para todo e qualquer que aqui viesse procurar amparo, fosse qual fosse a sua procedência e situação...Em diferentes etapas foi-se concretizando o ideal libertário. Os grandes dias de festa nacional, ou das datas queridas à cidade e às famílias, eram solenizados com sessões magnas da Libertadora, para alforriar cativos...Era uma paixão indômita e irreprimível. A 13 de maio de 1883 (que admirável previsão!), “12 escravos eram arrancados das garras do poder senhorial, com a simples tenaz da lógica”. (Dr. Paulo, ob. It. Pág.6.) A 11 de junho (*) seguinte houve nova assembleia de libertação, celebrando a data magna da nossa Marinha de Guerra, que é a Batalha de Riachuelo. Dentro de pouco tempo, a cidade estava livre de escravos e nova sessão magna solenizava a faustosa conquista liberal. O trabalho visava declarar integralmente livres o município e a comarca de Mossoró até o dia 30 de setembro de 1883.” (IV)

_____ (*)-Data: 10 de junho.

8 – A Impetuosidade dos Abolicionistas começava a deixar intranquilos os escravagistas, amedrontados nos seus redutos, pois estavam às portas da explosão num ato de força que demonstrasse seu poder e sua organização.

Por isso, diante dos acontecimentos que se alastravam pelas ruas, já ninguém tinha dúvida de que a Libertadora Mossoroense, agindo de comum acordo com a maçonaria, controlava inteiramente a situação de direito do preto escravizado.

Certamente, o que se passava nas reuniões da “24 de Junho”, não chegava ao conhecimento do povo, nos seus pormenores.

Mas, todo o mundo sentia, porque estava no ar, que alguma coisa de extraordinário estava para acontecer, por aqueles dias agitados que prenunciavam uma tempestade a desencadear-se pelos céus da cidade, como de fato sucedeu.

9 – No Dia 10 de Junho de 1983 numa sessão especial, realizada na Loja Maçônica “24 de Junho”, eram alforriados 40 escravos, do reduzido arsenal de Mossoró, cujo número era de 86 registrado na Coletoria Estadual, em livro para esse fim destinado, resultado do trabalho conjunto de todas as forças abolicionistas de Mossoró, unidas numa campanha memorável.

“A Sociedade Libertadora Mossoroense, como assegura o historiador A. Tenório de Albuquerque, foi fundada por iniciativa da Loja “24 de Junho”. Houve uma razão preponderante: como sociedade não maçônica, ela iria congregar não só os maçons como profanos favoráveis à libertação dos escravos, e essa conotação de esforços tornaria mais certa a vitória da redenção da raça negra.

10 – Placa Significativa – Em 30 de setembro de 1953 foram realizadas em Mossoró grandes festas comemorativas da libertação dos escravos.

O Prefeito Vingt-Un Rosado inaugurou uma placa que mandara fazer e colocar na fachada da Loja Maçônica “24 de Junho”, em que se lê:

‘AQUI NASCEU A ABOLIÇÃO’

Este ato do poder público, atestado pelo reconhecimento oficial, atestado pela mais alta autoridade do Município, torna evidente que a Abolição da escravatura em Mossoró tivera sua origem na “Maçonaria”. (V)

11 – Nome da Rua 10 de Junho – A libertação desses 40 negros escravizados, com base nas disposições do Estatuto de Alforria, teve tamanha repercussão em Mossoró que o Poder Público Municipal, numa homenagem ao acontecimento, deu a denominação de “10 de Junho” a uma das ruas da cidade justamente aquela que, segundo informava Romão Filgueira, era “o prosseguimento da Maçonaria até fazer encontro com a Casa Graf”.

BIBLIOGRAFIA

01 – Alípio Bandeira – Uma página sobre Almino Afonso – Artigo publicado do “O Nordeste – Mossoró.

02 – Vingt-Un Rosado – Discurso pronunciado em 30 de setembro de 1958.

03 – M. Rodrigues de Melo – A Influência do Fator Geográfico no 30 de setembro. Conferência pronunciada em 30 de setembro de 1944.

04 – Nestor Lima – Tradições e Glórias de Mossoró. Conferência pronunciada na “Escola Normal de Mossoró” em 1936.

05 – A. Tenório de Albuquerque – História da Grandeza da Maçonaria no Brasil.

CAPÍTULO XIV

A BATALHA DE 10 DE JUNHO

O Acontecimento de 10 de Junho cedo transpôs a linha do possibilismo imaginário.

Pela projeção singular dos seus fatores, passara também a integrar um capítulo de evidente conteúdo etnográfico da História Social de Mossoró.

Tal foi a sua força de expansão nos domínios da comunicação, que seu desfecho ultrapassou de muito os limites territoriais da comunidade de Santa Luzia, alcançando lugares outros identificados no mapa das lutas emancipacionistas como pioneiros da abolição, onde o fato do dia 10 de junho teve inusitada repercussão.

1 – Examinadas as Razões Primárias – do feito inédito acontecido naquela data, os argumentos unânimes, pacíficos e laudatórios, reconhecem que Mossoró surgia, virtualmente, como uma terra irmã do Acarape, a que estava ligada pela identidade dos princípios de combatentes de uma causa comum, unidas por um ideal sadio, forte como as lufadas do vento do Nordeste.

O alcance do seu trabalho em prol da abolição da escravidão encontrava espaço aberto na imprensa de cidade importante como Fortaleza, onde um jornal combativo – portavoz do abolicionismo – dele fez registro especial.

E eis como O Libertador, de 13 de junho, registrou o fato:

A BATALHA DE 10 DE JUNHO

2 – Libertadores Mossoroenses! É com grande desvanecimento que cumprimos hoje a magnânima Sociedade Libertadora Mossoroense!

Naquela nobre província, tão ativa de independência e liberdade, e tão miseravelmente esquecida pelo brutesco desalinho e egoísmo do bastardo Governo, que desorganiza o País, ainda não medrarão de todas as ideias avançadas.

Entretanto, já ela começa de levantar-se e enobrecer-se de seu **motu próprio**, Essa é a verdadeira honra, a verdadeira glória! Por d'avantes rio-grandenses!

Vingai-vos, libertando-vos!

A cidade de Mossoró vos dá o mais heroico exemplo.

No dia 11 do corrente, na jubilosa festa de confraternidade, a Libertadora Mossoroense fez um auspicioso brinde à civilização, quebrando as algemas e grilhões de quarenta cativos. Foram quarenta cidadãos restituídos à glória da Pátria, quarenta pergaminhos de Luz! A Sociedade Cearense Libertadora se congratula com seus vizinhos, irmãos do Sul, e, rogando-lhes bênçãos, os corrobora e confirma nesse propósito inabalável de marcharem pelo caminho do bem, para o grande congresso da civilização universal.

O Libertador abre suas colunas à Libertadora Mossoroense!
Honra e glória à Cidade de Mossoró!
Viva a Liberdade!

Constituição de 15 de junho, repetindo o engano de O Libertador, que informava que a data da libertação dos 40 escravos de Mossoró teria sido 11(*) e não 10 de junho.

3 – Libertadora Mossoroense – De um telegrama de Mossoró para a Libertadora Cearense consta que no dia 11 do corrente foram restituídos à Pátria e à Liberdade 40 vítimas do cativoiro, por aquela patriótica associação!

Registrando este fato, saudamos a nobre população daquela heroica cidade.

Honra e glória aos mossoroenses. (I)

4 – Mossoró, ligada como se acha ao Ceará, não pode ter outro sentimento que não seja idêntico ao da terra da luz.

Outra vez a linguagem de Almino na Gazetilha que o Libertador, de 21 de julho de 1883, publicou:

(*) Data de 10 de junho.

Gazetilha

“MOSSORÓ LIBERTA-SE - Na sessão (sic) respectiva publicamos hoje o quadro das últimas libertações de escravos de Mossoró, para o qual chamamos a atenção dos nossos leitores.

Mossoró, ligada como se acha ao Ceará, não pode ter outro sentimento que não seja idêntico ao da Terra da Luz.”

5 – Na Capital do Rio Grande do Norte – Que pouco tem feito na luta gloriosa da luz contra as trevas, que criou uma Sociedade Libertadora e julga ter cumprido o seu dever, bitola a

sua norma de conduta pelo procedimento digno e patriótico de heroica cidade de Mossoró.

Aqui no Ceará deu-se o mesmo fato: o Acarape precedeu a Capital, mas em pouco tempo toda a província se transformou em uma grande fornalha que está reduzindo a cinzas a nefária escravidão.

Que no Rio Grande do Norte aconteça o mesmo, é o nosso mais ardente desejo. (II)

* - Tem surgido evidente confusão com esta data, falando-se ora em 10, ora em 11 de junho. Até o mestre Nestor Lima apontou a última. Data certa da alforria dos 40 escravos feita na Loja Maçônica “24 de Junho” – dez de junho de 1883.

BIBLIOGRAFIA

01 – O Libertador, de Fortaleza, 21 de julho de 1883 – Secção Gazetilha.

02 – Do mesmo jornal – na mesma data.

CAPÍTULO XV

NA ANTEVÉSPERA DA EPOPÉIA

Já se Cantava Pelas Ruas

“Eia! Hoje desponta na Pátria
No horizonte uma aurora de luz,
É o Dia da nossa Cruzada

Temos todos no peito uma Cruz!”

Ou Outro Refrão:

“Eia! As armas soldados dos livres,
Na vanguarda já soa o tambor,
Eis o mote do nosso estandarte:
Liberdade aos cativos e amor!”

1 – Nessas 48 Horas em que ninguém dormiu, que antecederam o alvorecer do Dia mais Glorioso para a terra mossoroense, muita coisa de extraordinário aconteceu na área urbana da Cidadela Cívica, fora de si, atordoada, quase perdendo o domínio, parecia estar ficando fora do seu próprio senso.

Tudo dava idéia de existência de um fenômeno de transudação que alterara o estado normal do equilíbrio dos corpos.

Não havia tempo de pensar. De abrir uma pausa para meditação. De respirar para ter certeza de que a vida não tinha parado.

Se fosse possível invocar uma imagem, no tempo, para configuração desse estado de espírito, não se tinha dúvida em pensar na imagem do maior dos humanistas da Renascença – Erasmo de Rotterdan – e lembrar seu livro da linha da universalidade “O Elogio da Loucura” para estabelecer uma comparação, com o que se passava em Mossoró, naqueles momentos tumultuados, com que se comemorava uma vitória por antecipação da lei dos fatos.

2 – A “Chave de Ouro” que está no Libertador de 10 de novembro de 1983, era a certidão de Ricardo Vieira do Couto de que o número de ordem dos Escravos matriculados atingia em Mossoró, a 433.

Chave de Ouro – Eis a cópia autêntica da Certidão da Estação Fiscal da Mesa de Rendas Estaduais de Mossoró passada pelo seu administrador, afirmando pela fé pública, que o Rio Grande do Norte já tem um Município Livre.

3 – “Certifico que, no livro de Matrícula Especial dos Escravos os deste Município de Mossoró, vê-se que o número

de ordem dos escravos matriculados atingiu a quatrocentos e trinta e três (433) e que nas respectivas averbações estão dadas competentes baixas a todos os escravos, compreendidos em ditas matrículas, sendo certo portanto, que, presentemente, não existe um só cativo neste Município e Comarca, podendo mais certificar que todos foram livres sem condição alguma.

E por ser verdade, passo a presente, em que me assino.

Mesa de Rendas Estaduais de Mossoró, 29 de setembro de 1883.

Administrador

Ricardo Vieira do Couto.”

4 – Almino Afonso em Mossoró – O impossível, às vezes, pode acontecer.

E por isso, o que teria ocorrido em Mossoró, com a presença de Almino Afonso, naqueles dias, não é coisa fácil de imaginar, passado simplesmente, um século.

Ele chegara à cidade no dia 22 de setembro, viajando até Areia Branca no navio “Pirapama”, da Companhia de Navegação Pernambucana, que fazia viagens costeiras nos Portos do Recife, Cabedelo, Natal, Macau, Mossoró, Aracati e Fortaleza.

Nos 17 dias que permaneceu em Mossoró, se fez de andejo pelas ruas, casas de negócios, escritórios, indo e vindo do estabelecimento Comercial de Romualdo Lopes Galvão para o Hotel, para a Maçonaria e outros locais de concentração dos abolicionistas, onde passou a frequentar.

Logo se tornou conhecido de todo o mundo. Conversador em esgotável nos assuntos, sempre com boa prosa, forte como um tronco de aroeira dos sertões do norte.

Os circunstantes ficavam parados, pois era escutado pelos grupos exaltados e pelos moderados, que ouviam-no, ficando extasiados com irreprimível emoção, com sorrisos e gestos de aprovação, uns, até com lágrimas.

A voz tonitruante do tribuno da Serra do Patu dominava aquela gente, que viera de longe para ouvir sua palavra, que era uma espécie de mensagem e de esperança, endereçada à raça negra escravizada, que vivia a ferro e a fogo, em duros trabalhos, no tronco e no açoite, debaixo do látego do feitor desumano, impiedoso e cruel.

Esse barco “Pirapama” tinha fama de fantasma, pois em tempos idos, seu Comandante, num ato de perversidade, durante uma noite abalroara o Vapor Bahia, em águas das costas de Pernambuco, de que resultou um terrível naufrágio, que ocasionou numerosas mortes de passageiros e da tripulação. (I)

Sobre o ocorrido, o poeta potiguar, Segundo Wanderley, escreveu um poema que adquiriu celebridade:

“O Naufrágio do Vapor Bahia”, declamado em todos os meios literários. (II)

Diga-se, sem qualquer restrição, que foi ele uma das presenças de maior projeção no movimento que se desencadeava contra a escravatura, que tendo feito a abolição no Ceará, destacou-se para a Província do Rio Grande do Norte, para continuar na mesma luta.

Seu destino estava marado para o encontro com a Cidade de Mossoró, onde foi decisiva a sua atuação, e onde sua voz – ele era uma espécie de semideus da palavra – espalhou pelos céus uma tempestade incendiária de entusiasmo contagiante que se propagava no meio das multidões dominadas pela violência da sua eloquência, que parecia tocada pelas chamas do Olimpo.

Portador de uma erudição que causa assombro a quantos o ouviam, era incomparável na fulguração de suas imagens. Era capaz, como se fizesse aquilo por um simples exercício de memória, de citar poemas completos, páginas e capítulos inteiros de livros famosos, cujo teor guardava decorados, todos de autores célebres da Língua Portuguesa.

Tanto foram esses fatos, alguns até fantasiados, que sua memória era apontada com coisa verdadeiramente prodigiosa.

A respeito da sua versatilidade intelectual e da sua inteligência deixou fama desde os bancos da escola de Direito

do Recife, de quem diria CLOVIS BEVILÁCQUA, na sua História da faculdade de Direito do RECIFE:

“Grande latinista e bom orador. Viveu por muitos anos no Ceará. Com a proclamação da República foi eleito Deputado à Constituinte pelo Rio Grande do Norte.”

Durante toda sua vida, que nunca foi tranquila, foi ALMINO AFONSO um soberbo idealista, homem de combate, dedicado à causa da abolição e aos sonhos de um republicanismo que para ele era quase quimérico.

Fato que não padece dúvida é que toda a campanha abolicionista do Ceará teve na palavra de Almino Afonso um dos seus elementos decisivos, senão sua principal figura pelo entusiasmo com que empolgava a Terra da Luz.

E assim, depois dos dias de ACARAPE, lá se encontrava ele, ainda em 1883, no Rio Grande do Norte, onde em Mossoró assentou suas baterias de combate, sendo aí considerável a sua atividade de tribuno e de organizador de planos de trabalho que culminaram com a extinção total do elemento servil no Município. Deve-se em grande parte a vitória desse feito à deliberação da SOCIEDADE LIBERTADORA MOSSOROENSE, tendo na sua Presidência o bravo JOAQUIM BEZERRA DA COSTA MENDES, sobre quem se reportava o jornal de João da Escóssia, de 1906, em Mossoró, com este registro:

“O cearense ardente e estóico, verdadeiro neurótico, quando influenciado pelos nobres e liberais estímulos. Vontade decidida, agir sem trégua, vencer ou morrer era o lema de sua bandeira.

Foi um herói na Campanha Abolicionista de Mossoró, por cujo êxito sacrificou, tranquilamente, saúde e haveres.”

No lado literário do movimento foi ALMINO ÁLVARES AFONSO o extraordinário redator da ATA da Sessão de 30 de Setembro, onde registrou as mínimas ocorrências ocorridas naquelas horas de explosão cívica, verdadeiro Documento Fonte

da História daquele memorável feito realizado pelo povo mossoroense.

Por seu temperamento voluntarioso, era um homem de vida irrequieta, passando longos dias da sua existência em contínuas migrações, ocupando cargos, ora no magistério, ora na magistratura, entre as Províncias do Amazonas, do Ceará e da Paraíba.

Com o advento da República, foi eleito Deputado a Constituinte, e em 24 de fevereiro de 1891, ao assinar a Constituição Republicana, em seguida ao seu nome, escreve a frase latina: Pro Vita Civium Proque Universa República.

Na Galeria dos Heróis da Abolição Mossoroense, aproveitando-se um trabalho publicado no jornal O MOSSOROENSE, em 1906, lá está seu registro, renovado na Revista ONTEM E HOJE, publicada em 1942, nestes termos:

“Quem não o conheceu neste País?

Quem não teve a felicidade de ouvir espadanarem de seus grossos lábios, as fluentes catadupas de eloquência nos comícios populares, nos parlamentos, nos clubes, nas ruas, incendiando com seu ardente facho de idéias e hipérboles o são movimento reivindicador dos direitos do pariato brasileiro?

Quem não o ouviu alçado às eminências da tribuna popular, a repetir ao povo em misteriosa e convulsionante apóstrofe o catecismo sagrado de seus direitos ante as satrapias dos céares?

Interrompendo seu fecundo apostolado da causa dos cativos na bela Terra da Luz, veio a Mossoró saborear em corpo e espírito a suprema doçura de assistir à emancipação do primeiro município da sua terra.”

Ninguém melhor do que ele disse aos mossoroenses naqueles dias de fervor emancipacionista que empolgava as multidões.

Senador do Império, Orador das Multidões. Latinista que dominava com facilidade a língua de Virgílio, seu livro: RODRIGÕES DO IMPÉRIO é uma terrível catilinária atirada

ao regime sustentado pelo velho monarca, desabafo de ressentimentos que conservava contra o mesmo por motivo de uma demissão que sofrera do serviço público em represália às suas manifestações em favor da causa da abolição dos escravos.

Em Mossoró, ALMINO AFONSO teria em ALÍPIO BANDEIRA o estatúário da sua imaginação portentosa, ao escrever-lhe este retrato:

“O Dr. ALMINO AFONSO foi, no caso da Libertação dos escravos de Mossoró, o fator principal, exatamente, como Arquimedes, Camões, Dante ou Shakespeare o foram nas citadas evoluções da humanidade.

.....

.....

“Havia nessa época reuniões e discursos em prol da abolição.

.....

.....

“Mas a voz coletiva desses comícios sagrados, a trovejante voz que abalava todos os corações e ficava repercutindo na cidade heroica como eco remoto do passado apelando fragorosamente ao futuro – essa era a de ALMINO ÁLVARES AFONSO.

“Quando ele chegava toda a população ganhava as ruas e em pouco a grande praça da igreja ou a do GRAF retumbava como se fosse um recinto abobadado, ao clamor jupiteriano do seu verbo de fogo.

“Uma, duas, dez vezes por dia falava sem se repetir, sem deixar vencer, deslumbrando sempre e sempre arrebatando aos seus ouvintes.

“Não esquecerei nunca esses momentos épicos da pequena cidade sertaneja a que o nobre Aquiles flamejante da palavra, comunicante o ardente entusiasmo de sua alma, não somente fazia vibrar, mas também redobrar de dedicação à grande causa.

“Ele se transfigurava. A bela cabeça volumosa, com a sua leonina juba negra, com o seu longínquo olhar de águia, dava aos circunstantes a impressão de coisa estranha e superior como se fora algum gigante ou semideus que nos viesse dos homéricos tempos fabulosos.

“eu assim o senti na minha ingênua meninice.

.....

.....

“...guardarei dele, acima de tudo, a imagem do ciclope abolicionista.” (*)

5 - A Data de 28 de Setembro, motivou comentários do Jornal de Fortaleza, Libertador.

Vingt-Un Rosado não deixou passara o caso em branco e veio a liça analisando o tópico para explicar:

“Podiam ser querelas políticas, podiam ser a ala mais radical dos abolicionistas contra o mais moderado, mas a verdade é que os acusados pela correspondência de 11 de agosto de 1883, Antônio Pompílio de Albuquerque, Manso Valente de Paiva e Genipo Alido Genuino de Miranda, eram fundadores da Libertadora.” (III)

Dessa correspondência assinada pelo “O Último dos Gracos”, publicada no Libertador de 30 de agosto do mesmo ano, há este trecho, falando da data:

“Mossoró será declarada livre, em toda a extensão do seu Município, no dia 28 de setembro de 1883.”

E depois de veladas insinuações, ou de censuras que não nomeiam seus possíveis adversos, volta “O Último dos Gracos”, a declarar:

“Deus há de ser servido que eles, com outros de cá, que conhecemos, não cheguem finalmente, às do cabo, nem nos arrastem a algum áspero destempero de ocasião.” (IV)

Será que havia alguma coisa no submundo que envolvia essa data de 28 de setembro?

6 – O Ofício do Presidente da Libertadora foi um desses documentos com vislumbre de razões de estado, que pela sua notoriedade, entraria facilmente para a História, sem pedir favor.

Atestado do desfecho de ocorrências que tinham chegado a hora da declaração, diante dele, todos eram iguais e se integravam, solidariamente, como combatentes da mesma causa. Esse documento retratava, fielmente, no seu modelo, a personalidade invulgar do seu autor, um homem compenetrado das suas responsabilidades e dos seus deveres cívicos de cidadão honrado e livre.

Posicionando diante dessa norma de proceder Joaquim Bezerra da Costa Mendes antecipa-se aos fatos, levando ao conhecimento de modo cordial e respeitoso, a autoridade executiva, a deliberação da entidade que dirige, realizando em ATO PÚBLICO.

7 – A Abolição Total dos Escravos do Município de Mossoró – Eis o teor desse expediente histórico:

“Ilustríssimos Senhores Presidente e Vereadores da Câmara Municipal:

A Sociedade Libertadora Mossoroense, por seu presidente abaixo assinado, tem a honra de participar a V. S^{as} que amanhã – 30 de setembro – pela volta de meio-dia, terá lugar a proclamação solene da liberdade em Mossoró.

E, pois, cumpre-me o grato dever de convidar V. S^{as} e seus respeitáveis colegas, Representantes do Município, para que se dignem tomar parte nessa festa patriótica que marcará o dia mais augusto da Cidade e do Município de Mossoró.

A emancipação mossoroense é obra exclusiva dos filhos do povo; a esmola oficial não entrou cá.

Sua Majestade, o Imperador, quando lhe comunicamos a próxima libertação do nosso território, foi servido de enviar a dizer-nos pelo Senhor Lafaiete, Presidente do Conselho de Ministro, que nos agradecia. A libertação está feita e ninguém apagará da história a notícia do nosso nome. Os mossoroenses são dignos de ser

olhados com admiração e respeito hoje e daqui a muito tempo, por cima dos séculos.

A Sociedade Libertadora Mossoroense se congratula com V. S^{os} por tão faustoso acontecimento.

Deus guarde V. S^{as} Ilustríssimo Senhor Romualdo Lopes Galvão, mui digno Presidente da Câmara Municipal desta cidade de Mossoró.

Sala das Sessões da Sociedade Libertadora Mossoroense, aos 29 de setembro de 1883.

O Presidente, Joaquim Bezerra da Costa Mendes.”

Estava, assim, marcada para o dia 30 a grande assembleia da Liberdade, através de um ofício que pela sua força cívica passou a história e há de continuar a sua marcha “por cima dos séculos”.

8 – Um Americano na Abolição Mossoroense – Foi ele o Ministro Presbiteriano De Lacey Wardlaw, figura curiosa e cordial de pregador evangélico que vinha trazer a palavra do Cristo, por outra voz que não era a do velho pároco.

O visitante americano ouviu todas as orações vibrantes do Dr. Almino Afonso, de quem se fez amigo, durante a viagem no Pirapama.

Estando na cidade, compareceu à memorável sessão de 30 de setembro, tomando parte nos seus trabalhos, fazendo um discurso.

Na ATA redigida por Almino Afonso, este fez menção à pessoa De Lacey Wardlaw, abrindo o registro para o seu nome, confirmando as palavras de Romão Filgueira, que a tudo assistiu e fez parte do relacionamento do yankee, em Mossoró, onde logo se tornou conhecido e estimado pelos novos amigos.

Diz o tópico da ATA:

“Coube a palavra ao ilustre hóspede da terra mossoroense, De Lacey Wardlaw, Ministro Evangélico dos Estados Unidos. Sua Senhoria, posto que não conheça bem os torneios da língua portuguesa, discorreu, todavia, nobremente, revelando a fecundidade do seu pensamento e elevada ilustração, congratulando-se com o povo

americano, pela redenção gloriosa de Mossoró. Ele disse que lhe dava parabéns pelo modo pacífico de sua liberdade, uma vez que, sendo a sua Pátria o ninho clássico de todas as Liberdades civis, contudo não se conseguira, sem derramar oceano de sangue, apagar do solo dos Estados Unidos a nódoa secular da escravidão.”

DE LACEY WARDLAW tem o seu biógrafo, no mossoroense Vingt-Un Rosado, que sobre ele escreve:

“De Lacey Wardlaw, Bacharel em Ciências e Letras. Natural do Estado d Tennessee. (EUA do Norte), onde nasceu em 1856. Aos m24 anos, tendo recebido ordens de Ministro do Evangelho por um dos Concílios dos Estados Unidos, foi mandado para o Brasil como Missionário do Sul, sendo-lhe designado o Estado de Pernambuco (Província), onde chegou em 1880.

Em 1881 estudava português quando foi acometido de grave enfermidade, que o obrigou a embarcar para os Estados Unidos, em um navio a vela, por não lhe permitir sua saúde esperar passagem de vapor.

Ainda em 1881, foi mandado para o Ceará, onde desembarcou a 27 de setembro, na ponte da antiga Guarda Moria, sendo recebido, entre outros, pelo então Capitão do Porto Antônio Severiano Nunes e José Damião de Souza Melo, Secretário de Relação do Amazonas. (V)

Passou a exercer atividades evangélicas.

Em 1892, abriu uma livraria à Rua Major Facundo, ao lado par, esquina das Trincheiras. (VI)

Francisco Fausto de Souza, em “Mossoró no Século XIX”, dá mais alguns informes sobre o americano, nestes termos:

“Nesse mesmo ano de 1883, apareceu em Mossoró, pela primeira vez, um Ministro Evangélico de nacionalidade americana, Dr. De Lacey Wardlaw, que aqui celebrou dois casamentos, o do Conrado Mayer, com Maria Gomes da Silva e o de Ricardo Vieira do Couto com Maria Teresa Divina de Jesus. Esse Ministro, tendo

demorado alguns dias em Mossoró, fizera diversas conferências, assistidas por um sempre crescente número de ouvintes, alguns dos quais aceitaram a religião evangélica. Retornando certa vez, a Mossoró, aqui foi recebido debaixo de uma enorme chuva de pedras por parte dos fanáticos.

Homem de fina educação e de uma calma extraordinária, Dr. Wardlaw não se alterava, achava graça de tudo com paciência, trazendo sempre um sorriso nos lábios.

“Uma noite, estando o Ministro pregando, muitos dos ouvintes se preparavam para repelir quaisquer insultos. Veio sobre o telhado da casa uma verdadeira chuva de pedras. Um dos ouvintes, Durval Fiuza, saca de um revólver e após ele, alguns outros fazem disparos sobre os apedrejadores, que logo correram e jamais voltaram a apedrejar ninguém. Terminou, assim, a selvageria. A Congregação Evangélica prosseguiu sem jamais ser inquietada.” (VII)

José Damião de Souza Melo, que foi amigo do americano desde o primeiro momento de sua chegada a Fortaleza, quando a 27 de setembro de 1881 foi recebe-lo, deve ter tido a iniciativa do convite para assistir o 30 de setembro.

Wardlaw viajou pelo Pirapama, a 19 de setembro de 1883, em companhia de Almino Afonso e outros.

Em 1901, De Lacey Wardlaw regressou aos Estados Unidos, onde faleceu a 20 de janeiro de 1934. (VIII)

BIBLIOGRAFIA

- 1 – Otávio Pinto – História de Goiana – Rio.
- 2 – Segundo Wanderley – Poesias Completas – Natal – 1910.
- 3 – Vingt-Un Rosado e Amélia Rosado – Pesquisa realizada no jornal O Libertador – Fortaleza – Mossoró – 1977.
- 4 – Idem – idem.
- 5 - Vingt-Un Rosado – Andanças Pela História de Mossoró – Col. Mos. Vil.XLIV – Mossoró.

- 6 - Idem – idem.
- 7 - Idem – idem.
- 8 - Idem – idem.

CAPÍTULO XVI

O DIA EM QUE O SOL PAROU EM MOSSORÓ!
30 DE SETEMBRO, UMA REVOADA DA
LIBERDADE
BANHADA NUMA AURORA DE FOGO

Eu nasci de umas ternuras
D'umas auroras de amor,
Habito numas alturas
A que chamei meu tabor.

O MEU NOME É UMA DATA
Que deslumbra, que arrebat,
Qual fogo de Prometeu.
Minha mãe é a caridade,
Minha esposa – a Liberdade
O DIA TRINTA SOU EU!..⁽¹⁾

Diante do Imperativo, por vezes inescrutável, do fato histórico, a lei da evidência admite como verdade, observada na linha sucessiva das gerações, que uma data como esta não se repete duas vezes na vida de uma comunidade humana, em condições idênticas.

1 – O 30 de Setembro, (que os historiadores ainda não lhe abriram capítulos nos compêndios) é um feito que justificaria o orgulho de qualquer POVO, a exemplo do que dele faz registro um jornal da terra cearense, ao afirmar:

“Recordando, pois, o notável feito de heroísmo que deu a Província irmã um Município livre, nós concitamos os seus brios para lavar numa chuva de estrelas as nódoas da escravidão.” ⁽¹⁾

Estilo tanto ou quanto gongórico no louvor que fazia a quem realmente o merecia.

E daí, a razão das festas, que a Cidade de Mossoró promove todo o ano por determinação do seu Governo, de instituições e do seu povo, este ano com renovado brilhantismo, na data do centenário da Abolição dos Escravos em Mossoró, ocorrido a 30 de Setembro de 1883.

O que se passou em Mossoró, naquele dia e ano, foi um verdadeiro festival dos deuses do Olimpo, que pelos seus representantes tinham tomado conta da cidade, já então transformada no mais belo espetáculo cívico capaz de ser iluminada pelo arco-íris da liberdade, que era uma entidade nova que surgia nos céus de Mossoró.

2 As Ruas Estavam Invasas – por multidões exaltadas que aclamavam os libertadores na sua marcha triunfal para a

Loja “24 DE JUNHO” e a CÂMARA MUNICIPAL, onde todos se confraternizariam na Memorável Sessão Histórica, que marcaria um DIA no SÉCULO.

E ainda hoje, decorridos exatamente CEM ANOS da execração do nefando regime escravocrata, o espetáculo daquele fenômeno de concentração da inteligência e da vontade, dá motivo para interrogar ao destino dessas coisas, qual a força estranha, quase sobre-humana, que dirigia de outros planetas, aqueles dinamitadores das bastilhas do escravagismo e da tirania?

A resposta estaria implícita, na conjuntura daqueles elementos da civilização brasileira, formada nos princípios da bondade e do seu espírito de humanitarismo.

3 – A Sessão da Libertadora Mossoroense – seria o ponto culminante, o desfecho da Campanha Abolicionista deflagrada em Mossoró com entusiasmo e solidariedade da população, que vibrava com os seus motivos.

A Sociedade presidida por JOAQUIM BEZERRA DA COSTA MENDES estava reunida, pelas 12 horas do dia 30 de Setembro de 1883, no Salão da Câmara Municipal de Mossoró, então funcionando nos altos do Edifício da Cadeia Pública.

Dizia a ATA Monumental lavrada por Almino Afonso, nos registros dos seus trabalhos:

4 – “Para o Humanitário Fim

De declarar livre e emancipada esta bela porção de terra Americana, onde já não pode medrar a planta exótica da escravidão, que envenenara por tanto tempo, nossos valados e serranias, esterilizando e exaurindo a vitalidade e a abnegação do patriotismo rio-grandense; tomou assento à mesa ricamente decorada com pedras de cristal e de mármore, tinteiros dourados, e azuis em que a matéria é superada pela primorosa mão-de-obra, e por Livros Simbólicos nitidamente encadernados, tais como a Bíblia Santa, Camões, - Os Lusíadas, Litré, Afonso Esquiros, e o Corpus JURI; tendo em cima uma Hasta quebrada, e, em uma salva de prata o anel de ouro (annulus áureos), que o Imperador Justiniano concedeu aos Libertos, como símbolo da liberdade; a qual mesa estava colocada no Salão de

Honra, cujas paredes refulgiam e se aperolavam de todos os adornos e quadros brilhantes de sua Majestade – O I M P E R A D O R, de José Bonifácio, de Eusébio Queiroz, de Nunes Machado, de Camarão e de Rio Branco”. (III)

Registra a ATA que outros convites foram feitos pelo presidente, às autoridades presentes, para assumirem a presidência dos trabalhos, tendo cada uma, individualmente, declinado da justa mensagem, admitindo que os mesmos deveriam ser dirigidos pelo Presidente da Sociedade Libertadora Mossoroense, como homenagem aos seus merecimentos.

Reassumindo a presidência, Joaquim Bezerra da Costa Mendes deu prosseguimento aos trabalhos.

5 – “Composta a Mesa Presidencial – com as autoridades e representações de entidades abolicionistas de diversas Províncias, além de outros emblemas que engenhara a fantasia patriótica do povo, nobremente representado pela Comissão Diretora, composta dos distintos cavalheiros Romualdo Lopes Galvão, José Paulino de Campos Oliveira e Aristóteles Alcebíades Wanderley.

Então, proferido o Sr. Presidente um eloquente discurso, no qual demonstrava a sublimidade e a glória da Emancipação, com arroubos de frenético patriotismo, pairando deslumbrantemente, pela paixão e pelo gesto, na altura de um verdadeiro demolidor de barbaça e dos gaviões pesados dos castelos senhoriais dos negreiros, proclamou eletricamente – Livres – A CIDADE e Comarca de MOSSORÓ, no RIO GRANDE DO NORTE! (IV)

“Era um delírio de entusiasmo, a polarização do amor patriótico.”

“Entre o sussurro festivo e confraternal das populações convocadas para aquele prazo dado da glória vibrando no espaço os ecos das músicas marciais da cidade, postadas no pórtico do vasto Edifício, no térreo e no terraço superior ao lado do salão onde se reunia o Congresso, tangendo as mais elétricas harmonias, tomou assento, o Digníssimo Presidente da Sociedade Libertadora Mossoroense, Joaquim Bezerra Costa Mendes”. (V)

6 – A Ata de 30 de Setembro – é um documento rígido, padronizado nos moldes de um ritual cívico, lavrado na linguagem mais castiça, enriquecido de numerosas citações e de trechos clássicos do mais puro latim. Nesse documento de rara beleza e de profunda invocação dos cânones jurídicos, ALMINO AFONSO, consagrado como o maior Historiador da Abolição Mossoroense, marcou com letras indelévels, as características dos acontecimentos sem par, num dos mais ricos debuches pictóricos, publicados em jornais de Fortaleza. Em sucessivos artigos saídos no Libertador, ele deu cenário a esse quadro admirável de pirotecnia, no estilo que de tão brilhante, vai aqui reproduzido sem omitir uma só palavra, sequer, para não desfigurar o pensamento daquele genial polígrafo, que soltava seu verbo ao vento do Nordeste, dizendo: “Terra livre, como livre é a brisa que farfalha nos leques dos nossos carnaubais verdejantes”. E escrevia:

7 – Soaram 12 Horas – o céu estava tarjado de flores e irradiava-se de deslumbramentos; havia um êxtase espiritual, indefinível e a gente pensava que ia nascer de novo!

O Cearense Joaquim Bezerra da Costa Mendes pagava ao Rio Grande do Norte a Grandeza de Diocleciano Ribeiro, nos dias do Acarape!

Levantou-se: tinha o rosto afilado e a cor exalviçada pela veemência do sentimento, que faz fugir para o coração o sangue amigo!

Os cabelos se lhe rebuçavam pela frente de fidalgo, como uma selva sacudida pelo vento!

A boca tarameliava e o nobre cearense não acertava o dizer!

Era o anjo da Libertadora que transfigurava-se naquele segundo Tabor do Norte!

Presidia à mesa, porque era o Presidente da Libertadora Mossoroense!

Convidou ao conspículo Juiz de Direito, Dr. Alcebiades Dracon de Albuquerque Lima, para substituí-lo; como se dispensasse de fazê-lo, ainda foi servido de convidar ao ínclito

Dr. Paulo Leitão Loureiro de Albuquerque, digníssimo orador da Sociedade, e mais ao digno Presidente da Câmara Municipal, Romualdo Lopes Galvão, para presidir à Festa.

Escusaram-se todos gentilmente.

Continuando a dirigir os trabalhos daquele momento de extremo patriotismo, o Presidente Joaquim Bezerra proferiu um discurso eloquentíssimo; era o Ceará que se abraçava com o Rio Grande do Norte! Os filhos de Moreno levavam amor aos irmãos de Camarão; confraternizavam pela glória!

Ele preferiu a última e grande palavra:

- Mossoró está livre: aqui não há mais escravos!

“Rasgou-se o véu do templo e as almas revoaram!

Bipartiu-se o f4rageado e ouviu-se o clamor dos desertos!

Todas as auras vinham dizer-nos que nós éramos grandes!

Galopavam os estepes; e as vagas aniladas do Mossoró rugitavam, quebrando no murmúrio universal do povo que renascia!

A aurora arregaçava os seus mantos acetinados com os róseos dedos e iriava-se sorrindo na portada do templo!

Na fímbria cerúlea dos céus havia uma revelação de nossos mundos; por cima umas penumbras azuis e loiras, no centro a Liberdade!

As multidões subiram: era solene a atitude do povo augusto e condigno do século!

O Presidente da Libertadora Mossoroense, o ilustre brasileiro Joaquim Bezerra, falou.

Depois, ouviram-se os oradores populares, os poetas, as virgens, as crianças!

Duas músicas marciais acordavam os ecos no espaço imenso.

Os hinos libertadores garganteados pelas morenas donzelas daquele povo, entre o poema universal daquela virginal alegria, deliciavam, arrebatavam, enlouqueciam!

Cada uma criança, das que cantavam, tinha nos olhos o riso de Deus; parecia que estavam banquetecendo-se na festa da Criação!

Alguma tinha os cabelos desatados, e outras cintilavam dos olhos uma chuva de amores!

Era o convívio dos deuses e as vozes encantadas se alegravam, irradiavam, perdiam-se nos céus!

O Povo Mossoroense tomava posse da sua glória; imortalizava-se!

Não há nenhum povo maior do que ele!

“Aquele dia foi um dia como nunca”! (VI)

BIBLIOGRAFIA

I – Paulo de Albuquerque – Poesia Épica – 30 de Setembro

II – Jornal O Libertador – Fortaleza – Ceará

III – Trecho da Ata da Sessão de 30 de Setembro de 1883

IV – Discurso do Presidente Joaquim Bezerra da Costa Mendes

V – Ata da Sessão de 30 de Setembro

VI – Artigo do jornal O Libertador – Fortaleza

CAPÍTULO XVII

A CIDADE ERA UM CENTRO CÍVICO SETE DIAS DE FESTA EM MOSSORÓ

Sete horas da noite; e a grande passeata a flambeaux discurrida, dilatava-se, atroava de vivas toda a cidade!

Marchavam na frente o Pavilhão Brasileiro e a bandeira da Maçonaria; no centro a Libertadora e a flâmula auri-verde das Libertas Mossoroenses!

Traziam escrito em cetim verde, com letras de ouro, a divina Liberdade!

A procissão cívica partiu do Templo da Maçonaria, que estava elegantemente iluminado e ornado do seu pavilhão e muitas bandeiras, comemorando a glória de ter partido dali o grito heroico da Liberdade Mossoroense, pela boca do seu

venerável Frederico Antônio de Carvalho, o benemérito 1º Secretário da Libertadora!

Entrou-se na Praça da Redenção; estava embandeirada, iluminada e apresentava um aspecto brilhante, que encantava e seduzia!

No centro da praça erguia-se, agigantava-se uma pirâmide de 80 palmos de altura, sobre um pedestal enorme de beleza, onde o coração do povo vinha achar escrito os sentimentos do seu coração!

No alto da coluna, do lado do sul, que dá para o centro da cidade, lia-se o mavioso lema. – Viva a Liberdade Cearense; Viva o Ceará, a terra da Luz!

Abaixo e na base da pirâmide, levantava-se a estátua da Liberdade, em tamanho natural, com o dístico de patriotismo: - Inperpetuum per gloriam!

Do lado do norte estava escrito com letras encarnadas a divisa imortal: - 30 de Setembro de 1883! Viva Mossoró!

No levante se lia: - Viva o Norte-rio-grandense!

No alto da coluna, do mesmo lado, as armas de Minas, com a legenda: - Libertas, que sera tamen! ... 1787!

E depois: - Viva 6 de Janeiro de 1883, dia do nascimento da Liberdade no Rio Grande do Norte!

Do lado do mar se lia: - Viva a Libertadora Mossoroense! E o paradigma: - A Jove principium!

Abaixo – a data de 10 de Junho de 1883! E logo a palavra: Viva o Heroísmo!

Do lado do Poente um soberbo Avestruz, à margem de um rio correndo nas florestas, com a inscrição: - Para avis in terris! Viva Camarão! Viva o Riograndense Padre Miguelinho!

Ao lado, em letra de ouro e fogo, lia-se o nome incomensurável e a letra dizia: - Viva o Visconde do Rio Branco!

Diante deste nome, e das armas de sua Província falou arrebatadoramente o nosso amigo Dr. Almino, e amigo da Liberdade, que vingou sua terra diante do Povo!

No fim da Praça, do lado do sul, enflorava-se e iluminava-se graciosamente o palacete da Agência consular Portuguesa!

Os castanheiros, que se agigantam e verdejam em vante dele, entrelaçavam-se com as palmeiras artificiais e as enredanças de flores, que o seu dono tinha trazido das selvas.

De alto e baixo o sobrado sorria-se, havia luzes, havia flores!

Neste ponto, o Dr. Almino excedeu-se a si mesmo: falou de Portugal com a soberba de quem pretende descender da terra que produziu o Albuquerque terrível, Camões e Vieira, Pombal e Vasco da Gama, Teófilo Braga, Ramalho Ortigão, Pinheiro Chagas e Latino Coelho!

Ouviu-se, outra vez, a sonda Portuguesa ramalhar nas ondas virgens dos mares nunca dantes navegados!

Sentia-se o raio de luz do verbo e o coração Brasileiro, em toda a sua plenitude, amando a terra donde vieram nossos Avós!

A formosa Ulisséa fraldejada pelos encantados oiteiros, orçagando rosais e madressilvas: e no meio delas a flor do lótus, renascida depois de cem anos, pendoava-se de novo aos beijos do luar sobre a onda azul do Tejo!

“Oh! Noites de Lisboa, oh! Noites de poesia!”

Suspirava nas brandas auras a noiva do Mondego e a Fonte dos amores ainda dizia: Inês de Castro!

A inteligência subia e descia pelas ladeiras da montanhosa Coimbra, à sempre nova Atenas Portuguesa relembra o nome de D. Diniz e de Pombal, o grande Reformador, sexto neto do Rio Grande do Norte, e mandava aos amigos de além-mar uma saudade Brasileira!

O povo aplaudia e bramava!

As músicas tangeram e continuou a procissão da Liberdade!

As ruas estavam iluminadas, todas as casas pareciam sorrir!

As mães de famílias, as meninas, as virgens e as criancinhas enchiam de luz o passeio e as calçadas!

Tudo revelava amor, tudo era encanto!

Na frente da casa de Pedro Celestino Barbosa Tinoco havia colunatas e arcadas: a várzea e a fantasia do artista tinham combinado o pensamento do amador poeta!

Quatro lances de arcarias verdes e pirâmides, que se levantavam entre os viburnos!

A Liberdade estava linda, em um dos valentes quadros: tinha por cima da cabeça uma palavra de amor, e sob as plantas uma constelação, em cujas asas voava: - Et ascendit super cherubim, et volavit, volavit super penas ventorum!

A coluna do centro tinha as inscrições: - Viva o Brasil! Viva o Rio Grande do Norte! Viva o 30 de Setembro! Viva a Liberdade!

Os outros arcos diziam: Viva o dia @8 de Setembro! Viva a Redenção! Viva o Rio Branco!

Estavam lá o compasso e o esquadro, uma pena de ouro e um florete, simbolizando o trabalho, a Justiça e a igualdade!

Fortaleza, 27 de Outubro de 1883.

Mossoró Livre!

VIVA O RIO GRANDE DO NORTE

O povo estava no adro!

As alturas das torres pareciam que se curvavam diante da galhardia Mossoroense!

Eram gemidos de bronze, o eco do infinito, que se alquebrava pelos valeiros do céu, e vinha repercutir no coração do povo!

O velho templo estava iluminado!

Aquela casa da hospedaria comum, onde podem entrar sem licença os aristocratas e os plebeus; onde se albergam os grandes e os pequenos, lembrem-se a abnegação, o espírito da caridade!

O povo conglomerava-se; e no centro das multidões, sobre um tapete de pedra, trovejou a voz muitas vezes terrível do orador popular! O Dr. Almino revelava os sentimentos condignos de um tribuno romano!

“Deus era o bem; e a felicidade comum era a pátria!”

O Cruzeiro do Sul parece que o iluminava; e as constelações americanas se douravam por cima de sua cabeça!

O povo acreditava em Deus, e rejuvenescia de amor!

Seguiu a passeata.

* * *

Era esplêndida a iluminação e o arvoredor em frente da casa de Manoel Benício, onde se levantaram animadas vivas.

Chegou o préstito à casa do Dr. Paulo Leitão, Juiz Municipal e Orador da Libertadora.

O povo deu sinal da estima pública, de que era merecedor o moço nobilíssimo, que peleja pela glória e pela honra de nossa terra!

Falaram alguns oradores e continuou a festa.

A Praça – Dez de Junho – estava encantadora: troféus, arcos verdes, corimbos de flores, luzes variegadas ornamentavam toda a extensão, que cintilava, no entusiasmo daquela alegria!

A casa do Presidente da Libertadora fica nesta praça; e o distinto Brasileiro Cearense, Joaquim Bezerra da Costa Mendes, provou, por fatos, que é forte e capaz da Liberdade!

Uma pirâmide magnífica se enquadrava no centro da área!

As traças das palmeiras balouçavam ao beijo dos ventos: as bandeiras entressaíam da ramalhada verde!

O Pavilhão Brasileiro se encimava tremulando, em simpático amplexo de civilização, com o pavilhão das Quinas!

Em cada uma das faces da coluna, liam-se as seguintes inscrições: - Vivam os Vencedores! Viva o 6 de Janeiro! Viva o Acarape e Fortaleza! Espedacem-se os grilhões! Viva o 10 de Junho! Abaixo a escravidão! Viva Mossró! Viva o Município Livre!

Falou, ainda, o Dr. Almino, em nome do Povo Cearense e do Clube Abolicionista, do povo Paraense e Pernambucano; e o eco das multidões repercutia a sua palavra!

Ele estava na terra dele!

Chegou-se à Praça do Barão de Ibiapaba, que se dilata em semicírculo e atirava para os desertos a vastidão do Futuro!

Na porta do Dr. Juiz de Direito, houve um sussurro de aclamações, o povo vitoriava ao Magistrado nobre, que se levanta pela Liberdade!

O Cearense Barão de Ibiapaba foi proclamado – Benemérito – num frenesi de gratidão, pelos serviços por ele prestados ao Comércio daquela terra; e o povo aplaudiu; porque

fora bem feito apagar-se daquela Praça o nome do Rei Nosso Senhor, para inscrever nela outro nome mais Brasileiro: - o Barão de Ibiapaba!

Em meio da Praça levantava-se um coreto entre quatro arcarias, onde flutuavam diferentes bandeiras!

Deus, Pátria, Liberdade, dizia uma delas!

Viva o Heroísmo! Viva a Redenção! A outra repetia!

Falaram diversos oradores!

Entrava o préstito pela grande Rua do Comércio, que hoje se chama Rua de João Ulrich Graf, pelo patriótico sentimento da Câmara!

Distinguia-se, entre a decoração das casas, uma que ostentava, em letras iluminadas de fogo, dentro do escudo da Coroa Brasileira, a divisa sublime que dizia: - Pátria, Liberdade!

Ainda, que, se entrelaçavam os pavilhões Portugueses e Brasileiro, entre os primores da confraternização, e a rua, toda arborizada, aformosentava-se, divinamente alegre, convidativa, soberba!

A marcha triunfal daquela noite elétrica parou por um momento em vante da casa de Romualdo Lopes Galvão, o exímio Libertador Vice-Presidente, Triunfado impertérito, valentíssimo almogaveiro da Liberdade!

Ele é, também, o Presidente da Câmara do Município!

A casa dele rorejava perfumes, aromatizava o céu, e espadanava luz em jorros!

Todos o amaram naquele momento, como nos outros dias!

Leu, então, ele, das varandas do sobrado, congratulando-se com o Povo, um telegrama do Exmº Presidente da Câmara dos Deputados!

O Conselheiro Lima Duarte respondia ao digno Presidente da Câmara Municipal de Mossoró – parabéns e admiração!

O ilustre Mossoroense foi condignamente vitoriado!

Depois, era em frente à casa do nobre e valoroso cavalheiro Capitão Francisco Gurgel de Oliveira!

O povo rugia e as músicas espedaçavam as notas mais harmoniosas em face do vento dos céus!

A alegria rutilava; e não havia ninguém que se não sentisse comovido e transportado pela felicidade de ser homem!

Aquele moço cavalheiro disse quatro palavras, que se internaram no coração do povo!

O ilustre Sertanejo dignificava-se do aplauso das multidões!

Sua memória será perpétua!

A passeata voltou à casa da Câmara, e parou na porta do Capitão Antônio Filgueira Secundes, o digno amigo do povo!

A sua casa apresentava um aspecto encantador: - luzes, arcos e flores, e ele foi entusiasticamente cumprimentado!

Chegou o povo ao Paço Municipal: - falou, pela última vez, o Dr. Almino e, enrolando-se as bandeiras, recolheu-se o préstito daquela noite liberal!

Imediatamente, seguiram o Presidente da Libertadora, Secretário, a Diretoria e muitos membros da Sociedade, com todas as comissões, que representavam outras, para o salão da Escola noturna, onde todos os Libertos ofereciam um banquete popular aos dignos Libertadores!

A mesa estava ricamente preparada, e o serviço foi completo e festival!

Havia um aprazimento nunca dantes experimentado! Os pobres Libertos se julgavam felizes e dançavam, empossando-se de si mesmos, depois de obsequiarem a todos os dignos convidados!

A cidade iluminou-se durante toda aquela noite, de diferentes pontos ouviam-se as girândolas de fogo e os gritos e os aplausos populares!

Era a primeira noite livre do Rio Grande do Norte!

Mossoró, 29 de outubro de 1883

Mossoró Livre!

VIVA O RIO GRANDE DO NORTE!

Era o terceiro dia, o qual se passou em festas e banquetes familiares!

À noite iluminou-se outra vez toda a cidade, tornando-se notável o Paço da Câmara, o Templo da Maçonaria com suas

cores vermelhas, contrastando com a brancura das casas do arredor!

A Praça da Redenção, o Consulado Português, na Rua – Tinta de Setembro: a Praça do Barão de Ibiapaba; a de 10 de Junho; a Rua de Gurgel; a de Graf; a casa de Conrado Mayer; a do Presidente da Câmara e a antiga Rua do Comércio ostentavam o patriotismo Brasileiro, nos raios de uma iluminação esplêndida!

Era um gosto ver aquele espetáculo!

Às 7 horas da noite, mais de 3.000 pessoas passeavam pelas ruas, em solene procissão cívica!

Na frente as músicas, que repetiam os Hinos Libertadores; depois o cortejo dos cidadãos novos!

Uma Liberta carregava um Estandarte, bordado de ouro em citim verde, com a inscrição – Mossoró Livre! – Um liberto sopesava a o pavilhão Brasileiro!! E, à sua direita, o Presidente da Sociedade, a bandeira Portuguesa!

Centro do Povo, o Dr. Almino conduzia o Estandarte da Libertadora; era o símbolo do patriotismo, auribordado em seda azul, especialmente para aquela Festa, pela Exm^a Sr^a D. Amélia de Souza Galvão, filha mimosa e condigna do nosso amigo Souza Melo, esposa do Vice-Presidente da Libertadora!

Chegando à Praça do Barão de Ibiapaba, a vista dilatava-se por uma vasta circunferência iriante; as casinhas, que bordam o rio Mossoró, estavam todas esclarecidas e repintavam na terra, em flores matizadas de luz, o aspecto dos céus noturnos matizados de estrelas!

O coreto já descrito, no centro da Praça, estava outra vez formosamente iluminado; e havia encanto no bruxulear das luzes, que permeavam os arvoredos artificias!

Num raptó de entusiasmo, o Dr. Almino subiu à tribuna e falou em nome do povo; sendo exaltadamente aplaudido, quando saudava o Comércio e o futuro de Mossoró!

Como as tempestades marítimas encantam, quando são vistas de terra, a bracejar no Oceano, assim agradava o delírio daquela Festa; a Deusa da Liberdade, a terribilis Dea, sacudia o coração das multidões!...

Indum sanguíneo veluti violaverit ostro Si quis ebur, aut mixta rubent lilia multa Alba rosa; tales virgo dabat ore colores!

Neste momento, flamejou, na Praça, um magnífico espetáculo pirotécnico!

O Cruzeiro do Sul pirilampejava em cintilações de fogo; - era o pó das estrelas!

Em cada uma das travas iluminadas, debuxava-se e tremeluzia por entre o incêndio uma signa patriótica!

Daqui – Viva a Nação Brasileira! Dacolá; - Viva a Cearense Libertadora! No alto; Viva Camarão! E abaixo; Viva o Rio Grande do Norte!

A multidão soltou gritos de aplauso, saudando a Liberdade!

Em frente da casa do Presidente da Libertadora, Joaquim B. da Costa Mendes, tinha-se reconstruído e enflorava-se uma colunata simbólica; estavam ali os coqueiros; e as palmeiras tinham vindo à Festa!

No recinto da quadra estavam 250 Libertos, vestidos decentemente!

Em nome do magnanismo cearense Joaquim Bezerra, o Dr. Almino, subindo uma bancada, deu parabéns à sua pátria, festejando ao povo; disse às libertas, que elas tinham renascido para a glória e não para a prostituição; e aos homens, que se tinham libertado, que a sua honra pedia e impunha que vivessem do trabalho e do suor de seu rosto para não desdoirar a abnegação e o sacrifício dos que tinham proclamado a liberdade e confraternizado os homens naquele dia infinito!

Os mancebos e os anciãos se levantavam em torno; e o mais velho de todos e mais respeitável, Major Joaquim Nogueira da Costa, levando pela mão duas criancinhas, à direita e à esquerda, abrilhantava a majestade da senectude entre um lindo grupo de 100 meninas de 10 a 12 anos, que como por encanto apareceram!

Era adorável aquela vista, que enternecia a todos!

O Representante da Libertadora Cearense e do Clube Abolicionista, Dr. Almino, recebendo das mãos do Presidente da Libertadora Mossoroense 500 cartas de Abc, as entregou às crianças, que ladeavam o venerando Major Nogueira; e estas as

entregaram, com beijos inocentes, aos Libertos e às Libertas, para aprenderem a ler!

Eram os anjos do amor, que vingavam a tristeza do passado, apontando para a estrela da esperança, que derramava no coração dos renascidos uma gota mimosa de luz!

Queimou-se outra linda peça de fogo, que dizia: - Viva a Redenção!

Locomoveu-se o préstito; e ao defrontar a casa do 1º-Vice-Presidente da Mossoroense, Romualdo Galvão, surgiu ele na varanda e fez ao povo entusiásticas felicitações comemorando o dia 30 de Setembro e o Primeiro Município do Rio Grande do Norte Livre.

Levantaram-se numerosíssimos vivas, que foram calorosamente correspondidos!

Em casa do Capitão Francisco Gurgel, queimaram-se muitas girândolas de foguetes, quando a passeata se aproximava; e ali falaram diversos oradores!

Renovou-se o entusiasmo, em frente da casa do Dr. Paulo Leitão, vivamente felicitado!

A Agência Consular Portuguesa continuava, ainda, a representar o brilhante espetáculo do dia antecedente, ricamente adornada de triângulos de luz!

O povo a saudou com entusiasmo em nome do Brasil e da Província do Rio Grande do Norte!

Chegou, enfim, a multidão em vante da Estátua da Liberdade, à Praça da Redenção; e aqui emudecemos, porque o delírio patriótico não se descreve, não há língua que o traduza!

Julgue-o, quem não pode experimentá-lo!

* * *

Dispersou-se o congresso na casa, onde se hospedavam as comissões de diferentes sociedades.

No dia seguinte, deram-se muitos banquetes.

Na manhã do 4º dia da Festa, repetiram-se muitas salvas em diferentes pontos da cidade.

À noite, um esplêndido baile na casa da Câmara Municipal, oferecido às Comissões visitantes do Ceará, Belém, Recife e Assu.

Grande animação, expansões de alegria, iluminação, entusiasmo geral, em todos os convivas daquela festa civilizadora, em que tomaram parte todas as famílias distintas e pessoas mais gradas da Cidade!

Nos intervalos da Festa, recitaram-se poesias e discursos condignos da idéia heroica da reunião.

Feito o silêncio, o Presidente da Libertadora, em nome da Sociedade e do generoso Povo do Município, cumprimentou o Dr. Almino.

O Dr. Paulo Leitão secundou esse brinde, que o obsequiado, com as vozes do coração, agradeceu, tomado de arrebatamento por aquela surpresa comovente!

Dançou-se até às 3 horas da madrugada!

Na mesma noite, houve outro baile no bairro do sul pelos mesmos motivos.

No 5º dia depois da Liberdade, repetiram-se muitas reuniões familiares, distinguindo-se entre todas a que se deu em casa do 1º-Secretário da Libertadora, Vice-Cônsul de Portugal, Frederico Antônio de Carvalho, em honra do Dr. Almino!

No dia 7, à noite, os cavalheiros mais graduados percorreram a cidade com música, hinos e cantoria; e, voltando à casa do Hotel, foi servido um profuso copo d'água, no qual regozijava-se, expandia-se o gênio rio-grandense!

Falou, então, despedindo-se e agradecendo tão multiplicadas manifestações de amizade a todos aqueles nobres cavalheiros, fidalgos por instinto e por fatos, o nosso prezado amigo Dr. Almino, que brindou pela última vez a sua pátria, o país de suas primaveras, o ninho de suas saudades, o berço do seu amor!

Et dulces, moriens, reminiscitur Argos!

No outro dia, era acompanhado até ao Porto pelos nobres Mossoroenses, e foi enternecedor o momento da despedida, quando ele abraçava a Romualdo, Joaquim Bezerra, Frederico,

Francisco Gurgel, Miguel Montes, Couto, Romão, ao povo todo e ao menino Alfredo, que ficava!

Na Barra o Dr. Almino, o nosso bom companheiro instituiu ainda uma sociedade Libertadora para fechar a porta daqueles mares!

Os Trabalhadores do Mar nunca mais consentirão que ali passe um homem que não seja livre!

O Rio Grande do Norte liberta-se!

Viva Mossoró, o 2º Acarapé do Império!

Viva o Rio Grande do Norte! (*)

(*) Pesquisa realizada na Biblioteca Pública de Fortaleza e no Instituto do CEARÁ pelos professores VINGT-UN ROSADO e AMÉRICA ROSADO, em 1977.

Desse trabalho resultou o livro – Alguns Subsídios à SAGA quase centenária da Abolição Mossoroense, dos referidos autores. Coleção Mossoroense.

CAPÍTULO XVIII

A FESTADOS ABOLICIONISTAS PASSOU POR ESTAS RUAS

Em 1883

Largo da Cadeia
Largo Municipal
Praça da Liberdade
Praça da Redenção
Praça da Matriz
Praça de Xico Tertuliano
Praça do Cano do Esgoto
Praça 6 de Janeiro
Praça Barão de Ibiapaba
Rua da Independência
Rua 30 de Setembro
Rua do Comércio
Rua do Graf
Rua da Lagoa
Rua dos Libertos
Rua do Teatro
Rua 10 de Junho
Rua do Triunfo
Rua das Flores
Rua da Alegria
Rua das Oliveiras
Rua do Cemitério
Rua da Boa Vista

Rua do Gurgel
Rua da Soledade
Travessa da Maçonaria
Travessa do Oriente
Travessa Alexandre Manoel
Travessa Alexandre Nogueira
Travessa do Vigário
Travessa do Peso Público
Travessa Joaquim Severino

Em 1953

Praça Antônio Gomes
Praça da Redenção
Praça Vigário Antônio Joaquim
Praça Rafael Fernandes
Trecho da atual Praça Presidente Vargas, em
que se acha o “Buraco do Hemeterio”
Praça Rodolfo Fernandes
Rua 30 de Setembro
Trecho da atual Rua Almeida Castro, até a
Praça da Redenção
Trecho da atual Rua Almeida Castro, da
Praça da Redenção à Praça Antônio Gomes
Trecho da Rua Machado de Assis
Trecho da Av. Dix-sept Rosado
Rua que hoje integra a Praça Vigário Anto-
nio Joaquim, no lado oposto ao Ginásio San-
ta Luzia
Rua Bezerra Mendes
Rua Idalino Oliveira
Avenida Augusto Severo
Trecho da atual Rua Coronel Gurgel, entre a
Casa de Luiz Colombo Ferreira Pinto e a anti-
ga residência do Coronel Francisco Gurgel
de Oliveira

Trecho restante da Coronel Gurgel
Ao lado da Loja Maçônica 24 de Junho, que
era isolada
Do lado oposto à anterior
Trecho da Rua Almino Afonso
Hoje fechada. Ficava ao lado da residência
do Vigário Antônio Joaquim, na Rua 30 de
Setembro Travessa José Martins de Vascon-
celos
Rua Frei Miguelino

CAPÍTULO XIX

INSÍGNIA E MONUMENTO ESTANDARTE DA LIBERTADORA MOSSOROENSE ESTÁTUA DA LIBERDADE

O Estandarte da “Libertadora”:

É realmente uma preciosa relíquia.
Muitas vezes
Estivemos com ela nas mãos
admirando-lhe a confecção
primorosa, a tessitura feita por mãos
de senhoras, da mulher mossoroense,
solidária com seus maridos em prol
da causa arrebatadora. Aquele cetim
verde já decorado pela ação do tempo
mas brilhante no coração de todos,
aquelas letras esmaecidas, no
dourado, ali estavam como
testemunhas silenciosas do feito

magnífico MOSSORÓ LIVRE – 30
DE SETEMBRO DE 1883.

O jornal O Mossoroense, de 30 de
setembro de 1906, traz a seguinte
nota a respeito: (*)

“Por fidalga gentileza da Intendência
Municipal, obtivemos do seu arquivo a
bandeira da Sociedade Libertadora
Mossoroense, ali cuidadosamente
recolhida após o triunfo da humanitária
campanha de libertação do Município.
Este troféu de sagrada reminiscência
acha-se em venerada exposição em
nosso Atelier transferido para a sede do
Clube Dramático onde, por iniciativa da
esperançosa e patriótica mocidade de
nossa terra, haverá à noite espetáculo de
gala em comemoração da auspiciosa e
áurea data, que hoje passa.”

(*) Revista – RECORDANDO UMA DATA – Mossoró, 1941
– Ontem e Hoje.

A ESTÁTUA DA LIBERDADE

No dia da sessão magna da “Libertadora”, a 30 de setembro de
1883, este estandarte foi conduzido por senhoras mossoroenses dando
entrada no salão da Câmara Municipal, onde se realizava a sessão, sob
os aplausos gerais constituindo-se um dos acontecimentos marcantes
daquela data.

Está, hoje, guardado numa caixa de vidro no Museu Municipal
de Mossoró, com os cuidados que bem merecem troféus cheios de
glória como este.

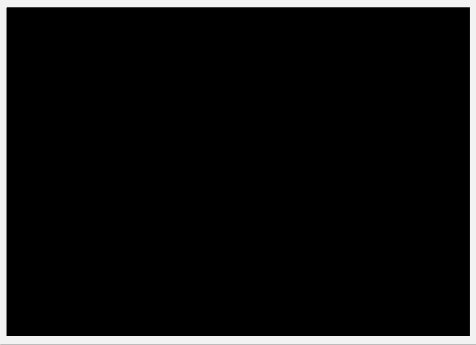
A respeito desse inauguração, o jornal O COMÉRCIO DE
MOSSORÓ, edição de 12 de outubro de 1904, dizia o seguinte: (*)

“O monumento representa a estátua da Liberdade
iluminando o mundo com um facho erguido à mão direita,
tendo pendente da esquerda uma lousa com a inscrição –

1883. A estátua, que tem dois metros de altura, está de pé sobre uma base de cinco e mais metros, tendo esta, no centro, a inscrição – 30 DE SETEMBRO DE 1883, - Todo trabalho é de cimento e foi construído pelo arquiteto Francisco Paulino da Silva.”

A revista Consagrando uma data Mossoró Ontem-Hoje, publicação da Prefeitura Municipal, em 1941, quando prefeito o padre Luiz da Mota, juntou àqueles mais estes comentários: (**)

“A inauguração verificou-se numa límpida tarde de sol ao som do Hino Nacional, seguindo-se a oração belíssima do orador oficial, Dr. Sebastião Fernandes, magistrado e primoroso



(*) JORNAL DE MOSSORÓ – 12-10-1904.

CAPÍTULO XX

PROJEÇÃO URBANÍSTICA ESBOÇO DE UMA PLANTA DAS DE MOSSORÓ NO ANO DE 1883



CAPÍTULO XXI

ARTES BANDAS DE MÚSICAS MARCIAIS

Na Ata de 30 de Setembro – Almino Afonso fez este registro.

1 –Entre Sussurro Festivo – e confraternal das populações convocadas para aquele prazo dado da Glória, vibrando no espaço os ecos das músicas marciais da cidade, postadas no pórtico do edifício, no pavimento térreo e no terraço superior, ao lado do salão onde se reunia o Congresso, tangendo as mais elétricas harmonias!...

.....

Romperam de novo, as músicas, estrugiram as gerândolas e firândolas de foguetes: retumbaram palmas e vivas, e os gritos frenéticos da multidão eletrizada!

Era um delírio de entusiasmo, a polarização do amor patriótico!

.....

2 – Era Mavioso e Admirável – aquele virginal concerto: a Síbila Rio Grandense do Norte sentia, por sua vez, em seu peito apaixonar-se e arder – Deus in nobis – do fogo sagrado do patriotismo!

A cada estrofe que se repetia, a cada volata dos hinos libertadores, soltando brados, à maneira de rugidos, a multidão bramava: havia um deslumbramento no povo!

A mocidade entrava nos segredos profundos do amor de sua nacionalidade; e a velhice discreta renascia das cinzas do

passado, para ajoelhar-se, balbuciante de júbilo e de complacência, diante da grandeza do presente, ébria do patriotismo dos seus filhos!

3 – Cantam-se Três Hinos – o primeiro, uma poesia do Dr. Almino Afonso e canto de Simplício Montezuma, o grande maestro cearense; depois, outro de João Evangelista de Medeiros, também cearense, residente em Mossoró, com poesia de Dr. Paulo, distinto pernambucano; e logo um terceiro, oferecido pelo 1º-Secretário, Frederico Antônio, com música portuguesa, sendo todos freneticamente aplaudidos! (*)

(*) Ata da sessão de 30 de setembro de 1883.

CAPÍTULO XXII

O HINÁRIO DO 30 DE SETEMBRO

- 1 -

Escravos gemiam na pátria valente
Que deu Miguelinho, que viu Camarão
E o povo responde seu grito plangente
Rompendo cadeias, partindo grilhões
E o povo responde seu grito plangente
Rompendo cadeias, partindo grilhões!

- CORO -

Alvissareira e bela cidade
A mensageira da liberdade
Sempre altaneira como um leão
Porta-bandeira do seu torrão!

Sempre altaneira como um leão
Porta-bandeira do seu torrão!

- II -

O norte desperta sedento de glória
Abaixo a senzala cativos não mais
E o feito gravou-se no bronze da História
Caiu a Bastilha, são todos iguais
E o feito gravou-se no bronze da História
Caiu a Bastilha, são todos iguais.

Os hinos da “Libertadora Mossoroense” e da
“Libertadora Cearense” num confronto, - Letra e música.

Paulo de Albuquerque fez a letra de um hino para a
“Sociedade Libertadora Mossoroense”. Não sei dos motivos que
levaram as autoridades municipais a preferirem o hino da
Libertadora Cearense ao de Paulo de Albuquerque. O deste,
além do seu conteúdo de rara beleza, era original, mais
mossoroense, e, portanto, mais nosso. Aí estão os dois hinos
num confronto. Em primeiro lugar, o de Paulo de Albuquerque,
a que ele deu o título de “Hino da Libertadora Mossoroense”.

“Eia! Hoje desponta na Pátria
No horizonte uma aurora de luz!
É o dia da nossa cruzada
Temos todos no peito uma cruz!

- CORO -

Também temos amor e civismo,
Também somos da terra dos bravos,
Proclamemos altivos, sem medo;
Não queremos aqui mais escravos!
Quando o belo clarim da mãe Pátria
Convidar-nos aos louros cingir,
Legaremos a ela um renome
Para sempre reler o porvir!

- CORO -

Também temos amor e civismo, etc.
Esta lei desumana, cruel,
Que o negreiro no mundo implantou,

Deve ser deste solo banida,
Não é lei que o Cristo ensinou.

- CORO -

Também temos amor e civismo, etc.
Estão livres, libertos pra sempre,
Nossos caros irmãos hão de ser ...
Suas mágoas e prantos passados
Hão de em risos e flores volver.

- CORO -

Também temos amor e civismo, etc.
Eia! Às armas valentes soldados,
Na vanguarda já rufa o tambor!
É o norte do nosso estandarte;
Liberdade aos cativos e amor.

- CORO -

Também temos amor e civismo, etc.
Como a águia que voa altaneira
Muito além das montanhas azuis,
Surgirá muito breve bem alto
Mossoró coroado de luz.

- CORO -

Também temos amor e civismo, etc.
Eia! Hoje desponta na Pátria
No horizonte uma aurora de luz!
É o dia da nossa cruzada,
Temos todos no peito uma cruz!

- CORO -

Também temos amor e civismo, etc. ()

Mossoró, janeiro de 1883.

CAPÍTULO XXIII

AS HARMONIAS PORTUGUESAS HINO DA LIBERTADORA DE FREDERICO ANTÔNIO DE CARVALHO

Hino da Libertadora, De Frederico Antônio de Carvalho

Ei-lo, reproduzido de o “Libertador” de 16 novembro de 1883. Deve ser o Hino de que fala Almino, na Ata do dia 30. “Um terceiro, oferecido pelo primeiro-secretário, Frederico Antônio, com música portuguesa”.

Hino da Libertadora Mossoroense, oferecido por Frederico Antônio de Carvalho.

Já desponta no Céu anilado!!
Nova aurora de amor e de luz
Nas correntes do negro quebradas,
Nas vitórias que a ideia produz!

CORO

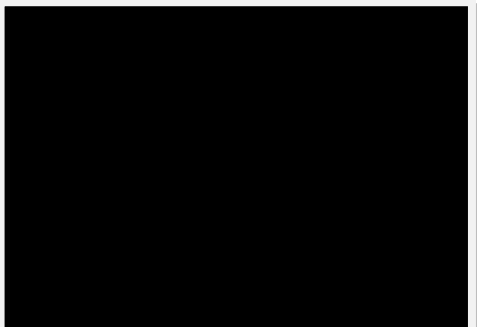
Esta lei desumana e perdida
Que o negreiro feroz inventou,
Deve ser deste solo banida;
Não é lei como o Cristo ensinou!
Eia avanate, que a voz – Liberdade –
Surge um mundo gentil, prazenteiro!
Eia avante, que é tudo Igualdade
Nest4e belo palmar do Cruzeiro!

Dos escravos os pulsos já folgam
Que os seus ferros soubemos quebar,
Vão por terra partidas algemas
Somos livres! ...Ser livre é marchar!

Eia avante, que a Deusa da História
Para os evos teu nome conduz!
Mossoró, eia avante estas palmas
Nunca perdem seus mimos de luz!

CAPÍTULO XXIV

AS PARTITURAS MUSICAIS







HINO DA LIBERTADORA CEARENSE

(Adotado pelo Município de Mossoró)
Por Frederico Severo

I

Eia! Às armas soldados dos livres,
Na vanguarda já soa o tambor!
Eis o mote do nosso estandarte:
“Liberdade aos cativos e amor”.

CORO

Para sempre se apague da face
Da formosa auriverde bandeira
Esse negro borrão, que nos mancha
E que avilta a nação brasileira.

II

Os soldados de causa tão santa
Jamais podem na luta cair!

E se alguém sucumbir na peleja
Não caiu, mergulhou no porvir.

III

Nossas armas são brancas e puras,
Têm no punho a palavra perdão,
Entre as dobras do nosso estandarte
Aninhou-se uma Deusa – a RAZÃO

IV

Expulsai do País das palmeiras,
Onde o sol mais abrasa e mais arde,

Os velhos traficantes de escravos,
Raça infame, nojenta e covarde.

V

Todo mundo, que atento nos ouve,
Bata palmas aos nossos heróis,
Quando vir que não há mais senhores
Nem escravos na Pátria dos sóis!

VI

E que a águia altaneira, que voa
Pelo dorso dos serros azuis,
Leve aos astros na garra gigante
A bandeira banhada de luz. ()

HINO DA “LIBERTADORA
MOSSOROENSE”

Letra do Dr. Almino Afonso

Música de Pedro Gomes (Ceará)

Rompe o sol, estas várzeas se aloiram,
Brinca o vento na flor das cocaís,
Rugem ondas que as veigas anilam,
Falam deuses em sons imortais.

CORO

Vamos! Breve! Que a glória nos chama,
Nem corcéis, nem espadas de heróis;
Nossa glória é de luz, de harmonia,
Nossa glória é formada de sóis!...

Do “Nordeste”, de setembro de 1932.

N. 406. – (Mossoró)

CAPÍTULO XXV

O PODER PÚBLICO BRASÃO DE ARMAS MUNICIPAL O FERIADO DE 30 DE SETEMBRO

Lei Municipal nº 30, de 13-9-1913 (*)

Declara feriado o dia 30 de Setembro e cria o brasão das armas do Município.



A Intendência Municipal de Mossoró, resolve:

Art. 1º - Fica declarado de festa para o Município de Mossoró, e como tal feriado, o dia 30 de setembro, em homenagem ao glorioso feito da libertação dos escravos, ocorrido em igual data, no ano de 1883.

Art. 2º - Neste dia não se abrirão os

estabelecimentos comerciais, exceto aqueles cuja abertura e fechamento aos domingos, serão regulados por lei Vigente.

Art. 3º - Fica criado o Brasão das armas deste Município, constante de um Escudo com a seguinte descrição: O Escudo será de formato comum cujo plano central é ocupados por montanhas de sal, ladeadas por uma carnaubeira e junto a esta uma avestruz. Por trás das montanhas surge, a meio, o radioso astro do dia, em cujos raios lê-se a gloriosa data: “30 de setembro de 1883”. Na parte inferior, o escudo contém duas fitas enlaçadas onde se lê: “Município de Mossoró, 1852”.

(*) WALTER WANDERLEY – Paulo de Albuquerque o Poeta da Abolição – 1969.

Sala das Sessões da Intendência Municipal de Mossoró, 13 de setembro de 1913.

FRANCISCO IZÓDIO DE SOUZA, Presidente, FRANCISCO VICENTE CUNHA DA MOTA, Vice-Presidente, MANUEL CIRILO DOS SANTOS, VICENTE ALVES DO COUTO, FRANCISCO XAVIER FILHO, ANTÔNIO MARTINS DE MIRANDA.

CAPÍTULO XXVI

CONTEMPORANEIDADE DO DIA 30 FATOS E ACONTECIMENTOS À MARGEM DA HISTÓRIA

Os Grandes Momentos e a Vibração – que tumultuaram a cidade, na Festa dos Sete Dias, aos poucos, passada a hora da euforia coletiva, se tinham diluído, entrando num período de recessão, de sossego, de almaria.

Nesse meio tempo de transição de duas eras, a da escravidão e a dos homens livres, muita coisa importante aconteceu, bem como ocorrências de relevo, que ficaram de lado, por dizer, quase caindo no esquecimento.

Também num movimento daquela extensão, nem todos os fatos ficaram, evidentemente, registrados, e uns até que lá se foram sem deixar notícias.

1 – A Abolição e suas Conseqüências – Em si, o dia 30 de setembro foi um feito notável na história da cidade. Por sua condição renovadora do regime de trabalho, não tardou em ter de enfrentar o sério problema do desajustamento social, com a situação criada pelo estatuto legal dos libertos, muitos deles sem qualquer meio de sobrevivência. Tudo estava assim por se fazer.

2 - O Clube dos Espartacos – dava um retrato desse estado de coisas, apontando o fato real de que muitos dos emancipados tentaram organizar certos focos de resistência onde predominava o instinto da força, a exemplo do Clube dos Espartacos, nascido a 30 de setembro de 1883.

Era voz corrente que o mesmo surgira por inspiração do Dr. Almino Afonso. O próprio nome clássico disso dava idéia.

E por que Clube dos Espartacos?

3 – Almino Afonso Sabia Que: - A soberania de Roma – Cidade Estado – fora igualmente erguida sobre a imagem da democracia e da escravatura.

“Para a multidão, havia o lema “Panem et circenses”, pão e circo, para o proletariado o chicote!

“No ano 73 A. C. fugiu um escravo que nascera livre na Trácia (Macedônia) e que fora educado na escola de gladiadores, na qualidade de prisioneiro de guerra. Acompanharam 70 companheiros de sofrimento, que constituíram o grupo central de um exército, o qual abalou todo o império romano. O nome desse homem corajoso foi Espartaco. Ele soube reunir ao seu derredor 100.000 escravos e libertou todo o Sul da Itália (guerra dos escravos, 7-71 A.C.). A notícia da vitória propagou-se com rapidez de um raio pelo país, e se transformou não só em esperança para todos os oprimidos, mas também em susto para todos os patrícios. Contudo, nem todos os desejos de libertação se concretizaram. Espartaco foi vencido e crucificado, e com ele muitos dos seus companheiros.” ⁽¹⁾

4 – Rafael Mossoroense da Glória – O Presidente do Clube dos Espartacos era um ex-escravo de Alexandre Soares do Couto. Homem de mentalidade renovada e generoso, foi Secretário do Clube dirigido pelo seu antigo escravo.

O local dos encontros era o “Alto do Pão Doce”, um casarão que servia de hospital dos variolosos nas secas de 1877/1879.

Nesse local, os pretos chefiados por Rafael Mossoroense da Glória, faziam suas reuniões festivas, como se fala do banquete por eles oferecidos aos abolicionistas. Rafael Mossoroense da Glória aos seus comandados, os libertadores, cometiam missões perigosas.

Às vezes, os capitães-do-mato reagiam, pois também gozavam fama de valentões e arbitrários.

“Resolveu-se, então, organizar grupos mais numerosos de 20 a 30 escravos, que a Libertadora ia impor até o Alto do Cemitério com banda de música e outras demonstrações de alegria, fazendo-os acompanhar de um guarda forte dos Espartacos.”⁽²⁾

5 – O Professor Vingt-Un Rosado – pesquisou o caso, findando por concluir que, nas publicações feitas no jornal do Ceará, houve uma omissão inexplicável com relação ao Clube dos Espartacos.

“Almino Afonso divulgou no jornal, que era o órgão maior da Abolição, uma massa respeitável de documentos sobre o Movimento de Mossoró.”

“O razoável seria que não tivesse esquecido o Clube dos Espartacos.”

“Desejamos contra-argumentar. O Clube dos Espartacos está registrado em Francisco Fausto de Souza que era um historiador de maior seriedade e, também, fora abolicionista.”

“Nas comemorações do dia 30, os periódicos mossoroenses mais antigos como O Mossoroense e O Comércio de Mossoró, faziam repetidas referências a Rafael Mossoroense da Glória e ao seu Clube.”⁽³⁾

Este registro tenta reparar uma omissão que não tinha razão de ser.

6 – O Sentido Convencional das Palavras – O trabalho dos abolicionistas exigia segurança para que suas ações não fossem frustradas.

Assim, haviam eles estabelecido uma norma de sigilo nas suas comunicações, quando se entendiam com lugares de Províncias mais distantes. Era uma espécie de código com palavras cifradas, utilizadas nos avisos que transmitiam sobre escravos que eram mandados para outros pontos, onde poderiam ficar em segurança e livres da vigilância dos terríveis Capitães-do-Mato.

Mossoró, depois do 30 de Setembro, como Cidade Livre ficou sendo ponto de concentração para onde corriam os negros que fugiam dos senhores escravocratas.

7 – No Aviso das Remessas – as palavras comuns eram: “Inglês”, “Americano” e “Huguenote”. Outra palavra da gíria, largamente empregada era “Abacaxi”. Todos esses termos eram sinônimos convencionais, que giravam de um lugar para outro.

Assim, quando do Recife, João Ramos mandava dizer: “Seguiram tantos abacaxi”, expressas eram dadas a Libânio da Costa Pinheiro para ajuntar barcasas em Areia Branca e receber a carga curiosa e transportá-la para cá”.

A missão do Clube dos Espartacos era de amparo aos escravos que aqui aportavam por mar ou terra.

Fazia-se o trabalho libertário por meio da Barcaça “Apodi”, de propriedade de Alexandre de Souza Nogueira e Euzébio Beltrão, este apodiense, e aquele mossoroense, ambos “negociantes em Recife”, tudo conforme os registros da conferência de Nestor Lima – Tradições e Glórias de Mossoró, pronunciada em comemoração do 30 de setembro, no ano de 1936.

8 – O Clube do Cupim – Do Recife, afirmava ainda Nestor Lima: era o terror, o duente, o espantalho dos senhores.

Com vista a essa organização carbonária, que teve intensas atividades nos círculos abolicionistas recifenses, o historiador VINGT-UN ROSADO registrou:

“Ainda outros dados complementares dos que publiquei no Mossoró, a respeito do Club do Cupim. A proclamação que anunciava o seu fim dizia: “que terminará a passeata na Rua da Conceição defronte a casa do cidadão Pessoa, onde o orador do Club do Cupim, Dr.

Fernando Castro, saudará os portos gloriosos que receberam os huguenotes, Fortaleza, Aracati, Camocim, Mossoró, Macau, Natal, Macaíba, Belém, Manaus, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, |Montevideu e lançará solenemente, em nome do Club do Cupim, à luz desse luar imenso que iluminou centenas de vezes os mares por onde passaram as barcaças redentoras, que em busca da Canaã Brasileira, o perdão que não merecem os Capitães-do-Campo Marcolino, Manoel Major, J. Pestana e Cirilo.” (IV)

Informa ainda o referido autor:

“Libânio da Costa Pinheiro era o 51º sócio do Club do Cupim.”

“Do Rio Grande do Norte, receberam medalhas comemorativas do Club”.

“Joaquim Honório (Mestre do Iate Jiquiriti), Juvino Cezar Paes Barreto (Natal), Libânio da Costa Pinheiro (Mossoró), José Alves da Silva (Macau), João Avelino Pereira de Vasconcelos (Natal).” (V)

9 – Ainda João Cordeiro – informava “em 2 de dezembro de 1883”; podem recer “INGLESES”, Frederico Antônio de Carvalho e Romualdo Galvão”.

Em certo tempo, INGLESSES eram os abolicionistas do Dr. DANTAS, chamados por Murtinho de Campos, os defensores do Ministério Dantas.

10 – Quantos Escravos Mossoró Libertou no Dia 30? – Em carta endereçada a João Ramos, em 28 de maio de 1884, o Presidente da Libertadora Mossoroense, Joaquim Bezerra da Costa Mendes afirmava que tinha chegado ao impossível, que 86 escravos que possuía esta terra, eu fiz rugir e mugir...

Do que se conclui que, deduzidos os 40 escravos alforriados na Loja Maçônica “24 de Junho”, na batalha de 10 de junho, em 30 de Setembro de 1883, Mossoró deveria ter libertado, talvez os outros 40 escravos, fato que segundo Vingt-Un Rosado, “constitui um reforço à exatidão da estatística de Joaquim Bezerra da Costa Mendes”. (VI)

11 – Quantas Vezes Falou Almino Afonso, em Mossoró, no dia 30 de Setembro?

Desde o tempo da Escola Normal, era voz corrente que naquele dia Almino Afonso pronunciara quatro (4) discursos. Para muitos que tenham sido, segundo Vingt-Un Rosado, “eles não terão atingido o número astronômico de trinta ou vinte”.

Ao certo, afirma aquele historiador; foram em número de seis os discursos de Almino:

- 1 – Na Câmara Municipal (na Sessão da Libertadora);
- 2 – Na Praça da Redenção;
- 3 – Em frente ao Vice-Consulado Português;
- 4 – Na Igreja de Santa Luzia (atual Catedral);
- 5 – Na Praça Dez de Junho; e
- 6 – Na Câmara Municipal (encerramento da Passeata).

“E mais, uma lenda que precisa ser afastada na torrente oratória que ainda inunda a Cidade, em cada 30 de setembro.”

12 – O Telegrama ao Imperador – Quase causa um susto a Romualdo Lopes Galvão. A divulgação deste telegrama tem uma história. Em 1949, a Revista Bando de Natal tirou uma Edição Especial dedicada ao feito de Mossoró, o número IX-Ano 1.

Na coleta documental, que deveria trazer alguma matéria nova, foi de grande valia a cooperação do jornalista João Batista Galvão, que entre outras peças apresentou à Redação documentos do Arquivo de Romualdo Galvão, até então inéditos, entre muitos, este telegrama, que nunca tinha tido divulgação:

IMPERADOR PEDRO II – CORTE

“Mossoró acaba de libertar seus escravos embora contra a vontade de Vossa Majestade.”

Contava João Galvão, e isso depois repetiu em livro que era muito conhecida a família Galvão a expressão de Almino apresentando o despacho para colher assinaturas de Romualdo,

e ante certa dúvida, teria pronunciado estas palavras que se tornaram históricas:

“Romualdo, não seja “cobarde”, assine este telegrama. Queira mostrar ao Imperador de que são capazes dois caboclos do Patu e do Campo Grande.”

Romualdo rindo, disse: “Parente, o que você quiser, eu quero, e em benefício dos escravos darei até a vida”.

A resposta veio pelo Conselheiro Lafayette e todo mundo sabe de cor; Sua Majestade agradece. Foi uma decepção para os abolicionistas de Mossoró.

13 – Os Presentes que o Ceará Mandou para o Dia 30

– O Libertador de 24 de Setembro de 1883 fez um registro completo da presença do Ceará nas festas de Mossoró. O historiador Vingt-Un Rosado diz que “há alguns informes interessantes”, sumariando-os:

1º - O LIVRO DE ATAS DA LIBERTADORA MOSSOROENSE, “primorosamente encadernado”, foi uma dádiva da “Libertadora Cearense”;

2º - O Clube dos Libertos enviou uma pena de ouro;

3º - E a Libertadora Estudantil um “primoroso tinteiro”; e

4º - Os Maestros Simplicio Montezuma, Pedro Gomes e Herculano José de Almeida compuseram Hinos para a Sociedade Libertadora Mossoroense.

Na Ata do dia 30, Almino faz reverência aos tinteiros azuis.

14 – E o Livro Especial Primorosamente Encadernado

– Com a famosa Ata da Sessão do dia 30 de setembro, onde foi parar?

CÂMARA CASCUDO dá seu depoimento e afirma:

“Francisco Fausto com sua habitual descrição, disse-me que o livro de Atas da Libertadora Mossoroense havia desaparecido e ele julgava destruído propositadamente por ciumada.”

MARTINS DE VASCONCELOS, na sua conferência de 30 de setembro de 1923, depõe identicamente: “Se como é

natural, infelizmente, a vaidade, a ambição da primazia, as divergências e o desamor ao progresso e à verdade histórica não tivesse impedido, por inglórios motivos, a conservação das atas em que foram lançados e escritos os fatos ocorridos na Libertadora Mossoroense...O livro das atas desapareceu misteriosamente e nunca mais desse feito histórico de 83 se soube de regular ocorrência cronologicamente realizada”.

WALTER WANDERLEY escreve: Raimundo Nonato, no livro “Terra e Gente de Mossoró” faz este comentário: - A respeito desse importante documento, que é a Ata da Sessão da Libertadora Mossoroense, é oportuno renovar o depoimento de José Martins de Vasconcelos:

“O Livro de Atas, conclui Raimundo Nonato, desapareceu misteriosamente, e nunca mais desse feito histórico de 83, se soube a regular ocorrência cronologicamente realizada.”

VINGT-UN ROSADO coloca o ponto final no assunto, afirmando:

“Já é tempo de dar a Almino Afonso o título de “Historiador Maior da Abolição Mossoroense”. “E ainda avançar uma afirmativa: a de que ele teria levado para Fortaleza o Livro de Atas da “Libertadora Mossoroense.”

“É só considerar o volume de comentários que foram publicados no Órgão Cearense, de outubro de 1883 a 1884.”

“A ciurpada só não teria sido do próprio Almino, que nunca deixou de destacar a relevância de sua participação na Festa da Abolição.” (VI)

15 – As Memórias de Romão Filgueira – Walter Wanderley, no seu livro Paulo de Albuquerque – O Poeta da Abolição – registra:

“Lembro-me das conversas do saudoso Major Romão Filgueira, ao falar uma tarde inteira sobre o grande feito. Emocionado, contou certa vez: “Andei pelas ruas da cidade e subi as escadarias da Câmara, de braço com Merencia, já liberta para que todos sentissem a grandeza do meu gesto de igualdade, liberdade e fraternidade, e fui compreendido, e muito aplaudido pelo povo. Estava por volta dos meus 23 anos.”

16 – O Baile dos Negros – É uma tradição que morreu.

Era uma festa popular dos ex-escravos, que vinha do ano da abolição.

De princípio, se realizava no próprio prédio da Câmara Municipal, no Edifício da Cadeia Pública.

Passava a ser o fim das festividades promovidas durante o dia, pelo poder público e instituições culturais.

A certa época, o baile dos negros gozava de boa fama pelo respeito que reinava durante as danças, que iam sempre pela noite adentro.

Hoje, o baile dos negros é coisa esquecida. Nem se fala nele.

A cidade mudou muito nos seus hábitos. Os pretos, de seu lado, diminuíram consideravelmente de número, e o baile que era um divertimento privativo dos pretos, foi tomado por uma rapaziada da alta sociedade, que sem o menor respeito bagunçou o coreto.

Mas, bem pensado, a tradição do baile dos negros deveria ressurgir, pois aquelas reuniões representavam um dos raros instantes da vida social, de manifestação de força grupal, da pobre raça que sempre viveu segregada de uma sociedade dominada por absurdos preconceitos, onde o preto nunca tivera entrada.

Num desses bailes, quando alcoolizado, dormia estirado no alto de uma ameia do segundo pavimento, Zé Barriqueiro despejou-se daquela altura, e veio esburrachar-se no chão, sofrendo apenas pequenas amassaduras.

Coisa de uns 60 anos passados, ainda conheci Zé Boi (que não era preto) organizando e dirigindo o baile do dia 30.

Com ele, tudo dava certo, pois era um cara decidido. Todo mundo respeitava sua ordem, e quando algum engraçado pretendia fazer alteração, era agarrado pela abertura da camisa e jogado no meio da rua.

E a dança continuava.

17 – O Caso dos Fugitivos do Piancó – Depois da proclamação do Dia 30, que se tornou conhecida pelos lugares

mais distantes, Mossoró ficou uma cidade-aberta, recebendo todos que nela procuravam se acolher, sem discutir a sua procedência.

A nova ordem estabelecida não deixou de criar situações embaraçosas, pois escravos que fugiam das fazendas dos senhores, e chegavam a cidade, eram perseguidos ferozmente pelos seus donos que desconheciam a situação de fato criada em Mossoró com o estatuto de 30 de setembro de 1883.

Dois desses negros fugitivos, que pediram a proteção dos mossoroenses, Estevam e Merência, eram de propriedade de um senhor da Paraíba conhecido pela sua prepotência.

De outra feita, conta Nestor Lima, um caso novo tocou fogo na cidade. Os sicários de um proprietário de escravos de outra Província corriam pelas ruas perseguindo um pequeno negro. Protegido pelo alarme da multidão, o pequeno fugitivo conseguiu penetrar na casa de residência do comerciante Miguel Faustino do Monte, figurava de relevo da Libertadora Mossoroense.

Este reagiu violentamente ao celerado perseguidor, que vinha no encalço do moleque, em possante montaria. Diante da atitude enérgica tomada pelo abolicionista, o façanhudo capitão-do-mato retirou-se, vaiado pelo povo. Fatos iguais se repetiram muitas vezes, dando brio ao espírito de resistência dos valorosos abolicionistas de Mossoró. (VII)

18 – À Certa Época – Penetrou às ruas da cidade, com homens armados, um violento senhor feudal, que exigia de modo abusivo que seus escravos lhe fossem entregues, sem qualquer negociação.

Os abolicionistas enfrentaram com veemência a fúria do invasor. Saíram pelo comércio, fazendo levantamento de um fundo de emergência para alforria dos fugitivos.

Nesse momento, correu pelas ruas, uma notícia que deixou todo mundo estupefato:

- O comerciante Conrado Mayer – um suíço mossoroense e fervoroso abolicionista saiu dos seus negócios e disse:

“Se dinheiro valesse, os infelizes negros não voltariam mais à escravidão.”

E valeu de verdade. Tanto que, dali a pouco, aplaudidos pelo povo, o jovem Romão Filgueira e o comerciante Durval Fiuza, passaram de braços com os dois, pelo meio da rua, em alvoroço.

Os ex-escravos se tornaram figuras populares de Mossoró. E como tiveram longa existência, a não ser o Major Romão Filgueira, sobreviveram a todos os seus generosos bem-feitos, como legítimos e bons mossoroenses.

19 – Ato de Lítania e da Piedade – Em 1896, numa cerimônia simples, sem vela e sem flores, Rafael Mossoroense da Glória dava sepultura a uma filha dele e de sua legítima mulher.

O mossoroensismo tinha raízes sentimentais nesse estranho mundo da solidariedade e de afeto humano, tão diversos, tão faternos.

20 – Francisco Fausto – A voz perene da fidelidade histórica mossoroense, aquele que tudo viu, contou:

“A idéia já vinha empolgando a todos os filhos de Mossoró, de maneira que, nenhum fez questão alguma em libertar seus escravos independentemente de indenização. E é preciso dizer que infelizmente nenhum auxílio nos prestou o Governo da Província e da União.”

“Foi especialmente convidado o Dr. Almino Alvares Afonso que acedendo ao convite chegou a Mossoró, dias antes do Dia 30. E foram de festas e de vibrantes entusiasmo os dias que se demorou em Mossoró.

“No dia 30 de setembro, amanheceu a Cidade de Mossoró com as ruas todas engalanadas de folhas de carnaubais e bandeiras, o que lhe dava um aspecto festivo.” (VIII)

21 – E Quando Um Dia se Fizer em Mossoró – O mausoléu do abolicionista, em homenagem à memória dos seus bravos, não esquecer aquele que não deixou nome nem identidade religiosa ou civil, que figurará na Cripta do

Abolicionista Desconhecido, o Herói Anônimo de Todas as Batalhas.

Essa missão de magnífica prova de apreço e de gratidão, poderá ser entregue, para sua execução, à Maçonaria, por sua Loja Prioritária, a “24 de Junho”.

E esse mausoléu deverá ser batizado com o nome de Francisco Romão Filgueira – memória inesquecível da Cidade.

BIBLIOGRAFIA

I – Otto Neubert – O Vale dos Reis – Editora Itatiana Ltda. – Belo Horizonte – 1973.

II – Nestor Lima – Tradições e Glórias de Mossoró – Conferência Pronunciada na Escola Normal de Mossoró.

III – Vingt-Un Rosado – Nove Estudos sobre a Abolição.

IV – Idem-idem.

V – Idem-idem.

VI - Idem-idem.

VII – Nestor Lima – Conferência citada.

VIII – A. Tenório de Albuquerque – História da Grandeza da Maçonaria no Brasil.

IX - Vingt-Un Rosado – Andanças pela História de Mossoró.

CAPÍTULO XXVII

**“DAQUI A 100 ANOS NENHUM DESTES HOMENS
SOBREVIVERÁ”**

(*)

**MAS, AS MEMÓRIAS DELES PODERÃO
PERMANECER!**

Os Dias Foram Contados – Numa caminhada longa, que não foi áspera.

Certamente, por vezes, desanimadora, porque o trabalho da pesquisa é cansativo e requer espírito de paciência e de obstinação.

No seu campo de experimentação, nada se alcança, facilmente. As coisas, aparentemente, mais simples, perdem-se em emaranhados inexplicáveis.

Ainda assim, uma viagem alegre pelos caminhos destes 100 anos que se foram, na sombra silenciosa dos dias mortos, cuja vivência, ensinará ao observador a oportunidade de enriquecer seu trabalho e aprender nos seus exemplos a experiência das lições deixadas pelos grandes vultos de quantos foram úteis à humanidade.

A vida que não para, toda hora se renova, na sucessão dos dias e das gerações, deixando sempre aquela triste imagem do Rei dos Persas, que vendo seus exércitos cobrindo as planícies, dizia:

“Daqui a cem anos, nenhum destes homens sobreviverá.”

Mas, na verdade, se esses homens desaparecem quando se acaba a vida, a memória deles sobrevive, se tiverem realizado alguma coisa de notável, que passou à voz da história.

Esse é em Mossoró, o fato do 30 de setembro de 1883.

1 – E Como se Nada Representasse – Na luta pela libertação da raça escravizada, os historiadores contrerrâneos dele fizeram vista larga, deixando o acontecimento encerrado no mais absurdo silêncio.

Assim é que, nem Tavares de Lyra, nem Rodolfo Garcia, Tobias Monteiro, nem sequer Rocha Pombo, que viu o Rio Grande do Norte de oitiva e veio ao Estado escrever uma História de encomenda servindo-se da documentação que lhe forneceu Nestor Lima, nenhum deles deixou uma palavra escrita sobre o acontecimento mossoroense, ou sobre ele fizeram referência, as mais simples que fossem.

2 – Luís da Câmara Cascudo – Do que se pode concluir: o 30 de setembro não existiria nos anais da crônica norte-riograndense, já diria na História do Brasil, se não fora a presença milagrosa desse extraordinário mestre, Luís da Câmara Cascudo, que na sua História do Rio Grande do Norte, traçou um largo retrospecto da Campanha Abolicionista, incluindo-a com destaque em capítulo especial do seu trabalho admirável.

Assim é que, ao estudar os fundamentos sócio-econômicos do problema acentua:

“A escravidão não era no Rio Grande do Norte uma determinante econômica indispensável ao equilíbrio da Província.”

“A idéia da Abolição era assim, um saldo da dívida secular do trabalho infinito do escravo, porque na África o negro não tivera liberdade.” (I)

(*) – Palavras de XERXES, o Rei dos Persas, diante do seu exército na Guerra contra Esparta.

No Rio Grande do Norte, aquele etnógrafo definiu o seu depoimento de definitivo e categórico, afirmando:

“A causa tivera seu início em Mossoró. Tanto que, no seu Livro “Notas e Documentos para a História de Mossoró”, faz este comentário curioso:

3 – Não Escolheu Mossoró – Outra efeméride para o seu Dia sonoro e festivo. Nem o 5 de agosto em que a provisão para a ereção da Capela de Santa Luzia marca historicamente a condensação demográfica ao redor do núcleo do arraial. Nem 24 de janeiro em que sua primeira Câmara Municipal se instalou, inaugurando a existência comunal, o nascimento da unidade dentro da província. Nem o 9 de novembro em que a Vila fora elevada ao predicamento de Cidade, o título máximo do seu crescimento no tempo e nas honras políticas da época. A data realmente coletiva, histórica, tradicional, medularmente ligada a todo mossaoroense, é o 30 de setembro.”

“Mossoró é o único ponto em todo Brasil onde uma vitória abolicionista se tornou festa oficial e coletiva e é comemorada por todas as classes nas ruas, nas praças, nas referências, e nos corações.” (II)

4 – O Depoimento de Vingt-Un Rosado -É feito nestes termos:

“A Abolição em Mossoró, além de ter sido a resultante dos sentimentos democráticos de uma gente admirável, que se acostumara à confraternização dos homens e das mulheres de todas as cores, condições sociais e econômicas, de nativos e estrangeiros, que para aqui vieram nos ajudar a crescer e progredir, foi ainda festa da inteligência.”

5 – D. Eliseu Simões Mendes – Ex-Bispo de Mossoró, afirmou em discurso:

“O dia escolhido foi 30 de setembro. Emocionantes e inesquecíveis cenas se desenrolaram

nesta cidade, e não é sem grande emoção que transpomos, neste momento, o espaço para reviver aquele Dia. Foi em sessão soleníssima que se fez a prova dos seus esforços e mereceu declarar livres todos os escravos de Mossoró. A Cidade soube ser digna de si mesma a celebrar com festas invulgares que se prolongara por dias seguidos, até a época presente.”

6 – O Pernambucano Paulo de Albuquerque – Pelo coração mossoroense, disse em seus pensamentos filosóficos:

“30 de setembro em todas paragens é um dia sem novidades, sem emoções, sem comentários, mas, aqui, é um dia de alvoroço, de festas, é um dia de frases delirantes, de interjeições cadentes, porque trouxe na loira fronte o ígneo sol da redenção, porque copia no azul de nossa imaginação a tremenda eletricidade que derreteu e deslocou os grossos elos da monstruosa idéia da escravidão, porque traz à nossa memória a grande chuva de estrelas cadentes do fúlgido céu da liberdade.”

7 – Walter Wanderley – O sonhador da felicidade mossoroense, que foi toda magia do seu espírito e da sua inteligência, escreveu:

“Liberdade! Pode-se cometer crimes em seu nome, mas esta que a estátua simboliza o produto de um rito magnífico de conteúdo puro pelas intenções dos que a plasmarem, que supõe dizer que ela é intocável, e que os desta geração a reverenciam até de armas na mão, se preciso for, de modo a preservá-las sempre.” (Conferência em 30-9-1942) Nota: Na construção deste Monumento, Romão Filgueira trabalhou como simples operário.

8 – Nilo Pereira Falou do Recife e disse:

“Por isso a abolição da escravidão foi aqui, em 30 de setembro de 1883, cinco anos antes da Lei Áurea, o testemunho sociológico de que os fatos precedem e fazem a Lei. Morim tinha razão de dizer que, o

legislador deve prevenir-se à revolta dos fatos contra os códigos.”

A palavra é ainda do iluminado paisagista do Vale do Ceará-Mirim, que continua dissertando:

“Evocar é fácil: basta que o espírito se entregue ao seu próprio devaneio, deixando-se ir nas asas de recriação.”

“Não se pode cortar o vôo do pássaro. Nem ele próprio, pois nem sempre sabe para onde vai.”

“O Espaço é infinito e ele se perde no todo que o envolve, tonto de luz e de mistério.”

Esta luz e este mistério sintetizam a vida das instituições fundamentais e a própria História da Cidade.

9 – Dorian Jorge Freire – Jornalista descendente de abolicionistas dos mais sinceros, como foi Alexandre Soares do Couto, escreve em veemente depoimento:

“O 30 de setembro, para Mossoró, não é uma peça do seu museu. Mas uma data-símbolo de cada ano, há 99 anos. É a inspiração da cidade e do povo. O seu momento maior. A sua mensagem permanente. Em cada 30 de setembro os mossoroenses dizem que a sua vocação é a de homens livres. E que o seu compromisso é com a democracia social e humana.”

“Os mossoroenses dizem que todos os santos anos, que não aceitam algemas, que não se vendem, que não se deixam subornar.”

“Os mossoroenses dizem que querem respeito, que exigem respeito que respondem aos candidatos e senhores, à sua prepotência, à sua vaidade, ao seu orgulho inútil e tolo com a sua repugnância, à indignação, a sua insubmissão. Esta foi a lição que recebemos dos libertadores de 99 anos atrás...”

“Esta foi a lição que permaneceu. Ficou. Permanecerá. Ficará.”

(Jornal da Abolição – “O Mossoroense” de 30-9-1982.)

10 – Jorge Freire de Andrade – O jornalista telúrico das águas do Jaguaribe, vindo da velha e tradicional Cidade do Aracati, situou o problema nestes termos:

“Os horrores constantemente escritos, e nos quais os pobres escravos eram protagonistas imbeles que só viviam nas senzalas e no eito, sob o chicote do desalmado feitor, e dos próprios senhores, que eram seus donos, ou com eles traficavam, menores se apresentavam aqui pelo Nordeste.”

“No Nordeste, mais do que em qualquer parte, “o escravo era parte integrante da família, e com ela partilhava de alegrias e tristezas.”

11 – Carlos Borges – Fixou-se em certo ponto do problema, em conferência realizada no Rotary Clube do Alecrim – Natal, afirmando:

“A campanha chega a atingir um colorido emocional. A notícia do movimento, a sua ressonância no Parlamento, o alarido e a celeuma que passaram a ocorrer nas Províncias, chegavam a área cafeeira, onde “quase dois terços da população escrava estavam concentrados.”

“Em Mossoró, no dia 30 de setembro de 1883, foram libertados todos os escravos que viviam na sua área territorial.”

12 – Raimundo Nunes – escreve:

“Bem afirma Câmara Cascudo ser Mossoró a única cidade brasileira que ainda promove festividade ao culto da epopeia abolicionista, sendo Raimundo Nonato e Walter Wanderley os últimos remanescentes deste tipo de peregrinação quando a cidade se transforma num Templo de romaria cívica, em cujo altar pontificam com disciplina e inteligência, depositando, no sacrário da saudade, o conteúdo humano da sua mensagem histórica”.

E, agora, lá se foi Walter Wanderley...

13 – Tadeu Villar de Lemos – O escritor norte-riograndense, da Serra do Martins, em conferência pronunciada nas comemorações da grande data, afirmou:

“30 de setembro é a maior glória da história de Mossoró; por isso mesmo, desde 1883, esta festa tornou-se com as mais justas razões, a festa dos corações mossoroenses, por significar a comemoração da bravura dos filhos das entranhas desta nesga de terra dos sertões tropicais do Nordeste, no campo da luta em defesa da liberdade dos nossos irmãos, em cuja batalha se empenharam a Coragem, a Inteligência, a Razão, o Patrimônio e a Fé Cristã.”

14 – Cosme Corsino Lemos – O poeta sonhador da Serra do Martins, escreveu num dos seus lampejos de suave claridade: Liberdade Manancial do Heroísmo:

“Mossoroenses! Silêncio! Descobri-vos, olhos ao alto, coração em prece. Vamos entrar no templo verde dos palmares. Aqui, mais alto do que todas as estátuas do universo, reponta o cimo das cordilheiras, confundindo-se com o azul do espaço, eleva-se o mais belo altar da Liberdade.”

“Aos seus pés, forte como um Átila, Zumbi, o herói negro dos Palmares, evoca em meditação o sofrimento sem fim da sua raça.”

15 – Lauro da Escóssia – O pensador. Velha aroeira do jornalismo mossoroense, argumentou:

“O que se passou em Mossoró em 30 de setembro de 1883, foi a consolidação do que já existia na cidade, principalmente dentro da Loja Maçônica “24 de Junho”, entidade que agremiava as mais representativas personalidades sociais da cidade.”

“A campanha que se processava em todo o País em prol da abolição da escravatura negra, encontrou Mossoró de braços abertos e foi em sessão memorável daquela Loja discutido tão importante assunto.”

16 – A. Tenório de Albuquerque – Na História e Grandeza da Maçonaria no Brasil, abriu capítulo para o caso de Mossoró, escrevendo:

“A Sociedade Libertadora marcou para 30 de setembro a libertação total dos escravos. Dr. Almino Afonso, maçom, foi convidado especialmente para assistir à solenidade.”

“À noite, toda a cidade se iluminou, distinguindo-se os prédios da Câmara, da Maçonaria, do Consulado Português e da residência de Conrado Mayer.”

“Em 30 de setembro de 1883, por entre estrepitosas manifestações, Mossoró libertou todos os seus escravos.”

“À frente da passeata que desfilou pela cidade, iam libertos com um estandarte de cetim verde, com a inscrição:

MOSSORÓ LIVRE

“A Maçonaria, na luta incessante pela Liberdade, Igualdade e Fraternidade, mais uma vez triunfante.”

“Mossoró libertou todos os seus escravos.”

17 – Manuelito de Ornellas – Vem citado por Cascudo Rodrigues, no seu livro “A Mulher Brasileira – Direitos Políticos e Cíveis” – 2ª edição 1983 – nestes termos:

“Entrementes, por todos os títulos, impõe-se o registro que segue, de autoria do sociólogo de “Gaúchos e Beduínos”: “Eu tinha pela cidade longínqua do Nordeste a que jamais pensara atingir pelas dificuldades de conciliar um itinerário naquela altura, tão raro para mim, uma admiração histórica: cinco anos antes da Lei Áurea, isto é, a 30 de setembro de 1883, Mossoró antecipou-se à magnanimidade de Isabel, libertando seus escravos.”

E é ainda o autor gaúcho quem escreve:

“Quando se escrever esta história em cuja seara está fazendo tão lúcida investigação João Batista

Cascudo Rodrigues, incansável pesquisador, e a qual já nos deu notícia a Revista “OESTE”, o historiador brasileiro, na Biblioteca Pública de Mossoró, os processos n.ºs 2.124, de 25 de novembro de 1927 e 2.125 de 29 do mesmo mês, em que Celina Guimarães Viana e Beatriz Leite de Moraes, exerceram em Mossoró e, de resto, em todo o Brasil, pela primeira vez o direito feminino do voto que é um ato de autonomia política, tão instintivo em Mossoró, e tão mossoroensemente pioneiro quanto a libertação antecipada dos escravos.”

18 – Djacir Menezes, o Sociólogo do Nordeste – Exemplo dos mais expressivos da cultura nacional, escritor de renome, Membro do Conselho Federal de Cultura, ex-Reitor da UFRJ, em segunda edição do seu livro “O Outro Nordeste” – (1970) -, abre capítulo especial sobre o movimento abolicionista do Ceará.

E sem omitir o trabalho dos outros, e isto é importante que se diga, num reexame geral da luta deflagrada contra o escravagismo, partindo da sua para as Províncias vizinhas, evoca o caso do 30 de setembro de Mossoró, num depoimento sincero e honesto, afirmando:

“Na vizinha Cidade de Mossoró, ainda em 1883, Joaquim Bezerra da Costa Mendes, cearense nascido em Boa Viagem, presidindo sessão da Libertadora Mossoroense, proclamou a Liberdade dos Escravos. Também lá pregavam outros cearenses com alguns paraibanos. Por lá passou nosso incansável João Cordeiro, que se deu à luta de corpo e alma. As Lojas Maçônicas trabalhavam ativamente.”

19 – Curiosa Coincidência de Um Número – Enseja um comentário que não é fora de tempo:

Dizia o Presidente da Libertadora Mossoroense, em carta dirigida a João Ramos, no Recife, que, no ano de 1883, existiam em Mossoró oitenta e seis (86) escravos.

Pois não é que, em 1930, portanto 47 anos depois, numa disputa eleitoral das mais agitadas de quantas se tinham processado no Brasil, ainda no tempo do voto a descoberto e da eleição a bico-de-pena, em Mossoró, os partidários da “Aliança Liberal”, numa demonstração de coragem, votaram para Presidente da República no candidato Getúlio Vargas, exatamente em número de 86?

Daí, uma espécie de número cabalístico:

Os 86 Liberais de Mossoró!

20 – Manuel Onofre de Andrade – Escritor, Jornalista, Professor da Escola Normal de Mossoró – 1924 a 1925. – Procurador da Justiça do Estado de Goiás, escreveu:

“Mossoró ficará indelevelmente ligado à causa da Abolição e, em decorrência, ao nome de Almino Afonso. Vários são os que têm escrito sobre esse fato histórico; mas, depois de lê-los a todos, se reconhece no historiador máximo do Estado o ter versado a matéria cabalmente e com uma síntese admirável ao mesmo tempo”. (Luís da Câmara Cascudo – também o primeiro folclorista) – “A Abolição Antes da Lei Áurea” – Rio – 1972 – pág.49.

21 – Vingt-Un Rosado – Industrial – Administrador – Político – Ex-Prefeito Municipal – Ex-Deputado Estadual – Deputado Federal em várias Legislaturas, escreveu:

“No histórico jornal O Mossoroense, patrimônio de cultura do Rio Grande do Norte, marco de resistência cívica e de dignidade profissional, quero saudar o meu povo na grande festa dos 99 anos de abolição da escravatura. Evocando aqueles fatos, relembrando aqueles homens que se transformaram em artífices da melhor história de nosso Estado, encontro perfeita identidade entre os mossoroenses de 1883 e os mossoroenses de 1982. O mesmo espírito público, o mesmo sentimento de intocável dignidade, a mesma lealdade às grandes virtudes públicas e particulares, a mesma e denotada resistência ao arbítrio, à injustiça,

aos desmandos, à prepotência, às tentativas de suborno, aos desregramentos dos poderosos ocasionais. Tenho para mim que não foi 30 de setembro que plasmou o caráter indomável do mossoroense, a sua vocação para a liberdade. Foi Mossoró eterna, de ontem e de hoje, responsável pelas belas páginas de sua história. É Mossoró quem inspira os seus filhos no caminho da decência e da dignidade e que os afaste das facilidades inexplicáveis porque escusas. Neste 30 de setembro de 1982, saúdo cada mossoroense livre, solidário à sua causa, integrado aos seus sofrimentos e às suas esperanças. Na certeza sem abalo de que os que virão depois de nós farão justiça à nossa resistência e desta contemporaneidade falarão com o respeito orgulhoso com que falamos, hoje, de nossos antepassados de 1883.”

22 – Vicente de Almeida – Professor emérito, um dos nomes proeminentes do magistério potiguar, ex-Diretor das Escolas Normais de Mossoró e de Natal, teceu comentários sobre a data mossoroense:

“O 30 de Setembro marca uma festa no coração do povo de Mossoró. Todos os anos, naquele dia memorável, a cidade se reveste de um colorido festivo para relembrar seu grande feito. Demais, uma festa de significado cívico, que o Mestre Câmara Cascudo afirmou com sua autoridade: “Mossoró é a única Cidade do Brasil onde se comemora a Abolição dos Escravos”. “Neste ano de 1983, as solenidades terão significado especial, pois nele está transcorrendo o Primeiro Centenário daquele feito sem igual, que é um legítimo padrão de glória da “bela e heroica Cidade de Mossoró”

“Dando um caráter singular às comemorações e procurando fixar o dia 30 de setembro no seu verdadeiro meridiano histórico, o Prefeito da Cidade, Dr. Dix-Huit Rosado acaba de delegar poderes ao escritor Raimundo Nonato para escrever a “História Social da Abolição em Mossoró.”

“Pela projeção do nome escolhido dos mais dedicados ao estudo dos problemas históricos daquela terra, justo é que se considere vitoriosa a missão e se parabeneze, por antecipação, o Prefeito de Mossoró, pelo êxito que o empreendimento virá de alcançar nos círculos culturais do Rio Grande do Norte.”

23 – Dr. José Mozart Menescal – Esportista na mocidade. Coroinha na Igreja de Santa Luzia de Mossoró. Formação em Curso Superior. Espírito de elevada cultura jurídica. Professor. Juiz de Direito aposentado no nível de Desembargador do Tribunal de Justiça do Estado do Rio Grande do Norte, referiu-se à data gloriosa:

“O 30 de setembro é o mais brilhante dos feitos da História de Mossoró, minha terra, cujo passado reverencio, desde os meus primeiros tempos de aluno do Grupo Escolar “30 de Setembro”, onde iniciei o meu aprendizado literário.”

“Nas comemorações cívicas que aquele tradicional educandário promovia, todos os anos, no transcurso do grande dia, ouvia entusiasmado as admiráveis preleções do Professor Elizeu Viana, relembrando os nomes de quantos tinham proclamado a abolição dos escravos em Mossoró, com o mais elevado espírito cívico e o mais belo sentimento de humanitarismo.”

“Com aquele ato, ensinava o preceptor que Mossoró alcançara definitivamente o direito de ocupar um capítulo na História, entre os povos livres da terra.”

24 – Waldemar Barbosa de Almeida – Mineiro de Belo Horizonte. Historiador. Do quadro do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais, e autor de importantes trabalhos sobre a História do Brasil.

Veio a Mossoró, trazido por Walter Wanderley. Correu a Cidade. Viu as salinas e os processos de fabricação do sal. Mergulhou nos arquivos das instituições culturais. Leu os livros,

publicados sobre a cidade e pronunciou conferência sobre o 30 de setembro, afirmando, depois:

“Volto do Nordeste, do Rio Grande do Norte, em particular de Mossoró, deslumbrado com tudo quanto vi.”

“Com sua geografia expansional, com sua natureza agressiva, com os seus rios secos, com a sua gente dotada do mais elevado espírito de hospitalidade tão parecido com espírito da gente das gerais, irmãos comuns.”

“Mas, volto, sobretudo encantado com o extraordinário registro dos seus feitos históricos, alguns que tão pouco conhecia.”

Cito dentre estes, o 30 de Setembro de 1883, data em que a Cidade comemora a proclamação da libertação dos escravos, feita cinco anos antes da Princesa Isabel assinar a Lei Áurea, em 13 de maio de 1888.

“Tão admirável foi esse fato, que já agora sinto imperioso impulsivo de rever certos conceitos, por mim emitidos sobre fatos da História Pátria, como o da Inconfidência Mineira, para, enaltecendo-o, dar lugar de relevo ao feito de Mossoró, dos mais eloquentes pelo seu sentido social e humanitário da História do Brasil”.

25 – José Augusto Rodrigues – Um espírito de elite de superior formação humanística, é também um homem para quem o mossorensismo é uma espécie de doutrina.

Ninguém poderá melhor do que ele dar um depoimento real do 30 de setembro como ele viu e estudou tantas ocasiões, para afirmar:

“Esta é uma data consagrada da vitória do espírito do humanitarismo cristão, sobre o individual materialista, agressivo e pernicioso aos mais elevados sentimentos da solidariedade humana.

Em qualquer momento da minha vida, quando abro uma pausa para meditação evoco o passado das horas de vibração daquela campanha sem igual e

recordo as memórias daqueles homens admiráveis que fizeram a Abolição dos escravos em Mossoró, a 30 de setembro de 1883, o maior dos acontecimentos sociais da História Política de Mossoró, uma terra onde os homens ergueram um altar à liberdade.”

26 – Kerginaldo Cavalcanti – Jornalista. Escritor. Parlamentar, afirmou em discurso em Mossoró:

“Mossoroenses!

Tomo como testemunha a própria História para declarar-vos em praça pública como um credo das minhas convicções cívicas:

Para se falar a um povo de libertadores é preciso trazer a liberdade no pensamento e no coração!”

27 – Abel Freire Coelho – Professor Abel Coelho foi uma explosão astral no movimento literário de Mossoró, onde sua imagem espargiu reflexos cintilantes por mais de meio século de atividades ininterruptas no seu meio cultural.

O tradicional Ginásio Santa Luzia – O “viveiro de inteligências” – de Mário Negócio – que tanto lhe deve, ficou impregnado das luminosas lições da sabedoria de Abel Coelho.

Professor ideal. Profunda formação de seminário. Latinista. Sólida e bela formação humanística.

Orador de vasta versatilidade.

Numa manifestação feita pela Euterpe Musical a D. Jaime de Barros Câmara – que por sinal fizera parte da banda de música– em que Abel Coelho usara da palavra, disse:

-Senhor Bispo, a muita cultura aproxima o homem de Deus!

E de outra feita, saudando, em 1925, uma embaixada esportiva que vinha de Sousa, na Paraíba, presidida pelo Juiz de Direito da Comarca, que era um homem negro, expandiu-se, afirmando:

“Senhor magistrado visitante!

A presença de V. Ex^a nesta terra tem um tom profético e se reveste de um significado especial.

Se não me engano no raciocínio este fato é uma prova da gratidão da sua raça atingida pela maldição que caiu sobre Caim, vindo ressarcir a generosidade do povo mossoroense, que alforriara gente do seu sangue, com as mesmas marcas do sofrimento, proclamando com a Ato Humanitário e Cristão a Abolição dos Escravos em Mossoró, a 30 de setembro de 1883, numa alvorada de amor clareada pelo Sol da Liberdade.”

28 – Gama Lima – Francisco da Gama Lima Filho. Mineiro. Médico. Professor jubilado do antigo Instituto de Educação do Rio de Janeiro. Ex-Diretor do Departamento do Ensino Primário da Guanabara. Foi redator do Boletim Informativo do Ensino Comercial – MEC. Deputado Estadual e Federal do antigo Estado da Guanabara. Fala sobre Mossoró com conhecimento de causa, dizendo:

“Bandas percorrem os vários recantos dando vivas à República no ano de 1824. Grupos de mulheres desgrenhadas, tangidas pela fúria e armadas de cacetes, indo à casa do escrivão de paz, de lá arrancaram os livros com os nomes dos convocados para o sorteio militar (1875) e o jornal surgido já em 1872 e impresso num prelo de pau: tópicos da campanha abolicionista em que se chega a anunciar a proclamação da República em Mossoró. Vultos impressionantes surgem em sua obra como a de Almino Afonso, cuja palavra de fogo desencadeava tempestades cívicas. Movimentos políticos de diferentes matizes são nos apresentados em Mossoró, suas “ruas para as brigas, dispostas, arengas e pancadarias.”

29 – Raimundo Nonato – Só. Não é possível dissociar-se dessa predestinação de um povo, a história dos professores que fizeram a formação desse espírito cívico da gleba a que se referia nos seus arroubos tribunícios, o genial Almino Afonso, vibrando na praça pública:

- Cidade Livre!

-Como livre é a brisa sussurrante

-No leque dos seus carnaubais!...

30 – Augusto da Escóssia – Jornalista. Homem de Imprensa. Empresário de artes gráficas. Incentivador de atividades esportivas. Político. Tesoureiro da Prefeitura Municipal de Mossoró. Vereador. Prefeito do Município de Mossoró. Disse da data memorável:

“O fato histórico é uma verdade indiscutível. O 30 de setembro é a data que representa o espírito libertário do povo da minha terra.”

“Nela, a cidade revê o seu passado e tem gravado a página mais gloriosa da sua história, feita com bravura, idealismo e independência.”

“Falo do 30 de Setembro possuído da mais viva emoção, pois a ele estou ligado pelas raízes do grupo genealógico dos escóssias – a minha clã – representado pela figura vibrante de Jeremias da Rocha Nogueira, homem combativo, fundador de O Mossoroense, surgido no ano de 1872. Esse jornal foi a primeira voz levantada contra o regime escravocrata, divulgando pelas suas colunas artigos violentos ao lado dos pioneiros da idéia.”

“Muito embora não chegasse a ver a vitória da campanha, ainda assim seus descendentes e sucessores prosseguiram na mesma batalha com entusiasmo, até que o 30 de Setembro veio transformar Mossoró numa cidadela o baluarte das liberdades humanas.”

31 – José Martins de Vasconcelos – Homem de letras por organicidade. Autodidata dos mais legítimos. Instrumentista. Compositor musical. Escritor. Poeta. Diretor do Jornal O Nordeste, fixou a data nestes versos de um poema:

“Em plena cidade, um brado,
Cheio de amor e bondade
Repercutiu: - Liberdade
De Setembro aos trinta dias!
E a boa fama prossegue
Desde esse dia, a sorrir,

Como a história faz seguir
A Santa Lei do Messias!”

32 – Manuel de Assis – Gente da Várzea do Rio Assu. Campesino. Agricultor. Salineiro. Aprendizado feito à base do argumento e da palmatória. Jornalista no Assu, segundo informa Francisco Amorim – Xisquito -, fazendo e vendendo o jornal pela rua, com o direto a metade da fêria. O homem que leu mais durante 80 anos nesta Província. Um admirável contador de histórias, dizia que, quando foi Secretário da Escola Normal de Mossoró, um dia, o Diretor, Professor Elizeu Viana, zangado com os erros que cometeu numa vida escolar, por castigo mandou que ele datilografasse 100 vezes o Hino da Libertadora Mossoroense. Escreveu tanto que, quando terminou já estava cantando todo aquele:

“para sempre se apague da face
Da formosa auriverde bandeira...”

“Daí por diante, dizia ele, descobri desolado que não fora alcançado pela lei da abolição, e que continuava escravo...”

E concluía na sua filosofia displicente:

“Menino, eu tenho lido tudo no mundo, e desafio aqui, em Mossoró, quem leu o Alcorão e o Talmud, como eu fiz. Prá mim, depois do advento do Cristo, e da Revolução Francesa, evoco o 30 de Setembro e repito com Paulo de Albuquerque:

“O seu nome é uma data
Que deslumbra, que arrebatá!”

33 – E Raul Caldas? Que Dizer Dele? – Simplesmente quero relembrar o nome de Raul Caldas na História Cultural da Abolição dos escravos em Mossoró, é um ofício da inteligência, pois foi ele uma das figuras mais brilhantes nas letras desta cidade. Uma bela expressão da potencialidade do valor e da autenticidade o poder de criar. Intelectual puro do plano da genialidade, sempre angustiado pela ânsia de atingir a perfeição da forma, nos limites da criação literária. Um admirável e lúcido

discípulo de Spinoza. Homem de extraordinária sensibilidade. Sua biblioteca era um grande acervo de preciosidades, de raridades bibliográficas, que os insensíveis ao valor dispersaram ao vento, depois da sua morte, lamentavelmente.

Vivia meio isolado do mundo, mergulhado no vácuo do seu materialismo irremissível.

Dele, disse o homem cósmico Câmara Cascudo:

- Uma usina iluminando uma Aldeia!

-Uma sinfonia inacabada!!

Já no crepúsculo dos dias de um governo totalitário, estando o Brasil em estado de beligerância, na Segunda Guerra Mundial, Raul Caldas pronunciou na Escola Técnica de Comércio “União Caixeiral”, uma vibrante conferência de exaltação patriótica, de convocação da mocidade, dos soldados da Pátria, dos Cidadãos da República, conclamando-os para a defesa da terra comum ameaçada, perolando num estilo de epopeia:

“Mossoró! Cidade heroica! Símbolo da Liberdade refundida do Fogo Sagrado do 30 de Setembro, nesta hora de convulsão coletiva, invocando teu nome, convoco teus filhos para formarem coesos, na linha de frente da batalha, na defesa do Brasil unido e forte”.

34 Mário Negócio – O advogado.

“- Mais uma vez, há vários decênios, o Governo Mundial e o povo de Mossoró prestam a sua homenagem aos libertadores de 83.

Mais um “30 de Setembro” é comemorado festivamente, na demonstração mais clara e irretorquível de que, nos fastos municipais, nenhuma data existe, porventura, que lhe seja maior, ou se lhe haja tornado sobranceira.

Ou porque, realmente, este é o espírito que se afina às comemorações sucessivas, ou porque o exigem a altivez e o brio de uma gente indomável, - o que é fato é que esta data sabe, como nenhuma, à sensibilidade do

povo, que lhe deu, de há muito, os fóros merecidos da “maior efeméride municipal”.

As festas de hoje não são senão o cumprimento ritual de uma tradição que o tempo não conseguiu diluir.

Festa municipal, por excelência, nesse dia o Governo e o povo, sem distinção de qualquer natureza, estabelecem nas ruas, os rumos naturais de sua expansibilidade, na mais natural das confraternizações.”

Mário Negócio

(Trecho do discurso proferido em 30-9-48 por ocasião da instalação da Biblioteca Pública Municipal e Museu de Mossoró).

35 – Edgar Barbosa – O estilista.

“...Não precisarei de ir mais adiante na transcrição dos dizeres dessa ata ao mesmo tempo romântica e barroca, em que se registrou a sessão da Libertadora Mossoroense, realizada a 30 de Setembro de 1883. Ali aparecem os símbolos, as representações, os lauréis e os livros sagrados e profanos, que exaltam o triunfo e a glória da cultura livre sobre o obscurantismo material e discriminador; ali se enumeram, como nas faces de uma pirâmide, a infância, a juventude, a maturidade e a velhice, confraternizadas pelas “elétricas harmonias” dos três hinos cantados na ocasião, antes que fosse dada a palavra aos oradores inscritos.

O quadro nos evoca uma das Festas da Federação no Campo de Marte, quando pessoas de todas as condições corriam a Paris, nos dias da Revolução, para ver concretizado o preâmbulo da “Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão”, promulgada pela Assembleia Nacional. Vemos em Bezerra Mendes, em Almino Afonso, em cada um daqueles abolicionistas de 1883 a imagem tropical daquele estranho barão

alsaciano Anarchasis Clootz, o regente de uma vasta confraternização da raça humana, a atingir a igualdade pela renúncia de todos os privilégios.”

Edgar Barbosa

(Trecho do discurso pronunciado em 30-9-67 na cidade de Mossoró).

36 - A Gazeta do Oeste – Mossoró, 30-9-82.

“- 30 de Setembro é a maior data de Mossoró. E, o corolário do ideal de Liberdade que há 99 anos traçou o destino de uma comunidade escrevendo a mais linda página de toda sua história.

Autoridade e povo selaram em memorável acontecimento, todo decidido amor à causa abolicionista, extinguindo de sua jurisdição a mancha negra do escravagismo.

Ninguém ficou alheio ao magno feito dos mossoroenses, culminam como uma epopeia de luz a 30 de Setembro de 1883, dia em que, a plenos pulmões, todos podiam gritar: “aqui não há mais escravos, todos são iguais.”

(Mossoró: História da liberdade contada pelo tempo – Gazeta do Oeste. 30-9-82).

37 - João Batista Cascudo Rodrigues – Reitor da URRGN – Mossoró.

“Bem que agora, n os oitenta anos de Abolição em Mossoró, já a perspectiva história permite a falta de identificação, no episódio de 30 de Setembro de 1883, de um movimento revolucionário. Talvez seja a resposta mais condizente com a verdade histórica. Se as revoluções constituem “atos retardados e violentos de imitação”, no conceito de um historiador contemporâneo, é de proclamar-se que a cruzada de 1883 não representou uma conjura, com o sentido que se emprestou à Inconfidência Mineira. No caso singular de Mossoró, verificou-se uma adesão coletiva, uma

propaganda aberta, ainda que a despeito da repressão oficial, algumas vezes posta em prática.”

(João Batista Cascudo Rodrigues – “Influência da Abolição na Vida Cultural de Mossoró” – Diário de Mossoró – Suplemento Literário – Edição Especial de 30-9-63)

38 – ESAM

“Feliz o povo que tem sua história, mormente quando estudada em sentimentos da Liberdade e Fraternidade. A gente mossoroense marcha na vanguarda das meritórias campanhas que enaltecem a grandeza do Brasil, ao escrever, 97 anos agora decorridos, a mais fulgurante página das conquistas libertadoras, alforriando seus escravos na aurora redentora de 30 de Setembro de 1883.

A Escola Superior de Agricultura de Mossoró – ESAM, também conquista deste grande povo, se ufana em plasmar o sentimento cultural da juventude mossoroense, dentro de um clima de Liberdade, formando homens para a grande arrancada do futuro.

Este, o propósito da solidariedade da Escola Superior de Agricultura de Mossoró, representada pelo seu diretor, funcionários, professores e alunos ao feito inacessível do grande dia mossoroense.

Mossoró, 30 de Setembro de 1980 – Pedro Almeida Duarte – Diretor.”

(Do O Mossoroense de 30-9-80)

39 – A República – Natal:

“Trinta de setembro assinala, no calendário de nossa história, uma das mais belas páginas de civismo e fraternidade, quando, numa atitude pioneira, **desafiando os preconceitos da época, Mossoró, pequenina e valente, deu o grito de libertação para a raça negra. A negrita não podia ser um estigma e**

sim a revelação de seres humanos feitos da mesma matéria e com os mesmos sentimentos de brancos, mulatos, amarelos, todos. À brava Mossoró, indômita, responsável por tantos e tão grandiosos exemplos de bravura e de patriotismo, a nossa saudação neste 30 de setembro.”

(A República – Natal/Mossoró, em 30-9-1980.)

40 João Newton da Escóssia – Prefeito do Município:

“Agradecemos às gerações passadas a grandeza do nosso presente, aceitando, como dever que se nos impõe, a difícil mas esplendorosa tarefa de construirmos os caminhos do nosso futuro.

O “30 de Setembro de 1883” é um exemplo de dignidade e de coragem e se perpetuará por toda nossa história, ecoando como um maravilhoso hino de extraordinária beleza, e como um episódio de bravura que marcou o espírito impetuoso de independência e de liberdade do povo mossoroense.”

(João Newton da Escóssia, então Prefeito, em 30 de setembro de 1980.)

41 – Luís da Câmara Cascudo – o historiador e etnógrafo:

“Mossoró, por instinto, por força lógica da reminiscência e recordação dos atos vividos pelos seus antepassados, manteve íntegro o sentimento popular de sua festa e foi escolhê-la entre aquelas que representavam uma vitória humana contra o egoísmo materialista, contra o domínio econômico tirânico, contra o falso equilíbrio social fundado na exploração fraternal. Longe de anular, tornando-a comemorável com uma bandeira e um hino escolar depressa cantado, desfile militar e recepção fulminante, entediada e obrigatória, fê-la

sentimento geral, perpétuo e vitalizador pela renovação incessante com que os novos substituem os velhos, iguais na alegria relembadora, afastando a facilidade de pilhéria e a diminuição pela ironia salacial, obumbradoras, as horas grandes do 30 de Setembro de 1883.

Não são os descendentes dos libertos de 1883, os netos do Club dos Spartacus e os liderados de Rafael Mossoroense da Glória, os festeiros do 30 de Setembro em Mossoró, mas toda a população e todos os visitantes e hóspedes, contagiados pela alegria poderosa de uma comemoração dignificadora e alta.”

(Luís da Câmara Cascudo – “Notas e Documentos para a História de Mossoró”, rep. In A República de 30-9-80.)

42 – Onofre Lopes – Reitor da UFRGN:

“O dia 30 de setembro figura nos fatos da Universidade exatamente porque não é uma data estática, um marco simplesmente plantado à margem do caminho que levou o Brasil ao 13 de maio. Através dos anos de ação político e de ação revolucionária do movimento, ele refulge com um esplendor épico e dinâmico, tornando-se o próprio reflexo da decisão e da vontade dos mossoroenses. Noutras cidades, noutros centros, a campanha abolicionista poderá ter tido maior ressonância, mais retumbantes vitórias. Aqui, entretanto, exortou-se de mais espontâneo entusiasmo, obra exclusiva que era dos filhos do povo, tal como o proclama o ofício de Bezerra Mendes, endereçado à Câmara Municipal de 29 de setembro de 1883.

Natal, 30 de setembro de 1963. – Onofre Lopes da Silva – Reitor.”

(Trecho da mensagem lida pelo Dr. João Batista Cascudo Rodrigues, Diretor da Faculdade de Ciências Econômicas na qualidade de representante credenciado pela Universidade do Rio Grande do Norte.)

30-9-63)

43 – Raimundo Soares de Souza – Prefeito do Município:

“...Evoco a epopeia inolvidável de 1883, o espírito dos homens que construíram este grande feito, a magnífica lição de liberdade que Mossoró deu ao Brasil.

É admirável que uma cidade pequena como a nossa fosse das primeiras no país a conceder liberdade aos escravos. Vários meses antes da proclamação da Lei Áurea já não existia escravidão em Mossoró.

A página escrita por esse grupo de homens, entre os quais se distinguem as figuras de Almino Afonso, o orador flamejante do movimento, e de Joaquim Bezerra da Costa Mendes, o Presidente da Sociedade Libertadora Mossoroense, constitui o mais belo e dignificante exemplo da história de nossa cidade.

O povo de Mossoró, sobretudo a sua mocidade, deve se inspirar na atitude daqueles homens. No civismo com que enfrentaram a luta abolicionista. No ímpeto irresistível do ideal libertário. No entusiasmo com que ganharam o tumulto das praças públicas. Principalmente na pureza das aspirações, na serenidade dos ideais.”

(Trecho da saudação do então Prefeito Raimundo Soares de Souza em 30 de setembro de 1963. Do Diário de Mossoró da mesma data.)

44 – Lauro da Escóssia:

“...Jamais chegamos a dizer ter sido Mossoró a primeira cidade ou município do país a libertar escravos. Sabemos e reconhecemos as comunidades precursoras da extinção do escravagismo e nem por isto desejamos enfundar o brilho de quantos abnegados

abolicionistas deram o grito de liberdade em nossa cidade. O que apenas ressaltamos é a repercussão dada por Mossoró, com o 30 de Setembro, ao movimento que na época empolgava o Império. E vamos mais longe. Em todo o Ceará, com 15 cidades e municípios antes libertos, inclusive a pioneira Acarape, nenhum foi além de Mossoró, fazendo sua festa de libertação numa decorrência de oito dias, tendo o desassombro de telegrafar ao Imperador Pedro II, dizendo que a cidade havia libertado todos seus escravos sem a ajuda do poder imperial. E pasmem: em todo o país, onde se comemora a libertação de escravos é em Mossoró, a 30 de setembro. Poderia ser até mesmo uma data nacional, porque 13 de maio é ofuscada de comemorações.

Por que então relegar ao esquecimento tão nobre decisão? Por que enfunar o feito imarcessível de Almino Afonso, José Damião de Souza Melo, Paulo Leitão, Bezerra Mendes, Romualdo Galvão, Manuel Cirilo, Conrado Mayer, Coronel Gurgel, Almeida Castro, Manuel Benício, Miguel Faustino do Monte, Romão Filgueira e da própria Loja Maçônica “24 de Junho”, de cujas colunas bradam vozes de protesto de seus pares?”

(Lauro da Escóssia – “Meu protesto ao comentarista da Gazeta do Oeste – Mossoró no Passado” – O Mossoroense de 10-10-79.)

45 – Nestor Lima:

“...Gustavo Le Bom, o profundo pensador francês, há pouco desaparecido, costumava afirmar que é preciso destruir as tradições, para que se faça a civilização!

Concordo, em parte, com o luminoso conceito do egrégio publicista, mas somente no que tange à rotina, ao erro, à ignorância e aos preconceitos.

Das tradições propriamente ditas, não! Porque elas é que embelezam e engrinaldam os povos e a nacionalidade.

Mossoró deve guardar, como um relicário sagrado, as figuras aureoladas dos seus abolicionistas e as tradições gloriosas de 30 de setembro de 1883!...”

(Nestor Lima – “Tradições e Glória de Mossoró” – Lido em solenidade comemorativa no dia 30 de setembro de 1936.)

46 – “Jornal do Oeste”:

“...Há muitos e muitos anos que vimos festejando o 30 de Setembro. Fazendo-o, cumprimos uma obrigação estrita e, mais que isso, um dever sagrado de reavivar o fogo sagrado da nacionalidade, o fogo sagrado do heroísmo, da determinação e da bravura desta terra.

Não é necessário citar os nomes dos pioneiros do movimento abolicionista. Eles já estão gravados na nossa história. Hoje, basta que a data seja mais uma vez comemorada, pois na sua comemoração está a homenagem implícita dos que querem, antes de tudo, viver em liberdade.”

(“Uma data feliz” – Jornal do Oeste, 30 de setembro de 1954.)

47 – Américo Costa:

“...A lição de 30 de setembro de 1883, como ato de vontade, de afirmação e de fé, continua. O antigo gesto, generoso de nobreza humana, moral e patriótica, ampliou-se em energia criadora, em confiança no labor construtivo, em inspiração para os cometimentos civilizadores e culturais do futuro, na permanência desse instinto, dessa vocação de liberdade que é apêndice de vossa atmosfera moral.

Mossoró não se quedou imobilizada no tempo, por mais belas que fossem as glórias antigas. Não ficou

um simples chão lendário, onde, como nos versos do poeta, outrora tivessem retumbado hinos...

Os hinos ainda se fazem ouvir, persistentes e sonoros, na fidelidade dos mossoroenses ao progresso da terra comum, superando crises, removendo obstáculos, espalhando-se crescendo pelos bairros ou erguendo-se nas chaminés das suas fábricas e nas manifestações da inteligência do seu povo, no seu notável parque industrial e nas suas organizações de cultura, como a vossa biblioteca e o vosso museu.”

(Américo de Oliveira Costa – “Mossoró, Cidadela da Liberdade” – Diário de Natal, 9-10-49 – Discurso pronunciado em Mossoró a 30 de setembro de 1949.)

48 – América Rosado:

“Não é com pequena admiração que, nós que para cá viemos de tão longe plagas, passamos a conhecer a história marcante e enternecedora do 30 de Setembro.

É justo e alevantado o orgulho que sentem os mossoroenses. Desta então pequenina cidade, encravada na zona árida destes sertões, ergueram-se cérebros e corações que se estatuariam nos seus altos feitos, constituindo-se em exemplos para os homens de todo o Brasil, na luta pela liberdade, igualdade e fraternidade das raças. A esses homens do passado o nosso preito de admiração, respeito e simpatia.

Que seria da humanidade se em seu seio não existissem os idealistas, os sonhadores, os cérebros-corações? Que seria desta mesma humanidade se ela só se constituísse dos homens de negócio, dos que apenas vivem a vida com a atenção voltada para o metal sonante, armazenando riquezas materiais para os futuros gozadores, inúteis quase, apenas metálicos, desprovidos daquela essência espiritualizante que torna o ser humano “à imagem e semelhança de Deus”?

Temos em nosso meio elementos com que possamos, no setor educacional, fazer um movimento renovador que, à semelhança do 30 de Setembro, nos impulse a uma escala de mais ascendente progresso. Empenhemos o nosso esforço neste sentido.”

(Professora América Rosado – “Façamos outro 30 de Setembro” – Coleção Mossoroense – Folheto nº 5.)

49 – Amâncio Ramalho – Cônego, educador, Diretor do Ginásio Santa Luzia, vernaculista, grande orador, sacro, musicista, disse da data mossoroense:

“Um dos meus grandes orgulhos de sacerdote e de educador é o de ter sido Diretor do Santa Luzia – um educandário modelar de onde saíram tantos jovens da mais bela formação do Rio Grande do Norte, e que depois, vencidos os estágios dos cursos superiores, se tornaram padrões de uma alta cultura, homens de aprimorado saber e expressivas revelações científicas.

Mas, o fato que ficou inapagável na minha memória foi o fervor cívico com que o povo de Mossoró comemora sua data magna, 30 de setembro, que assinala a abolição dos escravos no Município, a data consagrada ao idealismo de uma terra livre.”

50 – Pe. Jorge O’Grady – Sacerdote de brilhante formação filosófica. Autor de importantes trabalhos de fundamentação científica. E de grande Dicionário de Astronomia e Astronáutica, já em 3ª edição. Escreveu sobre o 30 de Setembro:

“Caro Nonato,

Há dias recebi seu pedido para algo escrever sobre a Abolição em Mossoró, que sem setembro deste ano comemorará cem anos.

O que mais e sempre me impressionou sobre a data áurea desse município libertador é o caráter de festa perene que ela encerra, já que todos os anos a comemoração não é formalística, fria ou distante, mas viva, cálida e entusiasta, comunicando a todos a chama de um idealismo imorredouro e a todos fazendo vibrar de contentamento e emoção, assim despertando, nas consciências e nos corações, os mais belos e nobres sentimentos de civismo e espírito cristão. Data magna, marco histórico, como que a repetir, no âmbito de um município e de uma cidade, a grandeza da própria nacionalidade, em seu clamor de liberdade, amor e prosperidade, a construir o futuro e engrandecer o homem.”

51 – Jaime Hipólito Dantas – Promotor público, jornalista, homem de letras, na sua coluna “Conversa da Manhã” no O Mossoroense, de 22 de abril deste ano, escreveu:

“Não nos esqueçamos de que este ano marca o primeiro centenário da abolição dos escravos mossoroenses. Há os que não consideram isso grande coisa. Não é e no entanto acaba sendo. Para Mossoró, é. No mínimo é a efeméride que a gente tem para comemorar. Vale, vale. Deve ser muito triste, e até desimportante, um povo sem efemérides. Uma efeméride é uma data magna, não é? Ora, viva o centenário da abolição mossoroense.”

52 – Almeida Barreto – Professor de elevada cultura, ex-sacerdote e também um dos ex-diretores do Colégio Santa Luzia, assim se expressou sobre o grande dia:

“Foi a 30 de setembro de 1883 que se3 organizou o Club dos Spartacus, cuja presidência era dada a um escravo livre, tendo como secretário o seu próprio senhor.

Senhores, não sei que glória será maior, se um homem só governar o mundo, se um povo libertar uma raça e chama-la irmã.

Mossoró é o município percursor da redenção dos escravos.

O 30 de Setembro já não é para o Estado um dia comum; uma lei municipal do corrente ano lavrou-lhe um feriado ad perpetuum rei memoriam.

Mas, Senhores, não foi por força de uma lei que o dia da liberdade, neste município, tornou-se memorável.

Antes de ser lei, já o era.

Muito antes de se erguer esta estátua que aqui nesta praça comemora o feito, já a lei decretara-se no recinto da consciência deste povo livre.”

(Trecho do discurso pronunciado no dia 30 de setembro de 1913, na Praça da Redenção.)

53 – Tarcísio Medeiros –Escritor. Professor Universitário. Do instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte. Autor do livro “Aspectos Geopolíticos e Antropológicos da História do Rio Grande do Norte”, escreveu:

“Lidera o movimento abolicionista na Província do Rio Grande do Norte a cidade de Mossoró, dada a maior aproximação com o Ceará, província pioneira da abolição no Brasil. Em Mossoró, a 6 de janeiro de 1883, é criada a “Libertadora Mossoroense”, que, com o trabalho persistente, consegue alforriar no mês de junho cerca de 40 cativos, mais da metade da população escrava do Distrito. Em 30 de setembro, em ato solene, era proclamada a abolição completa do cativo e fundada a Sociedade dos Spartacus, destinada a abrigar escravos foragidos de outras cidade, como de tudo dá fé Ving (sic) Vingt-Un Rosado em Mossoró. 1940”.

54 – Marieta Guerra –Professora, em 30 de setembro de 1935, escreveu no jornal A Escola que circulou nesse dia:

“Mossoró comemora hoje o feito mais belo talvez da sua vida passada. Acarape norte-rio-grandense, não se limitou a libertar os próprios cativos. Não quis

dormir sobre os louros conquistados, pregando com o exemplo apenas.

Os abolicionistas mossoroenses olharam em derredor e viram o muito que lhes cumpria realizar. Nos municípios vizinhos, como nos mais distantes, na própria capital da Província, tinham vasto campo as suas humanitárias lides.”

55 – Tobias Monteiro – O futuro historiador do Império, escreveu “30 de Setembro – Mossoró Livre”, que o Correio do Natal, de 30 de setembro de 1883, publicou:

“A redenção dos últimos homens escravizados passou a ser uma necessidade para o bom funcionamento das cabeças que se aquecem ao fogo vivificante das idéias modernas.

A injustificabilidade, a improcedência, o absurdo da propriedade humana já é uma questão vencida, sobre que a ciência proferiu a última palavra.

A causa da restituição dos direitos roubados ao escravo não pertence somente a uma raça, a um povo, a um partido; tornou-se um dever da humanidade, que tem por grande fim a igualdade e o conagraamento de seus membros.

Mossoró, iniciando no Rio Grande do Norte o movimento salutar do abolicionismo e fazendo-se o primeiro município livre da província, que secundou o Ceará na construção democrática da Pátria, passou, como um fogo robusto de sentimentos bons, a ocupar um lugar de honra na regeneradora metrópole da luz.

30 de setembro é a epígrafe sob que a história escreve hoje uma epopeia nacional.

Neste momento de glória invadem-me o cérebro as utopias sublimes que a evolução necessariamente realizará mais tarde; sinto pulsar com um aceleração febril a artéria gigante do patriotismo e então curvo-me fatalmente e beijo mais um pedaço da Pátria, em que

derrotou-se a senzala vergonhosa para erigir-se o monumento glorioso do direito.”

56 – Martins Júnior – “Mossoró, Salve” é uma poesia de Izidoro Martins Júnior, datada de 27 de setembro de 1883 e publicada na Folha do Norte:

“Aos meus amigos do Rio Grande do Norte
Pediam-me vocês que eu fosse ao meu Rosal
Poético e do galho expendido do qual
Costumava rebentar em hastes retilíneas
As corolas viris, as pétalas sanguíneas
Das estrofes brutais cheias de apoplexia
E crivadas de luz, crivadas de ironia
Arrancasse eu agora uma fulmínea for
Que pudesse atirar ao seio inspirador
Da terra de vocês, a terra bem amada!
Faço-lhes a vontade a impávida rajada
Que nem do bom país etéreo do futuro
E que rasga, passando o vestuário escuro
Das coisas sem valor, pentes e senis.
Neste instante me afago a testa emagrecida
Injetando-me nela uma porção de vida!
Vamos, gritem vocês aos bárbaros e aos vis
Tudo o que lhes vier ao cérebro, aos
Quem consegue limpar de feitos terríficos
Um pedaço da Pátria, é mais feliz que Grego!
Em vocês eu prego um ideal que prezo.”

57 – Aleixo Prates – Professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, ex-Professor da USP e dirigente da Fundação Universitária do Alimento e do Medicamento, de Natal, assim falou sobre as nossas festividades:

“Da mesma forma como o sol, a Luz, e a Verdade e a Vida. Luz, Verdade e Vida – essências da liberdade maior, bem supremo do homem acima do tempo, pleno e realizado n’Aquele que há de vir!

Esse é o destino da humanidade. Cedo ou tarde possível a todos: crianças, moços e adultos

amadurecidos. Basta que haja clima. E a doce tessitura desse clima o tempo vai urdindo lentamente, no cumprimento da destinação comum.

Pois bem, Senhores: se o Brasil é a Pátria da paz e do Amor, e se em Mossoró se cultua com tanta reverência o supremo bem da liberdade, posto que daqui partiu o exemplo maior da liberdade individual, conquistada sem sangue para ser distribuída com amor, não há por que negar a Mossoró a imagem do crisol vivencial irradiando inspiração ao mundo.

Quando a 13 de setembro de 1913 – um ano antes do início da Primeira Grande Guerra Mundial – a Intendência da cidade, presidida por Francisco Izódio de Souza, editou a Lei Municipal nº 30, oficializando a data máxima de 30 de setembro para perpetuar o movimento abolicionista desencadeado pela “Sociedade Libertadora Mossoroense”, certamente o fez em consonância ao desejo coletivo, de proclamar, a cada ano, que a libertação dos escravos não foi ato isolado de uma elite mas a consumação do desejo de todos.

Deixai-nos, pois, tirar daí a conclusão de que, para o conceito de liberdade, toda Mossoró já era elite para o Brasil inteiro!”

(Trecho do discurso pronunciado em 30-9-1974)

58 – Paulo Fernandes – Ex-Prefeito de Mossoró, médico e um dos maiores especialistas em problemas do Rio Grande do Norte, em qualquer tempo, em 2 de dezembro de 1978 dirigiu ao Professor Vingt-Un Rosado a seguinte carta falando sobre o 30 de setembro:

“Meu caro Vingt-Un:

Recebi o seu livro “Alguns Subsídios à Saga Quase Centenária da Abolição Mossoroense”, que li de

uma sentada e permaneço muito agradecido por sua atenção.

Matei minha curiosidade. Afinal pude entender melhor o 30 de setembro. Mas ainda fiquei com algumas dúvidas.

O Almino Alves Afonso foi certamente o inspirador do movimento mas não consegui compreender quem foi o principal empreendedor ou líder. Talvez com uma nova leitura do referido livro eu consiga identificar esse personagem.

Sem muita convicção eu diria que esse personagem foi Joaquim Bezerra da Costa Mendes, embora se tratasse de indivíduo de poucas letras, de posição comercial modesta, e muito humilde.

A carta de Joaquim Bezerra da Costa Mendes a João Ramos é preciosíssima. Revela em parte o preço que os abolicionistas pagaram por sua atitude temerária.

Aliás fiz um confronto aligeirado entre a lista dos proprietários de escravos (só de 4 a 13), págs. 209 a 210 e o rol dos abolicionistas, págs. 20 a 21, sem dar atenção aos que aparecem na pág. 22, e notei que apenas 2 entre 40 proprietários de escravos, foram abolicionistas: Antônio Filgueira Secundes e Raimundo Nonato de Freitas Costa.

Afinal de contas o escravocrata exercia um direito – o direito de propriedade sobre o escravo.

Por razões humanitárias o abolicionista se insurgia contra esse direito e restituía de fato a liberdade ao escravo.

O comunismo também contesta o direito de propriedade e de modo absoluto. Aparentemente é um movimento semelhante ao abolicionista. Mas o comunismo não restitui a liberdade, e pelo contrário escraviza o homem.

Outro aspecto do abolicionismo em Mossoró que me impressionou foi o ódio contra o Imperador que afinal era ou se tornou o maior abolicionista. A Princesa Isabel jamais teria feito a abolição sem o seu beneplácito.

Infelizmente não tenho tempo para um estudo aprofundado de tão interessante feito histórico.

Parece que não houve ato da edilidade promulgando a Abolição.

Tal ato foi promulgado pela Sociedade Libertadora com a cooperação ostensiva de representantes dos poderes Executivo e Legislativo municipais, bem como de representante do poder Judiciário.

O povo esteve presente a tudo. Todas as classes sociais apoiaram o movimento com exceção apenas do Clero da Igreja Católica, não tanto devido ao apoio da Igreja ao Monarca, mas presumivelmente por ter a Abolição Mossoroense nascido numa Loja Maçônica, suspeita na época de ser uma sucursal do inferno, com labaredas, bode, etc. É que por tradição a Igreja Católica sempre se opôs à escravatura.

Ora, me parece que a Abolição em Mossoró foi um ato juridicamente legal, que contrariava frontalmente a Constituição Federal e também a Provincial.

Entretanto não houve sanção contra o Ato da Sociedade Libertadora.

Destarte, soa forçado a concluir que todos se tornaram cúmplices da Abolição. A edilidade pela co-autoria dos detentores do poder; o Império e o Estado por omissão.

A Abolição em Mossoró não foi um simples ato de filantropia, mas um desafio aos poderes constituídos, o que sujeitava os seus promotores às penas da lei e à ira dos escravocratas. Foi portanto

também um ato de coragem, atingindo assim à sublimidade. Abraços – Paulo Fernandes.”

(Leila Fernandes Rosado, Isaura Ester Fernandes Rosado e Vingt-Un Rosado – Estudos sobre a Abolição – Coleção Mossoroense, Vol. LXXXIV – 1979 – págs. 59 a 62)

53 – A Voz do Estrangeiro – por fim, encerrando estas citações que se tornam longas, mas necessárias, não é por acaso que registro uma palavra valiosíssima de terra distante.

O estrangeiro falou e disse, num documentário reunido em livro, que é fora de dúvida, um dos mais importantes trabalhos publicados sobre a abolição.

Este livro – “Os Últimos Tempos da Escravidão no Brasil”, estuda por completo o movimento abolicionista desencadeado na Província do Ceará.

E com a fidelidade de quem faz a história sem fugir ao comportamento dos fatos, na presença do tempo, o Professor Robert Conrad, da Universidade de Illinois, analisa nesta obra o período histórico compreendido entre 1850 a 1888.

Nesse trabalho exaustivo, revolveu as coleções dos velhos jornais para descobrir na edição do Rio News (*), de 15 de dezembro de 1883, uma nota inusitada, que valeu para uma menção bibliográfica do seu livro, que se tornou assim, o único escrito a registrar a peculiaridade de um feito, situando o acontecimento mossoroense, no plano do sistema universitário dos Estados Unidos da América do Norte, acentuando que:

“No Rio Grande do Norte, uma poderosa organização libertou o último escravo na cidade de Mossoró, antes do final do ano de 1883.”

Estes depoimentos não são apenas elucidativos do feito da Abolição Mossoroense, pois visam, sobretudo, pôr um relevo a importância histórica desse acontecimento de extraordinária repercussão na vida social, econômica e política da Província do Rio Grande do Norte, de que a cidade de Mossoró foi ponto de centralização.

(*) Rio News – um jornal americano, de grande formato, publicado no Rio de Janeiro, todo em inglês.

BIBLIOGRAFIA

- 1 – Luís da Câmara Cascudo – Notas e Documentos para a História de Mossoró. Obra repetidamente citada no texto e no contexto deste livro.
- 2 – Idem, idem.
- 3 – Os demais depoimentos e citações todos foram colhidos de livros, revistas e jornais, além da fonte do arquivo das cartas particulares.

CAPÍTULO XXVIII

GALERIA DOS ABOLICIONISTAS

Alexandre Soares do Couto – Senhor de escravos que fez do negro Rafael Mossoroense da Glória, presidente do Clube dos Espartacos, passando a secretariá-lo. Nasceu em Mossoró onde foi comerciante e funcionário público. Foi político filiado ao Partido Conservador. “Calmo, pacífico e de bom caráter, intransigente, no entanto nas suas decisões” – diz um dos seus biógrafos – “teve papel preponderante no movimento abolicionista”.

Paulo Leitão Loureiro de Albuquerque – Literato e poeta. Orador oficial da Libertadora, foi um dos mais argutos na grande arrancada do dia 30. “Liberal de todas as horas” disse Walter Wanderley no livro que escreveu em sua memória – “nasceu na terra de Nabuco, bacharelando-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela tradicional Escola de Direito do Recife. Veio para Mossoró em 1879, aqui vivendo até 27 de novembro de 1902, quando desapareceu do meio da gente que o adorava e o queria pelas suas qualidades de bondade e de inteligência”.

Almino Álvares Afonso – O patuense que foi um vulcão na Campanha de Mossoró, nasceu a 17 de abril de 1840 no lugar Patu de Dentro, vizinhanças da atual cidade de Patu –(RN). Bacharel em direito, magistrado, tribuno vibrante, abolicionista, foi deputado federal e senador da República. Faleceu na capital cearense, aos 13 de fevereiro de 1899.

Alcebiades Dracon de Albuquerque Lima – Juiz de Direito de Mossoró na época. Era natural de Aracati, onde nasceu a 12 de agosto de 1838. Bacharel em Direito por Recife em 1861, Juiz Municipal de Mossoró, assumiu o Juizado de Direito desta

Comarca a 10 de abril de 1883. “Era abolicionista convicto e alforriou seus escravos sem condições” – afirma Câmara Cascudo. “Desembargador no Tribunal da Justiça de Goiás, aposentou-se neste cargo, transferindo-se para São Paulo onde faleceu a 14 de janeiro de 1914. Era pai do General Péricles de Albuquerque”.

De Lacey Wardlaw – Ministro da Igreja Presbiteriana, natural da América do Norte. Pioneiro na pregação do Evangelho no interior nordestino. Empolgado com os acontecimentos da libertação dos escravos, neste município, proferiu nas festas de “30 de Setembro” um dos mais belos discursos daquele dia. “Além de Mossoró, onde fundou uma igreja, veio a Natal e Maranhão. Em Mossoró, a igreja, criada em 1885, desapareceu posteriormente” – afirma Vingt-Un. “Ficou no Ceará, afastando-se do presbiterato e em 1896 ainda se demorou em interesses pessoais. Voltou aos Estados Unidos em 1901 e lá faleceu a 20 de janeiro de 1934”.

Frederico Antônio de Carvalho – Português de Aveiro, nascido aos 3 de outubro de 1837. Por vários anos foi vice-cônsul de sua pátria em Mossoró. Exerceu atividades no comércio mossoroense e posteriormente em Areia Branca. Venerável da Loja Maçônica “24 de Junho”. “Presidente dos conciliábulos libertadores” – afirma Lauro da Escóssia – foi “conspirador do melhor liberalismo maçônico e um abnegado a toda prova pela redenção dos negros”. Faleceu a 20 de junho de 1900.

Manoel Cirilo dos Santos – Mossoroense do ano de 1853 – “um símbolo de honradez” – no conceito do professor Tércio Rosado – foi comerciante,

intendente, vice-presidente e presidente da Câmara, tendo assim dirigido os destinos de Mossoró como presidente do Conselho Municipal, no período de mudança de regime, em 1889. “Líder abolicionista de 1883, político de marcante prestígio no seu tempo e um dos Veneráveis da Loja Maçônica “24 de Junho”, de Mossoró, no grau 33, afirma Walter Wanderley. Faleceu no dia 1º de janeiro de 1940.

Salvador Bráulio de Albuquerque – Dedicado e fervoroso adepto de causa abolicionista. Trabalhou sem cessar pela libertação dos negros. Um dos principais responsáveis pela grande festa da abolição. É nome citado por Francisco Fausto de Souza.

Libânio da Costa Pinheiro – “Rio-grandense-do-norte da melhor estirpe. Nasceu em Natal. Foi empregado público a vida toda. Em Areia Branca, desenvolveu o melhor das suas atividades no desempenho dos seus encargos. Ali era o intermediário da Sociedade Libertadora Mossoroense. E era interessante e ativo o seu trabalho. Recebia os pretos clandestinos e fugitivos, que eram enviados de outros pontos distantes do País, sendo em maior parte, do Recife. De forma inteligente e com preocupações, distribuía esses escravos para outros lugares, especialmente para Mossoró, onde a Libertadora lhes daria o destino final. Grande espírito de homem idealista foi o de Libânio da Costa Pinheiro.”

João Severiano de Souza – “Nascido em Mossoró. Exerceu atividades comerciais, sendo seu estabelecimento localizado em ponto central da atual Rua 30 de Setembro. Era descendente da tradicional família dos Camboas, uma das mais antigas do

Município. Foi João Severiano de Souza elemento de larga influência na terra mossoroense. Trabalhador e dedicado, muito fez pela extinção do elemento servil. Nesta cidade seu nome ficou sendo digno da veneração e do respeito do povo.”

Antônio Ferreira borges - “Alto comerciante da praça de Mossoró. Fazia parte da firma Borges Irmãos, localizada na Rua Almeida Castro no prédio que fazia esquina com a antiga Praça Chico Tertuliano ou dos Fernandes. Era natural de Brejo de Bananeiras do Estado da Paraíba e foi um dos esteios do grande comércio de Mossoró, quando a cidade era um centro de abastecimento dos sertões. No que refere à causa do abolicionismo foi, por igual, extremamente valiosa a colaboração que lhe prestou o paraibano Antônio Ferreira Borges, um nome que ficou ligado à vida da cidade.”

Francisco Fausto de Souza - Era Mossoroense de 19 de maio de 1861. Funcionário público e insustitucional. Deputado estadual várias vezes. Presidente da Intendência e Prefeito de Areia Branca. Genealogista, memorialista e pesquisador da história de Mossoró e da região. “Tinha notas sobre tudo” – diz Cascudo – “e alguma parte, útil e clara, foi divulgada por Vingt-Un no “Boletim Bibliográfico”. E ainda a certa altura afirmou:” Sem Francisco Fausto não é possível avançar-se na história de Mossoró até certo ponto perdida e confusa. Foi um benemérito”. Teve parte importante na abolição dos escravos mossoroenses. Faleceu a 14 de janeiro de 1931, em Areia Branca.

Miguel Faustino do Monte – Cearense de Sobral, nascido a 11 de agosto de 1858, desde jovem porém,

radicado em Mossoró, onde sedo conseguiu galgar posição de destaque como chefe de poderosas organizações comerciais. Quando se esboçou o movimento abolicionista, foi Miguel Faustino uma das figuras de maior projeção. Transferindo mais tarde a sua residência para o Rio de Janeiro, ali faleceu a 10 de novembro de 1952.

Joaquim de Oliveira Torres – Era português, comerciante, abolicionista e pertencia ao quadro da “24 de Junho”. Após vários anos de atividades comerciais em Mossoró, transferiu-se para Fortaleza onde, apesar da saúde precária, à custa de seus esforços e raro tino comercial, conseguiu amealhar razoável fortuna. “Foi um dos mais lídimos e destemidos batalhadores da campanha abolicionista em Mossoró” – afirmava O Mossoroense ao noticiar o seu falecimento ocorrido no Recife a 27 de abril de 1913.

Ricardo Vieira do Couto – Foi administrador da mesa de rendas gerais de Mossoró e era natural da Bahia. Em 17 de outubro de 1872, em sua primeira fase, nasceu O Mossoroense. “Fundaram-no Jeremias da Rocha Nogueira, José Damião de Souza Melo e Ricardo Vieira do Couto” – afirma Vingt-Un dizendo ainda: “No quadriênio 1877-1880, encontramos-lo como suplente de Vereador. Vemo-lo, como abolicionista, na arrancada de 83, sócio da “Libertadora Mossoroense”. Na Sessão memorável do dia 30, Joaquim Bezerra da Costa Mendes solicitou ao Administrador da Mesa de Rendas, Ricardo Vieira do Couto, que declarasse se existia algum escravo na Cidade e Município de Mossoró. O Administrador levantou-se e disse que certificava, à vista dos livros de matrícula que todos os negros da terra de Souza Machado eram livres”. Liberal de princípio. Valente censor do convencionalismo das sociedades.

Satírico golpeador das frases ridículas. Um dos que muito lutou pela libertação. Faleceu a 8 de outubro de 1885.

José Paulino de Castro Medeiros – Natalense e comerciante naquela Capital e em Mossoró, onde foi proprietário da “Loja das Fitas”, na praça da Redenção. Fervoroso abolicionista, um dos mais decisivos animadores do 30 de Setembro de 1883. Fundador e primeiro venerável da “24 de Junho”. Quando em agosto de 1870 os Voluntários da Pátria regressaram, o “Presidente da Província nomeou comissão para dirigir as festividades de recepção: entre os demais se encontrava José Paulino de Castro Medeiros” – afirma Adauto da Câmara. Faleceu em Natal, a 18 de junho de 1896.

André Cursino de Medeiros – Do Rio Grande do Norte. Nasceu em Macau. Durante muitos anos exerceu encargos e missões ligadas às atividades marítimas. Foi, nesse setor, Prático-Mor da Barra de Mossoró. Seu nome ficou ligado à Campanha Abolicionista pelos grandes serviços que prestou ao movimento. Era um dos componentes da Sociedade Interservi, fundada por Almino Afonso em Areia Branca e conforme afirma seu filho Luiz Fausto em seu livro de memórias daquela cidade, foi André o autor intelectual da primeira greve portuária ali verificada no ano de 1898.

João Cordeiro – Cearense de Sant’Ana do Acaraú, onde nasceu a 31-8-1842. Abolicionista da hora primeira com a fundação, em 1889, da Sociedade Libertadora Cearense, vindo para gerenciar a firma “Mossoró & Cia.” Do Barão de Ibiapaba, aqui também teve destacada atuação na Libertadora Mossoroense, encarregado na capital da sua, então, Província de receber os cativos que daqui partiam. Com o advento do Governo Republicano, ocupou o cargo de

Secretário da Fazenda do Governo Provisório de sua terra. Por duas vezes, coube-lhe assumir a direção dos negócios públicos do Estado. Representou ainda o seu Estado na Câmara e no Senado da República em várias legislaturas consecutivas. Faleceu em Fortaleza a 12 de maio de 1931.

Alfredo de Souza Melo – Jornalista vibrante e combativo. Polemista. Panfletário. Espírito ativo. Cheio de lances imprevistos, era ainda um jovem na plenitude de seu entusiasmo, quando na histórica Assembléia de 30 de Setembro de 1883. Era homem de cultura polimórfica. Depois do ano de 1900, foi o professor de Inglês do Colégio 7 de Setembro, de quem era diretor o professor Antônio Gomes de Arruda Barreto.

João Félix do Vale e Silva – Nascido em Areia Branca. Comerciante e industrial. Nas atividades que desempenhou nestes dois ramos de negócio, sempre se revelou um homem honesto, de palavra e de tratos certos. Teve destacada atuação na luta do abolicionismo. Por isso, seu nome figura em lugar de merecido relevo na lista dos adeptos da cruzada redentora da raça africana, que alcançou em Mossoró, a sua liberdade com o feito de 30 de Setembro. Era um dos membros da Sociedade Interservil, de Areia Branca.

Odilon Obdolino Pinto Bandeira – Mossoroense, descendente de uma das mais ilustres famílias do município. Possuía conhecimentos de cultura geral que ficaram revelados nos seus inflamados discursos em prol da libertação em Mossoró, “Escrivão do Juizado de Paz de Mossoró, sócio da Libertadora, foi abolicionista ativo e atrevido” - diz Cascudo. “Especializara-se em raptar os escravos trazidos nos comboios de carga. Várias vezes fora ameaçado de morte. Era o pai do coronel de Artilharia Alípio

Bandeira, (1873-1939), nascido em Mossoró, escritor e publicista de renome” – conclui o informante.

Manuel Maria Vieira de França– Português. Comerciante. Fixado em Mossoró, constituiu família e aí esteve radicado, trabalhando intensamente, ao lado dos que combatiam o regime da escravidão, concorrendo, vitoriosamente, para sua extinção. O seu nome aparece no “Rol dos Abolicionistas” e na categoria dos sócios instaladores da Sociedade Libertadora Mossoroense.

João Damasceno de Oliveira – Natural de Açu, neste Estado. Comerciante e industrial salineiro. Presidente da Câmara Municipal no triênio 1899 a 1901. Prestou sua inteira solidariedade aos idealistas, que promoveram a campanha de 1883, visando a libertação dos escravos no Município. Faleceu a 9 de janeiro de 1906.

José Paulino Campos Oliveira – Natural de São José de Mipibu, neste Estado. Tinha atividades no comércio local. Homem de idéias, espírito liberal, sua ação foi de real incentivo à campanha que se promovia no Município pelas suas figuras representativas contra o regime dos escravos. Conforme José Octávio Pereira em conferência pronunciada na Maçonaria, “vários abolicionistas se fizeram maçons após a libertação do dia 30. José Paulino Campos Oliveira, foi o 7º lugar dessa relação”.

Astério de Souza Pinto – Mossoroense de 21-10-1851. Deputado estadual. Vereador na velha Câmara Municipal, no quadriênio 1887-1890, secretário da Intendência. Comerciante na cidade. Cultor das letras, forte elemento da abolição dos nossos escravos. Era irmão do Dr. Francisco das Chagas de Souza Pinto.

Aderaldo Zózimo de Freitas – Natural de Caraúbas, neste Estado onde nasceu em abril de 1859. Intendente municipal no triênio 1893-1895. Deputado estadual ao antigo Congresso Legislativo. Com atividades no comércio da cidade. Um dos elementos históricos da emancipação dos escravos em Mossoró. Fez parte do quadro da Loja Maçônica “24 de Junho”. Faleceu a 30 de dezembro de 1897.

Alexandre de Souza Nogueira – Natural de Mossoró. Suplente de vereador no quadriênio 1865-1868. Vereador de 1877-1880. Proprietário da barcaça Apodi, celebrizada pelo transporte que fazia de escravos entre Mossoró e Areia Branca. Escravos vindos do Rio Grande do Norte e Estados vizinhos.

Sílvio Policiano de Miranda – Era paraibano de Cajazeiras, onde nasceu no ano de 1860. Radicado em Mossoró, exerceu atividades no seu comércio no ramo de ferragens, miudezas e molhados. Foi abolicionista e pertenceu também a Loja Maçônica “24 de Junho” como um dos seus obreiros. Além do setor de comércio, possuía propriedades, onde desenvolvia a agricultura. Foi Vice-Presidente da Câmara Municipal no triênio 1887-1890. E, ocupou a Presidência no triênio 1896-1898. Faleceu a 26 de fevereiro de 1901.

Idalino Alves de Oliveira – Rico comerciante. Um dos sócios-proprietários da firma Oliveira & Irmão, importadora e exportadora, que mantinha largo intercâmbio com as cidades do interior, às vezes as mais distantes. Francisco Oliveira e Eufrásio Alves de Oliveira, seus irmãos também eram sócios da firma. Deixaram sua influência marcada pelos serviços que prestaram à causa abolicionista da cidade. Idalino Alves de Oliveira foi sócio instalador da Sociedade Libertadora Mossoroense.

João Francisco de Borja –Mais conhecido por Joca Soares. Mossoroense pioneiro e fundador de Areia Branca, tendo sido de sua iniciativa a construção da primeira casa na antiga Ilha das Mariatacacas, nome primitivo daquela importante cidade, grande centro da indústria salineira do norte. Suplente de vereador da Câmara de Mossoró no quadriênio 1869-1872, vereador em 1881-1882. Como abolicionista que era, foi um dos membros da Sociedade Interservil, de Areia Branca. Faleceu a 25 de dezembro de 1893.

Manuel Benício de Melo – Mossoroense. “Veterano abolicionista, antigo Tesoureiro da Libertadora Mossoroense, político prestigioso e homem da primeira plana social” – afirma Câmara Cascudo no seu “Notas e Documentos para a história de Mossoró”. Ocupou por vários anos cargos políticos, entre os quais o de Presidente da Intendência. Manuel Benício de Melo deixou em Mossoró uma tradição política, pela lealdade com que servia ao seu partido e independência com que defendia os seus pontos de vista. No meu livro “Zona do Pôr do Sol”, dedico capítulos à sua vida.

Antônio Pompílio de Albuquerque – Era cearense de Icó, ali nascido em 1847. Se fez mossoroense através de uma vivência de longos anos integrado à sua sociedade. Na vida pública ocupou a suplência de vereador, no quadriênio 1873-1876. Também foi vereador no triênio 1881-1883. Por longos anos, desenvolveu larga atividade no comércio e nome pioneiro na iniciação dos transportes, em Mossoró. Seu Pompílio foi o proprietário do carro que fazia o transporte de passageiros entre Mossoró e o Porto de Santo Antônio, batizado pelo povo de “Diligência”. Como abolicionista de ação considerada de relevo, foi sócio instalador da Sociedade Libertadora. Faleceu em Mossoró a 21 de março de 1923.

Conrado Mayer – Do grupo dos comerciantes estrangeiros aportados a Mossoró, por volta do século passado. Suíço, nascido no ano de 1844 em Alslatten, Cantão de São Galo. Chefe da antiga casa exportadora de algodão, que se instalou na cidade, em substituição à Casa Graf. “Mayer foi um estrangeiro que se adaptou rapidamente a nossa terra” – diz Vingt-Un, acrescentando: Os velhos mossoroenses ainda falam de sua honestidade e das belas qualidades de coração de que era possuidor. Empolgou-se pela campanha da Abolição. Seu nome se encontra entre os dos sócios da “Libertadora Mossoroense” Homem de idéias elevadas, logo se integrou de corpo e alma, nos movimentos sociais da terra, abraçando com denodo a causa dos abolicionistas de Mossoró. Seu concurso material foi poderoso no sentido de ajudar a movimentação da Campanha, que por vezes, atravessava dias cheios das maiores dificuldades. Para enfrentar essas situações sua bolsa sempre se encontrava aberta, praticando atos de verdadeira prodigalidade. Depois, a firma também não encontrou meios de sobrevivência, e a exemplo do Graf, Conrado Mayer fechou seu estabelecimento. O suíço faleceu em Areia Branca, em condições de extrema pobreza, na idade de 53 anos. De descendentes deixou uma filha de nome Helena Amanda Maria.

Pedro Celestino Barbosa Tinoco – Natalense. Comerciante. Residente em Areia Branca, onde exerceu o cargo de segundo Juiz de Paz. Foi suplente de vereador em Mossoró, em 1881 a 1882. Durante os dias agitados da Campanha e na marcha de 30 de setembro, pelas ruas de Mossoró, Pedro Celestino foi uma figura impressionante de lutador, cheio de entusiasmo pela vitória da causa da redenção dos escravos. Faleceu em julho de 1894.

Eusébio Beltrão – Era natural de Apodi. Foi figura de destaque no alto comércio de Pernambuco, onde exerceu atividades por largos anos. Trabalhou com desusado entusiasmo com os abolicionistas de Mossoró e concorreu portanto, para a redenção do elemento servil nesta cidade. Eusébio Beltrão – afirma Vingt-Un – “era proprietário de uma barcaça que transportou muitos escravos libertados para Mossoró”.

Clemente Lopes Galvão – Filho de Campo Grande, hoje Augusto Severo. Negociante. Batalhador incansável em prol da causa da libertação dos escravos. Pertencia Clemente Lopes Galvão ao ramo de tradicional família projetada nas atividades do comércio, nos negócios e na política do Estado do Rio Grande do Norte.

Francisco Gurgel de Oliveira – Abolicionista. Comandante da Guarda Nacional nesta cidade e Chefe do Partido Conservador. Esteve no Governo, como 2º-Vice-Presidente, em 1891. E esteve à frente dos destinos administrativos de Mossoró, no quadriênio 1877-1880. Foi Deputado pela Província em 1894, e na 2ª Legislatura (1897-1880). Era sócio instalador da Sociedade Libertadora e por ocasião da sua instalação alforriou a sua escrava “Tereza. Mulata de 32 anos de idade”, sendo por esse gesto, por proposição do consórcio Frederico Antônio de Carvalho, elevado à categoria de sócio benemérito. O Coronel Gurgel, como lhe tratavam, era natural de Caraúbas. Faleceu a 7 de janeiro de 1910.

Antônio Filgueira Secundes – O Capitão Antônio Filgueira Secundes era sócio instalador da Sociedade Libertadora Mossoroense e um dos seus Diretores. Natural de Mossoró. Com atividades agrícolas. E também negociante. Elemento dos mais destacados em todas as atividades ligadas ao

desenvolvimento de Mossoró, integrado aos movimentos da campanha abolicionista. Sua ação era das mais exigentes, pois, de ordinário, em companhia de pessoas de destaque saía em comissões pelo comércio, angariando fundos e donativos para alforria de escravo. Nas vésperas das grandes festas de 30 de Setembro, quando a cidade se preparava para fazer a redenção dos pretos, Antônio Filgueira Secundes num largo gesto de humanitarismo, alforriava de livre vontade todos os escravos, que lhe pertenciam. Antônio Filgueira Secundes era o progenitor do Desembargador João Dionízio Filgueira e de Francisco Romão Filgueira, outro grande nome ligado às tradições da terra mossoroense.

Vigário Antônio Joaquim Rodrigues – Nesta cidade, apesar de doente, tomou parte ativa contra a escravatura, o Vigário Antônio Joaquim, nunca esquecido dos mossoroenses. Devido, talvez, às idéias filosóficas da maioria dos que constituíam a Libertadora Mossoroense, não se acolheu o bom levita à sombra de sua bandeira. Nem por isso deixou de ser notável a sua ação em favor do movimento. Político, foi Chefe do Partido Conservador. Como Deputado Provincial, teve assento na Assembléia da Província de 1854 a 1858 e de 1866 a 1873. Demoliu a antiga Capela e construiu outra no mesmo local. Nasceu na então Vila de Aracati, Província do Ceará, em 5 de novembro de 1820, falecendo em Mossoró, após 51 anos de pastoreio da sua freguesia onde foi primeiro e último vigário colado, a 9 de setembro de 1894.

Francisco Pinheiro de Almeida Castro – Cearense de nascimento. Mossoroense pelo coração. Médico humanitário, cidadão boníssimo, político de prestígio e de alta consideração nas deliberações do

seu partido. Sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, fez parte da Constituinte de 10 de maio de 1891. Presidente da Câmara Municipal de Mossoró, no triênio 1891-1893. Representante do Rio Grande do Norte na Câmara Federal, em cujo mandato de deputado veio a falecer, a 22 de junho de 1922. No arrebatamento vibrante, inteligente e digno de sua mocidade, esteve ao lado dos que em 1883 formaram a falange dos mossoroenses abolicionistas.

Antônio Martins de Miranda – Pernambucano, emigrado para Mossoró, nos anos do século passado. Comerciante adiantado e progressista, tendo até instalado uma fábrica de perfumes na cidade. Homem de letras. Jornalista. Colaborador do O Mossoroense. Espírito independente e homem de atitudes definidas. Formou com desassombro e boa vontade ao lado do grupo que combatia a escravidão, emprestando o seu apoio à causa que se rememora em Mossoró. Trazia do Recife, de par com graus de parentescos, o espírito da combatividade e o ardor cívico dos peoneiros da liberdade. Vereador em amis de uma quadriênio da antiga Câmara Municipal e Vice-Presidente da mesma no triênio 1911-1913.

Durval Fiúza – Natural de Granja, da antiga Província do Ceará. Comerciante de larga projeção. Espírito vibrante, expansivo, nervoso. Desde cedo, dedicou-se com entusiasmo ao movimento abolicionista que tomava conta de Mossoró. Seu nome aparece como um dos sócios instaladores da Sociedade Libertadora.

Aristóteles Alcebíades Wanderley – Mossoroense pertencente a tradicional família da terra, nascido no ano de 1854. Comerciante progressista e de largos

movimentos. Seu nome representa uma figura destacada na galeria dos valores históricos de Mossoró. Tomou parte ativa em todos os movimentos que precederam ao dia 30 de Setembro, dando à Campanha o melhor do seu concurso e a solidariedade da sua coragem pessoal. Foi com nomes como o de Aristóteles Wanderley que Mossoró se consagrou a cidade campeã da liberdade. Foi um dos Diretores da Sociedade Libertadora. Faleceu em Natal, a 21 de outubro de 1927.

Genipo Alido Genuíno de Miranda – Era paraibano de Brejo de Areia. Foi promotor público da cidade. Como todos os grandes homens da sua geração, também se dedicou desprendidamente ao movimento chefiado por Bezerra Mendes e Romualdo Lopes Galvão. De sua atividade na vida pública destaca-se a honestidade com que sempre se desempenhou de tais encargos. Ocupou cargos na administração do Estado e do Município. A abolição em Mossoró teve em Genipo Alido de Miranda um dos baluartes da sua vitória.

Jeremias da Rocha Nogueira – Jornalista, ex-diretor e fundador do jornal “O Mossoroense”. Era mossoroense, filho de Floriano da Rocha Nogueira e Ana Rodrigues Braga. Apesar de abolicionista, não chegou, no entanto, a tomar parte no acesso da campanha, por haver falecido antes.

Francisco Romão Filgueira – Foi o remanescente dos grandes acontecimentos da história da sua terra. Assistiu às calamidades de 77. Viu todos os horrores daquela quadra, quando o lugar era apenas o plano da cidade do futuro. Durante a campanha da abolição era ainda um jovem vibrante, cheio de entusiasmo e de fé, afrontando os que eram refratários à grande causa da solidariedade e da fraternidade humana. Romão Filgueira foi uma das

figuras de realce no movimento de 30 de Setembro, sendo por isso uma das melhores fontes históricas da cidade. Em 1953 foi homenageado pelo chefe da edilidade com a aposição em sua residência, de uma placa de bronze com os seguintes dizeres: “O Prefeito Vingt-Un Rosado, em nome do povo e do Governo do Município de Mossoró homenageia na pessoa de Francisco Romão Filgueira, a geração gloriosa de 1883. Esta casa foi vivenda de abolicionistas”. Mossoró, 30 de Setembro de 1953. Romão Filgueira faleceu a 7 de setembro de 1958.

Romualdo Lopes Galvão –Presidente da Câmara Municipal de Mossoró ao tempo dos nervosos instantes que se coroaram com a redenção dos cativos mossoroenses. Foi um dos mais ativos elementos da Cruzada de 1883. Um dos mais vistosos rebentos da Loja “24 de Junho”, que se fizera o centro da iniciativa do movimento libertador. Comerciante em Mossoró e posteriormente em Natal para onde se transferiu mais tarde, era político militante tendo sido também ali, eleito presidente da Câmara Municipal. Faleceu a 1] de agosto de 1927.

José Damião de Souza Melo – Português de Aveiro, jornalista dos mais brilhantes, de acordo com informações de Vingt-Un – “secundou, com Ricardo Vieira do Couto, os esforços de Jeremias da Rocha Nogueira, na fundação do primeiro jornal de Santa Luzia de Mossoró. Como abolicionista – informa ainda Vingt-Un – “colaborou no “Jornal Libertador”, de Fortaleza. Mudou-se para Manaus, onde exerceu o cargo de Escrivão do Superior Tribunal de Justiça”. Poeta. “Foi um dos animadores da Religião Reformada em Mossoró e sua participação no movimento abolicionista” – afirma Cascudo – “foi

direta e alta”. José Damião faleceu em Manau, a 29 de janeiro de 1905.

Joaquim Bezerra da Costa Mendes – Cearense de Boa Viagem e um dos pioneiros do movimento abolicionista de Mossoró. Foi um herói na campanha abolicionista, por cujo êxito sacrificou tranqüilamente, saúde e haveres. Presidente da Libertadora Mossoroense, presidiu a memorável sessão da Sociedade em 30 de setembro de 1883, no Paço Municipal. E aí proferiu a grande frase: “Mossoró etá livre: aqui não há mais escravos”. Faleceu em Fortaleza, a 16 de abril de 1903.

Rafael Mossoroense da Glória – Negro liberto, num daqueles gestos de magnanimidade do povo de Mossoró, que alforriava seus escravos de livre e espontânea vontade. Arrancado das senzalas para a cidadania, como homem livre, foi eleito presidente do Clube dos Espartacus, tendo como seu secretário – Alexandre Soares do Couto, seu ex-senhor. Livre, igual aos outros, sem algemas nos pulsos fortes, abraçou a causa dos mossoroenses mais dignos, entre os quais se pode citar o seu antigo senhor. Rafael contraiu matrimônio com Antonia Rita da Silva, deixando desse consórcio: Francisca Regina da Silva, casada com Abílio Ferreira da Silva; Luíza Ferreira da Silva, solteira e Sebastião Mossoroense da Glória que “estudou na América do Norte, falecendo na década de 20 no Rio” – conforme assegura Lauro da Escóssia. Rafael faleceu no ano de 1907.

Luiz Carlos da Costa – Conforme Cascudo – “era Professor Primário na povoação de Mossoró e assinou uma das certidões para a elevação à Vila em 1852. Pertenceu à primeira Câmara Municipal, 1853 – 1856. É o mesmo Luís Carlos da Costa Júnior. Continuou ensinando pelo interior do município e na

sua sede, advogando no júri, sendo Professor Público de Instrução Noturna Primária quando faleceu em 1887. É a figura sempre emocional do velho mestre escola, abnegado, obscuro, preterido mas fiel ao seu destino.” Foi um dos diretores da Sociedade Libertadora Mossoroense. A Ata da memorável sessão do dia 30 de setembro de 1883, registrou a sua presença com esta nota: “Chegou a vez da mocidade: falou então, o Sr. Luís Carlos Costa, manifestando a sua dileção às idéias do progresso; e proporcionou novo prazer à Assembléia que o escutava!

Antonio Fernandes Júnior – Era português. Comerciante em Mossoró. Tomou parte ativa no famigerado caso do Peso Público e foi o fundador da sociedade secreta denominada “Congregação Livre Popular”, chamada pelo povo de “Carbonaria ou Panela de Ferro”. Fazia parte da Libertadora Mossoroense como um dos seus diretores.

Jeremias Gomes Galvão Guará – Foi abolicionista e figura de prestígio nos meios sociais e políticos da região. Foi um dos componentes da Sociedade Interservil, fundada por Almino Afonso em Areia Branca, a 10 de outubro de 1883. Era o pai dentre outros de Jeremias Guará (Guarazinho) que, segundo Lauro Rscóssia – “trabalhou no jornal O Mossoroense, ajudando João da Escóssia na feitura material da folha”.

Joaquim Nogueira da Costa – Era natural do Aracati-CE. Para aqui veio ainda moço e se tornou um dos maiores comerciantes da praça e um dos maiores construtores da Cidade, edificando várias ruas. O sobrado da Praça da Redenção foi por ele também construído. Foi quem instalou “a primeira padaria na então povoação de Santa Luzia”. Conforme Lauro da Escóssia, Joaquim Nogueira da Costa foi “um dos

figurantes da campanha de 1883, destinando parcela apreciável de suas economias no Fundo de Emancipação levantado entre os abolicionistas para a libertação dos escravos”.

D. Amélia Dantas de Souza Galvão– A Galeria fecha-se com D. Amélia de Souza Galvão, esposa do grande abolicionista Romualdo Lopes Galvão. Senhora dotada de raros predicados morais e culturais. Belo espírito de comunicação e de idéias elevadas. Dona Sinhá, como era tratada na intimidade, sempre tomou parte em todas as comissões importantes da Libertadora. Foi quem “idealizou e bordou o estandarte da Sociedade Libertadora Mossoroense” – afirma Cascudo – “apaixonada pelo movimento, indo suplicar aos senhores a liberdade dos escravos, ajoelhando-se aos pés, pedindo que tornassem humanos e forros os negros cativos. Adoecendo, esgotada pelo caso, morreu tuberculosa a 14 de novembro de 1890”.

CAPÍTULO XXIX

O PODER LEGIFERANTE

Em 1953, Vingt-Un Rosado com o auxílio de Romão Filgueira e do Dr. Soares Junior fez levantamento das casas onde residiram os abolicionistas de Mossoró. Nelas, o então Prefeito Vingt-Un Rosado mandou afixar uma placa de bronze com os dizeres: “AQUI MOROU UM ABOLICIONISTA.”

No prédio da Loja Maçônica “24 de Junho”, também foi colocada uma com a frase: “AQUI NASCEU A ABOLIÇÃO”.

Conforme o levantamento procedido naquele ano por Vingt-Un, o quadro era o seguinte:

ABOLICIONISTA	LOCAL	MORADORES EM
1953		

01 Manoel Cirilo	Rua 30 de Setembro, 133	Antonio Amorim
02 Alexandre Soares Couto	Pça da redenção, 175	Jorge Freire
03 Joaquim Bezerra Mendes	Rua Almeida Castro	Antonio Fernandes
04 Frederico A. de Carvalho	Rua 30 de Setembro, 107	Alcides Fernandes
05 Romualdo L. Galvão	Rua Vicente Sabóia, 168	A NACIONAL
06 Manoel Benício	Pça Vigário Antonio Joaquim	Moacir Melo
07 Francisco Gurgel	Rua Cel. Gurgel	Antigo Hotel Cearense
08 Antonio Pompílio	Pça Rafael Fernandes	Casa de Colombo
09 Miguel Faustino	Pça Coração de Jesus	Henrique Lima
10 Rafael Mossoroense	Rua Mário Negócio, 134	Joaquim Felipe de
Moura		
11 Silvio P. de Miranda	Rua Cel. Gurgel	Osmídio Juvino
12 Francº P. Almeida Castro	Rua Almeida Castro	D. Cristina Leite
13 Dr. Paulo Leitão	Av. Dix-sept Rosado, 91	Petronilo Galvão
14 Dr. Dracom	Rua Almeida Castro, 31	?
15 Odilon Bandeira	Rua Almeida Castro, 142	D. Áurea Bandeira
16 Vig. Antonio Joaquim	Rua 30 de Setembro, 69	Instituto
17 Idalino de Oliveira	Rua Vicente Sabóia, 84	Café de Pepeu
18 Conrado Mayer	Rua Almeida Castro	Enéias Negreiros
19 Joaquim Torres	Av. Dix-sept Rosado, 271	Gabriel Varela
20 Alfredo Melo	Rua Bezerra Mendes	Lília Melo
21 Antonio Filgueira Secundes	Pça da redenção, 222	Romão Filgueira

Agora, por ocasião do Centenário da Abolição, o quadro é este:

ABOLICIONISTA	LOCAL	MORADORES EM
1953		

01 Manoel Cirilo	Rua 30 de Setembro, 133	Antonio Simão do Nascimento
02 Alexandre Soares Couto	Pça da redenção, 175	Dorian Jorge Freire
03 Joaquim Bezerra Mendes	Rua Almeida Castro	?
04 Frederico A. de Carvalho	Rua 30 de Setembro Restaurante Brasa	
05 Romualdo L. Galvão	Rua Vicente Sabóia, 168	Casa Porcino
06 Manoel Benício	Pça Vigário Antonio Joaquim	HotelCenter
07 Francisco Gurgel	Rua Coronel Gurgel	?
08 Antonio Pompílio	Pça Rafael Fernandes	Banco do Nordeste
09 Miguel Faustino	Pça Coração de Jesus	Viuva Henrique Lima
10 Rafael Mossoroense	Rua Mário Negócio, 134	Pensionato
11 Silvio P. de Miranda	Rua Cel. Gurgel	Casas RIACHUELO
12 Francisco P. Almeida Castro	Rua Almeida Castro	?
13 Dr. Paulo Leitão	Av. Dix-sept Rosado, 91	Banco Econômico ?
14 Dr. Dracom	Rua Almeida Castro, 31	Casa Ferreira ?
15 Odilon Bandeira	Rua Almeida Castro, 142	Nicomedes L. da Mota
16 Vig. Antonio Joaquim	Rua 30 de Setembro, 69	TELERN ?
17 Idalino de Oliveira	Rua Vicente Sabóia, 84	PAULA Irmãos (Filial)
18 Conrado Mayer	Rua Almeida Castro	Sec. de Serviços Urbanos
19 Joaquim Torres	Av. Dix-sept Rosado, 271	Escritório da COHAB
20 Alfredo Melo	Rua Bezerra Mendes	Altevi Paula
21 Antonio Filgueira Secundes	Pça da redenção, 222	Ivo Câmara

Das placas mandadas afixar pelo Prefeito Vingt-Um Rosado, atualmente apenas a da Loja Maçônica “24 de Junho”, e mais seis, continuam resistindo. As outras foram destruídas pela alavanca do progresso na sua marcha evolutiva...

CAPÍTULO XXX

NO ROTEIRO DA 25ª HORA DO ANO 2083

O Feito sem Igual – Assim registra a crônica, teria, necessariamente, de ser evocado, nesta hora, da decisão, com palavras de sensibilidade para valorizar o espírito de uma geração de gigantes, de homens nascidos numa natureza livre, onde viveram livremente como o próprio ar que respiravam.

Tão veemente fora a campanha desenvolvida pelos libertadores, que em dia previamente marcado e divulgado⁹, os idealistas da grande marcha, numa explosão do seu entusiasmo, romperam com todas as convenções do sistema político-econômico de que eram partes integrantes e proclamaram livres todos os escravos do Município de Mossoró, na Província do Rio Grande do Norte.

A deliberação dos abolicionistas, tomada com aquele ato, teve extraordinária repercussão, pois, a não ser no caso do Ceará, em todo o resto do País, o escravo continuava segregado por barreiras intransponíveis, da comunidade em que vivia, no mais das vezes, brutalizados pela tirania do regime escravocrata impiedoso e desumano.

Daí, chegar-se ao remate de que a deliberação inédita dos mossoroenses foi ato de tal modo impressionante que, um pensador da estatura intelectual de Almino Afonso, parado diante da Lei do Tempo, exclamava estarecido:

- AQUELE DIA FOI UM DIA COMO NUNCA!

Na verdade, o esplendor daquele instante histórico nunca mais se apagaria da memória do POVO MOSSOROENSE!

Na velocidade do tempo, o SÉCULO é um itinerário aberto para a imortalidade.

Os que tiveram a ventura de percorrer essa trajetória luminosa, nunca mais serão esquecidos pelas gerações sucessoras.

Razoavelmente é possível admitir-se que raros chegarão nessa caminhada, a 25ª HORA do ano 2083.

Mas, os que sobreviverem dessa marcha terão a missão gratificante de conduzirem o BRASIL para o seu destino heroico de PAÍS DO FUTURO, a Grande Pátria, onde todos terão um lugar ao sol e o direito de viver em liberdade, à suprema aspiração dos Homens Livres.

E nesse encontro com as águas dos rios da vida, como se retornasse de uma viagem maravilhosa pelo mundo das velhas civilizações desaparecidas, percorrendo o VALE DOS REIS na campanha de OTTO NEUBERT, irei com ele repetindo as

palavras geniais de CÍCERO, o maior dos tribunos romanos, quando com a pureza da sua linguagem ensinava aos povos:

- Nescire, quid antes natus sis, id est semper quaerum esse.
- Aquele que não conhece a História permanecerá eternamente uma criança.

NO CENTENÁRIO DA ABOLIÇÃO

NO CENTENÁRIO DA ABOLIÇÃO

- 30 de setembro de 1983 –

ERAM AUTORIDADES EM MOSSORÓ

Dix-Huit Rosado Maia	- Prefeito do Município
Silvio Mendes de Souza	- Vice-Prefeito
Francisco Cornélio Evaristo Nogueira Municipal	- Presidente da Câmara
D. Gentil Diniz Barreto	- Bispo Diocesano
D. José Freire de Oliveira Neto	- Bispo Auxiliar
Mons. Américo Simonetti de Santa	- Vigário da Catedral
	Luzia
Laplace Rosado Coelho	- Presidente da FURN
Pedro Almeida Duarte	- Diretor da ESAM
Walter Fonseca	- Reitor Pro-Tempore
Vingt-Un Rosado “Guimarães	- Pres. Da Fundação
	Duque – ESAM -
	- Venerável da Loja
Maçonica	“24 de Junho”
Pe. Sátiro Dantas	- Diretor do Colégio Diocesano de Santa
Luzia	

JUÍZES DE DIREITO

1ª Vara	- Francisco Dantas Pinto
2ª Vara	- Licurgo Nunes Terceiro

3ª Vara - Darlam Barbosa Cunha
4ª Vara - Luís Gonzaga Diogenes

PROMOTORES DE JUSTIÇA

Arnaldo Pereira de Andrade
Jaime Hipólito Dantas

Maria Emília

Cel. José Lopes Fernandes

- Comandante da Polícia
Militar

Dorian Jorge Freire

- Diretor do jornal
“O

MOSSOROENSE”

Canindé Queiroz

- Diretor do jornal
“GAZETA DO

OESTE”

ICONOGRAFIA
E
ANEXOS

O GRANDE TRIBUNO DA LIBERDADE

PÁGINAS 241 A251

----- Almino Alvares Afonso -----
Autor da memorável ata de 30 de Setembro de 1883

PRÓCERES DA ABOLIÇÃO

O negro liberto.
Arrancado das senzalas
para a cidadania, sendo
eleito para a presidência
do Club dos Spartacus.
Livre, sem algemas nos
pulsos fortes, abraçou a
causa dos mossoroenses
dignos. Fez-se soldado da
legião libertadora e
representou valioso papel

na redenção de seus
irmãos.

Rafael Mossoroense da Glória

Documento nº 1

ATA DA SESSÃO DA “LIBERTADORA
MOSSOROENSE”, EM 30 DE SETEMBRO DE 1883.

Aos trinta dias do mês de setembro do ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo, de mil oitocentos e oitenta e três, nesta cidade de Mossoró, Província do Rio Grande do Norte, no Paço da Câmara Municipal, aí reunidos, pelas 12 horas da manhã, inúmeros cidadãos dos seus Distritos e dos Municípios vizinhos, bem como todos os da mesma cidade, convidados pela Sociedade Libertadora Mossoroense, para o humanitário fim de declarar livre e emancipada esta bela porção da terra americana, onde já não pode medrar a planta exótica da escravidão, que envenenara, por tanto tempo, nossos valados e serranias, esterilizando e exaurindo a vitalidade e a abnegação ao patriotismo rio-grandense: tomou assento na mesa, ricamente decorada com pedras de cristal e mármore, tinteiros dourados e azuis, em que a matéria é superada pela primorosa mão-de-obra, e por livros simbólicos, nitidamente encadernados, tais como a Bíblia Santa, Camões – os Lusíadas, Littré, Alphonso Esquiros e o Corpus Juris; tendo em cima uma hasta quebrada, e, em uma salva de prata, o anel de ouro (annulus aureus), que o Imperador Justiniano concedeu aos libertos, como símbolo da Liberdade; a qual mesa estava colocada no Salão de Honra, cujas paredes refulgiam e se aperolavam de todos os adorno e quadros brilhantes de Sua Majestade – o Imperador, de José Bonifácio, de Eusébio de Queiroz, de Nunes Machado, de Camarão e de Rio Branco, além de outros emblemas, que engenhara a fantasia patriótica do Povo, nobremente representado pela Comissão Diretora, composta dos distintos cavalheiros, Romualdo Lopes Galvão, José Paulino Campos Oliveira e Aristóteles Alcebíades Wanderley; entre o sussurro festivo e confraternal das populações convocadas para aquele prazo – dado da glória, vibrando no espaço os ecos das músicas marciais da cidade, postadas, no pórtico do vasto edifício, no pavimento térreo e no terraço superior, ao lado do salão, onde se reunia o Congresso, tangendo as mais elétricas harmonias, tomou assento, repetimos, o Digníssimo Presidente da Sociedade Libertadora

Mossoroense, Joaquim Bezerra da Costa Mendes, o qual, declarando o intuito daquela augusta Assembléia do Povo, convidou com gentileza ao muito Ilustre Juiz de Direito da Comarca, o Dr. Alcebiádes Dracon de Albuquerque Lima, para que se dignasse presidir aquela notável Festa da Liberdade.

Assumindo a cadeira presidencial, o nobre Juiz de Direito solicitou, com expressões delicadas e cavalheiras, o beneplácito popular, para declinar de si essa tão súbita honra, que, segundo entendia, só devia caber ao conspícuo cidadão, colocado por seus pares na Presidência da Sociedade.

Reassumindo a cadeira, o Sr. Presidente foi servido de convidar, para substituí-lo, ao digno Juiz Municipal, Dr. Paulo Leitão Loureiro de Albuquerque, benemérito orador da Libertadora; e, dispensando-se este, rogou ainda ao ínclito Presidente da Câmara, Romualdo Lopes Galvão, Primeiro-Vice-Presidente da Mossoroense, que também declinou tão súbita distinção, ficando, enfim, na Presidência da mesa o ilustre Presidente da Libertadora.

Em seguida, convidando a tomarem assento a seu lado direito os Srs. Juiz de Direito e Delegado de Polícia, à esquerda, o Presidente da Câmara, o Dr. Juiz Municipal, o Promotor Público; e aos lados as diversas comissões das Libertadoras do Ceará, Pará e Pernambuco, do Assu e Vila do Triunfo; bem como a todos os Diretores da Mossoroense; colocando-se nas bancadas fronteiras as Exm^{as} Sr^{as} das principais famílias, declarou aberta a sessão o Sr. Presidente indicando ao digno primeiro-secretário, Frederico Antonio de Carvalho, Vice-Cônsul de Portugal, a dar contas das felicitações, que, porventura, se tivessem dignado de trazer à Libertadora de Mossoró quaisquer outras sociedades abolicionistas.

Imediatamente leu sua senhoria ofícios congratulatórios da Libertadora Cearense, das Cearenses Libertadoras, da Perseverança e Porvir, da Sociedade Dezenove de Outubro, da artística Fraternidade e Trabalho, do Reform Club, do Club dos Libertos, do Clube Caixeiral, da Sociedade Tuti Quanti, da Redentora Aracapense, e do Clube Abolicionista Rio-Grandense

do Norte, todas do Ceará; do Diário do Grão-Pará, do Clube Mascatti e da Sociedade Vinte e Oito de Setembro, todas da Cidade de Belém; da Libertadora Triumphense e da Libertadora Assuense, do Rio Grande do Norte; da Libertadora Norte Rio-Grandense, e da Sociedade Acadêmica, denominada Caixa de Pedro Pereira, que se fez representar por seu sócio honorário, Dr. Almino Álvares Afonso, todas da Província de Pernambuco; os quais Ofícios vão transcritos abaixo desta.

Então, proferindo, o Sr. Presidente, um eloqüente discurso, no qual se demonstrava a sublimidade e a glória da Emancipação, com arroubos de frenético patriotismo, pairando deslumbrantemente, pela paixão e pelo gesto, na altura de um verdadeiro demolidor da barbaça e dos gaviões pesados dos castelos senhoriais dos negreiros, proclamou, eletricamente livres a Cidade e Comarca de Mossoró, no Rio Grande do Norte!!

Romperam, de novo, as músicas, estrugiram no ar girândolas e gerândolas de foguetes, retumbaram palmas e vivas, e os gritos frenéticos da multidão eletrizada!

Era um delírio de entusiasmo, a polarização do amor patriótico!

Feito, a custo, o silêncio, levantaram-se de pé as crianças brancas e loiras e as virgens morenas mais belas, como um bando de faisões dourados, que, no solene revôo, baixassem das regiões do céu, ou surgissem do ninho das auroras, cantando e gorjeando os hinos da Redenção e o bárdico da Liberdade!

Era maravilhoso e adorável aquele virginal concerto: a Sybilla Rio-Grandense-do-Norte sentia, por sua vez, em seu peito, apaixonar-se e arder o Deos in nobis do fogo sagrado do patriotismo.

A cada estrofe, que se repetia, a cada volata dos hinos libertadores, soltando brados, à maneira de rugidos, a multidão bramava e uivava: havia um deslumbramento no povo!

A mocidade entrava nos segredos profundos do amor de sua nacionalidade; e a velhice discreta renascia das cinzas do passado, para ajoelhar-se balbuciante de júbilo e de

complacência, diante das grandezas do presente, ébria do patriotismo de seus filhos!

Cantaram-se três hinos: o primeiro, uma poesia do Dr. Almino e canto de Symplicio Montezuma, o grande maestro cearense; depois, outro de João Evangelista de Medeiros, também cearense, residente no Mossoró, com poesia do Dr. Paulo, distinto pernambucano; e logo, um terceiro, oferecido pelo 1º-Secretário Frederico Antonio, com música portuguesa, sendo todos freneticamente aplaudidos.

O Presidente deu a palavra aos oradores inscritos.

Falou o Dr. Paulo Leitão, orador da Mossoroense; e, arrojando-se com o fogo de sua convicção, ilustração e talento, encantou o auditório!

Depois, o ínclito Libertador, Dr. Alcebíades Dracon, Juiz de Direito, com a circunspecção e firmeza, que o caracterizam, entre vivos aplausos, anunciou ao mundo civilizado que ele se sentia feliz, por ser o primeiro Magistrado da primeira comarca livre do Rio Grande do Norte!

Subiu logo à tribuna o rio-grandense, Dr. Almino Álvares Afonso; e falou, como é seu costume, quando chama por ele a Deusa da Liberdade, iluminado do incêndio do entusiasmo, com que manifesta o seu amor à Pátria!

Orou, então, o cearense, duas vezes neto do Rio Grande do Norte, Dr. Francisco Pinheiro d'Almeida e Castro, que soltando os vãos da imaginação de sua idade manceba, aureolou-se de simpatias e fez transbordar de júbilo o coração do Povo!

Seguiu-se na tribuna o jovem mossoroense, Alfredo de Souza Mello, filho do português brasileiro, José Damião de Souza Mello; e, com o rosto incendiado de sangue patriótico, arremessando-se juvenilmente sobre a consciência e as simpatias de seu auditório, satisfez e surpreendeu a todos!

Chegar a vez dos velhos professores da mocidade: falou, então, o Sr. Luiz Carlos da Costa, manifestando a sua dileção às idéias do progresso; e proporcionou novo prazer à Assembléia, que o escutava!

Tomou a mão do 1º-Secretário da Libertadora, Frederico de Carvalho, que recitou uma poesia mimosa, recebendo multitudinários aplausos!

Recitou outra linda poesia o jovem paraibano, Lindolpho Albuquerque, saudado pelas simpatias populares!

Seguiu-se na tribuna, com soberbo entusiasmo, um distinto moço pernambucano, Maurício Olegário do Rego Farias, suspendendo o auditório pelo verdadeiro sentimento, com que recitou estrofes poéticas de santo amor ao nosso País!

Coube a palavra ao ilustre hóspede da terra mossoroense, o Dr. Wardlaw, Ministro Evangélico dos Estados Unidos.

Sua Senhoria posto que não conheça bem os torneios da linguagem portuguesa, percorreu, todavia, nobremente, revelando a fecundidade de seu pensamento e elevada ilustração, congratulando-se com o povo da América, pela redenção gloriosa de Mossoró!

Ele disse, que lhe dava parabéns pelo modo pacífico de sua liberdade; uma vez que, sendo a sua pátria o ninho clássico de todas as liberdades civis, contudo, não se conseguira, sem derramar oceanos de sangue, apagar do solo dos Estados Unidos a nódoa secular da escravidão!

Todos o bem disseram!

Cumprimentou, depois, ao heroico Município, como a um começo de pátria livre, o distinto jovem José Gomes de Cerqueira Carvalho, fazendo, entre aclamações, votos sinceros pela libertação total da Província e do Império!

Falou, em seguida, Odilon Pinto Bandeira, festejando a Liberdade, com palavras cordiais e arroubadas, que resumavam poesia!

Nesse momento apresentou-se um espetáculo novo: era a aurora do amor da Pátria, que cintilava nos olhos negros e na fronte branca e gentil de uma menina de 9 anos!

A linda mossoroense, Joana Emília da Costa Mendes, filha mimosa do ilustre Presidente da Festa, mostrou bem que é um rebento condigno de seu magnânimo pai, o exímio Libertador, e

de sua preponderante família cearense, sempre, e em todos os tempos, libertadora!

O discurso inocente e singelo da bela criança traduzia e revelava a mais doce idealidade da filha, da mulher forte!

Encantou e arrancou palmas e lágrimas!

Falou como um anjo!

Dulcior est pulchro si venit in corpore virtus!

Muitos outros oradores inscritos apresentaram seus discursos, pedindo vênias, para não recitá-los, em vista da hora adiantada, que era.

Foram eles os dignos Libertadores Francisco Gurgel de Oliveira, Ricardo Vieira do Couto, Capitão Antonio Filgueira Secundes, Francisco Romão Filgueira, Salvador Bráulio Montenegro e Astério de Souza Pinto, por si e por seu condigno irmão, Dr. Francisco das Chagas de Souza Pinto, atual Secretário da Relação da Cidade de Fortaleza.

Apresentaram também seus discursos a Exm^a Sr^a D. Maria Filgueira Secundes e as lindas jovens Justa Nogueira da Costa e Francisco Soares de Couto.

Terminados os discursos, tocaram, por fim, as músicas arrebatadoras, peças marciais de seu repertório; e, congratulando-se com todos os convivas da Liberdade, pela felicidade e glória deste dia, encerrou o digníssimo presidente esta sessão imortal, entre a pocema patriótica das multidões reunidas, retirando-se todos alegres para suas casas.

E para constar em todo o tempo, mandou lavrar a presente Ata, escrita pelo pernambucano Maurício Olegário do Rego Farias, no impedimento momentâneo do 1º-Secretário, ditada pelo Dr. Almino Álvares Afonso, por ordem do mesmo Presidente; a qual vai assinada por toda a Mesa, pelos Comissários das Sociedades e por todos os cidadãos presentes, que o quiseram fazer.

Eu, Maurício Olegário do Rego Farias, a escrevi.

Documento nº 2

DISCURSO DO PRESIDENTE JOAQUIM BEZERRA
DA
COSTA MENSDES

Não seria o Presidente Joaquim Bezerra da Costa Mendes, valoroso comandante da arrancada abolicionista, homem de muitas letras.

A carta que escreveu a João Ramos, em 28 de maio de 1884, prova-o suficientemente.

O discurso que vai a seguir transcrito deve ter sido redigido por Almino Álvares Afonso.

Publicou-o o “Libertador”, de 14 de dezembro de 1883.

Discurso do Sr. Joaquim Bezerra da Costa Mendes (do Ceará), Presidente da Libertadora Mossoroense, na festa da libertação de Mossoró.

SENHORES!

Raiou, enfim, o dia imortal, por nós tão desejado, em que o Mossoró se congrega para a grande festa da liberdade!

Ressoa na voz dos ventos e repercute no espaço o júbilo inaudito e fervido da Igualdade que chega!

Banhada nas águas lustrais do batismo da civilização, dormia ontem livre nesta abençoada Cidade a noite divina que arrastava pelo céu o seu fino manto de estrelas!

Neste belo município já não existem escravos; a escravidão não envergonha mais na nossa terra o lar da família; aboliu-se esse abominável e nefanda instituição dos velhos tempos!

Devia ser assim; porque a consciência, que é o princípio de todas as luzes como o temor de Deus é o princípio da sabedoria, nos dita e ensina que um homem não pode senheorar o outro homem!

Nenhum princípio político-social poderia sobredoirar, por mais tempo, o falso direito da propriedade servil!

Na plenitude da razão social tem o homem, para os fins da coexistência comum, a soberana faculdade de modificar as coisas e os elementos para o preenchimento de seus destinos.

Mas o Rei da criação renega de sua natureza sublime quando aceita e afaga o pensamento material de sujeitar ao luxo do seu egoísmo o seu semelhante, que é, igualmente, a imagem de Deus!

Seria um direito sanguinário e opressivo, esse que se arrega o suposto senhor sobre o pretendido escravo!

O espírito humano, gerado para o aperfeiçoamento, não é susceptível de amoldar-se às algemas da escravidão, por mais que declamem por ela os carniceiros sensuais, que se ensoberbecem despejadamente proclamando que são senhores!

Por infortúnio de nossa Pátria, há aí muito quem alardeie, sem corar de vergonha ou de horror, que é proprietário de seus irmãos; e que pode vendê-los a quaisquer tanganhões e recoveiros, que vão almoedá-lo no Sul!

E, todavia, a obra da redenção dos cativos é um feito civilizador, progressivo e humanitário!

Ela conchega os homens, produzindo a celestial harmonia, que arrebatada e encanta de felicidade ao menos uma vez sobre a terra, abalando as vísceras mais sensíveis do coração e as idéias mais puras da inteligência!

Nós acabamos de chegar do país hediondo da escravidão; e encontramos de repente nos climas iluminados da Liberdade!

O Rio Grande do Norte acorda; a velha Taba dos Mossoroenses glorifica-se e coroa-se de flores!

Sentimos bater, desencontradamente de entusiasmo, nas paredes do peito, o coração que se sobressalta desta santificada alegria!

Este é o dia solene da munificência do povo, o dia sacrossanto e auspicioso da Pátria, o dia imorredouro e original do Rio Grande do Norte!

Liberdade, Igualdade, Fraternidade, nós vos saudamos!

Nós, abrimos de par em par, para receber-vos, as portas dos sobrados da cidade e nas várzeas o postigo das cabanas!

Nós nos libertamos por nosso espontâneo esforço individual!

Conosco militou somente o povo; e, embora nos contriste a vileza dos outros, não podemos ser censurados por deixar atrás de nós, sem luz e sem consolo, as consciências nergreiras, onde não medram patriotismo nem caridade!

Estorçam-se e rujam: a Liberdade veio; a civilização triunfa!

Pelejava por nós a Providência do Altíssimo, a quem rendemos, neste dia augusto e interminável, a intrínseca homenagem de todos os afetos nobres, aqui congregados, em nome do amor universal, para glória da humanidade!

Neste momento indelével o mundo civilizado também nos contempla!

A Comarca de Mossoró está Livre, está Livre!

E, em nome do povo Mossoroense, eu tenho a satisfação in dizível de proclamá-lo!

Viva Mossoró!

Viva a Igualdade Humana!

Viva a Liberdade!

Documento nº 3

DISCURSO OFICIAL DE PAULO DE ALBUQUERQUE

E, naquele instante de grande emoção, como diz a Ata da Magna Sessão:

“...o presidente deu a palavra aos oradores inscritos. Falou o Dr. Paulo Leitão, orador da “Mossoroense”, e arrojando-se com o fogo de sua convicção e talento, encantou o auditório.”

“Senhores,

“Se bem que pese em minha consciência o imperioso dever de orar nesta festa do município, na qualidade de órgão que sou da “sociedade libertadora

mossoroense”, se bem que a justa exaltação do dia de hoje me esteja impelindo a sair fora da órbita estreita de minha pouca instrução, todavia, procurei, circunscrever-me quanto possível, dentro de seus limites no intuito somente de proporcionar-vos alongadas horas de deleite, de arrebatamento e de extasia no esplendor dos distintos oradores que me vão suceder nesta tribuna, onde, força é dizer-vos, me sinto mal ajeitado e insípido, e, assim alguns instantes apenas terei de ocupar a vossa benévola atenção.

Senhores! Estamos no alto da montanha!

É, a montanha de luz, essa para cuja ascensão vos convidei no meu discurso proferido na primeira sessão magna que aqui solenizamos.

Chegamos todos... todos felizmente!

Nem um sequer ficou esmorecido lá em baixo, ou transviou-se da senda.

No entanto, por detrás dos bastos cardos que rompíamos, vozes desanimadoras nos gritaram:

É impraticável a subida que tentais!

Ponde termo à vossa temeridade!

Nós porém não retrocedemos! E não retrocedemos porque naquele mesmo instante fez-se ouvir a nossa Marselhesa, que retemperou nossa coragem, mas não obstante, sentimos todo o horror do abismo que transpúnhamos!

E seria agora o festejado sucesso, apenas um belo sonho de triunfo se, porventura não tivéssemos a lúcida consciência de que estamos bem acordados.

E, tanto cresce e recresce nosso encanto, quanto mais se repetem em nosso espírito as cenas quase bélicas em que entramos armados da paciência em legítima defesa da divina liberdade!

Entretanto, por cúmulo de felicidade, a vereda que nos conduzia a esse luminoso Tabor em cujo cimo ora implantamos o auriverde estandarte da redenção, esse vereda tão sinuosa quão eriçada de espinhos, tournou-se, enfim, o teatro de tantas lutas;

porque entramos nelas com as luzes de Salomão e a lealdade de Hiran; porque o nosso objetivo não era a extorsão, mas a devida manutenção de um tríplice direito – Liberdade, Igualdade e Fraternidade, - esse imenso triângulo de fogo, base única e sólida do grande edifício social.

Chegamos, porém, com muita aceleração porque não tivemos de quebrar as carabinas dos galopins da escola escravista, que tanto se agigantam em outas paragens, onde dolorosa e sofisticadamente propagam o direito de escravidão, falso e iníquo direito, que a ciência hodierna abrigou por ser bestial e torpe.

Chegamos com muita aceleração, porque não tivemos de rechaçar essa horda de preconceitos, cujas fisionomias animalizadas, menos pela recalcitrância no erro, do que pelo propósito na má fé, traduzem antes feras indomáveis do que seres humanos.

Contudo, Senhores, foi penoso, muito penoso, mesmo, o nosso itinerário abolicionista!

Sangram ainda nossos pés rasgados pelas fragas!

Goteja ainda de nossas frentes afogeadas o suor da fadiga!

Urge, pois, restaurar as nossas forças!

Aproximemos dos lábios a taça de ouro da liberdade e brindemos a mãe Pátria com o delicioso néctar da satisfação civil; porque o Acarape do Rio Grande do Norte está livre!

Agora volvamos nossas vistas para a vastidão imensa que nos rodeia!

Armemo-nos do grande telescópio da imaginação, e observemos, quem nos maldiz, e quem nos aplaude!

É longe!...muito ao longe!

Mas o que lobrigamos?

Povos que cingem as insígnias da civilização e do progresso. Eles se descobrem, eles nos cumprimentam!

Enviamo-lhes as nossas congratulações: diga-se nelas, que aceitamos e agradecemos as suas ovações, porque elas passaram e repassaram pelo crisol do critério; porque elas exprimem a

soberania universal na apreciação dos grandes acontecimentos da humanidade.

E é também com esta última asserção, que devemos responder e confundir, a quem, sob o anônimo do despeito, nos vier dizer:

- Sois pretensões de algum renome... Precisaís de miçangas beneméritas!

E isto, só pelo simples fato de termos dado fiel cumprimento deste áureo preceito:

“Não faças a outrem aquilo que não querias que a ti fizessem!”

Senhores: quando a moral abre seu luminoso código, e rios relembram nossos deveres, quando a civilização, por unanimidade de luzes científicas, condena à pena de morte uma instituição nociva, quando, finalmente, o progresso, com pronto material, levanta na praça da opinião pública o pelourinho para a execução, é grande, é nobre ser o decapitador, se o réu é a escravidão!

Quero dizer que a exação em tais condições menciona-se pura e simplesmente na grande Ata dos feitos sociais, ao passo que a rebeldia é profligada e lançada no livro negro dos infratores!

É, portanto, o caso de declararmos, alto e bom som, que tudo quanto fizemos e havemos de fazer ainda em prol da liberdade, foi e será somente pela restrita observância do alto preceito moral, que nos impõe a qualidade que nos assiste de seres racionais!

Temos agora o dilema para clausurar quem nos disser:

-Há incoerência no vosso ato de hoje: já fostes mandianistas.

Esse, ou é ignaro, ou voluntariamente malvado; ignaro, porque não percebe as evoluções do espírito humano, tendentes à perfectibilidade; malvado, porque amordaça sua própria consciência, para macular a pureza de uma ação generosa!

Senhores: com a plena libertação do Município de Mossoró, esta rústica mas patriótica cidade que hoje glorifica a

província inteira com o grande feito, que acaba de realizar na vasta arena da civilização com este grande acontecimento, atingimos em parte, o supremo desideratum do País, para cujo engrandecimento nos arrolamos como obreiros voluntários!

E seríamos dignos do maior dos vilipêndios, do mais acre dos baldões, se aceitássemos outra honra que não fosse a que se prende aos modestos lugares que ocupamos no lauto banquete que hoje aqui se ostenta, em nome da liberdade e da Pátria.

À Pátria, e somente à Pátria, é devida toda a glória porque a conquista foi para ela, e não para nós!

A nós, pobres operários, cabe tão-somente a satisfação de termos viajado dia e noite para chegar no dia que prometemos!

Não faltamos com a nossa palavra, e nem devia o País esperar menos de nossa circunspecção, máxime tivemos em nosso auxílio o valioso concurso do espírito patriótico dos distintos rio-grandenses, que hasteiam o mesmo pavilhão de luz das províncias irmãs, que se congratulam, por conta-los no número dos seus cidadãos, tal como os reconhecem Ceará e Pernambuco!

Temos, pois, depositado no altar da mãe Pátria todos os lucros para ela conquistados e destarte havemos recompensado sua paciente expectativa.

E, pois, que está terminada nossa tarefa; agora, que a princesa dos sertões do Rio Grande do Norte, ufana e livre, alça o colo majestoso; agora que a civilização vem mobilizar nossa cidade pronunciando o – FIAT LUX – sobre aqueles que, ainda há pouco, jaziam na escuridão das senzalas; agora repousam nas delícias do júbilo, ao som de um hino que só a consciência do desinteresse sabe entoar.

Que hei de eu mais dizer-vos?

Será lícito buscar o leito, quando um novo acontecimento reclama nossa atenção?

Sim, senhores, chegam aos nossos ouvidos novos gemidos de quem padece, novos brados de quem implora:

-Luz, queremos luz!

Ela vem dos lábios de outros tantos infelizes, de cujos olhos ainda não caiu a venda sombria que os priva da luz da liberdade!

Senhores: conta-nos a tradição bíblica que o Divino Mestre nunca dormitou, nunca buscou uma pedra onde reclinar a loura cabeça.

Perseverante e calmo, com os olhos sempre fitos no esplêndido céu do Eterno, fez todas as peregrinações de provança até o pico do Calvário, onde, com o cimento de seu corpo e o odorífero madeiro de sua cruz, construiu o suntuoso templo da santa filosofia evangélica.

Imitemos, pois, o Divino Mestre; não percamos tempo em procurar debalde a pedra que não deve existir, para nela ressonar o sono do exclusivismo.

A Província do Rio Grande do Norte, grande realmente pelos seus feitos de heroísmo, nos dias da Pátria, como nos ensina a história, divide-se em 24 municípios, dos quais somente o nosso acaba de proclamar o SIC-ROLO, SIC-JEBEO – do grande século, e levanta nos pergaminhos da Ata do dia de hoje, a sua fulgurante carta de emancipação!

Está, pois, nos nossos brios natos sermos bairristas, não sermos somente mossoroenses, mas sobretudo rio-grandenses e brasileiros!

Eia! Libertadores!

Um só instante de demora pode fazer que sucumbam de fome de liberdade os filhos queridos, que a Pátria quer salvar!

Deixemos as flores do festim, e corramos ao justo apelo dos que precisam do nosso socorro; tomemos suas mãos suplicantes e formmos um rijo baluarte da liberdade, aonde não penetre a arrogância da tirania.

Viva a Liberdade”.

Documento nº 4

DISCURSO DO DOUTOR ALCEBÍADES DRACON
DE
ALBUQUERQUE LIMA

Aqui vai transcrito de o “Libertador”, de 11 de fevereiro de 1884. E é documento que se divulga pela primeira vez em Mossoró.

Libertação de Mossoró

Discurso do Doutor Alcebíades Dracon de
Albuquerque Lima

Senhores,

Há dezoito séculos, quando vinha ser anunciada ao gênero humano a sua redenção, os mensageiros desta fausta nova, reconhecendo a sublimidade do benefício que tinham de anunciar, iniciaram a sua missão,

entoando: “Glória a Deus nas alturas, e paz na Terra aos homens!”

Educados nas sublimes doutrinas do Evangelho, os filhos da livre América quando, depois de titânicos esforços e da mais paciente perseverança, ligaram o Novo ao Velho Mundo, pela mais engenhosa das concepções humanas, anates de proferirem qualquer palavra de congratulação à sua antiga metrópole, elevavam bem alto o pensamento e dirigiam um voto de louvor e reconhecimento. Àquele que é luz que iluminará a todos os que os haviam inspirado na concepção de tão portentoso pensamento.

“Glória a Deus nas alturas, e paz na Terra aos homens” foi o primeiro telegrama que atravessou o imenso Oceano, irmanando estes dois grandes povos!

Hoje, que, após tantas lides e trabalhos, aqui nos reunimos para anunciar a este município o maior dos benefícios que lhe podia ser outorgado, o da sua completa libertação; permiti que, a exemplo dos mensageiros celestes e daqueles ortodoxos entusiastas da liberdade, comece, também, dizendo por minha vez: - “Glória a Deus nas alturas, e paz na Terra aos homens de boa vontade”!

Quando vejo, Senhores, estas festas da liberdade tão pacificamente celebradas em nosso ameno País; quando penso que povos muito mais adiantados em civilização regavam o sagrado solo da Pátria com rios de sangue, anates que pudessem solenizar idênticas festas; não posso deixar de dizer comigo mesmo: “Somos, incontestavelmente, um povo feliz! Somos uma Nação abençoada e fadada pelo Céu a grandes destinos”!

E com efeito, Senhores, quando considero o imenso território de nossa cara Pátria, abraçando quase toda a América do Sul; quando medido sobre a diversidade e amenidade de seu clima, a uberdade de

seu solo, que faz a admiração e a inveja dos estrangeiros que, em seu entusiasmo, chegam a dizer que no nosso País só morre de fome quem tem preguiça de comer!

Quando contemplo os seus rios gigantes, as suas matas colossais, as suas serras imensas, a carência absoluta de vulcões e dos terríveis ciclones – que tanto abundam nas vizinhas regiões – e, no meio destas e de outras grandezas, que é impossível descrever, a índole pacífica de seus habitantes, convenço-me, profundamente, desta verdade.

E de que modo, Senhores, podemos melhor servir hoje à Pátria que procurando, como fizestes, elevar ao mesmo nível de igualdade aqueles de nossos infelizes compatriotas a quem leis desumanas e filhas espúrias da antiga tirania haviam rebaixado à triste condição de míseros escravos?!

Felizes, vós, senhores da Libertadora Mossoroense, que bem compreendestes a vossa missão, trabalhando em prol de irmãos infelizes, sem outra recompensa além do testemunho de vossas consciências!

É belo proceder assim!

Certo não nasceu o homem só para si; a sua maior glória é servir a Deus e à humanidade!

Senhores,

Os grandes rios, as árvores altaneiras, as plantas medianas e os homens de bem, diz um provérbio indiano, não nascem para si, mas para o serviço dos outros!

E o nosso divino Evangelizador nos revelou que viera ao mundo não para ser servido, mas para servir!

Se, depois deste divino exemplo, ainda me fosse dado citar a autoridade de um grande filósofo, eu vos diria como Rousseau: “Que os anos do homem contem-se pelos serviços a Deus e ao próximo”!

Os que pensam de outra sorte não têm vivido, são menos do que vegetados!

Os homens que transitam sacrificando ao egoísmo e à mentira são menos do que o verme, porque o verme não falta ao seu destino!

Seja o vosso belo exemplo, libertando, hoje, uma parte deste vasto Império, seguido por todos e quão rápido não será, então, o seu adiantamento; porque com a eleição livre, com a liberdade da Imprensa, que já possuímos, e com a desapareição do elemento escravo, o Brasil caminhará seguro para seus grandes e gloriosos destinos; e, num futuro não muito remoto, colocar-se-á entre as nações mais adiantadas!

Trabalhem, pois, Senhores, para este grande desideratum!

A Pátria exige de todos que a amemos, sempre, laureando por todos os meios justos o seu engrandecimento moral e natural!

Convém, pois, que nos convençamos que é indispensável amarmos, sinceramente, a justiça; porque é com ela que tudo prospera, ao passo que sem ela definha tudo!

A agricultura, o comércio e a liberdade crescem e frutificam à sua sombra; e, desaparecendo ela, o comércio acaba, a agricultura definha, a liberdade morre!

A justiça, Senhores, ensina a dar, simplesmente, a cada um o que é seu, suum cuique tribuere!

Felizmente, compreendestes vós o alcance deste princípio; pois que procurastes e conseguistes dar aos nossos irmãos escravizados aquilo que lhes era devido, a liberdade a que tinham inauferível direito e da qual se achavam esbulhados!

Mil bênçãos vos serão dadas, Senhores, por este rasgo de humanidade e patriotismo!

Esses infelizes, resgatados por vós da escravidão, constituirão outros tantos títulos de glória, com que podereis sempre ufanar-vos!

Mas não descansais, Senhores, à sombra dos vossos louros!

Continuai a vossa obra; não consintais que neste solo, hoje livre por vossos esforços, esse monstro gerado pelo inferno, para ludibrio e tormento da humanidade – ainda ouse pisar, escravizando ao homem!

Repeli essa profanação, este sacrilégio!

Se, noutras circunscrições do Império, consentem almas pouco generosas, que se veja o triste espetáculo de irmãos reduzidos a míseros escravos; aqui, ao menos, neste florescente e esperançoso Município, reine a fraternidade que iguala todos os homens!

AO ACARAPE DO RIO GRANDE DO NORTE

Mossoró Livre!

(30 de setembro de 1883)

O quadro é negro! Que os fracos
Recuem, cheios de horror!
A nós herdeiros dos Grachos,
Traz a desgraça valor!
.....A Liberdade
He, como a hydra, o Anteo;
Se no chão rola sem forças,
Mais forte do chão s'ergueo!

Castro Alves.

Como a heroica Fortaleza,
Banhada d'alva lustral,
Lê dos Céus na redondeza
A sua glória imortal;
Mossoró, entre neblinas,
Bebendo as auras divinas,
Que perfumaram Jesus,
Lê também sua glória imensa
Na eterna Bíblia da crença,
Nas epopeias da Luz!

Fez-se grande e humanitário,
Nas lutas do redimir!...
Quando os ecos do Calvário
Foram lá repercutir!

E erguendo-se altivo e forte,
Qual novo Atlante do Norte,
Carregando um céu azul,
Deixou cair de seus ombros
Estrelas, raios e assombros,
Para os tiranos do Sul!

Mossoró, vasto horizonte!
Cujas glórias e porvir
Não pode hirsuto Charonte
Na sua estige afundir!
Força hercúlea, que prosterna
A feroz hidra de Lerna,
Quando infesta o seu palmar!
Bastilha d'Esparciatas.
A quem o Rei dos Piratas
Inda não pode arrazar!

Ao rugir dos teus leões,
Nas selvas da humana raça,
Partem-se férreos grilhões,
E o jugo se despedaça!
Retumba um eco funéreo,
Na Barbaria do Império,
Do Amazonas ao Prata!
Tremem da Corte os Nababos,
E horrorizam-se os escravos,
D'um Governo escravocrata!

Ouvem-se gritos avaros
De magarefes aos bandos,
Soltando os prantos amaros
Dos crocodilos nefandos!
Turba multa, que conveja
A pátria que s'espoteja
No cepo de Lafayette!

Que, a laia dos carnicheiros
Esconde os trinta dinheiros
Dentro do Frígio barrete!

Tu riste desses servis
De fermentido programa!
Que querem deste país
Fazer um vasto Haceldama!
E, olhando, como os Romanos,
Para os corrutos Sejanos,
Que tinha em Cáprea Tibério,
Das lições de patriotismo
As Bestas do Cesarismo,
Aos Incitatus do Império!

Menosprezaste o poder
Dos déspotas filibusteiros;
Que em ferros timbram reter
Um milhão de Brasileiros!
E, qual condor de asas grandes,
Erguendo-se sobre os Andes,
Mandaste os teus libertados
Arrojar, como Espartanos,
A cara desses tiranos
Os ferros todos quebrados!

Agora, avante! Marchai,
Rio-grandense-donorte!
A Província libertai
Do olvido, desonra e morte!
Jurai no punhal de Bruto,
Como a Lucrecia de luto,
Vingar a Órfã do Império!
Que jaz após de rpibada.
Como eterna condenada,
Dos Ladrões ao vitupério!!!

Eia, vibraí, como sóis,
Os vossos galdios febris,
Evocando esses Heróis,
Que vingaram seu País!
Que um dia, como os bandidos,
A fugir espavoridos.
As sombras de Juarez,
Vereis sumir-se nas campas
O horrendo espectro dos Vampas
O Ditador clabês!

Então sereis Brasileiros
Duma pátria libertada
De Verress e Farinheiros,
De saques, à mão armada!
Dessa pilhagem maldita,
Que um governo em comandita
Fez d'execranda memória!
Pilhagem cruel e amara,
Que o Montenegro mandara
Para os infernos da História!

Então, cantando as proezas,
Direis, após o extermínio,
Como arrancastes as presas
Àqueles lobos do Hermínio!
E para infâmia do açoite,
Que aos cofres deram, na noite
Daquela grande escalada,
Direis enfim aos vindouros,
Que vingastes os desdouros,
Da Grande Ressuscitada!

Depois, surgindo na História
A semimorta Cativa,

Sereis cobertos de glória,
Os filhos da rediviva!
Então, nas Cortes abertas,
Vendo as cadeiras desertas
Das Bestas de Balaão,
Dareis da Pátria os assentos
Aos gloriosos rebentos –
Os netos de Camarão!

Sim, então, vereis o arrojo
Do gênio provincial
Rasgando os crepes de nojo
Da Tribuna Nacional!
Então, em vez dos bastardos
Ecos servis dos Boiardos,
Tereis a flor dos talentos
Nalgum vergo das montanhas,
Em catadupas estranhas,
Alagando os parlamentos!

Rio-grandenses, é hora!
Expurgai dos pátrios céus
O abutre que vos devora
Os seios de Prometeus!
Envolvei da peste a raça
Nas espirais da fumaça,
Do patriotismo no incêndio!
E arrojai na imensidão,
Os ventos da maldição,
As cinzas do vilipêndio!
Que o dia Mossoroense,
Que proclama, em desagravo: -
Que um povo, que se pertence,
Não tem mais um só escravo!
Seja o prenúncio brilhante,
De que uma raça gigante

Há de cavar negro abismo
Ao Chacal d'estranhas matas,
Que infama, com suas patas,
A terra do patriotismo.

Semideuses das florestas!
O Sinai da Liberdade
Saúda, por boas festas,
Ao Tabor da Heroicidade!
Sim, a excelsa Fortalezaq,
Contemplando a irmã Princesa,
A quem abraça e sorri,
Envia um beijo de sol
À nova Sebastopol
Dos Livres do Potengi!

Avante! Povo de bravos,
Nas lutas contra o JAGUAR!
Que quem liberta os escravos,
Pode a Pátria libertar!
Lembraí-vos, que o impossível
É sonho, quimera incrível,
Aonde existe o querer!
E que, na Brasília História,
É este o lema da glória –
Independência ou Morrer!!!

Ceará – 30 –

setembro - 1883

Souza Melo.
José Damião de Souza Mello

TRINTA DE SETEMBRO
PAULO LEITÃO L. DE ALBUQUERQUE

Documento nº 6

Cheguei!... Mirai meu semblante
Não sou negreiro do Sul!...
Nas cores do meu turbante
Está minha bandeira azul.
Venho louco de um poema
Lá das terras de Iracema,
Dos Acarapes gentis:
Foi tamanho o heroísmo,
O amor e o civismo
Que não valeram fuzil!...

Eu vi as suas cidades
Banhadas de imensa luz:
Que belas imunidades
Em desagravo da Cruz!
Era o final da batalha
Onde a lei foi a metralha,
A lei que Jesus criou:
Assistiram desfeitas
Outras terras irmanadas
Que um Judas açulou.

Quem contestar esse pleito,
Quem negar sua justiça,
Não passa de um mau sujeito
Que só o ouro cobiça;
Iracema deu exemplo
À porta do áureo templo
Mandou calar o vilão!...
Ainda sinto desejos

De repetir muitos beijos
Que dei-lhe por esta ação.

Trago na destra potente
Minha insígnia de rei:
Um certo resplandecente
Que sem gláudio conquistei;
Não sou como esses cruentos
Esses reis sanguessedentos
Que Roma tanto odiou!
Baniram a fraternidade
Do seio da humanidade
Co' a lei que Catão matou.

Na próxima qu'inda guarda
Uns direitos sem valor,
Ousei tomar a vanguarda
E dar um grito de horror!..
Fiz ouvir incontinenti
No meu domínio ridente
Da abolição o clarim!..
Foi um dia de hosanas:
Nas minhas gratas savanas
Houve mil vivas a mim!

Contra a lei que se cumpria
Nem uma espada luziu!
A minha soberania
Quem foi que não aplaudiu?
Perdeu-se o povo em delírios!
Talvez houvessem martírios
Para poupar-me um sofrer!..
Nunca vi tanta presteza,
Em fazer se o meu querer!

Uns rumores grandes, vivos,

Entre o povo ouviu-se então:
Eram os ferros dos cativos
Quebrados com o meu bastão;
É que na lei promulgada
Viu-se a palavra sagrada
Que Cristo recomendou,
E bem como os arrebóis
Que abismaram os faraós
Minha glória se operou.

Às aras da realeza
Subiram duas falanges
Tinham do Nilo a beleza,
A majestade dos Ganges:
Eram os gentis libertados
Que vinham iluminados
Pelo sol da redenção
E, depois de redimidos,
Não foram mais oprimidos
Pela brutal servidão.

Dos escravos fiz senhores,
Dos senhores fiz irmãos,
Desigualdade de cores
Não separa cidadãos...
Chora a Pátria comovida!...
Rompe a aurora e outra vida
A Pátria dourando vai...
Suge Deus no infinito
E Moisés brada: - Bonito!...
De pé no monte Sinai.

Fui o primeiro em pujança
Na santa revolução...
Quem deu princípio a vingança
Da Pátria de Camarão!...

E foi tal minha vitória
Que os raios da minha glória
Hão de sempre aqui luzir:
Nenhum só escravocrata
Tentou alguma bravata
Para meu peito ferir.

E, depois deste alto feito,
Montado no meu corcel,
Estatuí um direito
À minha linda Israel:
-Clamem-se novos bravos
Os forasteiros escravos
Nas águas do meu Jordão!
E como os hebreus de outrora,
Passem-se todos agora
P’ra terra da Promissão;

Eu sou aquele gigante
Que não teme os arcabuzes,
Que manda passar avante
Os que precisam de luzes;
Na minha heroica cidade

A divina Liberdade
Não consinto desacato!
Reprima se a ousadia:
-Eu sou “Capitão do Mato”!

No meu crâneo em desalinho
Nasceu uma nova idéia:
- Na campa de Miguelino
Escrava de uma epopeia...
E depois vozes divinas
Façam ouvir as cavatinas
Do triunfo colossal!

Vai mais longe o pensamento;
Levante-se um monumento
À minha glória real.

Eu nasci de umas ternuras,
D'umas auroras de amor
Hábito numas alturas
A que chamei meu tabor;
O meu nome é uma data
Que deslumbra, que arrebatá,
Qual fogo de Prometeu;
Minha mãe é a Caridade,
Minha esposa – a Liberdade,
O DIA TRINTA – sou eu!

Documento nº 7

SOCIEDADE INTERSERVIL
“OS TRABALHADORES DO MAR”

Embora já tenha divulgado a ata da instalação da Sociedade Interservil “Os Trabalhadores do Mar”, volto a repeti-la, com a transcrição de o “Libertador”, de 27 de novembro de 1883.

Ata da Inauguração da Sociedade Interservil – Os
Trabalhadores do Mar.

(Porto de Mossoró)

Aos dez dias do mês de outubro de 1883, do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo, nessa Povoação da Areia Branca, porto de Mossoró, no Rio Grande do Norte, reunidos todos os moradores circunvizinhos, para o fim humanitário e civilizador de

auxiliar, por todos os meios e a todo o transe, a libertação dos escravos da Província, ou que venham a ela socorrer-se, ou por acaso nesta Barra aportarem, foi unanimemente proclamado Presidente o Sr. Libânio da Costa Pinheiro, 1º-Vice-Presidente João Francisco de Borja, 2º - Jeremias Gomes Galvão Guará, 1º-Secretário – José Antônio Freire de Carvalho, 2º - Francisco Nogueira da Costa, Tesoureiro – Lauriano Ângelo da Silva; Procuradores – Antônio Bento de Souza e Raimundo Gomes Galvão Guará.

Foram eleitos Diretores – Raimundo Nonato Cavalcante, André Cursino de Medeiros, João Francisco de Mendonça, João Félix do Vale, João Henrique do Rego e Geraldo Guilherme de Melo.

E ali mesmo foi sancionado como regimento e lei da Sociedade o seguinte:

Artigo único e sem parágrafos – Fica absolutamente proibido embarcar ou desembarcar escravos no Porto e Barra de Mossoró.

Todos os meios são reconhecidos lícitos para o fim de realizar esta resolução dos trabalhadores do mar!

E para constar se lavrou a presente Ata, em que assinaram todos os cidadãos presentes.

Eu, Frederico Antônio de Carvalho, na ausência do 1º-Secretário, a escrevi e assino.

Libânio da Costa Pinheiro – Presidente

José Antônio Freire de Carvalho – 1º-Secretário

Francisco Nogueira da Costa

João Francisco de Borja

Jeremias G. Galvão Guará

Lauriano Ângelo da Silva

Antônio Bento de Souza

Raimundo G. Galvão Guará

Raimundo Nonato Cavalcante

André Cursino de Medeiros

João Francisco de Mendonça

João Félix do Vale
João Henrique do Rego
Geraldo Guimarães de Melo
Firmino do Vale Loureiro
Antônio do Vale Loureiro
Manoel Francisco Duarte
João Francisco de Mendonça
Francisco Pio Mendonça
José Gomes da Costa
Manoel Tomaz Pereira
Carlos Francisco de Mendonça
Ricardo Vieira do Couto
Frederico Antônio de Carvalho
Almino Álvares Afonso – Advogado da
sociedade no Ceará e sócio honorário com os dois
últimos avalheiros
(Seguem-se as assinaturas de todos.)

Documento nº 8

O “CORREIRO DO NATAL” HOMENAGEIA
ALMINO

O Libertador, de 16 de novembro de 1883, reproduziu o
que o Correio do Natal escreveu a respeito de Almino.

Ao Dr. Almino – O Correio de Natal, em seu nº 35, consagra ao nosso prezado amigo e ilustrado consórcio Dr. Almino Álvares Afonso um novo preito de homenagem e, segundo o seu veredicto:

“São incontestavelmente bem merecidas as saudações e honroso acolhimento que o nosso distinto amigo e ilustrado comprovinciano tem recebido dos nossos irmãos cearenses, especialmente dos que se tem devotado à sagrada causa da Libertação dos cativos.

A nosso turno, levamos, também, águale nosso ilustre amigo a sincera manifestação do apreço e consideração que nos merece e que por tantos fatos tem sabido, conquistar assim nesta, como na vizinha província do Ceará.

O grandioso acontecimento do dia 30 de Setembro, em Mossoró, veio tornar clássico o nome do Dr. Almino Álvares Afonso, tanto ali como em toda província de que é filho.

Nós o abraçamos com toda a efusão do coração”.

Documento nº 9

MOSSORÓ, 30 DE SETEMBRO

Martins de Vasconcelos

Ao digno de povo de Mossoró, que hoje comemora o maior feito dos seus antepassados abolicionistas de 1883 que extinguiram a escravidão neste município.

Desfraldem-se os estandartes
Das falanges do civismo,
Retumbem, com altruísmo,
Os epínícios da Paz;
E brade, altivo, de pé,
Desde a montanha à cidade,
O gênio da Liberdade:
- Viva um povo que se faz!

Assestem-se baterias
Nas fronteiras do Porvir,
E, quando a aurora surgir,
-A aurora de cada louro –
Salve-se a luz desse dia,
E jamais prive o despeito
O memorar desse feito,
Que vale mais que um tesouro!

Derroguem-se as fortalezas
Que a tirania engendrara,
Extinga-se a crença ignara,
Dos sectários do egoísmo;
Arranque-se a folha negra
Do livro da nossa História,
Deite-se ao limbo essa escória...
É bom fugir-se do abismo!

Ó irmãos, ó brasileiros!
Professemos, sem maldade,
O ritual da igualdade,
Nos cenáculos da luz.
Cinjamos o gládio santo
_ O gládio da redenção –
Que a Liberdade é a unção
Por Cristo dada na cruz!

Um povo que se não verga
E extirpa as garras furentes
Desse monstro de mil dentes,
- O nefasto servilismo,
E, sem fugir da contenda,
Ao restrugir das metralhas...
Põe-lhe por terra as muralhas...
- É povo! É Pátria! É civismo!

Como era horrenda essa harpia
Que chamou-se – Escravidão!
Larva negra dum vulcão
Que na Líbia rebentara
E o simum da iniquidade
Arrojara à Santa Cruz,
Suplantando o imenso jus
Que Deus ao homem legara!

Não vos causa tédio um nome
Que só recorda impiedade,
Desespero e atrocidade,
Pelourinhos e grilhões?
Quantos gemeram, sem fé,
Do resgate tão sonhado!
Ai! Como era desgraçado
O cativo entre as nações!

Liberdade! Liberdade!
Arcanjo bom, mãe dos fracos,
Sublime ideal dos Gracos,
Estrela vésper dos bravos!
Como tranquilo deixasse
Como fizeste feliz
O meu ditoso país,
Redimindo os seus escravos!

“Treze de Maio”, cheveiro
De tua luz fecundante
Deu vida ao cedro possante
Da redenção dos cativos!
E não se ouviu, desde então,
O gemer preso e flébil,
Do servo infante ao senil,
Mendigando lenitivos!

Escutai, mossoroenses:
Houve outros feitos de heróis,
Que valeram mais que sóis,
Derramando luz aqui:
Como um beijo de Iracema,
Dos Acarapes virentes,
- Qual sonhos de Tiradentes
Uma voz gritou: Poti!

Oitenta e três – ano heroico
Do áureo século das luzes –
Troando, qual mil obuses
Exalçou, de asas pujantes,
O Condor da Abolição,
Que deixava nos caminhos,
Onde fazia seus ninhos,
Uma prole de gigantes!

Essa visão imortal
- Nas garras a Fênix celebrada –
Nas garras tendo uma espada
Em defesa do cativo,
- Pousou na frente viril
Do campeão meigo e forte,
Do Rio Grande do Norte
- Mossoró, tão nobre e altivo

Em plena cidade, um brado,
Cheio de amor e bondade,
Repercutiu: Liberdade!
De setembro aos trinta dias!
E a boa fama prossegue
Desde esse dia, a sorrir,
Como a história faz seguir
A santa lei do Messias!

Hoje, e nunca como Atlante
- Que ao peso vergou sem fim...
Ó meu Brasil, livre, assim,
Dos ferros da Escravidão,
Te vejo acima dos Andes!
E a ti, Mossoró liberta,
Eu salvo! E alerta! Alerta!
Ó pátria de Camarão!

Documento nº 10

O “CEARENSE” DE 30 DE SETEMBRO
DIVULGA UMA PEQUENA NOTÍCIA SOBRE O
CLUBE

Mossoró – O Clube Abolicionista Rio-Grandense-do-Norte comemora hoje a emancipação total da cidade e município de Mossoró com uma sessão solene nos salões do Reform Clube, ao meio dia.

O Poeta José Damião de Souza Melo, que era “Ministro da Fazenda” do clube, pronuncia um discurso na solenidade do dia 30, em Fortaleza. Publicou-o **O Libertador**, a 2 de outubro.

Aloucação proferida na sessão solene do Clube Abolicionista Rio-Grandense-do Norte, no dia 30 de setembro.

SENHORES

O “Clube Abolicionista Rio-Grandense-do-Norte, reunido hoje sob os auspícios do seu benemérito Presidente, o ilustre Sr, Coronel Antônio Pereira de Brito Paiva, cuja ancianidade veneranda e respeitável simbólica as gloriosas tradições da pátria que a ele, como a todos os seus dignos consórcios, serviu de berço – soleniza neste momento do século uma das mais brilhantes conquistas da moderna civilização – a vitória incruenta da Liberdade.

Sim, meus senhores, enquanto os abutres do escravagismo, que ainda infeccionam o céu azulado do Cruzeiro,

esvoaçando por sobre as cúpulas de S. Cristovão, procuram difamar e denegrir a honra nacional, salpicando de lama as estrelas do pendão auriverde, e fazendo dele a mortalha que deve envolver o cadáver da pátria –um povo irmão, que pelas raías, que lhe traçara a carta geográfica, se diz pequeno, mas a quem a história do patriotismo e a natureza deram o nome de – Grande – levanta-se como a águia gigante das serranias, e pairando por cima daqueles corvos que grasnam, confunde a terra estas alimárias do despotismo, por este só grito imortal que sintetiza a epopeia duma geração – Já somo livres!

E tendo, senhores, chegado até nós este brado ingente, que hoje fazem retumbar nas esferas os filhos da briosa cidade de Mossoró, vimos responder aos ecos dos laureados libertadores, que mergulhados num infinito de hosanas e deslumbramentos, daqui se avistam, como semideuses, cingidos de nuvens de ouro no Oriente da glória!

Contemplemos pois, com os olhos do espírito a esplêndida vitória dos artilheiros dessa nova Sebastopol do Abolicionismo, que como a Rainha das nuvens arrebatou com suas garras de fogo do seio virgem das florestas da pátria a monstruosa serpente escravidão!

O Clube Abolicionista Rio-Grandense, sentindo-se neste momento cheio de ufanía, pelo feito glorioso de seus ilustres compatriotas, cuja aurora redentora prenuncia as aurirróseas claridões que a humanidade aguarda na antemanhã do dia universal da civilização – vai nos arroubos do entusiasmo enviar, nas maravilhas da eletricidade, saudações de amor e admiração ao patriotismo das almas gigantes, que ali ressurgem miraculosas como as sombras dos sepulcros dos Heróis!

Saudemos, pois, meus Senhores, a montanha sagrada do heroísmo, o Tabor da redenção Mossoroense, iluminado hoje pelo reflexo dos trovões e relâmpagos, que reboaram das fráguas deste Sinai da Liberdade Americana!

Viva o heroico Mossoró livre!

Viva a homérica província do Ceará!

Vivam todos os Libertadores Brasileiros!

Viva o Clube Abolicionista Rio-Grandense-
do-Norte!

Enquanto o sol e o mar em cantos preludiam
Ceará e Mossoró já livres triunfantes.
Sorri-se Deus no Azul, os anjos se gloriam
E abraçam-se no espaço os dois irmão
gigantes!

S.Mello

Documento nº 11

O CALENDÁRIO DA VIAGEM DE ALMINO

Almino viaja de Fortaleza a Mossoró, no vapor Pirapama. Essa famosa viagem é noticiada pelo “Libertador” de 16 de setembro.

Libertação de Mossoró – No regresso de Pirapama dos portos do norte da província, deverá embarcar para Mossoró o nosso distinto e ilustrado amigo, Dr. Almino Álvares Afonso, que vai representar a Sociedade “Cearense Libertadora” e o “Clube Abolicionista Rio-Grandense-do-Norte”, na grande festividade da libertação de todos os escravos daquela cidade e seu município.

A 19 de setembro outra notícia:

Dr. Almino – Hoje, deve embarcar no vapor costeiro Pirapama o nosso ilustrado amigo, Dr.

Almino Álvares Afonso, que vai representar, na grande solenidade da libertação do Mossoró, a Sociedade “Cearense Libertadora” e o “Clube Abolicionista Rio-Grandense-do Norte”.

Feliz viagem, desejamos ao ilustre amigo.

O Cearense, de 20 de setembro, dá a relação dos passageiros do Pirapama.

Passageiros – Saídos para o sul, no vapor costeiro Pirapama:

Dr. Almino Álvares Afonso, Alfredo de Souza Melo, De Lacey Wardlaw, Joaquim José de Aguiar, Luiz Francisco de Miranda, José Joaquim de Holanda, sua senhora e uma filha.

A 19 de setembro é a partida do Pirapama, pelo qual viajam Almino, De Lacey Wardlaw e Alfredo de Souza Melo.

O Pirapama tocaria nos portos de Aracati, Mossoró, Macau, Natal, Paraíba e Recife.

Ele tinha chegado a Fortaleza no dia 14 de setembro.

Partindo a 19, chegara a Barra do Mossoró no dia 21.

Almino e sua Comitiva são recebidos na Barra por Frederico Antônio de Carvalho, Ricardo Vieira do Couto, Romualdo Lopes Galvão e muitos outros. Pernoitam todos no Porto de Santo Antônio.

A 22 de setembro encontram-se em Mossoró.

Notícia de O Libertador, de 28 de setembro.

Dr. Almino – De um telegrama que temos a vista, consta que foi recebido em Mossoró, com todas as demonstrações de afeto e apreço, o nosso prezado amigo e consórcio Dr. Almino Álvares Afonso.

Os Libertadores Mossoroenses, acolhendo assim o ilustrado representante das sociedades abolicionistas do Ceará, conquistaram-nos mais um título à veneração que lhes consagramos.

De 22 de setembro a 8 de outubro, Almino permaneceu em Mossoró. Nesta data, viaja para Areia Branca. Lá permanece nos

dias 9 e 10 de outubro. Nesta última data nascia a Sociedade Interservil dos Trabalhadores do Mar.

Notícia do “Libertador” do dia 9 de outubro:

Dr. Almino – Por telegrama recebido ontem de Mossoró, consta que embarcou no vapor “Pirapama”, com destino a esta capital, o nosso prezado amigo Dr. Almino Álvares Afonso.

Tendo cumprido dignamente a honrosa comissão de representar as Sociedade Libertadoras desta capital, na libertação do Mossoró, ele volta coberto dos louros que colheu e abençoado por todos que lhe consagram amizade e consideração.

Seja, pois, bem-vindo o ilustrado moço que sempre se distinguiu por sua dedicação à causa da Pátria e da Liberdade.

Alminodeve ter saído de Areia Branca, no mínimo, no dia 10 de outubro, pois chegara a Fortaleza no dia 14, conforme notícia O Cearense, de 16 de outubro.

Pirapama – Este vapor costeiro, da companhia pernambucana, que fundeou em nosso porto no dia 14 do corrente, regressa hoje às três horas da tarde para o Recife, tocando nos portos do Aracati, Mossoró, Macau, Natal e Paraíba.

Passageiros – Entradas dos portos do sul no vapor Pirapama; Dr. Almino Álvares Afonso, Dr. Wardlaw, A. Olindino Pinto Bandeira, João Mendes P. Guerra, Hortença de Alencar Sampaio, 3 filhos e 3 criados, Benedito Gonçalves Silveira, Henrique de Alencar Araripe e sua senhora.

Documento nº 12

MAIS UM POETA DAS COMEMORAÇÕES DO
CLUBE, NO DIA 30 DE SETEMBRO
(O LIBERTADOR – 3 DE OUTUBRO DE 1883).

S. LIBERTADORA

Poesia recitada na sessão solene do Clube Abolicionista
Rio-Grandense-do-Norte, no dia 30 de setembro.

AVE MOSSORÓ!

Lançai os olhos no mundo...
Que novo quadro de heróis!
- Um povo surge gigante
Das cinzas de seus avós!
O brado da liberdade
Dos lábios da mocidade
Rebenta-se em tempestade,
Em barricadas de sóis!

Moços, um sonho grande
Tem suas realidades!
Nunca se perde no nada,
Não, é quimeras... Vaidades!
- É a voz do firmamento,
A alma do pensamento
Que à semelhança do vento
Não tem volúveis idades.

Mossoró sonhou um dia
Um sonho imenso – profundo
E agora se engrinaldando
Entra p’ra o palco do mundo!
Com uma voz de mistério
Cheia de nobre critério
Pelas quebradas do império
Soltou seu grito fecundo!

Mossoró diz às nações
Seu heroísmo e valor!
Ergue no viso da glória
Do Nazareno o – primor!
Oh! Salve as terras do Norte
Que em pugilatos com a sorte
Despreza o terror da morte
Nestes combates de amor!

Ceará, 28 de setembro de 1883.
J. Fabrício

AOS 12 DE SETEMBRO, O LIBERTADOR DIVULGA
O MANIFESTO DO CLUBE SOBRE A LIBERTAÇÃO
DOS ESCRAVOS DE MOSSORÓ NO DIA 30 DE
SETEMBRO

Libertação de Mossoró – O movimento abolicionista, que cresce e se avoluma por todo o país, faz honra ao nosso patriotismo e estado de civilização.

Por toda a parte tremula vitorioso o estandarte da redenção e todas as classes sociais se dão pressa em vesti-lo de flores.

Quase todas as províncias do império se empenham em dar cabo da negra instituição, que tantos males tem produzido e cada dia que passa assinala mais uma vitória de luz contra as trevas, da civilização contra a barbaria.

A idéia tem em cada brasileiro patriota um invencível batalhador e a atitude agora assumida pelas sociedades de Corte, que era o mais forte baluarte da escravidão, acende em todos os corações bem formados o júbilo consolador e o entusiasmo patriótico que hão de um dia erguer esta nação.

Há, porém, uma província no império que não quer esperar pela palavra do governo, nesta questão: é a heróica província do Rio Grande do Norte. Ali a idéia abolicionista, depois de produzir incêndios de patriotismo, vai produzir tempestades de libertações.

O dia 30 De Setembro vai tornar-se para os ilustres rio-grandenses-do-norte uma data imortal.

E a nobre cidade de Mossoró, declarara livre de escravos nesse dia feliz, se tornará, por sua vez, a princesa da província vizinha, a Acarape de sua história.

Sentimos o maior entusiasmo ao transmitir ao país essa grata notícia.

O Rio Grande do Norte heroifica-se admiravelmente, e são dignos das benções da pátria os seus filhos que o engrandece, perpetuando seu nome na história.

O manifesto, que em seguida publicamos, é o pregão da imoralidade da nobre e simpática província.

Honramos as nossas páginas com a sua publicação, e recomendamos-lo à consideração do país.

A libertação de Mossoró é um brinde à civilização do século.

Pois bem. Nós agradecemos, erguendo a mais entusiástica saudação à heróica província do Rio Grande do Norte.

Aos Libertadores e Abolicionistas Cearenses e a todas as sociedades Emancipadoras do império.

Quem lapidem reprova,
verunt aedificantes, hic
factus est in caput anguli.

A pedra rejeitada pelos edificadores
tomou seu acento no vértice
do edifício!

O clube Abolicionista Rio-Grandense-do-Norte tem a honra de comunicar à imprensa do país, à Libertadora Cearense, aos Abolicionistas e a todas as sociedades emancipadoras do império, e especialmente às desta ínclita Província, que a Província mais pobre e humilde de todas, a mais esquecida dos cuidados oficiais, a mais vitimada ao egoísmo dos grandes e criada dos males de toda a espécie, das secas e seu pasmoso cortejo de calamidade, sem letras, sem propagandistas, sem oradores, sem imprensa, quis ter a glória de ser a segunda desta nacionalidade que desfraldasse aos quatro ventos do mundo culto o pendão auriverde da Liberdade, emancipando, espontaneamente, cidades e municípios!

Não é que, efetivamente, não haja talento e patriotismo naquelas valadas e charnecas; mas as qualidades brilhantes e as virtudes superiores dos seus naturais são, por hábito e costume, acintosamente espezinhas e preteridas pela administração antipatriótica do Governo desalinhado do Império.

A imprensa de lá arroja e manda à consciência nacional as duras apóstrofes e os queixumes acerbos de suas incompensáveis injustiças; mas o Governo não tem atenção para

elas; despreza os reclamos rio-grandenses e os profundos desgostos, que travam seus filhos.

Nem um se pode distinguir socialmente, porque neste grande Império só o Governos é tudo; mas ele não tem notícia de que o Rio Grande do Norte seja uma circunscrição do Estado!

Entretanto, os rio-Grandenses são eminentemente pacíficos e amantes da ordem; transcendem, muitas vezes pela Inteligência, e outros abnegam-se loucos pelo bem da pátria: é assim que respondem à ingratidão do Governo, à fereza da Administração Pública.

Agora mesmo, a pequena e rústica cidade de Mossoró, situada À beira do mar, a mais comercial da província, a cidade festejada pela evolução concêntrica dos povos interiores do Rio Grande do Norte, Ceará e Paraíba do Norte, ergue-se e levanta-se de entusiasmo e vem pedir à Grandeza Cearense um talher no seu banquete liberal de civilização!

Os bons mossoroenses deliberaram solenemente emancipar sua cidade e seu município, dealbá-la de luz, coroá-la das auréolas do progresso e inscrever seu nome generoso no cadastro da imortalidade.

Nós, os rio-Grandenses, hóspedes da comunicabilidade gentil do povo cearense, sentimos uma doce ufanía, uma grata exaltação de espírito, ao participar aos seu mais nobres e aos denodados Libertadores Abolicionistas de cá,.....recebem a onda azul.....do Rios Grande, o.....das Florestas dos caboclos, puderam, antes que os ilustres terranteses das províncias fidalgas e onipotentes, dizer à admiração de todas as Províncias, que foi o Rio Grande do Norte quem teve a honra de ser a segunda do Império a inscrever no Livro auriverde da História do futuro o diploma do amor universal; libertando suas cidades, imediatamente depois, ao flanco do Povo cearense, consagrando a grande Lei da Humanidade, a Lei da Igualdade humana:

Omnes uno nomine ab hinc illic, apellabuntur homines!

Todos lá, desde hoje, terão um nome só: nenhum deixará de tê-lo, ninguém será mais coisa, todos se chamarão homens!

O seguinte ofício, que se designou de fazer-nos a Sociedade Libertadora Mossoroense, no-lo certifica; e nós regorzijamos de comunica-lo à Libertadora Cearense, pelo seu ilustrado órgão na Imprensa e às outras sociedades abolicionistas da Província e do País.

No dia 30 de Setembro será declarado Livre o Município de Mossoró, no Rio Grande do Norte, e a manhã do dia seguinte dourará com o sol da Liberdade aquela primeira cidade do Império depois das cidades cearenses!

Promoveremos, por subscrição entre nossa colônia e os seus amigos, os meios de fazer um modesto brinde àquela formosa e rústica cidade.

Confiamos, e com muita razão, no desprendimento dos bons cearenses; e pensamos que assim como os 50 jangadeiros de lá que aqui se hospedam, se orgulham de concorrer para fechar a porta dos verdes mares bravios desta terra, das lendas de pátria, enfeixadas num floco de espuma e bonitas com os nomes de José de Alencar e de Iracema, outros rio grandes vieram desprender o maremoto e os rijos bramidos das suas belas almas em prol da Liberdade, no Acarape, na Fortaleza e nas outras formosas vilas e cidades, merecendo por isto o estigma da maledicência oficial e o exilamento destas plagas generosas; podiam bem pedir-lhes o concurso de seu primor e gentileza para holocaustear um mino e uma hóstia de amor ao povo rio-grandense-do-norte, representando na alegria e no júbilo do Mossoroense 30 de Setembro!

A nossa expectativa, que se limitava quase a coisa nenhuma, foi coberta já pela galhardia e cavalheirismo de muitos corações fidalgos!

Mais tarde e oportunamente se estamparão nas crônicas da glória e da abnegação os nomes todos deles!

Por agora pedimos vênia para recomendar à dileção pública, à estima cearense e a todas as associações humanitárias a beleza e a glória do procedimento da cidade de Mossoró e seu Município!

A Libertação dessa pequena parte do Rio Grande importa quase a libertação da Província.

Os requeimados jangadeiros mossoroenses têm conspirado no grande concílio da civilização, enlaçada om o amor da humanidade, que nunca mais a sua piroga selvagem atirará entre a vaga oceânica, à fúria dos negreiros, nenhum homem escravo!

Está feito, está dito!

Podem bem os grandes cearenses ufanar-se de que a porta capena da sua direita fica guardada pelas legiões indomáveis dos brasileiros civilizados de Mossoró, a cuja frente se acha, neste momento de glória (e o declaramos para sua ufania), o cearense Joaquim Bezerra da Costa Menezes, que é lá o rio-grandense-do-norte Deocleciano Ribeiro de Menezes no Acarape!

Somos irmãos, marchemos para a história.

Eis o ofício:

“Libertadora Mossoroense-17 de Agosto de 1883-Ilms^o Srs.-Com o mais nobre orgulho e satisfação íntima, temos a honra de participar aos dignos membros do “Clube Abolicionista Rio-Grandense-do-Norte”, que foi por nós definitivamente marcado, em sessão de 15 do corrente, o dia 30 de Setembro, para a libertação completa desta cidade e Município. A grandiosa e humanitária idéia, que tanto tem distinguido os filhos dessa heróica Província do Ceará, o seu patriotismo admirável nos causou tal emulação que criamos, também, no dia 6 de Janeiro do corrente anos a sociedade Libertadora Mossoroense.”

“Ela renegaria o berço donde procede se por mais tempo dilatasse o completo resgate deste Município.”

“Comunicando-vos esta resolução, a nossa sociedade se congratula com os seus nobres e leais companheiros do Clube Abolicionista Rio-Grandense, fazendo votos para que, quanto breve, desapareça de todo o Império a nódoa mais infame do Século XIX!”

“A Sociedade Mossoroense pede ao Clube que cumprimente, em seu nome a Libertadora Cearense e as demais

associações abolicionistas. Deus Guarde a V. S^{as}, Ilm^{os} Srs.
membros do Clube Abolicionista Rio-Grandense-do-Norte.”

“Joaquim Bezerra da Costa Menezes- Presidente.”

“Frederico Antônio de Carvalho – Secretário.”

O presidente do Clube- Tenente-Coronel Antônio Pereira
de Brito Paiva.

O Secretário – Joaquim Fernandes.

O Advogado- Bacharel Almino Alvares Afonso.

PROPRIETÁRIOS DE ESCRAVOS EM MOSSORÓ

PROPRIETÁRIOS DE 2 ESCRAVOS

- 01) Francisco Mendes Pinheiro
- 02) Maria Francisca da Conceição
- 03) João Florêncio de Medeiros Melo
- 04) Francisco Antônio de Miranda
- 05) José Nogueira de Souza
- 06) Vicente de Assis Oliveira
- 07) Alexandre José da Rocha Veras
- 08) Luiz Manoel Filgueira
- 09) Maria Francisca de Jesus
- 10) Sebastião José Rodrigues
- 11) Joana Maria de Jesus
- 12) Davino Alves de Oliveira
- 13) Raimunda Gomes da Silveira
- 14) Gustavo dos Prazeres Brayner
- 15) Ezequiel Gamello de Oliveira
- 16) Florêncio Nunes de Medeiros
- 17) Manoel Ferreira de Macedo
- 18) Pedro João de Souza
- 19) Sebastião de Freitas Costa
- 20) Simão de Freitas Costa
- 21) João Nogueira de Lucena
- 22) José Alexandre Freire de Carvalho
- 23) Pedro José da Silveira
- 24) José Ferreira de Lemos
- 25) Manoel Inácio da Costa
- 26) Francisco Gamello de Oliveira
- 27) João Evangelista Nogueira
- 28) José Amâncio de Medeiros
- 29) Antônio Ferreira Borges
- 30) Manoel Pinheiro da Costa
- 31) Antônio Manoel Machado
- 32) Ana Rodrigues Braga

- 33) Bernardo José da Silveira
- 34) Inácio Fernandes
- 35) Felício Fernandes
- 36) João Batista de Souza
- 37) Jerônimo da Rocha Nogueira
- 38) Joana Fernandes
- 39) João Nogueira de Souza
- 40) João Ferreira Lemos.

PROPRIETÁRIOS DE 3 ESCRAVOS

- 01) Alcebiades Dracon de Albuquerque Lima
- 02) Manoel Lopes de Oliveira
- 03) Francisca Rosa da Penha
- 04) José Damião de Souza Melo
- 05) Francisco Xavier de Macedo
- 06) Clementino Fernandes de Oliveira
- 07) Domingos Fernandes de Oliveira
- 08) Benjamim de Freitas Costa
- 09) Geraldo Gamello de Oliveira
- 10) Rodrigo Ricardo Pinheiro
- 11) João Florêncio de Oliveira Rebouças
- 12) Custódio Maria da Conceição
- 13) Maria Jesus da Conceição
- 14) Francisco Gomes dos Santos Guará
- 15) João Martins da Silveira
- 16) João Francisco dos Santos Costa
- 17) Manoel Januário Guilherme de Mello
- 18) Joana Batista da Costa

PROPRIETÁRIOS DE 4 ESCRAVOS

- 01) Manoel Soares do Couto
- 02) Manoel Nunes de Medeiros
- 03) Antônio Filgueira Secundes
- 04) Francisco de Assis Nogueira

- 05) Manoel Machado de Menezes Glória
- 06) Simão Balbino Guilherme de Mello
- 07) Manoel João de Medeiros
- 08) Primênio Duarte Ribeiro
- 09) Raimundo Nonato de Freitas Costa
- 10) Antônio Leocádio de Souza
- 11) Gonçalo Soares de Freitas
- 12) Antônio Soares do Couto.

PROPRIETÁRIOS DE 5 ESCRAVOS

- 01) Luiz Manoel Filgueira
- 02) Manoel Nogueira de Lucena
- 03) Miguel Arcanjo Guilherme de Mello

PROPRIETÁRIOS DE 6 ESCRAVOS

- 01) José Ferreira de Macedo
- 02) João de Freitas Costa.

PROPRIETÁRIOS DE 7 ESCRAVOS

- 01) Joaquim Nogueira da Costa
- 02) Irineu Soter-Caio Wanderley

PROPRIETÁRIOS DE 8 ESCRAVOS

Antônio Afonso da Silva

PROPRIETÁRIOS DE 10 ESCRAVOS

Florêncio de Medeiros Cortês.

PROPRIETÁRIOS DE 13 ESCRAVOS

Antônio Gomes da Mota.

BIBLIOGRAFIA DA ABOLIÇÃO

015.813

A 256 m

AFONSO, Almino Álvares, Mossoró e vingança! Ibis Libertas! Boletim Bibliográfico. Mossoró. 2 (28):1-2-Set.1950

015.813

A 256 p

AFONSO NETO, Almino. Peroração enaltecendo o feito abolicionista, Boletim Bibliográfico. Mossoró. (136-141), 4-12-Out./1959 – Mar./1960. Discurso em 30-9-52, como orador oficial. 869-5

A 272 c

AQUIAR, Jefferson. Conferência no Cine Pax, no dia 30 de setembro de 1963, como orador oficial.

869-5

A 284 d

ALBUQUERQUE, Paulo Leitão Loureiro. Discurso do Orador da Sociedade Libertadora Mossoroense, 30-9-1883.

-Discurso no Instituto Literário Dois de Julho, 30-9-1899.

981.3

C 334 a

Ata da Sociedade Libertadora Mossoroense na sessão magna de 30 de Setembro de 1883. In: CASCUDO, Luís da Câmara. Notas e documentos para a História de Mossoró. S.n.t/p.195-200 (Coleção Mossoroense, C-2).

015.813

B 214 a

BANDEIRA, Alípio, Almino Álvares Afonso, abolicionista. Boletim Bibliográfico. Mossoró. 7 (82):7, Mar.1955.

070.172

B 264 c

BARBOSA, Waldemar Almeida. Conferência alusiva à magna data abolicionista. O Mossoroense. Mossoró, 100 (3.880):8. 30 de Setembro de 1972, como orador oficial.

015.813

B 273

BARRETO, Manoel de Almeida. Pe. Homenagem ao 30 de Setembro; discurso. Boletim Bibliográfico. Mossoró, 6 (76): 3-8. Set. 1954.

981.3

C 334 a

CASCUDO, Luís da Câmara. Abolição em Mossoró. In: Notas e documentos para a História de Mossoró. -, s.n.t./p.167-172 (Coleção Mossoroense, C-2)

015.813

C 334 a

_____. Ainda o 30 de Setembro de 1883. Boletim Bibliográfico. Mossoró. 1 (16):10-11. Set.1949. (Acta diurna, 2)

981.3

C 334 f

_____. As Festas do 30 de Setembro de 1883. In Notas e documentos para a História de Mossoró. /s.n....t./p. 189-193. (Coleção Mossoroense, C-2)

981.3

C 334 h

_____. História do Rio Grande do Norte. /s.1./MEC – Serviço de Documentação. /s.d./cap.7.

015.813

C 334 h

_____. História do 30 de Setembro de 1883. Boletim Bibliográfico. Mossoró. 1(16):8-9. Set. 1949. (Acta Diurna, 1)

015.813

C 334 s

_____. Sociologia da Abolição em Mossoró. Boletim Bibliográfico. Mossoró. (95-100): 138-143. Abr./Set. 1957.

070.182

C 828 d

COELHO, Abel Freire. Discurso na Praça da Redenção. O Mossoroense. Mossoró, 30 de Setembro de 1933.

_____. Consagrando uma data, Mossoró ontem e hoje. Polianteia da Prefeitura Municipal de Mossoró, 1941.

015.813

C 837 m

COSTA, Américo de Oliveira. “Mossoró, cidadela da Liberdade”. Boletim Bibliográfico. Mossoró. 3(40): 1-Set. 1951. Discurso em 30-9-1949, como orador oficial.

869.5

C 837 c

_____. Conferência na Loja Maçônica “24 de Junho”, em 30 de Setembro de 1976.

015.813

D 192 m

DANTAS, Jaime Hipólito, “Major Romão reaviva sua memória através de fatos testemunhados em 1883. Boletim Bibliográfico. Mossoró. (107-112): 77-82. Abr./Set. 1957.

015.175

F 363 f

FERNANDES, Antônio Gentil, Frederico Antônio de Carvalho – português – Mossoroense da Abolição, Oeste. Mossoró, 3(3): 24-28, Jun, 1961.

015.813

F 363 d

FERNANDES, Sebastião. Discurso de inauguração do monumento à Liberdade, na Praça da Redenção, em 30 de Setembro de 1904.

070.182

F 382 s

_____. Sobre o 30 de Setembro. Diário de Natal, 30-9-1953.

015.813

F 992

FURTADO, Eider, “Major Romão Filgueira, um vulto da Abolição. Boletim Bibliográfico. Mossoró, (107-112): 72-76. Abr./Set. 1957.

015.813

G 924

GALVÃO, João Batista. Mossoró glorioso foi o segundo município do Brasil que libertara a raça negra, quase cinco anos antes da Lei Áurea. Boletim Bibliográfico. Mossoró. 5(57): 1-4. Fev. 1953. (O que disseram da terra e da gente de Santa Luzia de Mossoró.)

070.171

G 924 c

GUEIROS, Samuel, Conrado Mayer – um suíço na Libertadora Mossoroense. Oeste. Mossoró, 3(3): 29-45, Jun.1961.

070.175

G 934 t

GUERRA, Maria. 30 de Setembro. A Escola Mossoró, 3(8):1. 30 de Setembro de 1935.

869.5

G 934 a

GUERRA, Oto. Aspectos Econômicos do Trinta de Setembro. /s. n.t./ (Conferência realizada em 30 de Setembro de 1945, como orador oficial de Mossoró.)

869.5

L 656 d

LEMONS, Tadeu Vilar de – Discurso em Mossoró – 30-9-1942.

015.813

L 695 e

A LIBERTADORA, Mossoroense. 30 de Setembro – o hino adotado e sua autoria. Boletim Bibliográfico. Mossoró, 3(32): 3-4, Jan.1951.

015.813

L 732 a

LIMA, José Otávio Pereira. O Abolicionismo Mossoroense e a maçonaria. Boletim Bibliográfico. Mossoró, (107-112): 84-92. Abr./Set. 1957.

015.813

L 732 a

LIMA, Nestor, Almino Afonso. Boletim Bibliográfico. Mossoró, 3(34):1, Mar.1951.

869.5

L732 t

_____. Tradições e glória de Mossoró. Conferência em Mossoró, como orador oficial, em 30-9-1936.

869.5

M 514 c

MARANHÃO, João de Albuquerque. Conferência no Centro Norte-Rio-Grandense – Rio, 30-9-1950, sobre o “Culto da Liberdade nas tradições e glórias de Mossoró”.

070.182

M 522 d

MEDEIROS, Carlos Borges. Discurso na Praça da Redenção sobre o “30 de Setembro”. O Mossoroense. Mossoró. 12(884): 8. 29 a 30 de Setembro de 1957, como orador oficial.

015.813

M 528 i

MELO, M. Rodrigues de. Influência do fator geográfico no “30 de Setembro”. Boletim Bibliográfico. Mossoró. (95-100): 246-247. Abr./Set. 1956. Conferência pronunciada a 30-9-1944, como orador oficial.

015.813

M 538 t

MENDES, Eliseu Simões. 30 de Setembro. Boletim Bibliográfico. Mossoró. (95-100): 33-35. Abr./Set. 1956. Discurso em 30-9-1955, como orador oficial.

015.813

M 543 s

MENESCAL, José A. E. Sobre Escravos em São Sebastião. Boletim Bibliográfico. Mossoró. 1(16):107-108. Set. 1949.

070.182

M 562 d

MIRANDA, Antônio Martins de. Discurso na praça da Redenção. O Mossoroense. Mossoró. 30 de Setembro de 1909.

981.3

N 812 a

NONATO, Raimundo. A Alforria em Mossoró. In: Roteiros da Zona Oeste. Rio de Janeiro, Pongetti, 1952, p. 122-140.

981.3

N 812 c

_____. Conrado Mayer, um suíço em Mossoró em 1866. In: Zona do pôr do sol: o tempo e os homens da província. Rio de Janeiro / Pongetti /1964, p. 18-20 (Coleção Mossoroense, C-12).

015.813

N 812 d

_____. Depoimentos à margem do 30 de Setembro. Boletim Bibliográfico. Mossoró. 3(33):4. Fef. 1951.

869.5

N 812 d

_____. Discurso. (Discurso pronunciado na II Noite da Cultura, em 29-9-1976, na Escola Superior de Agricultura de Mossoró). Publicado sob o título “O movimento abolicionista de Mossoró e sua repercussão internacional” (Cadernos da Caatinga, nº 4).

981.3

N812 j

_____. João Cordeiro. In: Roteiros da Zona Oeste. Rio de Janeiro, Pongetti, 1952. P. 141-144.

981.3

N 812 m

_____. Major Romão Filgueira; a derradeira figura da abolição em Mossoró. In: Zona do pôr do sol; o tempo e os homens da província. Rio de Janeiro Pongetti/1964, p. 14-17, (Coleção Mossoroense, C-12).

981.3
N 812 t

_____. Terra e gente de Mossoró. Mossoró, Prefeitura Municipal, 1965. 83 p. (Coleção Mossoroense, B-69).

981.3
N 812 t

_____, _____. 2. Ed. 1967. 89 p. 326

0 55 a
ONOFRE, Manuel. A Abolição anates da Lei Áurea. Rio de Janeiro/s. ed./1972.

326
0 55 m
_____, Mossoró se antecipa na extinção da escravatura. In: A Abolição antes da Lei Áurea. Rio de Janeiro/s. ed./1972, p. 49-56.

981.3
P 176 i
PINTO, Guilherme de Souza. Irradiação do Movimento libertador do Ceará. (Conferência, em 30 de Setembro de 1933. In: ROSADO MAIA, Vingt-Un. Andanças pela História de Mossoró. /s.n.t./p. 98.

869.5
P 182 c
PRATES, Aleixo. Conferência na Loja Maçônica “24 de Junho”, em 30 de Setembro de 1973, como orador oficial.
070.172
R 696 i
RODRIGUES, João Batista Cascudo. Influência da Abolição na vida cultural de Mossoró. Diário de Mossoró. Mossoró. 2(358):12. 30 de Setembro de 1963.

869.5
R 696 d
RODRIGUES, José Augusto. Os dois últimos abolicionistas. (Conferência no Museu Municipal, no dia 30 de Setembro de 1958.)

070.172
R 696 t
RODRIGUES, Neusa Caminha Cascudo. O 30 de Setembro e a festa do Rosário. Diário de Mossoró. Mossoró. 2(358):12. 30 de Setembro de 1963.

070.175
R 788 u
ROSADO, América Fernandes. Um americano na Abolição Mossoroense. Oeste. Mossoró. 1(1):103-106. 1958.

015.813
R 788 p
ROSADO, América Fernandes, Paulo de Albuquerque, o poeta da abolição. Boletim Bibliográfico. Mossoró. 1(16): 46-48. Set. 1949.

070.172

R 788 m

ROSADO, Nono. Mossoró Livre desde 1883. O Mossoroense, Mossoró. 19(601): 1, 4 de Outubro de 1920.

326

R 788 a

ROSADO MAIA, Vingt-Un. A abolição, festa da inteligência. Mossoró, Massilon, 1965, (Coleção Mossoroense B-66).

981.3

R 788 a

_____. Ainda sobre João Cordeiro. In: Andanças pela História de Mossoró. /s.n.t./p. 17-18.

015.813

R 788 b

_____. Bibliografia Mossoroense. Boletim Bibliográfico. Mossoró. 2(23):1. Abr.1950.

981.3

R 788 c

_____. Cartas e outros documentos abolicionistas. In: Andanças pela História de Mossoró. /s.n.t./ p. 9-11.

981.3

R 788 g

_____. Geografia das comemorações abolicionistas. In: Andanças pela História de Mossoró. /s.n.t./ p. 11-15, (Coleção Mossoroense, C-44).

015.813

R 788 j

_____. José Damião de Souza Melo. Boletim Bibliográfico. Mossoró. 8(93):6. Fev. 1956.

015.813

R 788 l

_____. O Libertador, jornal cearense e a abolição Mossoroense. Boletim Bibliográfico. Mossoró. 2(28):12-31. Set. 1950.

981.3

R 788 u

_____. Um missionário americano em Mossoró. In: Andanças pela História de Mossoró. /s.n.t./ p. 16-17, (Coleção Mossoroense, C-44).

981.3

R 788 m

_____. O movimento abolicionista mossoroense e sua influência sobre algumas iniciativas de ordem cultural. In: Andanças pela História de Mossoró. /s.n.t./ p. 21-23, (Coleção Mossoroense, C-44).

015.813

R 788 m

_____. _____. Boletim Bibliográfico. Mossoró. 7(88): 3-4. Set. 1955.

981.3

R 788 n

_____. Nove estudos sobre a abolição. In: Andanças pela História de Mossoró. /s.n.t./ p. 7-23. (Coleção Mossoroense, C-44).

981.3

R 788 q

_____. Quantos escravos libertou Mossoró, no seu Município, em 1883? In: -. Andanças pela História de Mossoró. /s.n.t./ p. 19-20, (Coleção Mossoroense, C-44).

981.3

R 788 q

_____. Quantas vezes falou Almino Afonso no dia 30. In: Andanças pela História de Mossoró. /s.n.t./ p. 20-21, (Coleção Mossoroense, C-44).

015.813

R 788 r

_____. Ricardo Vieira do Couto. Boletim Bibliográfico. Mossoró. 8(94):5. Mar. 1956.

981.3

R 788 t

_____. “Os Trabalhadores do Mar”. In: Andanças pela História de Mossoró. /s.n.t./ p. 7-8.

981.3

R 788 v

_____. A Velocidade inicial da Abolição. In: Andanças pela História de Mossoró. /s.n.t./ p. 18-19, (Coleção Mossoroense, C-44).

981.3

S 725 a

SOUZA, Francisco Fausto de. Abolição da escravatura em Mossoró. In: CASCUDO, Luís da Câmara. Notas e Documentos para a História de Mossoró, /s.n.t./ p. 173-183, (Coleção Mossoroense, C-12).

015.813

T 832 t

30 de Setembro. Boletim Bibliográfico. Mossoró. 4(52):1-13. Set. 1952.

SOUZA, José Romualdo de. Discurso na Prça da Redenção, 30-9-1950.

070.172

T 832 t

TRINTA de Setembro. O Tempo. Recife, 2 de Outubro de 1883.

Encontra-se no jornal O Tempo, do dia 2 de Outubro de 1883, editado na cidade do Recife, uma notícia sobre o Jornal Trinta de Setembro, com o qual a Sociedade Libertadora Norte-Rio-Grandense comemorou a libertação dos escravos, em Mossoró. É ele redigido pelos senhores: Tomaz Gomes, M. Pedro de Melo, Zacarias Monteiro, G. S. Paes de Andrade, T. Teixeira, Moreira Brandão Filho, Bonifácio Pinto de Castro, M. Carlos Costa Rocha, F. Dantas Filho, um rio-grandense, Pedro Gonçalves de Arruda, Maria Cândida Maciel de Vasconcelos(versos), Anísio de Abreu (versos), Jerônimo Amaral Filho, Andrade Filho, Carlos Brandão, Carlos Câmara, Tobias Monteiro (versos), Luís Emídio, Lindolfo Álvares (versos), José Dantas, Álvaro Gurgel, Joana Costa, J. Correia, Celestino Wanderley, Pedro Eudócio, Faleante Câmara, Isidro Martins Júnior (versos), B. Pinto de Castro.

981.3

T 832

TRINTA DE SETEMBRO, Mossoró, 12 de Maio de 1904. ROSADO MAIA, Vingt-Un. Andanças pela História de Mossoró, /s.n.t./ p. 143, (Coleção Mossoroense, C-44).

070.182

W 245 c

WANDERLEY, Walter. Conferência na Loja Maçônica. O Mossoroense. Mossoró. 98(3603):8. 30 de Setembro de 1971.

869.5

W 245 d

_____. Discurso do orador oficial, na Praça da Redenção, 30-9-1942.

920

W 245 p

_____. Paulo de Albuquerque: o poeta da abolição. /s.d./ Pongetti, 1969.

920

W 245 r

_____. Romão Filgueira. In: Gente da gente (Memórias). Rio de Janeiro. Pongetti, 1973. P. 87-94, (Coleção Mossoroense, C-26).

015.813

W 245 u

_____. Um Pernambucano na abolição mossoroense. Boletim Bibliográfico. Mossoró. 3(38):4-5. Jul. 1951.

Bibliografia elaborada pela Bibliotecária Maria Inês Aragão Dias Freire, com a nossa colaboração.

NO CENTENÁRIO DA ABOLIÇÃO – 30 DE SETEMBRO DE 1983 – ERAM AUTORIDADES EM MOSSORÓ.

Dix-Huit Rosado Maia	Prefeito Municipal
Silvio Mendes de Souza	Vice-Prefeito
Francisco C. Evaristo Nogueira	Presidente da Câmara Municipal
D. Gentil Diniz Barreto	Bispo Diocesano
D. José Freire de Oliveira Neto	Bispo Auxiliar
Mons. Américo Vespúcio Simonetti	Vigário da Catedral
Laplace Rosado Coelho	Reitor da FURRN
Pedro Almeida Duarte	Diretor da ESAM
Vingt-Un Rosado	Pres.da Fundação “Guimarães Duque”
Manoel Sebastião F. Pedrosa	Venerável da Loja Maçônica “24 de Junho”
Pe. Sátiro Dantas	Diretor do Colégio Diocesano “Sta Luzia”
Cel. José Lopes Fernandes	Comandante da Polícia Militar
Maj. Iderval Germano da Costa	2º-Delegado de Polícia
Dorian Jorge Freire	Diretor do “O MOSSOROENSE”
Canindé Queiroz	Diretor da “GAZETA DO OESTE”

JUÍZES DE DIREITO

1ª Vara: Francisco Dantas Pinto
2ª Vara: Sidnez Lopes Galvão
3ª Vara: Darlan Barbosa Cunha
4ª Vara: Luiz Gonzaga Diogenes

PROMOTORES DE JUSTIÇA

Arnaldo Pereira de Andrade
Vassimon de Queiroz Negreiros
Jaime Hipólito Dantas
Maria Emília Lopes Pereira

AUTORIDADES MAÇÔNICAS

Sebastião Vasconcelos dos Santos	Grão-Mestre Estadual Adjunto, do Grande Oriente do Brasil
Paulo Nobre de Medeiros	Del. Do Grão-mestre do Grande Oriente Ind. p/a Zona Oeste do RN
Wilson Bezerra de Moura	Ven. da Loja Maçônica “João da Escóssia”
Solon Teixeira da Silva	Ven. da Loja Maçônica “Bet-ell”
Francisco Rútilo Coelho Figueiredo	Ven. da Loja Maçônica “Jerônimo Rosado”
Francisco Alex da Silva	Ven. da Loja Maçônica “União Mossoroense”